

Woody Allen: a autobiografia

Woody Allen



Woody Allen

A AUTOBIOGRAFIA

GLOBOLIVROS

Woody Allen

A A autobiografia

Tradução: Santiago Nazarian

GLOBOLIVROS

Autor

Sobre o autor

Sumário

Pular sumário [»»]

Livro

Posfácio

Notas

Créditos

Para Soon-Yi, a melhor.
Ela comia na minha mão, então me dei conta de que tinha perdido o braço.

Como Holden, não gostaria de entrar nessa bobajada de David Copperfield, apesar de que, no meu caso, você pode achar mais interessante saber um pouco sobre meus pais do que ler sobre mim. Como meu pai, nascido no Brooklyn quando era tudo mato, que foi gandula dos primeiros Brooklyn Dodgers, sinuqueiro, agenciador de apostas, um homem pequeno, mas um judeu valente que vestia camisas chiques, com um cabelo reluzente penteado para trás à la George Raft. Sem ensino médio, foi para a Marinha aos dezesseis anos, fez parte de um pelotão de fuzilamento na França quando mataram um marinheiro americano por ter estuprado uma garota local. Atirador condecorado, sempre adorou apertar o gatilho e carregou uma pistola até o dia em que morreu, aos cem anos, com a cabeça repleta de cabelos grisalhos e uma visão perfeita. Certa noite, durante a Primeira Guerra, seu barco foi atingido pela bala de um canhão ao deixar a costa de águas geladas da Europa. Afundou. Todos se afogaram, exceto três caras que nadaram por mais de um quilômetro e meio até a praia. Ele foi um desses três que foram capazes de lidar com o Atlântico. Mas foi por pouco que eu quase não nasci. A guerra terminou. O pai dele, que tinha ganhado algum dinheiro, sempre o mimou, dando preferência a ele de forma vergonhosa em detrimento a seus irmãos lerdinhos. Quando era moleque, sempre achei que a irmã dele me lembrava uma aberração de circo. Seu irmão, fraco, abatido e com uma aparência degenerada, vagava pelas ruas de Flatbush vendendo jornais até se dissolver como uma hóstia pálida. Branco, desbotado, desaparecido. Então o pai do Papai comprou um carro bem caro para o seu marinheirinho favorito, no qual meu pai circulou pela Europa pós-guerra. Quando voltou para casa, o velho, meu avô, acrescentou alguns zeros à sua conta bancária e fumava Coronas. Ele era o único judeu trabalhando como caixeiro-viajante de uma grande empresa de café. Meu pai fazia serviços para

eles e, um dia, ao levar alguns sacos de grãos, ele passou por um tribunal, e descendo a escada estava Kid Dropper, um bandido da época. Kid entrou num carro e um zé-ninguém chamado Louis Cohen saltou no veículo e meteu quatro balas pela janela enquanto meu pai estava lá, olhando. O velho me contou essa história várias vezes para me ninar, o que era bem mais empolgante do que Pedro Coelho e seus amiguinhos.

Enquanto isso, o pai do meu pai, querendo se tornar empreendedor, comprou uma frota de táxis e várias salas de cinema, incluindo o Midwood Theater, onde eu passaria uma boa parte da minha infância fugindo da realidade, mas isso veio depois. Primeiro, eu tinha que nascer. Infelizmente, antes desse pequeno tiro no escuro cósmico, o pai do Papai, num rompante de euforia maluca, apostava cada vez mais dinheiro em Wall Street, e você já sabe onde isso vai parar. Numa certa quinta-feira, o mercado de ações despencou, e meu avô, apostador como era, foi reduzido instantaneamente à pobreza abjeta. Foram-se os táxis, os cinemas, os executivos da empresa de café. Meu pai, de repente responsável por seu próprio ganha-pão, foi forçado a se virar: dirigiu um táxi, cuidou de mesas de bilhar, se meteu em mutretas e agenciou apostas. Nos verões, foi pago para ir a Saratoga para cuidar do negócio questionável de corrida de cavalo de Albert Anastasia. Os verões no interior geraram outra série de histórias de ninar. Como ele amava aquela vida. Roupas chiques, hotéis caros, mulheres sensuais e, então, de alguma forma, ele conheceu minha mãe. Foi um baque. Como ele terminou com Nettie é tão misterioso quanto a matéria escura. Dois personagens tão díspares quanto Hannah Arendt e Nathan Detroit, eles discordavam em todos os assuntos, exceto Hitler e meu boletim. E, ainda assim, com toda essa violência verbal, eles permaneceram casados por setenta anos — só de pirraça, eu suspeito. Ainda assim, tenho certeza de que eles se amavam da forma deles, uma forma conhecida talvez apenas por algumas tribos caçadoras de cabeças em Bornéu.

Para defender minha mãe, preciso dizer que Nettie Cherry era uma mulher maravilhosa: brilhante, trabalhadora, que se sacrificava. Era fiel, amorosa e decente, mas não era, digamos, fisicamente atraente. Quando eu disse, anos depois, que minha mãe parecia Groucho Marx, o povo achou que eu estava brincando. Eu seus últimos anos, ela sofreu de demência e morreu aos 96. Iludida como era, no fim, ela nunca perdeu a habilidade de reclamar, o que elevou a uma forma de arte. Papai, ainda ativo com seus noventa e poucos anos, nunca perturbava seu sono com preocupações. Nem um único pensamento referente a suas horas despertas. Sua filosofia se restringia a “se você não tem

saúde, não tem nada”, a sabedoria mais profunda do que toda a complexidade do pensamento ocidental, sucinta como um biscoito da sorte. E ele manteve a saúde. “Nada me incomoda”, ele se vangloriava. “Você é idiota demais para algo te incomodar”, Mamãe pacientemente tentava explicar. Mamãe tinha cinco irmãs, cada uma mais simplória do que a outra, sendo Mamãe supostamente a mais simplória de todas. Deixe-me colocar assim: a retórica edipiana de Freud de que todos os homens inconscientemente querem matar seus pais e se casar com suas mães dá de cara num muro quando se trata da minha mãe.

Infelizmente, mesmo que minha mãe fosse muito melhor na minha criação, muito mais responsável, mais honesta e mais madura do que meu galanteador e não tão moral pai, eu o amava mais. Todos amavam. Acho que porque ele era um cara doce, caloroso, que demonstrava mais o afeto, enquanto ela nunca deixava barato. Era ela quem impedia que a família fracassasse. Trabalhava de caixa numa floricultura. Ela comandava a casa, preparava as refeições, pagava as contas, certificava-se de que havia queijo fresco nas ratoeiras, enquanto meu pai gastava o que não tinha e enfiava dinheiro no meu bolso enquanto eu dormia.

Nas raras ocasiões na vida em que ele acertava uma aposta, nós todos aproveitávamos a bolada. Papai apostava todo dia, fizesse chuva ou sol. Era o mais próximo de uma religião que ele tinha. E, se saísse com um dólar ou com cem, ele gastava tudo antes de voltar para casa. No quê? Bem, roupas e outros itens essenciais, como bolas de golfe viciadas que rolavam de forma esquisita, que ele poderia usar para passar a perna nos seus colegas. E gastava comigo e minha irmã, Letty. Ele nos mimava com a mesma liberdade generosa com a qual seu pai o mimou. Exemplo: numa certa época, Papai foi garçom no Bowery, trabalhando no turno da noite sem salário, ganhando apenas gorjeta. Ainda assim, toda manhã quando eu acordava — na época, eu estava no ensino médio —, havia cinco pratos na minha mesinha de cabeceira. Os moleques que eu conhecia recebiam cinquenta centavos ou talvez um dólar por semana. Eu recebia cinco pratos por dia! O que eu fazia com aquilo? Comia fora, comprava truques de mágica, financiava meus jogos de carta.

Veja só, eu havia me tornado um mágico amador porque eu amava tudo sobre a mágica. Eu sempre me apegava a tudo que exigia solidão, como praticar truques de desaparecimento, tocar trompete ou escrever, já que isso me impedia de lidar com outros humanos de que, por nenhum motivo explicável, eu não gostava e em quem não confiava. Eu digo “nenhum motivo” porque vim de uma família grande e amorosa que era boa comigo. É como se eu tivesse

nascido geneticamente lesado. Enquanto isso, eu me sentava sozinho e praticava com as cartas e moedas, manipulando o baralho, embaralhando e cortando-o de forma enganadora, tirando sorratamente uma carta de baixo da pilha, escondendo-a na palma da mão. Enfim, era um pequeno salto para um lesado nato, de tirar um coelho da cartola para perceber que eu poderia trapacear nas cartas. Tendo herdado o DNA do meu pai para a desonestidade, eu logo estaria metido no pôquer, limpando o bolso dos desavisados, trapaceando, cortando o maço de cartas de forma enganadora e embolsando a mesada de todo mundo.

Mas chega de mim e dessa vida ordinária que comecei. Eu estava te falando dos meus pais e ainda não cheguei à parte em que Mamãe dá à luz seu canalhinha. Meu pai tinha uma vida charmosa, e minha mãe, que por necessidade teve de lidar com todos os problemas sérios da sobrevivência diária, era só trabalho e nada de interessante ou divertido. Ela era inteligente, mas não letrada, o que seria a primeira a te contar, orgulhosa de seu “senso comum”. Francamente, eu a achava rígida demais e muito mandona, mas era porque ela queria que eu “fosse alguém”. Ela viu o resultado de um teste de QI que eu fiz aos cinco ou seis anos e, ainda que eu não vá te contar o resultado, ficou impressionada. Foi recomendado que eu fosse enviado ao Hunter College, uma escola especial para crianças inteligentes, mas a longa viagem diária de trem do Brooklyn até Manhattan era pesada demais para minha mãe ou minha tia, que se alternavam me buscando e levando no metrô. Então elas me jogaram de volta na Escola Pública 99, uma instituição repleta de professores retrógrados. Odiei todos os meus colégios e provavelmente não teria tirado nada do Hunter se tivesse ficado lá. Minha mãe estava sempre ralhando comigo, me dizendo que, se eu tinha um QI tão alto, como eu podia ser um completo idiota na escola? Um exemplo da minha idiotice acadêmica: no ensino médio, tive aulas de espanhol durante dois anos. Ao entrar na Universidade de Nova York, lutei para ser aceito na turma de espanhol para iniciantes, como se a língua fosse uma total novidade para mim. E acredita que eu ainda tomei bomba?

Enfim, a esperteza da minha mãe não se estendia à cultura, então nem ela nem meu pai, que nunca foi academicamente além do beisebol, pinocle ou filmes de Hopalong Cassidy, nunca, nem uma vezinha, me levaram ao teatro ou a um museu. Vi uma peça da Broadway pela primeira vez quando tinha dezessete anos e descobri a pintura sozinho, quando cabulei aula e precisei de um lugar aquecido para ficar, e os museus eram de graça ou baratos. Posso dizer com segurança que meu pai e minha mãe nunca viram uma peça,

visitaram uma galeria ou leram um livro. Meu pai tinha um único livro: *As gangues de Nova York*. Era o único livro que eu folheei em casa, e me deixou com uma fascinação por gângsteres, criminosos e crime. Eu conhecia os gângsteres como a maioria dos meninos conhecia jogadores de beisebol. Eu conhecia esses jogadores também, mas não como conhecia Gyp the Blood, Greasy Thumb Jake Guzik e Tick-Tock Tannenbaum. Ah, eu também conhecia astros de cinema, graças à minha prima Rita, que cobria as paredes do seu quarto com retratos coloridos recortados da revista *Modern Screen*. Estou esperando para contar sobre Rita, já que ela foi um dos pontos altos da minha trajetória de menino e merece um lugar especial. Mas, além de Bogart e Betty Grable e de quantas vitórias Cy Young teve, quantas corridas impulsionadas Wilson deu numa temporada e quem completou dois *no-hitters* consecutivos para o Cincinatti, eu sabia que Abe Reles sabia cantar, mas não voar, onde Owney Madden bateu as botas e por que um picador de gelo era a arma preferida de Pittsburgh Phil Strauss.

Além de *As gangues de Nova York*, a minha biblioteca consistia apenas em revistas em quadrinhos. Eu li só histórias em quadrinhos até estar no fim da adolescência. Meus heróis literários não eram Julien Sorel, Raskólnikov ou os camponeses locais de Yoknapatawpha County; eram Batman, Superman, Flash, Príncipe Submarino, Gavião Negro. Sim, e Pato Donald, Pernalonga e Archie Andrews. Gente, vocês estão lendo a autobiografia de um iletrado misantrópico que adora gângsteres; um solitário chucro sem cultura que se sentava na frente de um espelho de três faces praticando com um maço de cartas para que pudesse esconder um ás de espadas, tornar o ato invisível de qualquer ângulo e faturar uns trocados. Sim, eu acabei me impressionando pelas fartas maçãs de Cézanne e as alamedas parisienses chuvosas de Pissarro, mas, como eu disse, só porque cabulava aula e precisava de abrigo naquelas manhãs nevadas. Lá estava eu aos quinze anos, gazeteando, confrontado por Matisse e Chagall, por Nolde, Kirchner e Schmidt-Rottluff, pela *Guernica* e o Jackson Pollock frenético do tamanho de uma parede, pelo tríptico de Bechmann e as esculturas de escuridão total de Louise Nevelson. Depois, almoçava na cafeteria do MoMA e, em seguida, assistia a um filme antigo no andar de baixo, na sala de cinema. Carole Lombard, William Powell, Spencer Tracy. Não soa mais divertido do que o absurdo azedume da srta. Schwab perguntando a data da Lei do Selo ou a capital de Wyoming? Então, havia as mentiras em casa, as desculpas no dia seguinte na escola, a enrolação, o sapateado, as notas forjadas, pego de novo, a aflição da Mamãe. “Mas seu QI é tão alto.” Por sinal, leitor, não

é tão alto, mas dá para pensar, pelas exortações da minha mãe, que eu era capaz de explicar a teoria das cordas. Dá para ver pelos meus filmes: embora alguns sejam divertidos, nenhuma ideia que eu já tive vai gerar uma nova religião.

Além do mais, não tenho vergonha de admitir, eu não gostava de ler. Diferentemente da minha irmã, que curtia, eu era um moleque preguiçoso que não sentia o menor prazer em terminar um livro. E por que eu teria? O rádio e os filmes eram tão mais empolgantes. Exigiam menos e eram mais vívidos. Na escola, eles nunca sabiam como apresentar os alunos à leitura e transformá-la em um hábito aprazível. Os livros e as histórias que os professores escolhiam eram um tédio, sem graça, sem sal. Ninguém naquelas histórias cuidadosamente selecionadas para os jovens se comparava ao Homem-Borracha ou ao Capitão Marvel. Dá para pensar que um moleque com formiga nas calças (de novo, contrariando Freud, eu nunca tive um período de latência) que gostava de filmes de gangsteres com Bogart, Cagney e loiras vulgares e sensuais vai pirar com “O presente dos magos”? Então ela vende o cabelo para comprar para ele um relógio de pulso e ele vende o relógio para comprar pentes para ela. A moral que extraí é que sempre é mais seguro dar dinheiro de presente. Eu gostava de histórias em quadrinhos, por mais esparsa que a prosa fosse, e, quando a escola me apresentou posteriormente a Shakespeare, consegui me enfiar suas peças goela abaixo de tal forma que, quando as aulas terminaram, eu nunca mais quis ouvir aqueles termos arcaicos.

Enfim, eu não era um leitor até quase o fim do ensino médio, quando os meus hormônios de fato começaram a agir e eu notei pela primeira vez aquelas garotas com longos cabelos lisos, que não passavam batom, quase não usavam maquiagem, se vestiam com gola rolê preta e saias com meias-calças escuras e carregavam grandes bolsas de couro com cópias de *A metamorfose*, em que anotavam nas margens coisas como: “É, fato” ou “Ver Kierkegaard”. Por uma singularidade irracional qualquer, foram essas que fisgaram meu coração, e, quando eu marcava um encontro e perguntava se elas queriam ir ao cinema ou a um jogo de beisebol e elas preferiam ouvir Segovia ou ver uma peça de Ionesco na *off-Broadway*, havia uma longa pausa desconfortável até eu dizer: “Eu te ligo”. Então, eu corria para pesquisar quem eram Segovia e Ionesco. É seguro dizer que essas mulheres não estavam ansiosas esperando pela próxima edição de *Capitão América* ou mesmo pelo próximo Mickey Spillane, o único poeta que eu era capaz de citar.

Quando finalmente saí com uma dessas delícias boêmias, foi um golpe para nós dois. Para ela, porque já no começo da noite perceberia que havia se

metido com um imbecil iletrado que não parecia saber em qual posição Stephen Dedalus jogava; e para mim porque eu percebi que era de fato um retardado e que, se eu quisesse beijar aqueles lábios sem batom ou vê-los uma segunda vez, eu teria de mergulhar em literatura mais profunda do que *A morte num beijo*. Não dava para me safar só com piadinhas sobre Lucky Luciano ou Rube Waddell. Eu ia ter de dar uma folheada em Balzac, Tolstói e Eliot para marcar presença na conversa e não ter de levar a moça para casa quando ela de repente dissesse que tinha sido tomada pela febre amarela. Em seguida, eu acabava na Dubrow's Cafeteria, me lamentando com as outras vítimas da noite de sábado.

Mas esses fiascos ficam no futuro. Agora que você tem alguma noção dos meus pais, vou falar sobre a minha única irmã. Então irei para a parte em que eu venho ao mundo para que a história decole de vez.

A Letty é oito anos mais nova do que eu. Naturalmente, quando estava prestes a vir ao mundo, meus pais me prepararam daquela forma mais errada: “Quando sua irmã vier, você não será mais o centro das atenções. Não vai mais receber tantos presentes, ela é que vai. Vamos ter de dedicar toda a nossa atenção a ela e às necessidades dela, então não espere nunca mais ser a atração principal”.

Outro garoto de oito anos podia ficar meio abalado pela ideia de ser deixado subitamente de lado em favor de uma novidade. Mas, ainda que eu amasse meus pais, eu sabia muito bem que eles eram uns belos de uns amadores que não tinham jeito para criar uma criança e que suas previsões eram uma bobagem vazia, o que se provou verdade. Acho que estou falando bem deles quando digo que sabia que me amavam de uma forma tão inconfundível, que eu sabia que, enquanto eles viessem como Cassandra, nunca iriam me abandonar. Eles jamais deixariam de se dedicar à minha felicidade e ao meu bem-estar. E eles, de fato, não fizeram isso.

No momento em que pousei os olhos na minha irmã no berço, fui tomado por ela. Eu me apaixonei e ajudei a criá-la, protegendo-a dos atritos entre meus pais, que podiam se elevar a partir de questões triviais. Digo, quem pode dizer que uma discordância sobre *gefilte fish* podia se transformar numa batalha digna de Homero? Eu brincava com Letty, a levava comigo várias vezes quando saía com meus amigos. Todos a achavam fofa e espertinha, e ela sempre se comportava. Isso me lembrava da troca de cartas que eu tive com Groucho, com quem criei amizade graças a Dick Cavett, de quem conto depois. Escrevi para Groucho quando Harpo morreu, e ele me escreveu de volta, dizendo que

ele e Harpo nunca tiveram uma discussão séria ou trocaram ofensas, e foi assim com minha irmã, que hoje produz meus filmes.

Mas, agora, estou pronto para nascer. Finalmente eu adentro o mundo. Um mundo no qual nunca me sentirei confortável, que nunca compreenderei, nunca aprovarei ou perdoarei. Allan Stewart Konigsberg, nascido em 1º de dezembro de 1935. Na verdade, nasci no 30 de novembro, bem perto da meia-noite, e meus pais empurraram a data para que eu pudesse começar num primeiro dia. Isso me deu zero de vantagem na vida, e eu preferia bem mais que eles tivessem me deixado uma poupança enorme. Só menciono isso porque, numa ironia inútil, minha irmã nasceu oito anos depois exatamente no mesmo dia. Essa coincidência notável e mais quinze centavos pagam uma passagem de metrô. Fui parido no Hospital do Bronx, apesar de os velhos viverem no Brooklyn. Não me pergunte por que minha mãe saracoteou até o Bronx para me dar à luz. Talvez o hospital estivesse dando comida de graça. Enfim, minha mãe não saracoteou de volta do hospital no Bronx. Em vez disso, ela quase morreu lá. Na verdade, ficou a perigo por algumas semanas, mas, do jeito que ela conta, uma hidratação constante a fez se recuperar. Era tudo o que eu precisaria, ser criado apenas por meu pai. Provavelmente eu teria uma ficha criminal do tamanho de uma Torá. Acabou que ter dois pais amorosos me deixou surpreendentemente neurótico. O porquê eu não sei.

Eu fui o sol das cinco irmãs de minha mãe, o único varão, o queridinho dessas doces fofoqueiras que babavam sobre mim. Nunca fiquei sem uma refeição, nem careci de roupas ou abrigo, nunca fui acometido por nenhuma doença séria, como a pólio, que assolava a cidade. Eu não tinha síndrome de Down como um moleque da minha sala, nem era corcunda como o pequeno Jenny ou sofria de alopecia como o Schwartz. Eu era saudável, popular, bem atlético, sempre o primeiro a ser escolhido nas equipes esportivas. Jogava bola, corria e, ainda assim, acabei me tornando nervoso, medroso, um caco emocional, mantendo a compostura por um fio, um misantropo, claustrofóbico, isolado, amargurado, um pessimista impecável. Algumas pessoas veem o copo meio vazio; outras, o veem meio cheio. Eu sempre vi o caixão meio cheio. Dos milhares de reações naturais do corpo, eu consegui evitar quase todas, exceto a número 682: o mecanismo de negação. Minha mãe falava que não conseguia entender. Dizia que eu era um garotinho doce e animado até uns cinco anos, quando mudei para um moleque feio, azedo, chato e de ovo virado.

Mas não há trauma na minha vida, nada de terrível que tenha ocorrido e me transformado de um garotinho sardento sorridente vestindo calções e sempre

com uma vara de pesca em uma das mãos num lorpa cronicamente insatisfeito. Espelho que, por volta dos cinco anos, eu tenha tomado consciência da mortalidade e percebido que, afe, eu não pedi isso. Nunca concordei em ser finito. Se você não se importar, quero meu dinheiro de volta. Conforme fiquei mais velho, não apenas a extinção, mas também a falta de sentido da existência se tornaram mais claras para mim. Eu me deparei com a mesma pergunta que incomodava o antigo príncipe da Dinamarca: por que sofrer com os tiros e flechadas quando posso apenas molhar meu nariz, enfiá-lo numa tomada e nunca mais ter de lidar com a ansiedade, o sofrimento ou o frango cozido da minha mãe? Hamlet escolheu não fazer isso porque temia o que poderia acontecer no além. E então, dada minha profunda falta de apreço pela condição humana e seu doloroso absurdo, por que seguir com isso? No fim, eu não pude achar uma razão lógica e finalmente cheguei à conclusão de que, como humanos, simplesmente somos programados para resistir à morte. O sangue vence o cérebro. Não há razão lógica para se prender à vida, mas quem se importa com o que a cabeça diz quando o coração te pergunta: “Viu a Lola naquela minissaia?”. Por mais que eu resmungue, reclame e insista firmemente que a vida é um pesadelo sem sentido de sofrimento e lágrimas, se um homem entrasse na sala com uma faca para nos matar, nós instantaneamente reagiríamos. Nós o agarraríamos e lutaríamos com cada grama de nossa energia para desarmá-lo e sobreviver. (Pessoalmente, eu correria.) Isso, eu insisto, é uma propriedade estrita de nossas moléculas. Agora você já deve ter percebido que não apenas não sou um intelectual, como também não sou uma companhia divertida nas festas.

Casualmente, é incrível a frequência com que sou descrito como “um intelectual”. Essa é uma concepção tão tola quanto o Monstro do Lago Ness, já que não tenho um neurônio intelectual em minha cabeça. Iltrado e desinteressado por questões acadêmicas, eu cresci como o protótipo do palerma que se senta diante da TV com uma cerveja na mão, assistindo empolgado a uma partida de futebol, com a página central da *Playboy* presa com fita adesiva na parede, um bárbaro vestido de tweed, com um paletó com protetor nos cotovelos. Não tenho grandes sacadas, pensamentos elevados e conhecimento da maioria dos poemas que não começam com “rosas são vermelhas, violetas são azuis”. Porém, o que eu tenho são óculos de aros pretos, e sugiro que é esse acessório, combinado a uma propensão por me apropriar de citações de fontes eruditas profundas demais para que eu as entenda, mas que podem ser

utilizadas na minha obra, que dá a impressão enganadora de saber mais do que eu sei, o que mantém essa lenda firme.

Ok, então fui criado numa bolha por muitas mulheres dedicadas, minha mãe e minhas tias, e por quatro avós amorosos. Tente acompanhar: o pai do Papai, outrora rico, um homem que navegou até Londres só para assistir a uma corrida de cavalos, que tinha um camarote na ópera, agora empobrecido, recebia uma ninharia só deus sabe como. Sua esposa era também uma imigrante com quem ele se casou para que ambos pudessem fugir do país. Ela fugia do massacre russo e ele, do serviço militar compulsório. Ela era uma uva-passa, diabética, que morava com o marido numa cabana cafona com um piano de apartamento que ninguém tocava. Mas ela me amava, me passando dinheiro por baixo da mesa, cubos de açúcar Domino, que vinham em uma caixa amarela, não pedindo nada em troca exceto visitas ocasionais, sempre generosa, apesar de sua pobreza.

Meus avós maternos também me amavam. A mãe da Mamãe, gorda e surda, passava os dias sentada à janela (por sua aparência, ela se sentiria mais em casa numa vitória-régia). O avô era ativo, viril, vivia na sinagoga. E eis a forma como um idiota como eu retribuía a bondade dele: meus amigos e eu conseguimos um níquel falso. Chumbo puro. Nós tínhamos medo de tentar repassá-lo na bomboniere, pois achávamos que poderíamos terminar indo em cana, então eu me ofereci para passá-lo para o meu avô, que era velho e nunca iria perceber. Ele de fato não percebeu nada, e troquei o níquel com ele por cinco centavos tirados da bolsinha onde guardava suas moedas, e não foi como nos filmes, em que o velhote ri e sabe o que estou tramando, mas me diverte com uma piscadinha marota. Não. Ele foi enganado e tirei suas moedas de cinco centavos, eu o deixei com o níquel de chumbo e fui comprar chocolates Goobers.

Finalmente, havia o verdadeiro arco-íris da minha infância, minha prima Rita. Cinco anos mais velha do que eu, loira, rotunda, sua companhia talvez tenha sido a influência mais significativa em minha vida. Rita Wishnick. Seu pai era outro judeu russo fugitivo chamado Vishnetski, anglicizado para Wishnick. Ela era uma garota atraente, vítima de pólio, de forma que mancava levemente, que, por acaso, gostou de mim e me levava para todo lugar — ao cinema, à praia, ao restaurante chinês, ao minigolfe, à pizzaria —, que jogava cartas comigo, jogava damas, jogava Banco Imobiliário. Ela me apresentou a todos os seus amigos, meninos e meninas mais velhos do que eu e, por alguma precocidade que eu tinha, pareci encantá-los. Então eu saía com eles e me

tornei bem sofisticado para um garotinho, e minha infância deu um grande passo à frente.

Eu tinha amigos da minha própria idade também, mas passava muito tempo com Rita e os meninos e meninas do grupo dela. Eles eram garotos judeus de classe média, espertos, que estudavam para lecionar, para se tornar jornalistas, professores, médicos e advogados.

Mas deixe-me voltar aos filmes, a paixão de Rita. Agora, lembre-se, tenho cinco anos, ela tem dez. Além de cobrir as paredes com fotos coloridas de todos os astros de Hollywood, ela ia regularmente ao cinema, o que significava que todo sábado à tarde ela assistia às sessões duplas, geralmente no Midwood, acompanhada pelos amigos, e sempre me levava. Eu via tudo o que Hollywood lançava. Cada grande lançamento, cada filme B. Eu sabia quem estava nos filmes, os reconhecia, conhecia os coadjuvantes, os atores principais, reconhecia não só as músicas dos filmes, como sabia de música popular porque Rita e eu nos sentávamos e escutávamos juntos o rádio sem parar. *The Make Believe Ballroom*, *Your Hit Parade*. Naqueles tempos, o rádio ficava ligado do minuto em que você acordava até quando ia dormir. Música, notícias e mais música.

A música pop da época era Cole Porter, Rodgers e Hart, Irving Berlin, Jerome Kern, George Gershwin, Benny Goodman, Billie Holiday, Artie Shaw, Tommy Dorsey. Por isso eu estava inundado com tantas belas músicas e filmes. Primeiro, uma sessão dupla toda semana, então, conforme os anos passaram, eu ia mais e mais. Era uma empolgação imensa entrar no Midwood na manhã de sábado enquanto as luzes da sala ainda estavam acesas e uma pequena plateia comprava seus doces e ia lotando o cinema enquanto uma música pop tocava para evitar que os expectadores fizessem um motim antes de as luzes se apagarem. Harry James, com “I’ll Get By”. As luminárias nas paredes eram avermelhadas, com os detalhes em metal dourado, os carpetes, vermelhos. Finalmente as luzes se apagavam, as cortinas se abriam e a tela se iluminava com um logo que fazia meu coração salivar, se eu posso misturar minhas metáforas, com uma ansiedade pavloviana. Eu via de tudo, todas as comédias, filmes de caubói, história de amor, filmes de pirata, fitas de guerra. Muitas décadas depois, quando estava com Dick Cavett numa rua onde outrora havia um cinema grandioso e, agora, só um terreno baldio, nós dois olhamos para a área vazia e nos lembramos de como nos sentávamos no meio daquele ponto, transportados para cidades estrangeiras cheias de intrigas, para desertos

cercados de beduínos românticos, navios, trincheiras, palácios e reservas indígenas. Logo haveria um prédio de apartamentos ali.

Quando menino, meus filmes favoritos eram o que eu chamo de comédias champanhe. Adorava histórias que aconteciam em coberturas de luxo, onde o elevador abria direto no apartamento e as rolhas estouravam, onde homens suaves que falavam por meio de diálogos inteligentes flertavam com belas mulheres que andavam pela casa vestindo o que alguém agora pode usar num casamento no Palácio de Buckingham.

Esses apartamentos eram grandes, geralmente duplexes, com muito espaço vazio. Ao entrar, o dono ou o convidado quase imediatamente se encaminhava para um pequeno bar para se servir de drinques que repousavam em decantadores. Todo mundo bebia o tempo todo e ninguém vomitava. E ninguém tinha câncer, a cobertura não tinha vazamentos e, quando o telefone tocava no meio da noite, as pessoas bem acima da Park Avenue ou da Quinta Avenida não tinham que se arrastar da cama, como minha mãe, e bater os joelhos no escuro buscando o único aparelho preto para ouvir que talvez um parente distante houvesse caído morto. Não. Hepburn, Tracy, Cary Grant ou Myrna Loy apenas se esticavam para pegar o telefone na mesinha de cabeceira a centímetros de onde eles dormiam. O telefone geralmente era branco e as notícias não giravam em torno da metástase de células ou de uma trombose coronária por anos de consumo de carne vermelha, mas enigmas mais solucionáveis como: “O quê? O que quer dizer com não somos legalmente casados?”.

Apenas imagine um dia de verão ardente em Flatbush. O termômetro bate os 35 graus e a ausência de umidade é sufocante. Não havia ar-condicionado, quer dizer, a não ser que você fosse para o cinema. Você comia seus ovos cozidos numa xícara no café da manhã, que era servido em uma minúscula cozinha com piso de linóleo, sobre uma mesa revestida de lanolina. O rádio tocava “Milkman Keep Those Bottles Quiet” ou “Tess’s Torch Song”. Seus pais estavam numa outra “discussão” idiota, como minha mãe chamava, que por pouco não terminava em tiroteio. Ou ela derrubou creme azedo na nova camisa dele ou ele a envergonhou estacionando seu táxi na frente da casa. Deus que a livrasse de os vizinhos descobrirem que ela havia se casado com um taxista em vez de um juiz da Suprema Corte. Meu pai nunca se cansava de lhe dizer que ele uma vez havia levado Babe Ruth. “Me deu uma péssima gorjeta”, era tudo o que ele podia se lembrar sobre o Sultão da Tacada. Pensei nisso anos depois quando já era comediante e trabalhava no Blue Angel. Sonny, o porteiro, me

deu seu resumo do caráter de Billy Rose, o rico esportista da Broadway que adorava bancar o mandachuva. “Um cara de centavos”, Sonny desdenhava, tendo aprendido a categorizar todos os humanos pela forma como demonstravam sua gratidão. Eu provoço meus pais neste relato de minha vida, mas cada um deles me forneceu conhecimentos que me serviram bem no passar das décadas. Do meu pai: quando comprar jornal de uma banca, nunca pegue o de cima. Da minha mãe: a etiqueta sempre fica atrás.

Então era um dia quente de verão e você levava as garrafas retornáveis ao mercado para ganhar dois centavos por casco para poder ir ao Midwood, ao Vogue ou ao Elm, nossos três cinemas mais próximos. A quinhentos mil quilômetros dali, na Europa, os judeus estavam sendo fuzilados e mandados para as câmaras de gás sem nenhum motivo pelos alemães, que faziam isso com grande prazer e não tinham problema em encontrar por todo o continente ganchos para pendurar seus casacos. Você ia suando até Coney Island Avenue, uma avenida feia tomada por estacionamento de revendedores de carros usados, funerárias, lojas de ferramentas, até o cinema empolgante ser avistado. O sol estava alto e brutal. O bonde fazia ruído, os carros buzonavam, dois homens estavam neuróticos com o trânsito, gritavam e esbravejam um com o outro. O mais baixo, mais fraco, corria para pegar sua chave de roda. Você comprava seu ingresso, entrava e, de repente, o calor e a luz do sol desapareciam e você estava numa realidade alternativa mais escura e mais fresca. Ok, são apenas imagens, mas que imagens! A lanterninha, uma senhora de idade vestida de branco, guia você, iluminando o caminho até o seu assento. Você gastou até seu último níquel em algum doce prazeroso batizado pomposamente de Jujubes ou Chuckles. E agora olha para a tela e, com a música de Cole Porter ou as melodias inacreditavelmente lindas de Irving Berling ao fundo, surge o céu de Manhattan. Estava em boas mãos. Não ia ver uma história sobre caras de macacão numa fazenda que se levantam cedo para ordenhar vacas e cujo objetivo na vida era ganhar uma faixa numa feira local ou treinar seus cavalos para transcender uma série de obstáculos e ganhar o primeiro lugar numa competição regional. E, misericordiosamente, nenhum cachorro ia salvar ninguém e nenhum personagem fanho ia enfiar o dedo na orelha de abano para sugar o conteúdo, e nenhuma linha de pesca ia ser presa no dedo do pé de nenhum menino enquanto ele cochilava no velho açude.

Até hoje, se a primeira tomada de um filme é um close de uma bandeira sendo virada e a bandeira é o taxímetro de um táxi amarelo, eu fico. Se é a bandeira de uma caixa de correio, eu saio. Não, meus personagens vão acordar

e as cortinas do quarto deles vão se abrir, revelando Nova York com seus prédios altos e cada pedaço de suas possibilidades empolgantes, e meu elenco ou vai tomar o café na cama com uma bandeja completa com espaço para o jornal do dia — ou numa mesa com toalha e prataria —, e o ovo desse sujeito vai vir para a mesa num suporte apropriado, para que ele possa apenas partir a casca para chegar à gema, e não haverá notícias sobre campos de extermínio, apenas talvez uma primeira página mostrando alguma belezinha com outro cara que é melhor do que Fred Astaire, já que ele a ama. Ou, se for café da manhã para um casal casado, eles de fato se preocupam um com o outro após anos estando juntos e ela não fica remoendo os fracassos dele, e ele não a chama de idiota. E, quando o filme terminava, a segunda atração era um thriller de detive em que algum investigador particular durão resolve todos os problemas da vida com um soco no queixo e sai com um tomate recheado, do tipo que não existia em nenhuma das minhas aulas nem nenhum dos casamentos, velório ou bar mitzvahs que eu frequentava. E, por sinal, eu nunca fui a um velório: sempre fui poupado da realidade. O primeiro e único defunto que vi foi Thelonus Monk, quando, a caminho de jantar no Elaine's, em respeito a ele, fui vê-lo deitado numa funerária na Terceira Avenida. Levei Mia Farrow comigo; foi bem no começo de nosso namoro, e ela foi educada, mas ficou aflita e deveria saber que estava começando um relacionamento com o sonhador errado, mas a loucura toda vem depois.

Então, agora a sessão dupla tinha acabado e eu deixava a confortável magia escura da sala de cinema e reentrava na Coney Island Avenue, o sol, o trânsito de volta ao miserável apartamento da Avenida K. De volta às garras de minha arqui-inimiga: a realidade. No meu filme *O dorminhoco*, como parte de uma sequência de humor, por algum tipo de processo desconcertante, eu imagino Blanche DuBois, de *Um bonde chamado desejo*. Eu falo num sotaque sulista, com tom feminino, tentando tornar a sequência engraçada, enquanto Diane Keaton faz um Brando perfeito. Keaton é do tipo que reclama: “Ah, não posso fazer isso, não posso imitar Marlon Brando”. Como as meninas na escola que te dizem como foram péssimas nas provas e, quando as notas vêm, elas só tiraram dez. Naturalmente, o Brando dela é melhor do que minha Blanche, mas a questão é que, na vida real, eu sou a Blanche. Blanche diz: “Não quero realidade, quero mágica”. E eu sempre desprezei a realidade e babei pela mágica. Tentei ser um mágico, mas descobri que só podia manipular cartas e moedas, não o universo.

Então, por causa da prima Rita, fui apresentado ao cinema, aos astros, a Hollywood, com sua moralidade patriótica e finais milagrosos, e enquanto eu afastava tudo o que todos tentavam me ensinar, dos meus pais aos professores de espanhol — eu já fazia aulas de espanhol havia dois anos —, Hollywood me fisgou. *Modern Screen*, *Photoplay*, Bogart, Cagney, Edward G. Robinson, Rita Hayworth — o mundo de celuloide deles foi o que eu aprendi. Aquilo era maior do que a vida, o superficial, o falsamente glamuroso, mas não me arrependo nem sequer de uma tomada disso. Quando perguntam qual personagem nos meus filmes é mais eu na tela, você só precisa olhar para Cecília, em *A rosa púrpura do Cairo*.

Então, onde eu estava? Ah, eu nasci. Definitivamente eu nasci, e coloco dessa forma porque houve três riscos iminentes de eu não ter tido vida. O primeiro foi quando meu pai foi um dos únicos três nadadores que fizeram o longo percurso até a praia quando seu navio afundou. O segundo também o envolveu, mas não de maneira tão heroica. Ele estava em algum tipo de festa de família com minha mãe, sua noiva na época. Era uma comemoração do lado da minha mãe. Eles eram um bando de judeus barulhentos com seus estilos de vida improvisados. Por exemplo: nós tínhamos um parente chamado Phil Wasserman, de quem eu logo falarei, já que ele foi um grande contribuinte à minha carreira nos anos posteriores. Mas havia também outro parente chamado Phil Wasserman, igualmente importante dentro da família, e ele era sempre tratado como o “outro Phil Wasserman”. Então, em conversas sobre qualquer Phil Wasserman, sempre se precisava especificar, e se fazia isso dizendo: “Eu estava caminhando em Manhattan e encontrei com o outro Phil Wasserman”. Ou: “Preciso comprar um presente para o outro Phil Wasserman”. Quando criança, eu me perguntava se, quando ele telefonava para alguém, começava a ligação com “Oi, aqui é o outro Phil Wasserman”. Ou se a esposa dele dizia: “Este é meu marido, o outro Phil Wasserman”. Ou se em seu túmulo diz: “Aqui jaz o outro Phil Wasserman”. Por mais tosco que esse esquema parecesse, ele funcionava.

Enfim, os dois estavam na festa e uma prima exibia sua nova aliança de diamante. Muitos *ohhhs* e *ahhhs* sobre o tamanho e a beleza, apesar de eu estar certo de que não se aproximava do Diamante Hope. Uma hora depois, o anel desapareceu e o pânico tomou conta do lugar. Ninguém conseguia encontrar a preciosa joia. Não sei como o mistério foi solucionado, mas foi descoberto que meu pai o havia surrupiado. Bem, dá para imaginar a descrença de todos, em choque. Olhos esbugalhados, mãos pressionando a cabeça na maneira do teatro

ídiche, houve um *Oy vey*^[1] coletivo, com taças de vinho suave atiradas no chão e coxas de frango abandonadas no meio da mastigação. Naturalmente, minha mãe desmaiou e, naquela noite, o casamento foi cancelado. Meu nascimento estava ameaçado novamente. Foi só pelo charme e pela conversa mole do pai do meu pai, que foi ter uma conversa com o pai da minha mãe, que finalmente a crise foi suavizada. O pai do meu pai fez a promessa de que seu filho mão-leve nunca mais faria uma coisa como aquela e que ele também abandonaria as pilantragens, deixaria de marcar apostas para os mafiosos e se endireitaria. Além disso, ele ajudou meu pai a comprar um mercado falido na Avenida Flatbush, e com certo planejamento cuidadoso e trabalho duro, meu pai conseguiu dobrar suas perdas em tempo recorde. A essa altura você já deve ter percebido que o meu pai não levava jeito para sustentar uma família, uma falta de habilidade que se tornou tema de muitas conversas estimulantes no decorrer dos anos, que levaram muitas vezes meu pai a fazer as malas, antes de desfazê-las e voltar para a cama.

Meu terceiro flerte com a não existência veio logo após o nascimento. Pelo menos eu já havia estreado. Minha mãe, que eu disse que sempre teve de trabalhar para complementar os vários empreendimentos não lucrativos de meu pai, teve de me deixar com empregadas. Elas eram jovens desconhecidas e, com frequência, diferentes de dia para dia, dependendo de quem a agência mandava. Minha mãe as instruía sobre onde estava o óleo de fígado de bacalhau, que eu só bebia leite achocolatado, e que não importava o quão fofo eu fosse, não era para confiar no canalhinha. Eu estava no cadeirão, geralmente emburrado quando ela partia, apesar de que até hoje não sei o motivo, porque ela era um porre, não era uma mãe divertida como Billie Burke ou Spring Byington. Enfim, estar sozinho com uma estranha o dia todo pode se mostrar fatal, e uma empregada me prendeu dentro de um cobertor explicando como seria fácil para ela me sufocar e então colocar o cobertor comigo morto na lata de lixo. As coisas ficaram bem quentinhas e sufocantes naquele cobertor. Por sorte, a empregada pertencia àquela variedade de louca que não leva os seus planos a cabo, em vez do tipo que termina na página policial vestindo um macacão laranja por não ter tomado os remédios.

Como eu digo, eu tive sorte, e essa sorte me seguiu todos os dias da minha vida, até hoje. Sua potência não pode ser superestimada. As pessoas vão apontar para a minha carreira e dizer que não pode ter sido tudo sorte, mas elas não percebem o quanto disso foi um rolar de dados e nada mais.

Então, enquanto minha entrada no mundo foi ameaçada e o início da minha existência foi precário, eu cheguei vivo à Rua 14, saindo da Avenida J no Brooklyn. E, enquanto não tenho muitas lembranças desses primeiros anos exceto por um gole de leite extraído ao copo direto do úbere de uma vaca (o que deveria me empolgar, mas achei quente e nojento) e por ter fugido da minha mãe em algum filme da Disney e corrido pelas fileiras para tocar a tela, não há outras anedotas sem graça dignas de serem mencionadas. Ah, sim, eu pareço ter nascido um paranoico. Posso me lembrar da minha primeira moradia, um apartamento que meus pais dividiam com o tio Abe e a tia Ceil, irmã da minha mãe. Eu me lembro de pensar que todas as outras pessoas no mundo, incluindo minha mãe, meu pai, meu tio e minha tia, eram alienígenas que, em algum momento, iriam remover suas máscaras, revelando as caras de monstro que realmente tinham, e me fazer em pedacinhos. Por que tinha uma fantasia tão terrível, eu não sei. Como contei, meus pais, tias e tios eram bons e me amavam.

Nós, primeiro, moramos numa vizinhança maravilhosa que eu só fui valorizar depois que nos mudamos dali. Era a Avenida J, uma rua comercial, o que não era grande coisa na época, mas agora parece um paraíso para mim. Tinha lojas de bala maravilhosas, delicatessens com carnes suculentas, lojas de brinquedos, uma loja de ferramentas, deliciosos restaurantes chineses, um bar de bilhar, uma biblioteca. Havia uma variedade de pequenas lojas que vendiam roupas, bolos recém-assados e pão e, claro, a moça que vendia pickles, uma criatura temerosa que se sentava como um minotauro ao lado de um grande barril de conserva. Ela era um morro vestido em várias malhas, um visual composto de camadas em abundância. E por cinco centavos ela enfiava a mão no barril, encontrava um pickle do tamanho de uma moedinha e dava a você, e após décadas enfiando a mão naquele caldo o dia todo, todos os dias, sua mão virou pickle. Quando menino, eu me perguntava quantos galões de loção Jergens seriam necessários para que voltasse ao normal. Então havia o Midwood, o cinema em que eu praticamente morava. Que legal era, naqueles dias. No meu bairrozinho modesto, havia incontáveis salas de cinema a uma caminhada de distância, todas apresentando sessões duplas. Os mais pobrezinhos passavam dois filmes, cinco desenhos, um seriado semanal, como *Batman*, e um curta, que era engraçado se fosse Robert Benchley, e não Joe McDoakes.

Infelizmente, às vezes aparecia um estudo de campo, no qual o sr. Fitzgerald nos levava a lugares como Ceilão e Java, a terra que o tempo esqueceu, quisesse

você ou não. E às vezes você ganhava um brinde, talvez uma pistola de papel que fazia um barulhão quando disparava, mas o que matava era que, para tudo isso, o preço do ingresso era doze centavos. Isso quando eu era pequeno. Apesar de não ser tão pequeno que eu não pudesse ir ao cinema. O preço dos cinemas chiques era 20 centavos, então passaram para 25, depois 35. Quando chegou a 55 centavos, a vizinhança se rebelou como a tripulação do *Potemkin*. Alguém me disse que, agora, um ingresso pode custar vinte dólares. Sabe quantas garrafas retornáveis eu teria de entregar para conseguir vinte dólares?

Havia salas de cinema em cada esquina, e não passava um dia que não houvesse algo a que valia a pena assistir — fosse *Oráculo do crime* ou *Esta noite morrerás*. Eu adorava tudo. E um dia minha vida mudou quando meu pai me levou a Manhattan para o que hoje seria chamado de *tempo de qualidade*, apesar de ele provavelmente só estar indo à cidade para pagar algumas apostas. Eu tinha uns sete anos e até então só conhecia o Brooklyn.

Nós pegamos o metrô, descemos na Times Square e, ao subir as escadas saindo na Broadway com a Forty-Second Street, fiquei embasbacado. Essa foi a visão do moleque: um milhão de pessoas, muitos soldados e marinheiros, fuzileiros. Incontáveis salas de cinema pela Broadway e tomando os dois lados da Rua 42. Salões de baile. Mulheres estilosas, ou foi o que me pareceu. Caras tocando instrumentos em troca de alguns trocados. O outdoor das roupas Bond e o do cigarro Camel com o modelo soprando grandes anéis de fumaça. Homens raquíticos gritando para um grupo ali reunido sobre o fim do mundo que chegaria numa quinta. (Será que aquele cara sabia mesmo de alguma coisa?) E como aqueles bonecos de papel dançam no ar sem uma corda? Na Rua 42 ficava o Laugh Movie, com seus espelhos distorcidos do lado de fora (o que preciso dizer que não foi capaz de me impressionar nem aos sete anos) e então o Hubert's Flea Museum, que exibia um hermafrodita, fosse lá que diabos fosse aquilo. Nós paramos lá para que meu pai pudesse apagar velas atirando com um rifle calibre .22. Ele gastou umas cinco pratas em balas.

Meu pai nunca viu uma arma de que não gostasse. Ele nunca foi capaz de resistir a um estande de tiros, que na época tinha rifles e munição de verdade. Mais tarde em sua vida, ele conseguiu um porte de arma, argumentando que precisava andar armado porque carregava joias. Naqueles anos ele contrabandeava joias e chegava em casa tarde porque também trabalhava como garçom. Ele não precisava de uma arma e só sacou a pistola duas vezes: uma vez ele tirou um encenqueiro de um ônibus. Outra vez, estava sozinho no metrô às três da manhã, quando foi confrontado por quatro jovens. Ele pegou a

arma e disparou um tiro na escuridão do túnel. Eles deram meia-volta e saíram correndo. Não que eles o tivessem atacado, mas ele sentia que iriam fazer isso, apesar de que, até onde ele achava, eles formavam um desses quartetos que cantam à capela pelas ruas com roupas de barbeiros do início do século — o que, nesse caso, faz com que ele estivesse certo em assustá-los.

Então caminhamos pela Broadway, passando por um cinema após o outro e os restaurantes: McGinni's, Roth's, Jack Dempsey's, o Turf, e finalmente, o Lindy's. Fomos a vários fliperamas, comemos cachorro-quente e bebemos piñas coladas, talvez tenhamos visto um filme. Eu era tão novo que não consigo me lembrar, exceto talvez que tenha vivenciado uma paixão instantânea por Manhattan e que, no decorrer dos anos, eu voltava em toda chance que tinha. Não há lembranças mais prazerosas para mim do que cabular aula, entrar no trem na Avenida J no Brooklyn, chegar à cidade, comprar um jornal, pegar alguma coisa para comer em alguma máquina automática, engolir uma torta de cereja com café e ler Jimmy Cannon. Então o Paramount abria e eu pegaria o filme e o show no palco, eu sempre amava o comediante. Me lembro de ir ao Roxy quando a banda de Duke Ellington estava lá e, quando o filme terminava, a orquestra saía de debaixo do palco tocando "Take the 'A' Train", aquilo me deixava louco. Daí em diante, qualquer filme que se passasse em Nova York me conquistava. Quantas vezes eu me sentei hipnotizado vendo alguma beldade de pernas longas voltar para casa de uma boate em Manhattan, jogando uma estola sobre o ombro enquanto entrava num saguão da Quinta Avenida, apertava o botão do elevador e subia para seu apartamento, sem se deitar até começar a amanhecer com a lenta melodia de "Out of Nowhere".

Toda vez que eu voltava para o Brooklyn, era na cidade do outro lado do rio que eu queria viver. Ansiava pelo dia em que eu entraria num bar de Manhattan e diria: "O de sempre". Anos depois, Mort Sahl teve a brilhante ideia de abrir uma ação judicial contra os filmes por arruinarem nossas vidas. Mas estou divagando.

Em nossa história, ainda estou na Avenida J, no Brooklyn, vestido com roupas de praia e finalmente indo do berço para uma cama de solteiro. Eu me lembro desse pequeno rito de passagem. Eu era um garoto tão acovardado, que desde a primeira noite na minha nova cama criei o que eu chamava de minha "posição de dormir", com o corpo virado para o lado direito, que me permitia levantar num raio e reagir com rapidez se um lobisomem saltasse do armário. Eu dormia preparado para sair da cama, mas para fazer o quê? Boa pergunta. O jiu-jitsu era bem popular naqueles anos de guerra, mas exigia que você

cumprimentasse o lobisomem antes de jogá-lo por cima de seu ombro. Enfim, digo que, com a idade, veio a maturidade e eu posso ver quão tolo tudo isso era e quão mais esperto seria simplesmente dormir com um taco de beisebol à mão.

Proporcional às fantasias escapistas de uma vida chique em Manhattan — e digo *chique* porque, enquanto os outros garotos viam filmes e saíam querendo ser John Wayne, Gary Cooper ou Alan Ladd, eu me identificava mais com Reginald Gardiner, Clifton Webb e os personagens mais decadentes. Ah, e Bob Hope acima de tudo; eu nunca o perdia no cinema ou no rádio. Eu adorava rádio. Era outra versão do prazer, estar doente ou me fingir de doente para que pudesse faltar à escola. Fingir era difícil. Se eu não estivesse com febre, eu tinha de ir para a escola, e como minha mãe sempre ficava ao lado depois de colocar o termômetro na minha boca, era quase impossível encontrar um aquecedor ou uma lâmpada para fazer o mercúrio subir sem ser pego de calças-curtas. Mas estar em casa doente significava ficar na minha cama com o rádio ao meu lado. O *Breakfast Club*, *Helen Trent*, *Luncheon at Sardi's*, *Queen for a Day*, Lorenzo Jones e sua esposa Belle, e, sim, André Baruch *era* casado com Bea Wain. Finalmente, no fim da tarde, *Hop Harrigan*, *Tom Mix*, *Captain Midnight*; e, de noite, *The Answer Man*, *Baby Snooks*, O cavaleiro solitário. Refeições na cama. Meu pai voltava do trabalho com dez gibis novos, que valiam um bom dinheiro. O rádio era uma grande parte da vida de todos naqueles dias, e, em retrospecto, acho interessante que meu pai, encenqueiro como era, preferisse os programas de comédia e nunca perdesse Jack Benny ou Charlie McCarthy ou, posteriormente, o Groucho. Eu teria pensado em *Gangbusters* ou *David Harding*, *Counter-spy*, mas, não, ele preferia *The Life of Riley* e *Fibber McGee and Molly*.

Eu engolia tudo isso, mas o médico da família nunca permitiu que eu escutasse *Inner Sanctum* ou qualquer coisa considerada assustadora demais. O dr. Cohen aconselhou minha mãe a nunca me deixar ver os filmes de Frankenstein ou Drácula porque eu era um garoto tenso, que teria pesadelos. Minha mãe extraía todos os conselhos sobre criar filhos de nosso médico local, que escutava meu coração com um estetoscópio, pressionava meu peito, batia no meu joelho com um martelo de borracha, ouvia a mãe animá-lo com histórias sobre que garoto levado eu era, me psicoanalisava, prescrevia Cocillana e umas pomadas de mostarda, tudo isso feito com a conveniência de uma visita à nossa residência, para meu azar. Minha mãe aceitava o diagnóstico como se tivesse sido dado por Avicena. Ela buscava conselhos médicos tanto físicos como mentais de qualquer médico ou qualquer um com qualquer ligação

tênue com o mundo da medicina. Com frequência ela buscava os conselhos de nosso dentista local, cujo consultório ficava em cima da padaria, e não apenas em assuntos relacionados a molares e gengivas. Além do farmacêutico local. Se você pudesse preencher uma prescrição ou vender emplastros para calos, ela o deixaria fazer uma cirurgia no cérebro. Se você fosse de fato um médico, era deus. O nome de um médico era pronunciado com a mesma reverência dedicada a um rabino.

Assim, eu adorava ficar doente e me esbaldava na cama: rádio, gibi e canja de galinha. Aqui devo apontar que parte do prazer inesperado de ter uma febre de 38 graus era algo que já mencionei: eu odiava, tinha pavor, desprezava a escola. Não havia nada a ser elogiado na Escola Pública 99, com seus professores retrógrados, idiotas e cheios de preconceitos. Estou falando do começo dos anos 1940. Depois da guerra, arrumaram alguns professores melhores. Deixe-me colocar isso de forma delicada: a equipe era composta de mulheres irlandesas de cabelo azul que um diretor de elenco usaria para interpretar freiras rígidas e abusivas. Eu era arrastado pela orelha por um lance de escadas pela srta. Reid, a diretora assistente, que ela apodreça sob a “téra”. Era como ela pronunciava enquanto eu fazia careta: “A minhoca é boa para a téra.” “É *terra*, gorducha”, eu queria dizer.

Os poucos professores homens eram judeus mais liberais. Um dos melhores foi demitido porque suas ideias eram liberais demais. Em algo chamado de “Sing”, no qual cada classe escolhia uma música, cantava e interpretava no salão de conferências, ele escolheu um número da virada do século chamado “Boops-a-Daisy”, cujos passos consistiam em “mãos” (os dançarinos tocavam as mãos), “joelhos” (os dançarinos batiam nos joelhos) e “Boops-a-Daisy” (os pares davam as costas um para o outro e batiam seus traseiros). Bem, as matronas ficaram lá, boquiabertas, como se ele estivesse encenando uma orgia no auditório. Essa não era a apresentação antisséptica de “You’re a Grand Old Flag” ou “Bicycle Built for Two”. Para aquelas frígidas antisemitas, aquilo fedia a lascívia. Hoje, seria chamado de “inapropriado” pela Polícia do Apropriado. Não é preciso dizer que aquele pedagogo hebreu errante levou mais que depressa um chute no traseiro. O fato de que ele tinha inclinações políticas assumidamente esquerdistas não o favoreceu com a srta. Fletcher, a diretora, e suas rastejantes asseclas.

Mas não era apenas o conventículo de professoras, era toda a rotina regulada, feita para garantir que ninguém nunca aprendesse nada. Você tinha de chegar lá a tempo e se enfileirar no porão ou no pátio, se o clima permitisse.

Você se enfileirava e não podia conversar, que diabos era aquilo? Você caminhava até a sala de aula. Sentava-se “com os pés firmes no chão, olhos voltados para frente”, e não tinha conversinhas, piadas, bilhetes passando, nada que tornasse o soturno caso da existência humana suportável. Você aprendia pela rotina — só que a questão é que ninguém nunca aprendia nada. Uma vez por semana, havia uma assembleia que reunia todos os alunos e professores. Nessas ocasiões, antes de qualquer outra coisa, fazíamos o Juramento de Lealdade, com a mão sobre o peito. Eles queriam se certificar de que você não estava do lado do Eixo. Seguia-se uma reza idiota. Orações essas para as quais eu nunca recebi nenhuma resposta. Nem mesmo... já volto nisso. “Deus é silencioso”, eu costumava dizer, “agora se pudéssemos apenas fazer as professoras calarem a boca...”.

Então vinha a música. Eles podiam escolher algo mais sem graça? Com tanto Cole Porter, Rodgers e Hart no rádio; havia tantas músicas bonitas do Gershwin. Músicas com belas melodias e ritmo empolgante. “Anything Goes”, “Lady Be Good”, “Mountain Greenery”; tantas canções para se passar bons momentos, para ensinar as crianças a gostarem de música. Mas, não. Em nossa primeira aula, entoávamos: “Nos campos de Flandres onde balançam papoulas...”. Acho que era para colocar a gente num bom ânimo. Então cantávamos “Recessional” ou “Abide with Me”. Naquele ponto, eu pensava que talvez se eu simulasse um ataque epilético, eles me mandariam para casa. Eu só queria sair. Me deixe segurar o termômetro no aquecedor ou cabular aula e ir para Manhattan, comer uns mariscos no McGinni’s e assistir a Esther Williams nadando de costas no sul da fronteira. Eu ainda torço o rosto pensando nas filas da escola no porão, do lado de dentro porque estava chovendo ou nevando; no fedor de lã molhada das nossas malhas, que ficavam encharcadas; em ser pego fazendo algo inócuo como cochichar com um amigo ou roubar um beijo no armário de roupas e mandarem chamar sua mãe.

“Ele está sempre paquerando as meninas”, dizia uma das apáticas estéreis para minha mãe. Sim, eu gostava das meninas. Do que eu deveria gostar, de tabuada? Deveria gostar de seu discurso sobre o Dia de Ação de Graças que matava nossas almas? Deveria gostar de bater os apagadores para tirar o pó de giz — um privilégio cobiçado por alguns dos moleques mais letárgicos? Não, eu gostava de meninas. Desde o jardim da infância, eu não ficava interessado no “boi da cara preta” ou em brincar de dança das cadeiras. Eu queria ir para o metrô com Barbara Westlake, chegar a Manhattan, levá-la à cobertura na Quinta, beber dry martinis (fosse lá o que fosse aquilo), ir para a varanda e

beijá-la à luz do luar. Pode-se imaginar que essa ideia não era apreciada pelo corpo docente da Escola Pública 99, por minha mãe ou mesmo por Barbara Westlake, que tinha seis anos de idade, não apreciava dry martinis e soluçou histericamente quando mataram a mãe do Bambi. Assim, não importa com que frequência eu propusesse o Astor Bar, eu não tinha sucesso. Por favor, note que eu só estou falando isso da boca para fora. Enquanto eu dava esses primeiros passos no mundo da conquista, eu nunca poderia ter viajado para Manhattan sozinho, encontrado o Astor Bar, ter tido a entrada permitida ou ser servido de qualquer coisa mais forte do que uma gemada. Isso sem mencionar que eu teria dificuldade para pagar o bilhete de metrô, quanto mais ter dinheiro para convidar uma dama.

Minha mãe foi chamada para falar com a professora tantas vezes que se tornou um rosto familiar. Todos os alunos davam “oi” para ela na rua, mesmo depois de crescidos e casados. Eles a conheciam pelo terrível ritual de quando a classe estava aprendendo alguma coisa inútil como “o termo correto para o número zero em inglês é *aught*” (para mim, *zero* está bom) e a porta se abria e era minha mãe. A classe parava por cinco minutos, enquanto a matrona de cabelo azul conversava com minha mãe no corredor, dizendo a ela que filho incorrigível ela tinha e como eu tinha passado um bilhetinho para Judy Dors sugerindo que tomássemos um drinque.

“Tem algo de errado com ele”, minha mãe dizia, instantaneamente tomando o lado de qualquer um que me odiasse. Sim, havia algo de errado comigo. Eu gostava de meninas. Gostava de tudo nelas. Eu curtia a companhia, gostava do som da risada, suas anatomias e queria estar no Stork Club com elas, e não numa aula de marcenaria com os trogloditas locais fazendo um cabide de gravatas torto.

Alguns dos professores seguravam os alunos depois da aula como castigo, mas eram sempre os moleques judeus. Por quê? Porque eles eram usurariozinhos astutos e, ao nos manterem depois da aula, nos atrasaríamos ou perderíamos a aula de hebraico. Agora, sem que eles soubessem, essa punição para mim era um *mitzvah*, se posso usar um termo ídiche. Eu odiava a aula de hebraico tanto quanto o colégio público e vou contar o motivo. Primeiro, nunca comprei esse troço religioso. Achava tudo uma grande lamúria. Nunca achei que houvesse um deus; não achava que ele convenientemente favoreceria os judeus se existisse. Adorava carne de porco. Odiava barba. A língua hebraica era gutural demais para o meu gosto. Além do mais, era escrita de trás para frente. Quem precisava daquilo? Eu já tinha muitos problemas na escola, onde as

coisas eram escritas da esquerda para a direita. E por que eu deveria jejuar por meus pecados? Quais eram os meus pecados? Beijar Barbara Westlake quando eu deveria estar pendurando meu casaco? Passar uma moeda falsa para o meu avô? Eu digo: “Viva com isso, deus, há coisa muito pior. Os nazistas estão nos colocando em fornos. Primeiro cuide disso”. Mas, como eu falei, eu não acreditava em deus. E por que as mulheres tinham de se sentar no andar de cima da sinagoga? Elas eram mais bonitas e mais espertas do que os homens, aqueles fanáticos hirsutos que se enrolavam em xales de reza no primeiro andar, assentindo para cima e para baixo como bonequinhos de mola e beijando uma faixa para algum poder imaginário que, se existisse, apesar de todas as súplicas e lisonjas, os recompensava com diabetes e refluxo gástrico.

Não valia meu tempo, e meu tempo era o grande problema. Eu mal podia esperar dar as três horas e o sinal tocar, para eu ser liberado do colégio público e poder ir para as ruas e o pátio e jogar bola, mas, não, eu tinha de pegar minhas coisas e ir para a aula de hebraico para ler palavras cujo significado nunca era ensinado para nós, e aprender como os judeus haviam feito um pacto especial com deus, mas que infelizmente não tinham deixado nada registrado por escrito. Mas eu ia. Graças à pressão dos pais, ao desejo de receber minha semanada, à ameaça de me cortarem o rádio, isso sem mencionar que eu apanharia. Minha mãe me batia todo dia pelo menos uma vez. Dar palmada era ser rigoroso naqueles tempos, apesar de meu pai só ter me batido uma vez, quando eu o mandei se foder e ele fez seu descontentamento ser reconhecido com um tapinha gentil no meu rosto, que me trouxe uma visão desimpedida da aurora boreal. Mas Mamãe me dava todos os dias umas boas sovas e era como na velha piada de Sam Levenson: “Talvez eu não saiba o que você fez para merecer isso, mas você sabe”. Então aconteceu de eu acabar chegando ao *bar mitzvah* e para isso eu tinha de ter aulas especiais e aprender a cantar em hebraico — e, como diziam no Velho Testamento, houve muitos gemidos e dentes rangendo.

Minha mãe era a praticante. Por causa dela, nós mantínhamos um lar *kosher*. Ela era bem rígida sobre as leis alimentícias, que proibiam porco, bacon, presunto, lagosta e muitas guloseimas deliciosas disponíveis para os sortudos infiéis. Para manter minha mãe calminha, Papai fingia ser praticante, mas ele não podia esconder seu vício em contrabandos deliciosos e engolia carne de porco e frutos do mar como os assírios seguiam o rebanho. Assim, de tempos em tempos, íamos a um restaurante e eu conseguia uma refeição que Javé, como seus amigos o chamavam, não havia proibido. Eu me lembro que delícia

foi quando aos oito anos meu pai me levou para o Lundy's, o lendário restaurante de frutos do mar no Brooklyn onde eu pude chafurdar em vôngoles, ostras e mariscos, o deus confidente não estava por perto de Sheepshead Bay naquele dia. O Lundy's foi o primeiro lugar em que recebi uma tigela de lavanda. Eu nunca havia ouvido falar de algo tão impressionante quanto lavanda, e foi uma experiência bem empolgante usar uma. Quase como ter sua própria piscina. Fiquei tão impressionado que, dois anos depois, quando minha tia me levou lá para jantar, eu só conseguia pensar que aquele lugar tinha tigelinhas de lavanda. Consequentemente, quando pedimos mexilhões no vapor e o caldo de mariscos foi servido com eles, eu estava convencido que aquela era a lavanda. Bem empolgado, minha certeza passou por cima do ceticismo abafado da Tia Ann, e nós dois nos sentamos lá limpando nossas mãos em caldo de marisco. Só quando as devidas lavandas chegaram, no fim da refeição, minha tia percebeu que ela estava certa, e me deu vários tapinhas afetuoso na minha cabeça com sua bolsa, talvez uns doze ou catorze.

Ok, então ainda sou um garotinho que adora filmes, adora mulheres, adora esportes, odeia a escola e sonha com um dry martini. Ah, apesar de admitir que sou um aluno terrível, uma coisa que sempre soube fazer foi escrever. Eu sabia escrever antes de saber ler. Eu só aprendi a ler no primeiro ano, mas no jardim de infância eu podia vir para casa e escrever — isto é, criar ficções, escrever sem a habilidade de anotar. A tradição oral. Como as baladas. Enquanto *Beowulf* e *Lorde Randall* iam para o lado brutal, minhas narrativas aconteciam em jantares cintilantes e anteviam um futuro jamais maculado por um dia de trabalho honesto.

Por um tempo eu sonhei em ser cientista e ganhei de presente um microscópio. Eu iria superar essa nobre ambição, seduzido por um estilo de vida incitado pela MGM. Eu sofria seguidas rejeições das garotas bonitinhas com suas notas altas e letra caprichada. “Oh, deus, não. Minha mãe nunca me deixaria sair para namorar.” “Metrô para Nova York? Não tenho permissão.” E, mais tarde: “Desculpe. Eu nunca saio com meninos da minha idade”.

Enfim, meu *bar mitzvah* chegou. Hoje em dia, os *bar mitzvahs* são temáticos: *Star Wars*, Rei Artur, faroeste. Meu tema foi *O submundo*, de Gorki. Minha iniciação como homem não aconteceu num lugar chique, mas em nossa casa perto dos trilhos do trem. Os tios e outros homens de pé, que fumavam dois maços de cigarro por dia apesar de muitos ataques cardíacos e derrames, davam piscadinhas e apertavam minha mão passando notas de dez. Grande coisa. Como se fossem mil pratas. Minhas tias, primas, Rita, sua irmã mais velha Phyllis — enfermeira, santificada por sua profissão como Ève Curie —, Phil Wasserman e, claro, o outro Phil Wasserman. Phil (o original) era um personagem bem impressionante que trabalhava como assessor de imprensa. Poucos anos depois, quando eu tentaria escrever minhas primeiras piadas, eu levaria para ele e ele iria me encorajar a enviá-las para vários colunistas de jornais da Broadway, que publicavam piadas geralmente atribuídas a celebridades. Eu seguiria seu conselho, e minhas piadas fracas iriam abrir um mundo totalmente novo para mim.

Porém, aos treze anos, eu ainda era um jovem detestável, inteligente e cheio de tiradinhas com uma paixão crescente pelo show business. Falando em show business, me deixe descrever a diversão que se deu nesse pequeno luau asquenaze, em que um jovem judeu deveria se tornar um homem, apesar de eu ter permanecido um rato. Meu pai, na época, era garçom, uma de suas várias ocupações, que incluíam um esquema de enriquecimento certo que consistia em vender “colares de pérolas em belas caixas” pelo correio, um empreendimento que não foi capaz de encontrar um único humano que quisesse uma pérola, então nossa casa ficou inundada de belas caixas de colares de pérolas por muitos meses. O estoque foi finalmente liquidado por cerca de quinze centavos de dólar. Mas agora ele era um garçom no Sammy’s Bowery Follies, onde labutava das seis da tarde às cinco da manhã, toda noite.

Sammy’s era um estabelecimento no Bowery com temática de virada do século, completo, com serragem no chão, e onde damas de seios fartos, do tipo Sophie Tuck, cantavam clássicos da época em vestidos vulgares, usando grandes chapéus. Mabel Sidney era uma dessas cantoras espalhafatasas, irmã da atriz Sylvia Sidney, seu irmão era George Sidney, um bem-sucedido diretor de Hollywood. Eu não conhecia nada do pedigree da Mabel, só que ela dava conta de cantar “Who’s Sorry Now” e “You Tell Me Your Dream”, entre várias outras pérolas das antigas. Como um favor para o meu pai, ela veio ao meu aniversário de treze anos e deu certa pompa a um evento que, do contrário, seria indistinguível do adeus ao meu tio Abe na Capela Riverside. Naqueles

anos, a família sempre se beneficiava do trabalho do meu pai no Bowery, com sua enorme população de bêbados, tomando todas as ruas, bares e pensões dos arredores. Exemplo: precisávamos pintar a casa. Entre os vários embriagados se podia encontrar qualquer tipo de profissional, de carpinteiros a arqueólogos, de corretores de ações a marinheiros mercantes, de atores a pintores de paredes. Homens cujos sonhos tinham perdido o rumo e que agora eram alcoólatras incuráveis. Tudo o que essas pobres almas queriam era a quantia necessária para comprar um único drinque. Então, nossa casa era transformada por um esquadrão de cachaceiros com pincéis em mãos que trabalhavam por alguns trocados — , isto é, se eles de fato aparecessem. O trabalho podia levar mais tempo por causa de bebedeiras, mas pelo menos era feito, meu deus. Mamãe sempre os alimentava bem, mas eles tinham de beber em copos especiais separados para estranhos, que eu acreditava que eram em seguida enviados para as Ilhas Marshal, onde nosso governo enterrava lixo tóxico.

Outra vantagem de trabalhar entre a triste população sedenta do Bowery era que muitos deles faziam roubos. O objetivo imediato era conseguir dinheiro para comprar o próximo uísque, por isso, se alguém deixava qualquer coisa por perto, ela desapareceria em segundos. Os Johns Bananas, como eles às vezes eram chamados, entravam num bar como o que meu pai trabalhava, ou o abordavam quando ele estava na rua e com frequência ofereciam mercadoria roubada: um sobretudo, um gravador, um saco de bifés. Tudo o que o ladrão queria em troca era o suficiente para um único drinque. Sempre aberto a uma negociação, meu pai acabava fechando negócio. Foi dessa forma que pegamos uma máquina de escrever Underwood por um dólar e cinquenta centavos, um processador de alimentos Mixmaster e um casaco de pele para minha mãe, só para citar alguns itens. Eu datilografei minhas primeiras piadas numa máquina roubada e fiz meu primeiro leite maltado numa máquina Hamilton Beach. Então, Mabel Sidney tornou meu bar mitzvah suportável graças a sua interpretação de “My Man” para uma cambada de judeus dispersos.

Foi na tal festa que eu ganhei, entre tantas mercadorias roubadas, um livro sobre magia. Esse livro, com fotos de equipamentos empolgantes, caixas chinesas, uma gaiola de desaparecimento, bolas de bilhar, lenços de seda, uma guilhotina e uma infinidade de outras parafernálias, estimulou um interesse que se tornou uma obsessão para mim, e não demorou para eu gastar todo o meu tempo livre praticando e, como os Johns Bananas, usando todos os centavos que eu conseguia arranjar, emprestados ou roubados, não com uísque, mas com truques de magia. Eu tinha os troços padrão: os anéis entrelaçados, bolas e

xícaras, um saco de veludo vermelho, as garrafas onde os lenços deveriam ser introduzidos — todos esses efeitos impressionantes que você provavelmente não conhece de nome, mas já viu muitas vezes. O Sonho do Avaro pode não significar nada para você, mas lá estava eu, tirando moedas do ar e jogando no fundo de um balde. Com o passar do tempo, eu amadureci além da atração de aparatos extravagantes com bijuterias e baús com fundos falsos.

Comecei a ver que eram os livros de magia que importavam, e estavam entre os primeiros livros que li, se não foram *os primeiros*. Eu entendia que comprar equipamentos que qualquer um poderia comprar e aprender a me apresentar não era digno do meu tempo ou do dinheiro do lanche que eu economizava passando fome na escola. A coisa para valer era aprender os segredos da manipulação pelos livros e praticar, praticar sem parar, para esconder moedas ou roubar do fundo do maço de cartas, cortar e remendar cordas e manipular lenços de seda, bolas de bilhar e cigarros. E era isso que eu praticava, a destreza das mãos. Achava que tinha ficado muito bom, mas quando vejo o nível da manipulação de hoje, é de perder o fôlego. Eu praticava tanto quanto Jascha Heifetz ou Glenn Gould, há vários artistas que se igualam na dedicação a esse outro campo exigente de arte exótica. Mas eu não era um deles, e esta é minha história, então me deixe seguir com ela.

Ao mesmo tempo que fui mordido pelo bichinho da magia e já era viciado em filmes, querendo viver na Quinta Avenida, fazer meus próprios coquetéis e ter um relacionamento espalhafatoso com uma bela mulher vinda da Paramount, que dividisse a cobertura comigo, eu vivenciei outro evento apocalíptico. Algum tempo antes, aos onze anos, eu havia desenvolvido a prática de pegar o metrô para minha amada cidade do outro lado do rio, para gastar minha semanada num único dia em Manhattan. Moleques da minha idade não faziam isso, mas eu tinha muita liberdade, ou simplesmente meus pais não se importavam que eu fosse sequestrado. Ainda que eu nunca conseguisse levar uma menina comigo, às vezes meu amigo Andrew ia junto. Andrew também era meio obcecado pelo show business e era um moleque bonito, cujos pais tinham uma certa grana e o mimavam muito mais do que os meus, tanto que ele terminou saltando da janela aos vinte e poucos anos, quando a vida real veio lhe dar um susto. Pobre Andrew. Usou narcóticos como fuga, depois a janela aberta no hospital. Mas esses dois sonhadores precoces iam esporadicamente para a Times Square, andavam por lá, escolhiam um filme para assistir, comiam no Roth's ou McGinni's e aproveitavam a cidade até seu dinheiro acabar. Eu

adorava caminhar na Park com a Quinta Avenida e no Central Park. Era a Manhattan dos filmes de Hollywood para onde eu escapei quando cresci.

Num sábado desses, não conseguíamos encontrar um filme que queríamos ver e, olhando no jornal, descobrimos que na Avenida Flatbush, no Brooklyn, havia um cinema chamado Flatbush Theatre. Eles estavam passando alguma comédia de baixo orçamento dos Ritz Brothers ou de Olsen e Johnson que queríamos ver. Pegamos o metrô de volta para o Brooklyn, fomos até o Flatbush Theatre na Flatbush com a Church Avenue e descobrimos que, além dos filmes, havia cinco apresentações de *vaudeville* ao vivo. Então o filme terminava, as cortinas se abriam e no palco havia uma orquestra completa, Al Goodman com o percussionista Willie Krieger. Então vi cinco apresentações de *vaudeville*: um cantor, um sapateador, acrobatas, outro cantor e um comediante. Fiquei embasbacado. Desfrutei cada momento desses artistas de segunda cantando uma versão de “Sorrento” ou estalando seus sapatinhos com “Tea for Two”. E as piadas cafonas e imitações certeiras de Cagney e Gable, de Bing Crosby e Bette Davis. Fui tão fisgado pelo *vaudeville* que voltei todos os fins de semana por anos, sem perder um único sábado até o teatro fechar e reabrir como um cinema legítimo com uma exibição de *Três homens e um cavalo*. Era dos comediantes que eu mais gostava, e logo passei a levar um lápis e anotar suas apresentações no interior rasgado da caixa de alcaçuz Good and Plenty. Eu podia fazer cada apresentação, cada imitação, de cada astro de Hollywood, e eu estava certo de que eu acabaria me apresentando fazendo um número que ficasse entre a comédia e a mágica.

Isso aconteceria quando eu tinha catorze anos e foi assim: minha estreia no palco foi num clube social local, e um bom homem chamado Abe Stern me agendou sem realizar teste algum por pura generosidade, me pagando dois dólares, o que provavelmente era um cachê legítimo, dado o que devia estar dentro do orçamento dele. Fiz alguns truques de mágica pouco inspirados usando minha irmã como ajudante. Seu trabalho era se sentar na plateia e gritar: “Eu o vi colocar o ovo debaixo do braço!”. Claro que eu havia fingido ter colocado lá. E a plateia reagia querendo me linchar, exigindo que eu levantasse o braço para que eles pudessem me pegar escondendo o ovo e me humilhar, mas ele estava em outro lugar. Eu então levantava o braço e o mostrava vazio. Eu o havia feito desaparecer no saco de truques. Havia meia dúzia de outros efeitos tão empolgantes quanto o do saco de ovo, e enquanto a plateia lutava contra a narcolepsia, eu saía e torcia para que o patrão achasse que suas duas pratas tinham valido a pena. Eu também me lembro de fazer um teste para o

Magic Clown, um programa de TV matutino para crianças pequenas, e escolhi como truque da audição as garrafas por dentro das quais eu passava um lenço. Só que eu usava duas garrafas de uísque. Não é preciso dizer que não consegui o trabalho. Mas percebi que eu sempre causava uma sensação na plateia com os meus truques de ilusionismo. E meus balbucios espontâneos enquanto eu andava pelo palco, grasnando, nervoso, sempre faziam a plateia rir. Nessas ocasiões, nunca passou pela minha cabeça que eu tinha algum potencial como comediante, mas apenas que eu havia fracassado como mágico. Para não desperdiçar todas as horas gastas praticando a manipulação diante de um espelho, decidi que usaria minha habilidade técnica com cartas para enganar as pessoas, tirar o dinheiro delas e, como disse Max Shulman — um escritor bem engraçado que, junto a Mickey Spillane, tem responsabilidade em qualquer coisa que eu vim a ler —, “Fique rico, durma até o almoço e foda-se tudo”.

Foi anunciado que haveria um show de talentos na escola. Achei que eu poderia fazer algumas imitações. Ou personificação, como era chamado na época. Não sei quando mudaram magicamente o termo para imitações. Fiz Cagney, Gable, Peter Lorre. Enquanto eu esperava minha vez de me apresentar, vi outro garoto fazer o seu número. Ele se apresentou como comediante, mas não com piadas extraídas da *Reader's Digest* ou da *1000 Jokes*. Ele não começou como um daqueles professores caretas, constrangedores, que tentavam conquistar a plateia com sacadinhas: “Parece que esses dois dentistas...”. Não, Jerry Epstein fez uma apresentação profissional com colocações de abertura, piadas engraçadas, material sobre filmes de guerra e de gângsteres. Sua apresentação foi para valer. Depois da escola, eu me aproximei dele perto a um grande monte de neve numa rua próxima à Escola Pública 99 (deixei de contar que era inverno, um inverno com muita neve). Nós conversamos e nos demos bem, não apenas pela comédia, mas também pelo beisebol. Iríamos jogar na mesma equipe. Ele era um bom canhoto de primeira base, eu jogava na segunda.

Essa é outra suposição errada sobre mim, além de que sou um intelectual: por eu ser baixinho e usar óculos, as pessoas acham que não devo ter sido um grande atleta. Mas estão enganadas. Eu consegui ganhar várias medalhas em um curto espaço de tempo, era um jogador de beisebol bem razoável, com fantasias de seguir esse esporte como carreira, que só desapareceram quando, de repente, fui contratado como redator de piadas. Na escola, eu era um jogador de basquete que conseguia agarrar uma bola de futebol americano e arremessá-la por um quilômetro. Não espero que acredite nas minhas palavras,

mas se você algum dia encontrar com o pessoal da minha antiga vizinhança, pode perguntar. Quando por acaso cruzo com um deles, sempre entram no assunto do meu talento como esportista e, por algum motivo, nunca falam dos meus filmes. Muitos deles também podem contar sobre minha habilidade como jogador de pôquer. Com trinta e poucos anos, eu costumava jogar noite após noite, das nove até o sol nascer, e ganhava o suficiente para viver bem e comprar uma aquarela de Nolde e um desenho de Kokoschka. Só parei porque David Merrick disse que também foi um jogador de pôquer, mas um dia ele percebeu que perda de tempo aquilo era. Aquilo ressoou em mim, então desisti.

E aconteceu a mesma desistência abrupta com o beisebol. Quando estava mais velho, ainda joguei softball no Broadway Show League, um esporte que nunca amei. Certo dia, enquanto caminhava até a minha posição no campo, um jogador mais jovem me disse: “Sr. Allen, não se preocupe. Se houver algo que você não consiga agarrar, eu te ajudo”. Olhei para ele e pensei: “Está de brincadeira? Consigo ir atrás de qualquer bola que mandarem para mim, e ainda por cima autografá-la antes de agarrar”. Momentos depois, uma bola não muito alta passou por mim, a uma altura que eu teria pegado com o pé nas costas nos velhos tempos. Eu larguei a luva, saí do campo, pedi para ser substituído e nunca mais me aproximei de um taco, uma bola ou uma luva. A humilhação foi tão intensa que posso sentir a vergonha enquanto escrevo isto.

Também passei vergonha num jogo de celebridades contra jogadores veteranos no Dodger Stadium. Eu e um grupo de atores desajeitados — digo, são grandes atores, mas desajeitados como esportistas — jogamos contra figuras como Willie Mays, Willie McCovey, Boog Powell, Jimmy Piersall e Roberto Clemente. Por algum motivo, os apostadores os tinham como favoritos. Eu só usei o meu taco em um único lance, contra Don Drysdale, e errei a bola. Tive a mesma distinção de Willie Mays quando perdi uma jogada para ele. Um ano depois, quando topei com um moleque com quem cresci e joguei, ele me disse: “Vi seu jogo de softball na TV. Não pude acreditar que não conseguiu rebater Drysdale”. Sim, eu deveria ter mantido meus pés um pouco mais próximos e metido a madeira na bola, e deus que me livre de acordar no meio da noite e o jogo voltar à minha cabeça e eu sentir remorso, afogado em arrependimentos, tomado pela raiva e punindo a mim mesmo, lembrando que eu deveria ter rebatido Drysdale. Preciso de outra chance. Da próxima vez, vou manter os pés mais próximos. Com certeza consigo rebater aquele cara. Logo eu começo a hiperventilar, o quarto gira. Jesus, o dia que não consegui rebater Drysdale —

preciso de outra chance. Estou com oitenta e quatro anos — é tarde demais? Onde estou? Onde estamos?

Ah, sim, de volta ao monte de neve. Jerry me contou que tinha um irmão mais velho, Sandy, que era o verdadeiro comediante da família. Ele encenava peças na faculdade e eu deveria conhecê-lo. Então lá fomos nós encontrar uma das primeiras grandes influências da minha vida. Sandy Epstein, da Avenida J e do Dickson College. Quando se apresentava, ele parecia e soava como um comediante de stand-up profissional. “Desculpe que estou meio atrasado, gente, foi doença. Minha namorada estava de cama.” E ainda que isso não seja Wilde ou Shaw, era basicamente o tipo de apresentação profissional que os comediantes faziam. Ele me ensinou algumas técnicas e piadas, e quando eu saí do colégio público de ensino fundamental e a Midwood High School se tornou minha *alma mater*, as salas de aula eram os únicos locais onde eu podia usar esse material, o que eu fazia, para a irritação dos professores. Não demorou para minha mãe se tornar também ali uma visitante frequente, envergonhada enquanto eu tentava explicar para o diretor o que eu queria dizer com a frase: “Ela tinha a forma de uma ampulheta e tudo o que eu queria era brincar na areia”. As coisas eram bem rígidas naqueles tempos e a Polícia do Apropriado estava por todo lado. Fiz algumas apresentações no clube judaico local com grande sucesso, e no meu terceiro ano de ensino médio, eu era um pretenso comediante, pretenso mágico, pretenso jogador de beisebol, mas, no fim das contas, eu era apenas um péssimo aluno. Eu era o cara espertinho que quando ia ao cinema sempre soltava uma piada durante um momento intenso ou romântico e fazia todo mundo rachar o bico. Eu recebia tantos “cala a boca” quanto risadas. Meu amigo Jerry comprou um gravador e me mostrou, com orgulho.

“Que música é essa?”, perguntei.

“É um concerto de jazz que gravei”, ele disse. “Do rádio. *Ted Husing’s Bandstand*.”

“É ótimo.” E, com isso, joguei os meus livros didáticos na lata de lixo.

“Foi um concerto na França.”

“Quem é esse?”

“Sidney Bechet.”

“E esse?”

“Um saxofonista soprano de Nova Orleans.”

Foi o primeiro jazz de Nova Orleans que ouvi. Por que tocou tão fundo em mim, eu nunca vou saber. Ali estava eu, um judeu do Brooklyn, que nunca

tinha saído de Nova York, com um gosto meio cosmopolita, uma grande apreciação por Gershwin, Porter, Kern, compositores populares bem sofisticados, e lá estavam aqueles afro-americanos no Sul Profundo, com nada em comum comigo e, ainda assim, eles rapidamente se tornaram uma obsessão e logo eu era um pretenso comediante, pretenso mágico, pretenso jogador de beisebol e pretenso músico de jazz afro-americano. Comprei um saxofone soprano, aprendi a tocar; comprei um clarinete e aprendi a tocar. Comprei uma vitrola — isso eu podia tocar sem precisar de aulas. Comprei discos e livros sobre o nascimento do jazz, sobre a vida de Louis Armstrong. Meus três amigos, Jack, Jerry, Elliot, e eu deveríamos formar um quarteto estranho. Enquanto todos os outros moleques estavam afundados no pop comercial da época — Patti Page, Frankie Laine, The Four Aces —, nós nos sentávamos com nossos toca-discos e ouvíamos jazz por horas, por dias.

Nós escutávamos todo tipo de jazz, mas nossos favoritos eram os discos primitivos de Nova Orleans. Bunk Johnson, Jelly Roll Morton, Louis Armstrong e, claro, Sidney Bechet, que eu venerava e que inspirou meu jeito de tocar mais tarde (e se isso não te fizer rir, nada fará). Eu me sentava no quarto sozinho tocando junto a Bechet e mais tarde com os discos de George Lewis. Ele era outro ídolo meu; com ele e Johnny Dodds, outro gênio do clarinete, eu senti que tinha finalmente me encontrado. O prazer era tão intenso que decidi dedicar minha vida ao jazz. Eu ainda não havia percebido totalmente que Bechet, Armstrong, George Lewis, Johnny Dodds, Jelly Roll Morton e Jimmie Noone eram gênios da música. O idioma deles era primitivo, mas dentro dos parâmetros do jazz de Nova Orleans, eles tinham algo realmente mágico que escorria por cada nota que tocavam. Eu, idiota ingênuo que era, não entendia que eu não era gênio, que mesmo com todo o meu entusiasmo e amor pela música, estava destinado a nunca chegar além de uma nulidade musical que seria escutada e tolerada com base numa carreira no cinema, e não por nada de valor em matéria de jazz.

Porém eu praticava, e ainda pratico. Practico todo dia com tal dedicação que, para me certificar de que toco certo, pratico em praias congelantes, em igrejas enquanto minha equipe de filmagem cuida da iluminação, em quartos de hotel depois do trabalho, à meia-noite, indo para a cama e puxando as cobertas sobre a cabeça para não acordar os outros hóspedes. Ainda que tenha escutado a música que escutei, lido as histórias estimulantes das vidas de músicos e soprado, soprado, soprado com diferentes bocais e palhetas, sempre pesquisando aquela combinação que iria me fazer soar melhor, ainda sou uma

droga. Permaneço um tenista de fim de semana entre Federer e Nadal. Desculpe dizer, eu simplesmente não tenho a pegada: o ouvido, o tom, o ritmo, o sentimento. E ainda assim eu já toquei publicamente em clubes e em salas de concertos, em casas de ópera por toda a Europa, em auditórios lotados nos Estados Unidos. Toquei em paradas em Nova Orleans e bares de lá, no festival Jazz Heritage e no Preservation Hall, e tudo graças à minha carreira no cinema. Anos atrás, Dotson Rader, um homem espirituoso, perguntou no jantar: “Você não tem vergonha?”.

Entre meu amor pela música e minha limitação como músico, se quero tocar, não posso me dar ao luxo da vergonha. Tentei explicar a ele que costumava tocar só em casa com alguns outros músicos. Era por diversão, como um jogo de pôquer semanal. Então eles sugeriram que fizéssemos isso num bar ou num restaurante, para que tivesse uma pequena plateia. Tenho anos de experiência em casas noturnas e não precisava de mais público, mas eles, sim, por isso topei. A coisa começou pequena e desordenada e décadas depois acabou que éramos atrações regulares no Carlyle Hotel em Manhattan, e sempre lotávamos casas de show na Europa, com plateias de até oito mil pessoas que ficavam na chuva para nos escutar. Então lá estava eu, um garoto no Brooklyn, impressionado com o jazz, lutando com um clarinete. Liguei para um grande músico de jazz, Gene Sedric, o clarinetista do Fats Waller, e disse que era o jovem que se sentava na mesa da frente toda semana escutando ele tocar concertos de jazz com a banda de Conrad Janis. Ele poderia considerar me ajudar com o clarinete? Esperando uma rejeição, eu o escutei dizer que teria de me cobrar dois dólares. Então, por uns trocados, ele ia toda semana do Harlem para Flatbush e, como não sabia ler partitura, montava seu instrumento, soprava uma frase e dizia: “Toque isso”. Eu tentava copiar, mas sem ter ouvido nem talento reconhecível, falhava. Pacientemente, semana após semana, ele trabalhava comigo e eu melhorei — mas sempre no limite de “sem jeito para a coisa”. Nós nos tornamos grandes amigos e até sua morte ele permaneceu uma constante fonte de encorajamento, apesar de que, se você me ouvir tocar, pode querer chamá-lo de cúmplice.

Só passei a tocar com outras pessoas, porque toquei só com discos por anos, quando eu era comediante e trabalhava no Hungry I, em São Francisco. Entre as apresentações, eu caminhava pelo quarteirão até um lugar chamado Earthquake McGoon’s, onde Turk Murphy, um grande trombonista de jazz, conduzia uma banda. Eu me sentava do lado de fora e os escutava noite após noite até que um dos caras na banda convidou: “Por que não entra e escuta?”.

Tímido e amante de jazz como eu me via, eu disse: “Está tudo bem, me contento com esse beco apertado, encostado na porta de serviço, tentando surrupiar um traço de prazer da música lá de dentro”. Mas o Turk não me deu ouvidos. Eu era o comediante astro do Hungry I e ele insistiu que eu entrasse e aproveitasse a música.

Eu entrei, ele me fez falar e pôde ver que eu sabia muito sobre jazz, então deixei escapar que era clarinetista. Sem saber onde ele estava se metendo, insistiu para que eu levasse meu instrumento e participasse da apresentação. Depois de vários pedidos, fiz isso uma noite, e preciso dizer que eu conhecia todas as músicas. Turk insistiu para que eu voltasse sempre que quisesse. Os caras da banda foram educados e encorajadores, colocando as mãos nos ouvidos com toda a descrição quando eu tocava. Quando voltei a Nova York, tendo tocado com a banda de Turk Murphy, eu não estava mais satisfeito em tocar sozinho e juntei alguns caras para tocar em nossas casas uma vez por semana. O resto é história... assim como o Holocausto.

Anos depois, numa visita a Nova York, eu convidei Turk para tocar com a minha banda quando nos apresentamos no Michael's Pub. Ele aceitou, e não pude deixar de pensar na ironia, que eu havia começado sendo convidado, nervoso, para tocar com a banda dele, e agora, anos depois, ele estava ali junto com a minha, surpreendentemente nervoso. Então, percebendo que essa pequena ironia vazia não significava nada, eu segui para outro assunto. Hoje em dia, quando me adianto para fazer o meu solo, só consigo pensar que, em algum lugar, dois grandes músicos de jazz, Gene Sedric e Turk Murphy, estão se revirando no túmulo.

Então eu tinha cerca de quinze anos, um pretenso múltiplo, um fracasso na escola, e, quando meus hormônios chegaram a um ponto de ebulição, comecei minha vida amorosa ou, como alguém poderia chamar, o Teatro do Absurdo. À deriva num mar de testosterona, buscando sexo, porém mais precisamente buscando aquela combinação da sensualidade de Rita Hayworth, dedicação de June Allyson e esperteza sarcástica de Eve Arden. Era um conjunto difícil de ser localizado em qualquer lugar do planeta Terra, quanto mais entre as meninas de quinze anos locais, cuja ideia de um encontro era um filme, um refrigerante e voltar para casa, tirando a chave a seis quarteirões da porta, para que estivessem prontas para abrir e correr para dentro antes que eu pudesse beijá-las. Houve alguns sucessos, apesar de que essas garotas simples e adoráveis, espertas, letradas, educadas, devidamente neuróticas e entediadas com um pamonha como eu, que não conseguia manter uma conversa sobre

nenhum assunto mais complexo do que os filmes ou como acertar um *slider* no beisebol. Uma garota pediu que eu a levasse para assistir a *O. Henry's Full House* [*Páginas da Vida*]. O único O. Henry que eu conhecia era a marca de chocolate. Outra citou *No caminho de Swann*, mas eu estava ocupado demais mostrando quão engraçado era quando Milton Berle caminhava com a lateral dos pés. Essas meninas liam e falavam francês, e uma havia estado na Europa e visto o Davi de Michelangelo.

“Sim”, eu diria, ansioso para entrar num assunto que eu dominasse, “mas quando Cuddles Sakall balança o papo...”. Havia algo nessas mulheres: o fato de que eram belas naturalmente, que pareciam estar sempre de preto, de maneira dramática e lisonjeira, com brincos prateados. Elas não eram consumistas. E a esperteza delas era sedutora. Eram liberais na política. Além do fato de que Lincoln havia libertado os escravos, meu conhecimento de política era pífio. Elas podiam cantarolar os *Concertos de Brandeburgo*, e havia o boato de que eram sexualmente avançadas, apesar de que eu nunca iria descobrir isso, já que as saídas, com frequência, terminavam cedo, com elas se lembrando de forma pouco convincente de um compromisso urgente nas Índias Orientais Holandesas ou de ter de alimentar uma ema de estimação. Eu levei uma delícia a pedido dela para o Greenwich Village. Pelo que me lembro, ela me arrastou para uma produção de *Macbeth*, encenada por marionetes da Tailândia. Felizmente, eu acordei antes de as cortinas se fecharem. Depois disso, num barzinho confortável à luz de velas, ela falava, entusiasmada, sobre Czeslaw Milosz e a perversão da dialética enquanto eu a despia mentalmente. Em seguida, fomos para algum clube de paredes de tijolo onde Josh White cantava sobre prisioneiros acorrentados uns nos outros e um lutador que arregaçava os oponentes enquanto, nos fundos do bar, havia um homem do FBI de olho em quem em pouco tempo seria arregaçado. Finalmente pegamos o caminho da casa da garota, onde ela correu esbaforida para entrar e evitar o meu beijo, batendo a porta no meu nariz.

Eu sempre tentava me conter, mas quem era esse tal de Lobo da Estepe? E eu concordava com Sidney Hook sobre o quê? Nunca mais a vi, e por eu ter me apaixonado por ela, percebi que precisava me atualizar; Stendhal e Dostoiévski iriam substituir o Gato Félix e a Luluzinha. Então eu li. De algumas coisas, eu gostei, de algumas, não. Eu não era um onívoro que engolia toda a literatura que via. Ler sempre competia com os esportes, filmes, jazz, truques de cartas e simplesmente não ler, porque as páginas impressas pareciam densas demais. Fiquei intimidado pelo ritmo cruel de *A montanha mágica*. Ainda assim, eu

temia que nunca me equiparasse socialmente se eu só soubesse coisas como quem estrangula todo mundo em *Silêncio nas trevas* ou a letra de “Ragmop.” Eu lia os romancistas, os poetas, os filósofos: lutei com Faulkner e Kafka e tive mais dificuldades com Eliot e, claro, Joyce, mas eu adorava Hemingway e Camus porque eram simples e me despertavam sentimentos, mas não consegui passar por Henry James, por mais que tenha tentado. Adorei Melville, a poesia de Emily Dickinson e dediquei tempo para aprender sobre a vida de Yeats para poder aproveitar seus poemas. Achei Fitzgerald mais ou menos, mas amei Thomas Mann e Turguêniev. Adorei *O vermelho e o negro*, especialmente quando o jovem herói fica se perguntando se deveria tomar a iniciativa e tentar alguma coisa com a mulher casada. Escrevi a versão cômica da Broadway dessa cena em *Sonhos de um sedutor* e a encenei com Diane Keaton. Li C. Wright Mills e *The Ginger Man* e aprendi sobre a perversidade polimórfica com Norman O. Brown.

Lia indiscriminadamente, e permaneceram grandes lacunas no meu conhecimento, mas eu escutava música clássica além do jazz, visitava museus cada vez mais e me educava o melhor que podia, não em troca de um diploma ou alguma aspiração nobre, mas para que eu não parecesse um banana para as mulheres de quem eu gostava, apesar de que, em quase tudo, eu permanecia um pamonha. Até hoje, os poetas da Tin Pan Alley^[2] são meus poetas, e nada em *A Terra Inútil*, Pound ou Auden me toca tanto quanto Cole Porter com “você não é digno da ração de aspargos fora da temporada.”

Sei que Edith Wharton, Henry James e Fitzgerald todos escreveram sobre Nova York, mas a cidade que eu reconhecia melhor era descrita por aquele sentimental libretista irlandês, jornalista esportivo, Jimmy Cannon. Você ficaria chocado em saber o que eu não conheço e não li nem vi. Afinal, sou um diretor, um roteirista. Nunca vi uma apresentação ao vivo de *Hamlet*. Nunca vi *Nossa cidade*, em versão nenhuma. Nunca li *Ulisses*, *Dom Quixote*, *Lolita*, *Ardil-22*, 1984, nada de Virginia Woolf, nada de E. M. Forster, nada de D. H. Lawrence. Nada das Brontës ou de Dickens. Por outro lado, sou dos poucos caras entre meus pares que leu o romance de Joseph Goebbels. Sim, Goebbels, o puxa-saco filho da puta que propagandeava o Führer se arriscou num romance chamado *Michael*, e não pense que o personagem principal tinha toda a ansiedade do amante que queria que a garota gostasse dele.

Quanto aos filmes, nunca vi *Carlitos nas trincheiras* ou *O Circo*, do Chaplin, ou *O navegador*, de Buster Keaton. Nunca vi versão alguma de *Nasce uma estrela*. Mesmo com todos meus sábados no Midwood Theater, nunca assisti a

Como era verde o meu vale, O morro dos ventos uivantes, A dama das camélias, A estranha passageira, Ben-Hur e muitos outros. *Dentro da noite, O solar das almas perdidas, A noiva de Frankenstein*, nunca vi nada disso. Não estou desdenhando desses filmes; é só uma questão da minha ignorância e o motivo pelo qual óculos não tornam uma pessoa especialmente letrada, quanto menos um intelectual. E essa é apenas uma pequena amostra dos buracos na minha erudição. Até hoje eu nunca vi *O galante Mr. Deeds* ou *A mulher faz o homem*.

Como com os livros, há também uma certa quantidade de filmes a que assisti, particularmente na adolescência, e eu vi minha cota de filmes estrangeiros. Ainda assim, acho que você ficaria surpreso com meu gosto. Por exemplo: prefiro Chaplin a Keaton. Isso não fica bem com a maioria dos críticos e estudantes de cinema, mas eu o acho mais engraçado, apesar de que Keaton era um diretor melhor. Chaplin também é mais engraçado do que Harold Lloyd, que executava grandes piadas visuais de forma brilhante, mas nunca consegui me entender com ele. Nunca fui um grande fã de Katharine Hepburn. Apesar de ela estar magnífica em *Longa jornada noite adentro* e *De repente, no último verão* — o seu melhor —, com frequência eu a acho muito artificial. Sua emoção padrão era choramingar, enquanto Irene Dunne, eu amava. E Jean Arthur. Spencer Tracy sempre parecia tão real, exceto em *A mulher absoluta*.

Nunca fui um grande fã de Lenny Bruce, e minha geração enlouqueceu com ele. Nem por um segundo eu achei que era um melhor comediante, nem de longe. Tenho uma opinião bem crítica sobre o meu próprio trabalho de stand-up, mas ainda não estou falando dessa fase da minha vida. Só estou apontando alguns ícones que surpreendentemente não significaram tanto para mim quanto para o público em geral. Como *Quanto mais quente melhor* ou *Levada da breca* — não achei nenhum desses engraçado. Nem gostei de *A felicidade não se compra*. Francamente, eu adoraria estrangular o anjo da guarda fofinho. Adorava Hitchcock, mas não consigo entender a graça de *Um corpo que cai*. Sou louco por Lubitsch, mas nunca considerei *Ser ou não ser* engraçado. Porém, *Ladrão de alcova* eu achei um arraso, um ovo Fabergé.

Adoro musicais: *Cantando na chuva, Gigi, Agora seremos felizes, A roda da fortuna, My Fair Lady*. Nunca gostei de *Sinfonia de Paris*. Nunca ri de Eddie Bracken, Laurel e Hardy ou, deus me livre, Red Skelton. Claro, os irmãos Marx e W. C. Fields são os maiores. Também gostava de Rex Harrison em *Odeio-te meu amor* e a versão de Leslie Howards de *Pigmaleão* com Wendy Hiller. Acho que *Pigmalião* é a melhor comédia já escrita e prefiro muito mais a ela a qualquer comédia shakespeareana ou de Wilde ou Aristófanes, apesar de que,

às vezes, Aristófanes me lembra Kaufman e Hart, de quem eu gosto. Sou viciado em *Nascida ontem*, especialmente a versão com Judy Holliday e Broderick Crawford. Por outro lado, nunca achei *O grande ditador* ou *Monsieur Verdoux* nem vagamente divertidos. Certamente não acho nenhum exemplo de genialidade cômica a cena em que Chaplin chuta aquele balão do globo para cima e para baixo. Mas quem se importa com o que acho? É questão de gosto. Você pode achar essas modelos magrelas de lingerie sexy e eu não. Isso é só o que eu acho e não há nada que eu possa fazer quanto a isso. É questão de gosto.

Enquanto isso, a escola se arrastava. Eu lentamente percebia que, num futuro não muito distante, eu teria de tomar algumas decisões sobre a vida. Faculdade? Onde? Precisava ir, ou minha mãe iria arrancar os olhos à maneira de Édipo. Para fazer o quê? Tornar-me jogador de segunda base? Um trapaceiro das cartas? Era bem óbvio que eu não tinha talento musical. Possuiria eu audácia suficiente para subir no palco e ser um comediante para valer? E eu não ficava mais feliz sozinho num quarto? Eu não era um artista, só um cara inteligente e nervoso com notas ruins. Enquanto isso, por todo lado, bons meninos e meninas com boas notas, que não trapaceavam nas cartas ou nos dados e tinham os pés na realidade, estavam prontos para desafiar a vida e competir. Esses moleques liam livros porque os amavam e adoravam aprender, e não estavam considerando profissões loucas, mas pretendiam ser médicos, advogados, professores, empresários; aqui uma enfermeira, aqui um psicólogo, um arquiteto. E lá estava eu, entediado, emburrado, cheio de fantasias escapistas piradas, metido nos livros só para ficar no nível das intelectuais bonitinhas, dentuças, com cabelo repicado.

Sim, eu estava aprendendo pouco a pouco, mas de uma forma indisciplinada que não me preparava para nada de substancial. Me chame de idiota e desconectado da realidade. Achei que talvez eu pudesse ser um caubói! Eu realmente pensei em ir para o Oeste e cuidar de gado. Dormir sob as estrelas. Ok, eu dormiria no chão com as tarântulas. Nesse meio-tempo, comprei um laço e, usando um balde em nosso porão como alvo, pratiquei como jogar a corda num touro. Nunca dominei isso. Provavelmente teria saído correndo se tivesse dado de cara com um touro em qualquer forma que não fosse num prato. Jesus, tenho medo até de cachorro. E estou falando de todo tipo de cachorro, incluindo yorkshires. Você vai me odiar, mas não gosto de animais de estimação. Naturalmente, não gosto de ser mordido, e odeio que soltem pelos em mim, me lambam ou latam. Na escala evolutiva, sempre vi todos os animais

como humanos fracassados. Também não gosto do canto do canário ou quando peixes num aquário olham para mim. Recentemente, nossa filha veio para casa da faculdade com um ratinho de estimação. Então ela deixou o rato com a gente por um fim de semana, enquanto ia para os Hamptons com amigos. O rato ficou doente. Era uma emergência e Soon-Yi e eu fomos forçados a levar o rato para o pronto-socorro veterinário à meia-noite. As pessoas entravam e saíam com cachorros e gatos feridos e eu fiquei lá sentado com um rato asmático. Soon-Yi me fez aguentar, mas você ainda não viveu se não tentou ficar numa sala de emergência segurando um roedor às duas da manhã, ao lado de um homem com um papagaio que espirra. Enfim, eu não era um caubói, então talvez eu entrasse para o FBI. Claro, você precisa ser um advogado ou um contador para ser aceito. Mas eu levei bem a sério essa história de me tornar um agente antes de cair na real. Comprei o equipamento necessário, aprendi a tirar impressões digitais e a ler as marcas.

Disso foi um salto bem curto e psicótico para a investigação particular. Eu vi *Até a vista, querida* e *O falcão maltês*. Li Mickey Spillane. Detetives particulares tinham uma vida bem empolgante. Solucionavam crimes. Conheciam moças gostosas. Ganhavam cinquenta dólares por hora, fora despesas. Liguei para alguns sabujos das páginas amarelas para ver se algum me deixava seguir com ele como estagiário. Nada. Mas qualquer coisa para evitar uma vida de tédio. Para não ter de bater ponto ou me sentar o dia todo numa mesa fazendo contabilidade ou dizendo aos pacientes para abrir bem a boca ou aos clientes: “Esse sapato dura que é uma beleza”.

O tempo estava passando: meus talentos não eram nada promissores. Talvez tivesse algum futuro nos jogos de azar. Comprei uns dados viciados e pratiquei com dados bons para que eu pudesse jogar os dois contra uma parede e equilibrar o de número menor com o de número maior para controlar ao menos aquele que completasse o número necessário para que eu marcasse meu ponto. Participei de alguns jogos e ganhei umas pratas de uns otários, mas as mulheres com quem sonhei suspiravam por artistas, poetas. Eram gatas cultas que valorizavam mais Rilke do que Sugar Ray Robinson. Eu me arrisquei na escrita e, de forma bem interessante, meus primeiros esforços não apenas não eram cômicos, como eram fúnebres e mórbidos. Apesar de que, na sala de aula, sempre que tínhamos de escrever algo, eu escrevia comédia, e não só fazia os outros moleques rirem quando eu era inevitavelmente escolhido para ler em voz alta, mas às vezes passava de professor a professor. Deixe-me divagar por um momento:

Anos antes, como você sabe, minha família se iniciou no Brooklyn. Nós nos mudamos da Avenida J para a Avenida L. Foi uma grande mudança. Duas letras. Então, em 1944, fomos passar o verão em Long Beach, onde alugamos um bangalô. Era barato, já que Long Beach era um local totalmente primitivo, e não uma área repleta de construções. Foi nas ruas de verão de lá que meu tio Abe me ensinou a pegar uma bola, e, conforme os anos passaram, eu fiquei bom nisso. O verão era uma delícia. Eu nadava no mar ou a poucos quarteirões de distância, onde a baía era mais calma. Pescava com meu pai, com amigos. Estou te dizendo, eu tive uma bela infância. Eu não deveria ter acabado da forma que fiquei. Então o verão terminou, a guerra continuou e meu pai ganhava tão pouco que ele e minha mãe decidiram ficar no bangalô durante o inverno. O lugar não tinha aquecimento, mas meu pai comprou aquecedores elétricos, certificando-se de escolher o tipo errado, que bota fogo na casa e mata a família queimada enquanto dorme.

Passei a frequentar o colégio público em Long Beach. Não foi tão ruim porque as matérias eram muito mais fáceis. Depois da aula, meus amigos e eu podíamos andar os dois quarteirões até o mar e ter a praia toda para nós. Alguns dias, íamos à baía e montávamos armadilhas para caranguejos e peixes. O cinema local só abria de noite ou nos dias de chuva. Na primavera, meus amigos e eu andávamos descalços. Até na escola. Imagine só, eu, que me via na Quinta Avenida acrescentando o toque certo de vermute no gim e puxando uma daquelas longas cordas de seda que chamavam Alan Mowbray, estava então vivendo como Huck Finn ou o garoto bronzeado de pés descalços, em vez de seguir como Noël Coward.

Moramos em Long Beach por algumas estações e aqui chega o ponto para onde divaguei. Na escola, eu tinha dez anos e escrevi uma redação que fazia referência a Freud, o id e a libido, sem saber do que eu estava falando, mas tendo algum estranho instinto de saber como tirar proveito das citações, nesse caso, apenas palavras para uso cômico que funcionassem e fizessem o leitor ou a plateia pensar que eu sabia muito mais do que eu sabia de fato. Os professores ficaram muito impressionados com o que escrevi. Eles passaram a minha redação uns para os outros, cochichando e apontando para mim. Essa estranha habilidade permaneceu comigo a minha vida toda, e saber como usar referências se tornou uma ferramenta útil. Fim da digressão, e se não te perdi completamente, vou voltar ao tema principal do livro: a busca do homem por deus num universo violento e sem sentido.

Assim, eu estava me aproximando do último semestre da Midwood High, com notas ruins, e não ajudava em nada a minha noção romântica de que uma vida de crime podia ser a mais divertida de todas as minhas opções. Então, numa fatídica tarde, após uma sequência particularmente boa de piadas dirigidas à tela do cinema durante a exibição de um filme, alguém disse: “Você devia anotar suas piadas. São engraçadas”. Uma colocação casual, mas através do ruído das ruas de Flatbush, eu escutei. Eu tinha a máquina de escrever roubada que o Papai havia arrumado, então fui para casa e me sentei com ela. Criei algumas piadas e as martelei na Underwood. Na hora, com minha sorte de sempre, minha mãe, uma mulher séria com um coração de nitrogênio líquido, parou com seu ritual diário de bater na minha cara e sugeriu, de maneira surpreendente: “Por que não mostra essas suas gracinhas para o Phil Wasserman (não o outro Phil Wasserman — o original, o assessor de imprensa) e pede a opinião dele? Ele sempre anda por aí com aqueles palhaços da Broadway”.

Eu segui o conselho dela. Phil ficou impressionado e disse: “Você deveria enviar essas piadas para alguns colunistas de jornal — Walter Winchell, Earl Wilson, Hy Gardner do *Herald Tribune*. São piadas boas”. Aqui tenho de avisar ao leitor que as tiradinhas não eram do nível de Voltaire ou La Rochefoucauld. Eram piadas sobre sogras, vagas de estacionamento, impostos, talvez uma piada ou outra fosse mais regional. Exemplo (e não atire em mim, eu tinha dezesseis anos): “Havia o filho do apostador que foi para a escola em Vegas. Ele não pegava as notas da prova, ele as apostava na próxima prova”. Assim, enviei algumas dessas pérolas de Akoya para vários colunistas da Broadway e não tive nenhum retorno. A vida seguiu e sob pressão, com meus pais enfiando lascas de bambu sob minhas unhas, e eu cogitei a ideia de fazer farmácia. Minha saída com Janet S., uma arrasa-quarteirão da minha classe com o rosto de uma Madonna de Raphael e o cabelo e o guarda-roupa de Jules Feiffer, terminou num desastre quando a levei para um show de jazz e, por acaso, ela odiava jazz. Isso sem mencionar que ela tinha uma queda por Sheldon Lipman, que queria ser antropólogo, o que ela achava “fascinante de perder o fôlego”. Por mais que eu tentasse convencê-la do glamour de compartilhar a vida com um jóquei de farmácia, ela não conseguia ver um futuro comigo, e novamente tive o coração partido. Eu voltava da escola e praticava meu clarinete sentado com Johnny Dodds na minha vitrola de doze dólares.

Eu ia jogar beisebol e sonhava com Ellen H., que também era tão linda que eu tinha a impressão de que ela falava urdu toda vez que me dirigia a palavra,

mas ela namorava firme com Myron Sefransky, um futuro jornalista e um completo bom moço. Ela não parava de falar sobre ele tê-la levado ao Village para ver Theodore, que era um extravagante contador de histórias de Bierce e Lovecraft, e o novo ídolo do grupinho de roupas pretas e brincos prateados. Irmão Theodore, como ele se anunciava, tinha um jeito dramático e hipnotizava as plateias. Anos depois, eu o coloquei no elenco da minha primeira malfadada peça, *Don't Drink the Water*, mas David Merrick teve de demiti-lo porque ele não tinha habilidade e não conseguia manter constância na atuação. Eu jogava xadrez com Theodore durante os ensaios e ele também me mantinha hipnotizado com suas histórias de terror. Não eram histórias de H. P. Lovecraft ou Ambrose Bierce, como em seus shows solo, mas sobre os nazistas na Europa irrompendo em sua casa e simplesmente jogando seus parentes pela janela, para morrerem.

Eu ficava em casa sonhando acordado com Ellen e seu rosto perfeitamente redondo, sem batom, e sua bolsa de couro que continha uma cópia de *O anão*, de Pär Lagerkvist, e amaldiçoando um deus inexistente pelo fato de que, quando eu a chamei para sair, ela fugiu como se eu fosse o Quasímodo. Naquela mesma noite, destruído pela rejeição e antes de apagar, recebi uma ligação de um amigo que disse: “Ei, você está na coluna do Nick Kenny”.

Nick Kenny era um doce colunista do *Daily Mirror*, um farrapo de jornal que teria falido se não tivesse a coluna de Walter Winchell. Diferentemente de Walter Winchell (todos viram *A embriaguez do sucesso*), Kenny era um coração mole que escrevia poeminhas em sua coluna; um terminava com “*dog* de trás para frente é *God*”, só para você ter uma ideia. Kenny publicava diariamente algumas piadas, e, saltando da cama correndo para a Avenida J para pegar o *Daily Mirror*, vi meu nome impresso pela primeira vez. “Allan Konigsberg”, estava lá escrito — seguido por alguma piada idiota da qual por sorte não consigo me lembrar. Meu coração bateu como “Drum Boogie”, de Krupa. Daria para achar que eu tinha ganhado o Nobel de Literatura. Eu já estava fantasiando uma fuga para Hollywood para escrever para meu comediante favorito, Bob Hope. O sinal para a cobertura da Quinta Avenida viria depois, após alguns anos na estrada com Bob entretendo as tropas. E uma casa em Beverly Hills, naturalmente. Uma quadra de tênis. Um Porsche. E que tal a Mulholand Drive — a vista lá é mesmo uma coisa, não é? Especialmente se você olhar os assentos de trás dos carros estacionados — não, mas quero dizer... Finalmente, eu podia mostrar aos meus pais, que estavam convencidos de que eu estava destinado a terminar comendo do lixo ou na lista dos “Dez mais

procurados”, que minha vida podia não se limitar a entregar pílulas e supositórios. Na manhã seguinte, tomei banho e fui para a escola, onde, se eu continuasse a fracassar, qual seria o problema? Meu futuro já estava mapeado.

Enquanto eu estava sentado na sala de aula, ouvindo com um sorrisinho presunçoso a professora tagarelar sobre ângulos alternados do mesmo lado da transversal, me ocorreu que alguns dos meus colegas poderiam ver meu nome no jornal. Que vergonha. Mas por que vergonha? Por que não orgulho? Essa é uma das excentricidades da personalidade humana que nunca vou compreender. Só sei que eu era um moleque tímido, e ser uma figura pública me envergonhava.

Dá para ouvir a voz do psiquiatra dizendo: “Você queria tanto ser famoso, que esse desejo te envergonhava”. Uma ideia possível, mas mesmo se fosse verdade, saber disso não facilita as coisas.

Enquanto isso, havia ainda algumas piadas que traziam meu nome circulando entre colunistas e eu sentia que tinha de mudá-lo rapidamente. Mudar meu nome se encaixava perfeitamente com meus sonhos de entrar no show business. Naquela época, todos os artistas e alguns escritores, diretores e até produtores mudavam de nome, e esse gesto me tornaria ainda mais um deles. No passar dos anos, muitas pessoas especularam o motivo pelo qual eu havia mudado para Woody Allen. Alguns diziam que era por causa do clarinetista Woody Herman. Eu gostava de Woody Herman, mas a ligação não me ocorreu nem por um segundo. Se você acredita em quão idiota algumas pessoas são, uma especulação foi que eu jogava muito taco nas ruas do Brooklyn e a inspiração veio do material de que os tacos eram feitos: madeira.^[3] A verdade é que foi algo arbitrário. Eu queria manter um traço de meu nome original, então mantive Allen como último nome. Eu ensaiei J. C. Allen, mas senti que eu seria chamado de Jay. Ensaiei Mel, mas Mel Allen era o famoso apresentador de rádio das partidas dos Yankees. Finalmente, meu TDAH se estabeleceu e eu tirei o Woody do nada. Era curto, combinava com Allen e tinha um toque leve, vagamente cômico, ao contrário de, digamos, Zoltan ou Ludvicio. O nome funcionou bem para mim, apesar de que, de tempos em tempos, já que tocamos o mesmo instrumento, as pessoas me chamam de sr. Herman; e uma vendedora na Bloomingdale’s, que me reconheceu do *The Tonight Show* e me atendeu com nervosismo, perguntou: “Mais alguma coisa, sr. Woodpecker^[4]?”.

Só raramente eu me arrependo de ter mudado meu nome e acho que meu nome de batismo é bom. Königsberg tem um tom germânico pesado. Kant era

de Königsberg. Há um monumento em minha homenagem em Königsberg hoje em dia (a não ser que tenha sido derrubado com uma corda por cidadãos irados, como o de Saddam Hussein), embora não haja motivos para me homenagear na cidade. Não sou de lá, nunca estive lá, e certamente não fiz nada para melhorar a vida do povo de lá, mas meu nome é o mesmo e talvez eles estejam carentes de heróis. Foi aberto um concurso para escolher a estátua, para o qual foram enviadas muitas inscrições. Eu fui responsável por eleger a vencedora. Fiquei surpreso com o quão bem-feitas eram, e finalmente escolhi a mais simples e modesta, que consistia em um par de óculos sustentado por uma haste. O monumento é certamente melhor que a minha descrição. Também tem uma estátua minha na adorável cidade espanhola de Oviedo, e essa é bem fiel. Eles nunca pediram minha opinião nem me informam que a tinham encomendado. Apenas ergueram uma estátua minha na cidade, uma verdadeira estátua de bronze do tipo em que os pombos gostam de se empoleirar. Novamente, a não ser que o povo em fúria a tenha arrancado, está lá para ser vista. Desde que foi instalada, os vândalos roubaram meus óculos na estátua. Eram de bronze e faziam parte da escultura, que era de tamanho real, então foi preciso um maçarico para arrancá-los. Não importa quantas vezes eles tenham feito, alguém sempre rouba meus óculos. Queria dizer que fiz um nobre e corajoso ato em Oviedo para merecer essa honraria, mas tirando eu ter visitado a cidade e filmado algumas cenas por lá, andado pelas ruas e aproveitado o clima excelente (como Londres, no auge do verão, é frio, cinzento, e sempre vira), eu não fiz nada para merecer nenhum tipo de escultura a pouco de ser uma efígie. Oviedo é um pequeno paraíso conspurcado apenas pela presença pouco natural da imagem de bronze de um lorpa.

Então, com Nick Kenny começa a era Woody Allen, uma era que deve permanecer na infâmia. Consegui chegar à coluna de Nick Kenny várias outras vezes, mas o grande feito foi um dia na escola quando minha primeira piada apareceu na coluna de Earl Wilson. Enquanto a coluna de Nick Kenny era sentimental e careta, a de Earl Wilson era a voz da Broadway. Suas histórias e fofocas eram sobre gente famosa, peças de teatro, astros do cinema, vedetes, casas noturnas, restaurantes de clubes. Midnight Earl era um sucesso, e, quando uma tirada de Woody Allen apareceu em sua coluna, era como se eu fosse parte da cena noturna efervescente da Broadway. Na verdade, eu estava no meu quarto na Avenida K, no Brooklyn, mas sonhava estar jogando charme no Toots Shor's com uma garota do Copa em cada braço. Logo eu estava enviando piadas para todos os colunistas e era publicado em todo canto: na coluna do Bob Sylvester, no *News*, na de Frank Farrell, no *New York World-Telegram*, na de Leonard Lyons, no *Post*, e na de Hy Gardner, no *Herald Tribune*. E ainda nas de Earl Wilson e Nick Kenny. Eu me regozijava com minhas conquistas particulares, deixando de lado os deveres escolares, enquanto minhas notas despencavam. Os outros moleques estavam visitando faculdades. Aos meus olhos, eu já havia chegado lá, e, apesar de não haver pagamento por essas publicações, eu me via comprando uma cobertura ou talvez jantando com os Hopes em Toluca Lake.

Nessa época, havia uma agência de publicidade na Avenida Madison, a David O. Alber Associates, cujo trabalho era conseguir para sua gama de clientes famosos o máximo de publicidade possível, divulgando histórias sobre eles e garantindo entrevistas na TV e na imprensa, capas de revistas e qualquer troço em que eles pudessem pensar para manter o nome em voga. Uma forma de publicidade era ter seu nome constantemente nas colunas dos jornais, e, para ser citado, você precisava dizer algo inteligente. A coluna de alguém podia dizer: "Foi ouvido no Copa...", então alguma colocação engraçadinha sobre o trânsito ou sobre sogras, o presidente ou o que quer que fosse atribuído ao cliente. Claro, o cliente nunca fazia a piada e provavelmente não poderia fazer nem se sua vida dependesse disso. Ele provavelmente nem estava no Copa, apesar de que tanto o cliente como a boate estivessem pagando pela nota. Era o agente que enviava a tirada para os colunistas que sustentavam o mito da vida noturna extravagante da Broadway para celebridades fazendo piadinhas, como Groucho Marx ou Oscar Levant. Foi então que Gene Shefrin, a força por trás da firma de publicidade de David O. Alber, não pode deixar de notar que este desconhecido ser, Woody Allen, estava aparecendo nas colunas sobre a

Broadway de todos os jornais por semanas seguidas. Shefrin então ligou para Earl Wilson e perguntou: “Quem é esse sujeito?”.

Earl Wilson disse que era um moleque do Brooklyn que voltava da escola, sentava-se à máquina e mandava umas piadas de tempos em tempos. Logo eu recebi uma mensagem do escritório de Earl Wilson, para ligar para o escritório do Alber. Liguei e fui convidado para uma entrevista de emprego. Estaria eu interessado em ir até lá todos os dias depois da escola, me sentar diante de uma das máquinas de escrever não roubadas deles e fazer umas piadas para gente como Guy Lombardo, Arthur Murray, Jane Morgan, Sammy Kaye e outros não famosos, para deixá-los mais espertinhos, alegando que eram eles mesmos os autores daquelas gracinhas? Por isso, eles me pagariam quarenta dólares por semana. Naquela época, eu entregava carne para um açougue e fazia lavagem a seco numa alfaiataria por trinta e cinco centavos a hora, além das gorjetas.

O trabalho era em meio período, e se eu trabalhasse duro e tivesse sorte, podia ganhar três ou quatro dólares no fim da semana. Minha polpuda mesada tinha ido para o saco, já que a liquidez de Papai era bem mirrada devido a alguma especulação fracassada em relação ao resultado de certos jogos de basquete. Minha mãe trabalhava oito horas por dia, cinco dias por semana, por 160 dólares por mês, e tudo o que eu tinha de fazer era pegar o metrô do Brooklyn depois da escola, sendo que a escola ia das oito à uma, soltar umas gracinhas e voltar para casa. Para isso, eu receberia quarenta dólares por semana, o mesmo que a minha mãe. Decidi não dar uma de modesto, fingindo que precisava de tempo para pensar. Disse sim antes de Alber terminar a frase. Então fui trabalhar cinco dias por semana e soltava umas cinquenta piadas por dia. Parece um feito, mas, se você sabe fazer, não é grande coisa. A viagem de metrô levava uns 35 minutos, durante os quais eu escrevia umas vinte piadas. O resto fazia na firma. Havia muita provocação dos outros funcionários porque eu era muito novinho e não ajudou quando, depois de algumas semanas de trabalho, eu tive caxumba e me deram uma licença. Mas trabalhei lá por alguns anos, os clientes apareciam em colunas por todo canto, soltando o que todos nós tomávamos como sendo tiradas engraçadas, mas, vendo agora, em retrospecto, era tudo um horror. Eu me formei na escola com uma média de 72 e continuei a trabalhar, ganhando um aumento vez ou outra. Eu não queria ir para a faculdade, confiante de uma carreira no show business, mas para evitar que minha mãe tacasse fogo em si mesma como uma monja budista, eu tentei a Universidade de Nova York.

Sabe-se lá por que, eles me aceitaram, apesar das minhas notas terrivelmente medianas. Buscando me esforçar o mínimo possível na faculdade, eu peguei um programa limitado, de três matérias. A principal era cinema por nenhum outro motivo além de que eu gostava de ver filmes, o tema parecia legal e fácil. Eu tive de fazer aulas de espanhol e peguei inglês também. Como de costume, minha primeira redação de inglês criou problemas e o professor zerou o trabalho, escrevendo na margem: “Filho, você precisa de uma aula sobre boas maneiras. Você é um adolescente imaturo, não um diamante que precisa ser lapidado”. Naquela época meu estilo era bem cômico, muito influenciado por Max Shulman e, claramente, eu não era um escritor como ele. Também fui reprovado na minha matéria principal: cinema. Em parte por causa do meu velho hábito de cabular aulas. Eu pegava o trem da Avenida J para a Rua Oito, onde ficava a Universidade de Nova York, as portas do vagão se abriam e eu me perguntava: devo ir pra aula ou cabular? Eu prolongava meu debate mental até as portas se fecharem e eu saía me sentindo animado. Como nos dias de outrora, eu emergia na Times Square e matava a manhã pela Broadway, no Paramount, no Roxy, no Lindy’s, na Circle Magic Shop, no Automat, com sua comida deliciosa. À uma da tarde, eu aparecia na Avenida Madison para meu trabalho de escrever piadas. Quando eu ia de fato à aula, colocava em dia as minhas lições de bateria no intuito de manter viva a minha obsessão pelo jazz. Eu me sentava na sala e praticava num pedal imaginário — esquerda-direita, direita-esquerda-direita-esquerda, esquerda, direita, tentando manter um ritmo constante de percussão. Eu nunca prestava atenção à conjugação de verbos ou ao *Piers Plowman*. Foi dessa forma que eu consegui bombar em todos os meus cursos. Eles decidiram me expulsar. Pedi uma última chance para salvar minha mãe da automutilação. Eles disseram que, se eu fosse para o curso de verão e me saísse bem, eles poderiam reconsiderar. Me roendo por dentro, eu concordei.

No trabalho, David Alber tinha alguma ligação ou conhecia Jimmy Saphier, o empresário de Bob Hope. Como um gesto bacana, ele me fez escrever um material de amostra para Hope e enviou. Voltou um bilhete dizendo: “Seu garoto escreve uns troços muito bons. (Nada dessa merda adolescente imatura.) Talvez possa usá-lo para o Hope no outono”.

É difícil exagerar o que Bob Hope significava para mim. Eu o adorava desde o começo da infância e até hoje nunca me cansei de assistir a seus filmes. Não todos eles, não os últimos e nem tanto os primeiríssimos, mas *Monsieur Beaucaire*, *A grande noite de Casanova*, *O gostosão*, por exemplo. Sim, os filmes

são tolos e o humor não é exatamente Bernard Shaw, mas o próprio Hope é ele mesmo uma persona cômica tão boa, e seu tempo cômico é de outro mundo. Com frequência, quando agarro estranhos pelas lapelas aos modos do Velho Marinheiro e falo eufórico sobre Hope, as pessoas dizem: “Você fala daquele pamonha republicano que lê cartões e faz piadas de Miss Universo para soldados?”. Ainda que eu entenda a visão deles, não é desse Hope que eu falo.

Falo do comediante de *Dois malandros e uma garota* ou *Um conde em sinuca*. Novamente, sei que os filmes são bobos. Hope pode ser carregado por um gorila. Mas não é isso que eu foco. É sua atuação, seu personagem, seu comprometimento, seu tempo, as grandes sacadas. Como Jerry Lewis, ele é um enorme talento, mas com filmes tolos, apesar de que os de Hope eram muito melhores do que os de Jerry Lewis. Enfim, eu fui aos céus quando soube que a equipe de Hope tinha gostado das minhas piadas o suficiente para considerar me contratar. Afinal eu era um calouro na faculdade e, quando entrei no curso de versão, eu me afundei em Keats e Shelley e não concordava que a verdade era a beleza, que a beleza era a verdade. Nem gostava de ouvir meu professor discutir a obra de Pudovkin ou a estrutura de Greed enquanto eu queria rodar *De tanga e sarongue*.

Mais uma vez eu cogitei brevemente me tornar um comediante, e um dos meus colegas do escritório da Avenida Madison, Mike Merrick, que havia sido comediante e cujos óculos de aros pretos eu adorava, me emprestou um desses livros velhos, com as páginas soltas, de números de stand-up. Fui novamente ao clube social local e acabei com todo mundo, e conseguir arrancar risadas de uma plateia é um grande barato. Só que Mike Merrick explicou para mim: “É uma vida dura. Você tem que querer isso mais do que qualquer outra coisa”. E eu não queria. Eu era mais atraído para a escrita. Gostava do anonimato, e muitas das meninas com quem eu saía ficavam loucas com Updike e Mailer, e não com Buddy Hackett ou Fat Jack E. Leonard. Meu objetivo mudou sutilmente. Eu escreveria piadas por um tempinho, talvez para Hope, talvez para Berle ou Jack Benny, se eu fosse capaz de fazer com que me notassem. Mas talvez eu devesse escrever coisas mais profundas do que meras piadinhas. Foi em algum ponto dessa época que meus pais sugeriram que eu conversasse com um parente bem distante, Abe Burrows. Ele era um famoso escritor e diretor de humor, e era coautor do livro *Garotos e garotas*, entre outras coisas. Talvez uma tia que tivesse entrado na família porque se casou com alguém fosse parente distante dele. Eu nunca consegui entender a ligação. Perguntei à minha tia, que disse que ela não poderia me ajudar, exceto dando a informação

de que ele morava no Beresford, o estiloso prédio do West Side. “Como posso contatá-lo?”, perguntei timidamente. Minha mãe, mais agressiva do que o General Patton, retrucou: “Você não precisa contatá-lo. Você sabe onde ele mora. Apenas vá à casa dele”.

Contrariando meu melhor julgamento, eu me vesti para um casamento real e segui para o Beresford. Disse ao porteiro que eu estava lá para ver Abe Burrows. “Diga que é o filho da Nettie”.

Enquanto o esperava chamar Abe, o próprio surgiu no saguão num terno escuro e em um chapéu Homburg. O porteiro apontou para mim e disse que eu estava lá para vê-lo. Informei a Abe de quem eu era parente, com uma ligação tênue, talvez de uns dez graus de separação.

Burrows, que estava saindo para um compromisso, deu a ré, me conduziu pelo ombro até o andar de cima, jogou seu chapéu longe e conversou comigo por uma hora, me estimulando e mostrando grande interesse em ver minhas piadas. O cara foi tão legal, tão decente, tão maravilhoso! Eu voltei ao seu apartamento várias vezes. Ele gostava das minhas piadas, mas não deixava de criticar aquelas nas quais considerava que eu errara. Escreveu uma carta sobre mim para Nat Hiken, o elegante redator de comédia do *Phil Silvers Show*. Não deu em nada, mas ele tentou. Durante uma de nossas conversas, contei a ele sobre minha ambição de ser redator de TV. E ele retrucou:

“Você não vai querer ser um redator de TV a vida toda.”

“Filmes?”, sugeri, ao que ele respondeu:

“Não, teatro.”

“Mas todos os dramaturgos não queriam fazer filmes?”

“Não, todos os redatores querem escrever peças.”

E assim eu voltei o meu foco para o teatro, apesar de só ter visto parte de uma peça na vida toda. Eu digo “parte”, mas não é que eu tenha ido embora depois do primeiro ato. Eu vi metade da peça toda. Foi anos antes, quando eu cobiçava uma bela loira da escola, chamada Roxanne. Percebi que uma criatura tão angelical que podia encantar um Cary Grant ou Tyrone Power nunca daria chance para um cara mais perto, na essência, de um Edward Everett Horton. Eu sonhava, triste, até que um dia uma lâmpada se acendeu. Ouvi que Roxanne estava louca para ver *The Fourposter*, uma peça de dois personagens com Hume Cronyn e Jessica Tandy, dois atores maravilhosos. Cara de pau que eu era, tive a coragem de ligar para ela e dizer que, se ela estivesse livre na noite de sábado, eu por acaso tinha dois ingressos para *The Fourposter*. Será que ela estava interessada em assistir?

Dava para sentir o silêncio do outro lado da linha enquanto ela era forçada a escolher entre querer desesperadamente ver a peça e ter de fazer isso com um gambá. No fim, ela optou por aceitar. Só que, sem nenhuma experiência na Broadway, eu não sabia que havia peças que esgotavam e que não dava para arrumar ingressos. Fiquei sabendo disso pelo bilheteiro, que me informou que poderia me arrumar lugares para vários meses depois. Tomado pelo pânico, liguei para um dos meus amigos, que me aconselhou a tentar um cambista. Fiz isso e descobri que conseguia um par de ingressos por vinte dólares. Eu não tinha vinte dólares e não sabia como arrumar isso sem assaltar um posto de gasolina. Acabei pedindo para o meu pai. Era uma enorme soma de dinheiro, especialmente para dois ingressos, e eu não podia contar a ele a vergonhosa verdade do motivo pelo qual eu precisava de vinte pilas tão rápido, sem explicações. Mas, como sempre, ele me cobriu e conseguiu os vinte paus. Na noite de sábado, fui pegar a menina. Graciosamente, ela fingia interesse no meu jorro de anedotas autoengrandecedoras nas quais eu me saía como Rhett Butler. Nós fomos à peça. Fomos conduzidos para o camarote, que dava sobre o palco do segundo andar, na extrema direita. O tipo de lugar em que Lincoln foi assassinado, só não tão bem localizado, já que metade do palco não era visível para nós.

Minha primeira peça na Broadway e eu vejo só os atores do lado direito do palco. Quando o cambista disse que era um camarote, pensei no do Yankee Stadium ou do Ebbets Field, onde esses são os melhores lugares. Nós assistimos à peça e Roxanne manteve o bom humor. Não reclamou. Mas, quando saímos, ela declinou os drinques e de repente foi tomada de uma doença misteriosa. Não consigo me lembrar; acho que disse que estava com o vírus que comia a pele. Perto de seu apartamento, ela já tinha telefonado para o irmão dizendo que estaria em casa em seis minutos. Ele estava esperando com a porta aberta para deixá-la entrar, eliminando qualquer chance de eu chegar nela. Pensei como seria engraçado se eu simplesmente desse um beijo de boa noite nele. Enfim, anos depois, quando Abe Burrows perguntou se eu gostava de teatro, como eu só tinha visto metade de uma peça, mudei de assunto. Mas levei a sério o que ele disse sobre eu não me limitar a ser um roteirista de TV, nem de cinema, por toda a vida, e com minha nova obsessão, li cada peça e vi cada estreia na Broadway por anos. Mas já estou me antecipando aqui.

Eu ainda estava escrevendo anedotas com David O. Alber para preencher espaço nos tabloides. Se eu me tornasse redator do Bob Hope, seria tudo. Mas, no futuro, eu seria um dramaturgo e estranhamente não como George S.

Kaufman, meu ídolo dos tempos passados, mas como Eugene O'Neil ou Tennessee Williams. Claro, naquele ponto eu estava fracassando no curso de verão e fui chamado diante de uma comissão de reitores. Uma comissão de reitores não é exatamente como uma revoada de cotovias. É mais como uma corja de zumbis carniceiros. Era um quarteto sem humor que estava lá para dizer que você estava fora. Eu escutei educadamente enquanto eles me acusavam de várias coisas, desde faltar às aulas até fracassar em todas as provas. Eles perguntaram qual era o meu objetivo na vida. Eu disse que era forjar na oficina de minha alma a consciência jamais criada da minha raça e ver se poderia ser produzida de forma massiva em matéria plástica. Eles olharam uns para os outros e sugeriram que eu fosse procurar um psiquiatra. Eu disse que trabalhava de forma profissional e me dava bem com todo mundo, então por que eu precisaria de um psiquiatra? Eles explicaram que eu estava no mundo do show business, onde todo mundo é maluco. Não achei que um psiquiatra fosse a pior das ideias, já que, apesar dos meus interesses criativos e começo promissor como redator de comédia junto a todo o amor que eu recebi na minha criação, eu ainda vivenciava sensações moderadas de ansiedade, do tipo que você tem quando é enterrado vivo. Eu não estava feliz; eu andava sorumbático, temeroso, irritado, e não me pergunte o porquê. Talvez estivesse no meu sangue ou fosse um estado mental que se estabeleceu quando percebi que os filmes do Fred Astaire não eram documentários.

Comecei a ver um psiquiatra altamente recomendado chamado Peter Blos uma vez por semana, pouco depois da minha expulsão, e, apesar de ele ser um cara incrível, não fez muito por mim. Ele acabou sugerindo que eu me consultasse com um psicanalista quatro vezes por semana, quando eu ficava num divã e era encorajado a dizer tudo o que viesse à minha mente, incluindo descrever meus sonhos. Fiz isso por oito anos e consegui com maestria evitar qualquer progresso. Finalmente eu venci o psicanalista e um dia ele veio com uma bandeira branca. Fui a mais três psicanalistas na vida. O primeiro era um cara bem bacana chamado Lou Linn, que eu via duas vezes por semana em sessões cara a cara. Ele era brilhante, mas eu facilmente o enrolei e permaneci seguramente não curado. Então fiz sessões com uma senhora bem inteligente por talvez uns quinze anos. Essa foi mais terapêutica e me ajudou com algumas atribulações da vida, mas não ocorreu nenhuma mudança real da minha personalidade para melhor. Finalmente, um especialista altamente recomendado tentou novamente a terapia cara a cara comigo, depois psicanálise

no divã por um período, e em seguida de volta à terapia cara a cara. E, mesmo assim, eu ainda fui capaz de impedir qualquer progresso significativo.

Fiquei em tratamento por muitos anos e a minha conclusão é que sim, me ajudou, mas não tanto quanto eu esperava e não da forma que eu imaginaria. Fiz zero de progresso em questões profundas: medos, conflitos e fraquezas que eu tinha aos dezessete e aos vinte anos. Eu ainda os tenho. Nas poucas áreas onde os problemas não estão tão incutidos, em que se precisa de uma ajudinha, um empurrãozinho, talvez eu tenha me aliviado um pouco. (Posso ir a um banho turco sem ter de reservar o salão todo.) Para mim, o valor era ter uma pessoa por perto para eu compartilhar meu sofrimento; jogar com o profissional no tênis. Além disso, para mim, uma grande vantagem era a ilusão de que eu mesmo estava me ajudando. Nos períodos mais sombrios, é bom sentir que você não está apenas dormente, que se tornou um verme passivo sendo jogado pela loucura irracional do universo, ou mesmo pelas atribulações que você mesmo cria. É importante acreditar que você está fazendo algo em relação a isso. O mundo e as pessoas nele podem meter a bota na sua garganta, esmagando a sua vida, mas você vai mudar tudo, você está tomando uma atitude heroica. Você está fazendo associações livres. Você está se lembrando daqueles sonhos. Talvez os esteja anotando. Pelo menos uma vez por semana você vai discutir isso com um especialista treinado e, juntos, vocês vão entender as terríveis emoções que fazem você ficar triste, assustado, bravo, desesperado e suicida.

O fato de que resolver esses problemas é ilusório e que você vai sempre permanecer o mesmo caco atormentado, incapaz de pedir um *schnecken* ao padeiro porque a palavra o envergonha, não importa. A ilusão de que você está fazendo algo para se ajudar te ajuda. De certa forma, você se sente um pouco melhor, um pouco menos desanimado. Você agarra sua esperança num Godot que nunca vem, mas a ideia de que ele virá com respostas te ajuda a passar pelo pesadelo que te envolve. Como a religião, onde a ilusão faz a pessoa suportar. E, estando nas artes, eu invejo aquelas pessoas que extraem consolo da crença de que o trabalho que elas criaram vai sobreviver e ser muito discutido e, de certa forma, será como os católicos com sua vida pós-morte, o “legado” do artista o tornará imortal. A sacada aqui é que todas as pessoas que discutem sobre esse legado e quão grande é a obra do artista estão vivas e estão pedindo pastrami, enquanto o artista está em alguma urna funerária ou debaixo da terra no Queens. Todas as pessoas sobre o túmulo de Shakespeare cantando seus louvores significavam um grande nada para o Bardo, e um dia virá — um dia

bem distante, mas esteja certo de que definitivamente virá — quando todas as peças de Shakespeare, por mais que tenham tramas brilhantes e pentâmetros iâmbicos pedantes, e todos os pontos de Seurat irão sumir junto a cada átomo do universo. Na verdade, o universo vai desaparecer e não haverá lugar para pendurar seu chapéu, afinal, somos um acidente da física. E um acidente bem desajeitado. Não o produto de uma criação inteligente, mas no máximo a obra de um incompetente crasso.

Enfim, me expulsaram do curso de verão da Universidade de Nova York, mas eu já era um redator de comédia com um emprego. Não apenas eu estava trabalhando para David O. Alber Associates, mas Abe Burrows havia me recomendado para Peter Lind Hayes, que tinha um programa de rádio, e fui contratado para escrever para ele. Arthur Godfrey também me contratou para escrever para o seu programa de rádio por um tempo. Enquanto isso, eu visitava as agências de teatro, e um agente simpático da William Morris, Sol Leon, me apresentou para um comediante maravilhoso chamado Herb Shriner, que fazia o que era chamado de *simulcast* — seu programa era veiculado no rádio e na TV ao mesmo tempo. Ele era um comediante muito bom, no estilo rural de Will Rogers, só que melhor. Contava grandes piadas, gostou das minhas e me contratou. Um escritor chamado Roy Kammerman era seu redator principal, e era um homem bacana e um bom autor de comédia. Eu era tão novato que, quando escrevi meu primeiro esquete para ele, ou melhor, contribuí com algumas tiradas, levei uma menina para o estúdio de TV de onde o show era transmitido para que eu pudesse bancar o mandachuva, com a esperança de que isso fosse facilitar o acesso às roupas íntimas dela. Enfim, fui ao programa e fiquei na fila atrás de centenas de pessoas que esperavam para assistir. De repente, o empresário de Herb Shriner me vê e me pergunta: “Que diabos você está fazendo na fila?”.

“Eu escrevo para o programa”, expliquei.

“É, mas você não precisa ficar na fila. Pode entrar pelos bastidores.”

“Posso?”

“Venha.” E ele nos levou pela entrada do palco e nós assistimos ao programa da sala VIP. Eu realmente tinha dado uma de mandachuva.

Depois, levei a menina ao Lindy's. Outra fila para entrar. Tinham me dito para dar uma gorjeta ao porteiro, então eu molhei a mão dele com duas de vinte e recebi um tratamento especial. Havia sido uma grande noite até o momento em que, na porta da casa dela, a garota, com chave em mãos, me deu o que os jogadores de basquete chamam de falsa bandeja. Ela seguiu escada acima, eu

caí e estiquei os meus pés como que para bloquear o salto dela, só que ela passou direto por mim e entrou no prédio.

Tenho dezoito anos, estou faturando o triplo do que meus pais ganham juntos. Tenho chance de ajudar em casa, particularmente meu pai, que continua apostando, perdendo e devendo. O próximo passo no meu incansável avanço para o sucesso vem quando um cara do bairro chamado Harvey Meltzer, que mora num prédio próximo, fica sabendo de mim, o geniozinho da vizinhança, e vem conversar sobre ser meu empresário. Meu conhecimento da parte de *business* do show business é levemente pior do que meu conhecimento da conjectura de Hodge. Ele diz que seu tio é um figurão na William Morris em Hollywood e tem entrada em algo chamado Programa de Desenvolvimento de Escritores, um programa que a NBC estava criando para desenvolver e treinar roteiristas promissores. Aparentemente, algum empresário lá havia lido que “no princípio era o verbo”. A ideia bem-intencionada deles era encontrar escritores em potencial para dramas e, mais ainda, para comédias, oferecendo um salário fixo de 175 dólares por semana e fazendo com que escrevessem, fossem aprendizes em programas com autores veteranos, para desabrocharem, com a NBC patrocinando tudo. Eu topei, já que meu salário na Alber e os programas de rádio para os quais eu escrevia vez ou outra eram mirrados em comparação. Cento e setenta e cinco dólares fixos toda semana parecia bom, além de eu estar participando de programas famosos. Eu me esqueci de mencionar um pequeno fato: Herb Shriner, minha maior referência, e sua adorável esposa haviam morrido num acidente de carro. Duas pessoas bacanas que não se podia mais encontrar. Com tantas mais que eu podia pensar que instantaneamente teriam feito o mundo um lugar melhor se caíssem mortas, essas duas pessoas adoráveis, que não mereciam, deram no pé.

Então concordei em deixar Harvey, que lembrava um Tommy Dorsey menos robusto, com uma tonelada de tiques faciais, se tornasse meu empresário. E de fato ele fechou o acordo de desenvolvimento de autores da NBC. Eu o recompensei assinando o contrato de sete anos que ele me apresentou. Um dos vários erros que ele me fez cometer — aquele era um contrato muito do safado que eu nunca deveria ter assinado. Primeiro, sete anos era tempo demais. Ele estava se aproveitando da minha ingenuidade. Não apenas isso, mas em vez dos costumeiros dez por cento que um agente recebe, ele disse que era meu empresário, que era algo diferente e por isso deveria receber mais: trinta por cento. Tudo bem. Olha, eu era um adolescente; que diabos eu sabia? Não apenas isso, mas há uma coisa chamada de tabela variável, que normalmente

faz diminuir a porcentagem do agente quanto maior forem as quantias que o artista recebe. Quanto maior o salário do artista, menos o agente precisa receber. No contrato que assinei, a tabela variável ia na direção errada. Então quanto mais eu ganhasse, maior era a fatia de Harvey. No decorrer de sete anos, muita coisa aconteceu e fiquei mais esperto. Porém nunca tentei quebrar o contrato. Cumpri os sete anos inteiros de forma honrada. Deixe-me ilustrar que chucro eu era naquela época. Eu nunca havia visto alguém com uma peruca na vida. Um dia, encontrei um comediante que usava uma. Ele queria me pagar cem pratas por uma apresentação. Enquanto conversávamos, notei uma borda fina de gaze saindo de seu cabelo. Eu não pude acreditar no que via e achei que ele deveria estar no circo em vez de estar fazendo stand-up.

Mas vamos voltar ao Programa de Desenvolvimento de Escritores. Havia cerca de oito de nós considerados dignos do investimento da NBC, após várias análises do material que enviamos na inscrição e de nossas personalidades. Apesar de todo esse exame, eles não escolheram com sabedoria, e chegaria uma hora em que perceberiam que só o retorno de toda a grana que haviam investido não era o que esperavam. A maioria do grupo terminou em ocupações que não tinham nenhuma semelhança com o que a NBC tinha em mente. O cara mais bizarro do grupo terminou escrevendo “frases de aquecimento” para discursos de Richard Nixon. Tirando ele, todos os outros escritores eram bons, mas, por algum motivo, não se tornaram dramaturgos ou roteiristas de humor. Comandando o programa — ou pastoreando o rebanho, como a imprensa costumava colocar — estava Les Colodny, um ex-agente da William Morris que era divertido, mas não planejava as lições e não sabia como começar a metamorfosear esse grupo de sonhadores desajeitados em autores profissionais de comédia. Eu peguei o dinheiro e usei o subsídio para aprender a escrever, para praticar a composição de esquetes e piadas, ensinar a mim mesmo por meio do trabalho duro. Fui contratado e deixado para me debater como os outros, porém, tomado de ambição por anos de intimidação materna, fui sensato o suficiente para fazer uso do tempo e do dinheiro. Nós nos encontrávamos na NBC, nos sentávamos numa sala enquanto jovens comediantes apareciam e mostravam suas coisas, e escolhíamos alguns para escrever. Eles presumiam que dessa forma iriam, ao mesmo tempo, desenvolver escritores e comediantes. Víamos basicamente gente sem pegada. Mas um jovem Don Adams, um jovem Jonathan Winters e uma jovem Kaye Ballard também apareceram por lá. Claro que precisavam de pouca ou nenhuma ajuda nossa. Os verdadeiros talentos criavam suas próprias apresentações e nunca nos

usavam. Eu escrevi uma única piada para Don Adams. Jonathan Winters não precisava de nada de ninguém; ele era simplesmente um gênio.

Naquela época, conheci Harlene, a menina com quem logo eu me casaria. Foi em outro clube social. Eu era o mestre de cerimônias de um dos eventos que realizavam no lugar. Fiz piadas tiradas do livro de folhas soltas de Mike Merrick, e decidi deleitar a plateia tocando meu saxofone soprano (anos depois, um crítico de música descreveria minha apresentação num concerto como “excruciante”). Viciado em Nova Orleans como eu era, escolhi “Jada” e “At the Darktown Strutter’s Ball”. Alguém me falou sobre uma aluna do último ano da James Madison High School que tocava piano. Um encontro foi marcado. Ela era linda, inteligente, vinha de uma boa família que tinha uma boa casa e um barco, tocava música clássica e fazia aulas de interpretação. Resumindo, ela era boa demais para mim e isso se mostraria ser um fato depois que nos casássemos.

Nós ensaiamos nossas músicas juntos e começamos a namorar. Devo dizer que, para um moleque da faculdade, eu a levava para lugares bem românticos e sofisticados. Peças off-Broadway, ao Birdland para ver Miles Davis e John Coltrane, restaurantes à luz de velas em Manhattan. Eu me garantia como galanteador e amante, exceto quando a família dela me levou para passar um dia no barco deles. Eu estava levando numa boa e queria causar uma boa impressão, mas, quando saímos para o mar, quando eu estava virando uma cerveja e entoando o refrão de “Blow The Man Down”, fiquei verde e caí no convés, grunhindo e implorando por uma eutanásia. Enquanto eu me contorcía como uma fita de Moebius, com meu enjoo prestes a entrar no Livro dos Recordes, jurei nunca mais pisar num barco, e não coloquei mais os pés em um até mais de uma década depois. Eu tentava impressionar, ou, devo dizer, não parecer um paspalhão (eu sou um paspalhão e com frequência me desdobro para disfarçar), então fiz um passeio de barco a convite da bela Janet Margolin enquanto filmávamos *Um assaltante bem trapalhão*. O resultado foi o mesmo. Depois de me vangloriar de minhas explorações marítimas e chamar a tripulação de “camaradas”, eu logo estava no convés pronto para trocar Janet por uma pílula de Compazine. Como estávamos apenas na Baía de São Francisco, a uma curta distância da praia, minha súplica por um helicóptero para me levar para um hospital foi desprezada. Navegamos de volta e, enquanto eu saía cambaleando da embarcação, pálido e trêmulo, dei desculpas esfarrapadas de estar saindo de uma recente infecção de ouvido, contraída no Sudão, onde eu estava ensinando o povo Nuba a tocar “Floogle Street” e “Who’s On First”.

Harlene e eu morávamos com nossos pais e eu ligava para ela todas as noites. Fazíamos tudo o que um casal de namorados faz. Por sinal, naquela época eu tinha um carro. Havia comprado um Plymouth 1951 conversível por seiscentas pratas. Nutria grandes fantasias sobre como um carro mudaria minha vida. Iria me libertar; eu poderia dirigir cruzando a ponte para Manhattan sempre que quisesse, sair para Long Beach para visitar velhos locais nostálgicos, ir para Connecticut numa manhã de primavera para comungar com a natureza. Não sei que diabos eu estava pensando; eu odiava natureza, e, mais do que natureza, eu odiava ser dono de um carro. Como todos os objetos mecânicos, nos tornamos arqui-inimigos instantâneos. Não sou chegado a bugigangas. Não tenho relógios, não carrego guarda-chuvas, não tenho câmeras ou gravadores e até hoje preciso da minha esposa para ajustar a TV. Não tenho computador, nunca cheguei perto de um processador de texto, nunca troquei um fusível, nem mandei e-mail a ninguém, nem lavei um prato. Sou um desses veteranos prejudicados que precisam que todos os botões de sua TV sejam bloqueados sob uma fita adesiva para que eu possa operar apenas os botões de liga/desliga e de volume.

Aos dezesseis anos, eu me presenteei com uma nova máquina de escrever, uma Olympia portátil. Nela, datilografei tudo que já escrevi, meus roteiros, peças, contos, *casuals* (é assim que chamam aqueles textos engraçados da *New Yorker*). Até hoje, não sei trocar a fita. Minha esposa faz isso para mim, mas, por anos, quando eu era solteiro, tinha um conhecido que eu convidava para jantar sempre que precisava trocar a fita. Depois que comíamos, eu casualmente trazia o assunto das máquinas de escrever e como elas eram excitantes e sugeria quão divertido seria trocar a fita da minha. Nós nos retirávamos para o escritório e eu colocava uma música. Eu me lembro que a minha trilha favorita para a troca da fita era “A dança do sabre”, de Khachaturian. A intensidade da peça o empolgava enquanto eu lhe passava uma nova fita e dizia: “Vamos ver se você ainda tem aquela sua velha pegada”. Aceitando o desafio, ele trocava minha fita numa fúria louca, terminando com um floreio e uma grande medida enquanto eu simulava espanto pela destreza manual dele. Depois disso, ele era só suor e respiração pesada, mas pelo menos eu podia continuar martelando minhas sublimes palhaçadas até que as letras na página novamente comessem a ficar apagadas e eu tivesse de chamá-lo de volta para comer um bolo de carne.

Onde eu estava? Ah, sim, então, colocar um carro em minhas mãos era como dar um míssil balístico intercontinental para uma criança de três anos. Eu dirigia rápido demais. Eu virava e fazia curvas onde não havia curvas. Não sabia fazer baliza. Eu fazia o carro girar, fora de controle. Não tinha paciência no trânsito e queria sair do Plymouth e deixá-lo para sempre no meio do congestionamento. Eu dava voltas infinitas até encontrar uma vaga, e então não conseguia estacionar o carro. Batia em vários faróis e luzes traseiras de veículos estacionados tentando me encaixar entre eles. Em seguida eu saía e acelerava, em pânico, deixando a cena do crime. Eu me perdia continuamente. Não tinha senso de direção. Uma vez, dirigindo na Sunrise Highway, Harlene disse que seus pais estavam fora e que podíamos ir para a casa dela e usar o quarto. Inflamado pela ideia, fiz um rápido retorno em U e derrubei um poste telefônico. Meu pneu furou na West Side Highway às três da manhã e só a gentileza de um estranho me tirou dessa enrascada. Se o completo estranho que foi bondoso o suficiente para parar no breu da noite e me instruir sobre como trocar um pneu não tivesse sido tão paciente e fosse, digamos, o Assassino do Zodíaco, eu não estaria aqui.

Sim, como todas as mães de meninas temem, meu carro também era um motel sobre rodas, mas toda vez que eu começava o rala e rola, uma lanterna aparecia na janela e algum policial me pedia para sair. Muitos motoristas gritavam comigo, e quando eu acidentalmente acertei a lateral de outro carro na Atlantic Avenue, um monstro enfurecido que era guarda-costas e motorista de um mafioso avançou para minha janela e, de repente, me vi numa vigília rodeado de velas. Rapidamente subi o vidro e prendi a mão dele. Explodindo como o Vesúvio, ele a puxou de volta como se a tivesse prendido em uma lata de sardinhas. Se a multidão não tivesse intervindo, eu teria acabado em pedacinhos dispostos em 37 potes diferentes. E ainda assim eu dirigia porque todo mundo que eu conhecia parecia capaz de lidar com um carro, então por que eu não poderia fazer o mesmo? Mas a verdade é que eu nunca consegui, e desisti logo depois. Tentei dirigir uma vez ou outra, anos depois, com os mesmos resultados, até finalmente desistir de vez.

O momento em que vendi o Plymouth foi como ter um tumor removido.

Então Harlene e eu fizemos de tudo e um dia decidimos que iríamos nos casar. Éramos moleques; não havia mais nada a fazer. Havíamos visto todos os filmes e peças, ido aos museus, jogado minigolfe, tomado cappuccinos no Orsini's e passado um dia em Fire Island. O que faltava? Então ficamos noivos. Entre meu salário fixo com o programa de Desenvolvimento de Escritores da

NBC e o dinheiro que eu fazia vendendo materiais especiais para comediantes de casas noturnas, eu podia me dar ao luxo de ser um homem casado. A composição de materiais especiais é um ramo da redação de humor nada louvado, ao qual o público nem chega a realmente apreciar. Há milhões de comediantes por aí — ou certamente havia quando comecei. Eles se apresentam em casas noturnas ou na TV, ou em eventos privados, e todos precisam de material: piadas, sacadas, histórias, algo a dizer. A maioria não era muito boa, como evidenciado pelo fato de que precisava de outras pessoas para colocar palavras em sua boca, palavras engraçadas. Se deixados sozinhos, eles não poderiam extrair risadas nem mesmo de um gordo maluco que aspirasse gás hilariante. Naturalmente, os verdadeiros talentos como Mike Nichols e Elaine May, Mort Sahl ou Jonathan Winters não precisavam de ninguém. Eles não tinham de comprar piadas; eles mesmos criavam material, porque eram de fato engraçados.

Os ícones de eras de outrora, como Bob Hope e Jack Benny também criaram suas fortes *personas* cômicas, e quando se tornaram superastros, eles podiam contratar redatores para alimentar o personagem que eles mesmos já haviam estabelecido. Então eu, como diversos colegas que mantinham seus fogões acesos servindo a pretensos comediantes medíocres, e colocando o verme do riso em seus ansiosos bicos abertos, escrevia material especial. Eu ficava eternamente sentado em alguma casa noturna ouvindo o triste resmungo de um comediante sem inspiração, que não tinha noção de por que ele nunca saía do primeiro degrau. “Preciso de atitude. Eu não tenho atitude. Alan King tem atitude. Preciso arrumar uma atitude.” O que ele precisava nenhum redator poderia arranjar. Tudo o que podíamos fazer era vender algumas piadas ou um número aos comediantes que eles poderiam memorizar e apresentar com variados graus de talento, mas nada que se fixasse. O público nunca ia para casa com nada — nenhum ser humano, e certamente nenhum humano divertido. Apenas um extrovertido que comprou algumas tiradas estava lá recebendo risadas e aplausos, perguntando-se por que não estava “chegando lá”.

“Eu preciso é de truísmos”, uma pobre alma me disse enquanto medicava seu desequilíbrio químico. “A plateia se identifica com truísmos.” Eu presumia que ele queria dizer sacadas em que a piada ressoasse na plateia em experiências reconhecíveis. Ainda assim, o campo de material especial fornecia a nós, escritores em ascensão, nosso pão de cada dia, apesar de ser o pão que o diabo amassou. Às vezes era assim: comediante e escritor se encontravam. Comediante precisava de novo número. Escritor jogava umas ideias.

Comediante gostava de uma. Comediante fazia o pagamento para o escritor. O escritor escrevia o número. Comediante experimentava. O número não funcionava. Comediante colocava a culpa no texto. O escritor culpava a apresentação do comediante. Muita discussão. Comediante perdia seu dinheiro, terminava sem nada. Algumas centenas de pratas a mais. Gerava-se injúria e ameaças de processo ou de duas pernas quebradas, dependendo do grau de remorso do comediante.

Foi nessa época que recebi da NBC a notícia de que eles iriam mandar seus escritores em desenvolvimento para Los Angeles porque um de seus grandes programas, o *Colgate Comedy Show*, estava mal das pernas e talvez nós pudéssemos ajudar a salvá-lo e ainda aprender algo com isso. Eu nunca havia estado longe de casa, nunca tivera nenhuma interrupção em meu relacionamento com Harlene e, principalmente, nunca tinha voado de avião. Naqueles tempos, os aviões tinham hélices e não conseguiam fazer a viagem sem escalas e — pior de tudo — viajavam pelo ar. Por outro lado, ir para a cidade que eu conhecia só de ouvir os monólogos de Bob Hope parecia empolgante. Hollywood e a Vine, Mulholland Drive, o Rancho do Poço de Piche de La Brea, todos nós que amávamos o Hope no rádio ou posteriormente na TV conhecíamos esses lugares apenas por suas piadas, assim como o rádio nos havia levado toda noite de domingo para o lar de Jack Benny em Beverly Hills. Talvez eu até conhecesse Hope ou Benny. Empolgado, supus que Mamãe iria bordar meu nome em minhas roupas e eu iria. Mas, conforme o dia da partida se aproximava, comecei a sentir um pouco de pânico e, no aeroporto, quando vi os outros autores comprarem seguros de voo numa máquina eletrônica (você enfiava moedas e de lá vinha uma apólice que garantia que, caso seu avião caísse, um beneficiário eleito ficaria com o valor), a cor sumiu de meu rosto. Meu medo não era tanto de morrer na queda, mas de cair no meio do mato, em alguma montanha, ficar perdido por semanas, sem comida, e os outros escritores escolherem me comer, já que eu era mais novo e, portanto, o mais tenro.

Graças à sorte, não caímos. Cheguei a Los Angeles sem ser transformado no prato principal de ninguém e os compradores de apólice perderam suas moedas. Depois de parar no aeroporto para comer um muffin e tomar uma xícara fresca de poluição, embarquei na limusine que nos esperava e logo fiz o check-in num hotel na Hollywood Boulevard. Um horror pior do que o desastre de avião era a notícia de que eu iria compartilhar o quarto com um homem chamado Milt Rosen, um escritor mais velho e corpulento que estava lá lutando para salvar o

Colgate Comedy Hour com meia dúzia de outros escribas veteranos. Não apenas eu dividiria o banheiro — oh, deus, isso podia estar acontecendo comigo? —, mas a cama era uma cama de casal. Abismado, eu cambaleei, pensando em pagar por meu próprio quarto. Será que eu teria dinheiro? Ou poderia fingir uma crise familiar e voltar para Nova York. Mas eu era um redator de comédia com uma oportunidade real. Estava em Hollywood. Era ali que tudo acontecia — os filmes, as casas, as piscinas, Bogart e Bacall, ... *E o Vento Levou* a poucos quarteirões, Bob Hope morava ali, o Sunset Boulevard. Era ali que você lutava para conseguir seu lugar ao sol. Eu fiquei. Dividi o banheiro e a cama. (Bruno Bettelheim escreve sobre como, nos campos de concentração, as pessoas rapidamente se acostumavam com as condições terríveis, o que, sem a ameaça de tortura ou morte, por si só, já necessitaria de longos anos de análise com resultados duvidosos. Claro, quando disse isso, Bettelheim não estava pensando em dividir a cama com Milt Rosen.)

Como se revelou, Milt era um cara bacana, esperto e engraçado. Eu gostei dele e, cinquenta anos depois, não tendo recebido mais nenhuma notícia de Milt, descobri que estava doente e passando necessidades. Enviei uma grana e Milt ficou surpreso de que eu me lembrasse dele. Ainda assim, acho bem nojento me meter nos lençóis com um estranho gorducho com cromossomos XY. Tivemos alguns dias de folga para nos estabelecermos antes de nossos compromissos, e, enquanto eu caminhava por Hollywood adorando as palmeiras e o sol, me reconfortei sabendo que eu tinha recebido uma chance de fazer parte da história que me hipnotizava durante minha juventude. Bebi o suco de laranja local, comi os rolinhos doces (nós os chamamos de rolinhos dinamarqueses) e um dia entramos numa sala com alguns escritores e fomos apresentados ao redator-chefe, que havia sido levado à cidade para virar aquele jogo moribundo e, com sorte, extrair um pouco de quilometragem da gente. Seu nome era Danny Simon e eu o conhecia porque aparecia em créditos como roteirista de TV. Ele e seu irmão, Doc, haviam formado uma equipe de comédia sensacional, que todos nós no ramo conhecíamos por sua grande reputação. Assistimos a seus programas, por exemplo, *The Red Buttons Show*, e eles tinham motivos para serem considerados fodões. Os irmãos haviam acabado de desfazer a parceria, já que Doc Simon, cujo nome de batismo era Neil, queria começar uma carreira de dramaturgo.

Danny nos examinou, os pamonhas, e pediu para ver exemplos do material que havíamos escrito. Nós passamos algumas páginas para ele, que disse que levaria para casa e leria para discutir com a gente. Eu era o mais jovem, de

longe, e ele foi educado, mas levemente cético quando aceitou meu maço de material. Voltei para o quarto nem desencorajado, nem encorajado, mas com esperanças. Eu podia contribuir. Havia outros escritores veteranos trabalhando lá. Digo veteranos por serem mais experientes do que eu, já estabelecidos, mas não velhos. Norman Lear e seu parceiro Ed Simmons eram uma dupla. Assim como Coleman Jacoby e Arnie Rosen. Ira Wallach estava lá tentando ajudar e havia um grupo de comediantes tentando reforçar o programa, de um recém-surgido Jonathan Winters a um antigo vaudevilliano, Joe Frisco. Eu jantei sozinho e fui dormir, mantendo um olho aberto a noite toda, caso Milt Rosen rolasse para meu lado da cama. Eu estava preparado para soltar um guincho ensurdecador. No dia seguinte, quando Danny Simon me chamou em sua sala, minha vida mudou para sempre.

Ele disse como minhas piadas eram sensacionais e que, se eu nunca aprendesse a escrever esquetes, peças ou qualquer outra coisa, minhas piadas eram tão boas que eu podia ter uma boa vida só com elas. Não é preciso dizer que isso foi encorajador. Ele queria trabalhar comigo, disse que desde a partida de seu irmão mais novo ele estava constantemente buscando um parceiro, e talvez fosse eu. Nós começamos uma parceria escrevendo esquetes. Deixe-me dar um panorama. Danny era um cara muito compulsivo, exigente, que brigou com todos os parceiros com quem trabalhou depois de Doc. Escritores do nível de Danny não tinham paciência com suas exigências escrupulosas, suas constantes reescritas, sua necessidade de trabalhar o dia todo numa única página para ter cada frase e piada perfeita, sem parar com o fluxo da narrativa, então reler a página, destruí-la, tomar outro Miltown, o tranquilizante da moda naqueles tempos, e começar novamente. Os colaboradores se rebelavam e ele não tinha dó deles. Quantos poderiam seguir os passos de um autor de comédia como Neil Simon?

Eu, por outro lado, era um moleque de fala mansa que não sabia nada, idolatrava Danny e Doc Simon. Nunca poderia me imaginar discordando dele, afinal, que diabos eu sabia? Então ele encontrou um colaborador ideal. Ele adorava minhas piadas e me achava pessoalmente muito engraçado. Acho que ele gostava de ser tão admirado e me ensinou algumas coisas cruciais. Por exemplo: grandes frases diretas fecham muito bem a piada. Nunca faça o personagem dizer algo que não seja perfeitamente natural só para chegar ao desfecho esperado da piada. Ele me ensinou a jogar fora até a melhor das piadas se, de alguma forma, ela interrompia ou desacelerava a narrativa; sempre começar do começo e ir até o fim do esquete; nunca escrever uma cena fora de

sequência; nunca escrever quando você não está se sentindo bem, porque o material vai refletir a falta de energia e saúde; nunca ser competitivo; sempre torcer pelo sucesso de seus contemporâneos, já que há espaço para todo mundo. E, mais importante: ele me ensinou a confiar em meu próprio julgamento. Não importava quem tentasse me dizer o que era engraçado e o que não era, ou o que eu deveria estar fazendo, eu tinha que seguir com meu próprio julgamento. A não ser, é claro, que a pessoa fosse ele, porque ele se via como um professor talentoso num assunto que muitos tentaram explicar e analisar, de Freud a Henri Bergson e Max Eastman, e voltaram de mãos vazias. E ele era um grande professor. Danny me incutiu confiança quando se tratava de comédia, e esse ponto de vista firme me ajudou muito.

No teatro de verão, ao qual ainda vou chegar, em minha primeira semana escrevi um esquete que seria exibido diante de uma plateia numa apresentação de sábado à noite. Após alguns dias de ensaio, houve uma passada e todos os colaboradores naturalmente foram ver o ensaio de seu material para retocá-lo. Eu não me importei em ir, de tão confiante que eu estava. Quando uma menina me perguntou “Onde você estava?”, eu disse que não precisava ir. Queria que meu esquete fosse apresentado como estava e não precisava retocá-lo. Ela retrucou: “De todas as peças revistas na passagem, a sua afundou”. E eu declarei com toda a calma do mundo, tentando não soar indiferente, mas sem dúvida transmitindo uma confiança exagerada não merecida: “Não estou preocupado”. Quando o espetáculo rolou para valer e alguns números empacaram e fracassaram, o meu gerou grandes risadas. Eu me mantive firme como Danny havia me ensinado e meu esquete foi um dos sucessos da noite.

Então eu estava aprendendo a ser um escritor e isso significava ficar diante da máquina de escrever trabalhando duro, às vezes até agonizando, das nove da manhã até as seis da tarde. Outros grandes escritores de comédia com quem trabalhei depois não organizavam sua rotina assim, mas essa foi minha formação e fico feliz de ter frequentado uma escola rígida. Fiz amizade com alguns dos escritores mais velhos e eles gostaram de mim porque, ainda que eu tivesse algum talento, mostrava grande respeito (que eu, de fato, sentia), e nenhum deles era competitivo, eram apenas solícitos e encorajadores. Enquanto eu estava lá, tive um romance com Hollywood. Nessa época nós havíamos sido transferidos para o Hollywood Hawaiian Hotel. Fui colocado em uma suíte encantadora com uma cozinha e quarto só para mim. O hotel tinha um pátio com uma piscina que todos os escritores e comediantes frequentavam, e havia o

pôr do sol e as noites aprazíveis, sem mencionar o valor considerável de nossas diárias.

Eu queria compartilhar isso com Harlene, então sugeri que ela fosse para a Califórnia e se casasse comigo. Ela tinha dezessete anos e havia acabado de se formar no colegial. Eu tinha vinte. Ela conversou com seus pais, que deram a permissão, se aquela fosse a vontade dela. Os pais de Harlene eram pessoas ótimas, uma diferença gritante de meus pais, que, por comparação, viviam dez decibéis mais alto. Os Rosen moravam bem, não estavam sempre discutindo, eram cultos, viajavam, tinham uma bela casa. Ao lado deles, meus pais eram homens da caverna que me criaram como um Cro-Magnon, e os pais de Harlene nunca deveriam ter deixado sua filha se casar comigo. Na verdade, eu me mostrava promissor em meu campo, mas não muito como ser humano. Eu ainda era um idiota (é como dirigir — você nunca perde o jeito), incivilizado, neurótico, totalmente despreparado para o casamento, uma bagunça emocional que surfava desde os dezesseis no que Noël Coward chamava de “um talento para divertir”.

Quando Harlene pegou o voo e nos casamos, a palavra “aceito” soou para mim como se tivesse sido proferida no eco de uma câmara cavernosa, como os lábios de Orson Welles dizendo “Rosebud”. Porém, tudo aquilo aconteceu na sala de estar de algum rabino (em respeito aos pais dela), e eu pude imaginar a porta de uma catacumba se fechando na minha vida. A porta de uma cripta. Sim, eu amava Harlene, mas não tinha ideia do que o amor significava, o que esperar, o que não esperar, o que era necessário. O que se seguiu foi um pesadelo para nós dois, mas foi culpa minha. Mesmo inexperiente, ela estava disposta e era uma pessoa melhor, tinha recursos pessoais melhores. E eu fracassei miseravelmente. Vou pintar o retrato para você, e é um retrato triste. Nós dois sobrevivemos, mas deixe que eu o leve de volta àqueles anos de agonia conjugal. Duas pessoas bem jovens, ela estava prestes a começar a faculdade, eu ganhava o suficiente para nos sustentar, o Programa de Desenvolvimento de Escritores começava a se desgastar, a audiência diminuía conforme os caras eram podados. Nós voltamos para Nova York enquanto o *Colgate Comedy Hour* sucumbia silenciosamente.

Pegamos um apartamento. Park Avenue com a Rua 61. Naturalmente, eu rumei instantaneamente para o Upper East Side graças a todos aqueles filmes que mostravam coberturas. Só que nós não morávamos numa cobertura. Era um apartamento bem pequeno de um cômodo — e com isso quero dizer que só havia um único cômodo mesmo. Esse retângulo minúsculo me custava 125

pratas por mês e, como nenhum de nós tinha experiência, não nos ocorreu que, sendo o primeiro apartamento em uma construção de múltiplas moradias, contíguo à porta da frente do prédio, que tinha todas as campainhas num painel, toda vez que alguém entrava ou tocava a campainha, um zumbido elétrico alto reverberava por nosso apartamento como uma lancha. Em nosso quartinho nós tínhamos um sofá-cama, uma mesa de jantar com quatro cadeiras, uma estante de livros, uma televisão, um piano, uma cadeira confortável de frente para o sofá-cama, algumas luminárias e um suporte com um grande gravador. Minha máquina de escrever ficava na mesa de jantar, que era onde eu trabalhava.

Eu adoraria dizer que estávamos apertados num armário de Fibber McGee, pobres, porém felizes, nos divertindo muito naquela época. Mas nós não estávamos. Pelo lado positivo, eu coloquei Harlene na faculdade. Ela foi para a Hunter, a seis quarteirões de distância, e eu a levava todas as manhãs antes de mergulhar no trabalho. Ficava muito feliz quando ela saía porque não havia uma única coisa em que podíamos concordar, nem um único compromisso que algum de nós pudesse manter, e brigávamos como os matadores na Guerra Castellammarese. Eu andava emburrado, infeliz, era péssimo com os ótimos pais dela por nenhum motivo além de ser um porco detestável. Não suportava os amigos da minha esposa. Eu a tirava do sério com minha infelicidade constante. Comecei a ter náuseas frequentes, geralmente no meio da noite. Atribuí isso a uma doença fatal ou à comida dela, mas, segundo minha consulta médica anual, eu estava com boa saúde e meus enjoos no meio da noite aconteciam mesmo quando comíamos fora. Quando penso nisso, percebo como eu era instável. Às três da manhã eu me levantava com um mal-estar insuportável. Ligávamos para a emergência, que mandava algum dos médicos de plantão naquela noite. Era sempre um estranho. Ele me dava uma injeção. A náusea diminuía. Eu dormia. Essa rotina acontecia com frequência. Foi só quando comecei a psicanálise como último recurso para minha miséria infinita que a náusea foi diagnosticada como psicológica e, logo depois que entrei na análise, fiquei completamente curado dos ataques. Se a psicanálise de divã não tivesse feito nada por mim além disso (e não fez), já teria valido a pena.

Em algum ponto nessa época chegou uma carta pelo correio. Eu senti que podia ser aquela oferta de Bob Hope que nunca havia se materializado. Uma carta de um remetente desconhecido é algo empolgante, e eu mal podia esperar para abri-la. No fim, era uma convocação do exército. Bem, você pode imaginar minha surpresa e quão empolgado fiquei. Finalmente uma chance de viver num

quartel, tomar banho com duas dúzias de homens estranhos, dividir o banheiro com caras chamados Alabama e Texas. Eu seria o Brooklyn. Ter de acordar às cinco e meia da manhã, me exercitar o dia todo, aceitar ordens de um neandertal de cabeça raspada com um cérebro do tamanho de um único comprimento de Planck. E a comida! Finalmente ficaria livre de uma dieta à base de filé, lagosta, hambúrgueres da Twenty-One e do meu Reuben's Special. Não ia mais ser o frango do General Tso, mas o frango do General McArthur. Ou o que será que eles servem no exército numa telha? Naturalmente eu ansiava por ver ação. Sentar apertado e enjoado enquanto meu barco balançava em direção à costa sob uma rajada das metralhadoras do inimigo. Os ferimentos, o hospital, Harold Russell. Ali estava minha chance de ser um herói, ganhador de uma Medalha de Honra, orgulhoso em servir.

Eu rapidamente contatei todos os médicos que podia e implorei por atestados alegando que eu era fisicamente incapaz. No dia do meu exame, mostrei um carregamento de álibis, me declarando um espécime aleijado e prescrevendo repouso. Pés chatos, asma, visão limitada, cálculos na vesícula, alergias, curvaturas na espinha, hérnia de hiato, punho torcido, ombro bloqueado, vertigem, síndrome de Alice no País das Maravilhas. Porém, todos os pareceres carimbados pelos respectivos médicos traziam a seguinte inscrição: "Sem evidências". Até minha entrevista final com o psiquiatra, para a qual levei atestados certificando minha psicopatologia comprovada por várias pessoas, desde meu psiquiatra até o último taxista que peguei. A situação dava a entender que eu certamente seria dispensado. O médico que me examinou me pediu para estender a mão. Eu fiz isso e estava firme, não tremia. Ele então perguntou: "Você sempre rói as unhas?". Eu não era um grande roedor, mas confessei que aquilo era um hábito. Ele examinou meus dedos e abruptamente carimbou um 4F, o que significava que eu estava sendo rejeitado pelo exército por roer as unhas. Fui o primeiro? Sorte dos outros soldados que por acaso viessem a ficar alojados comigo. Agora eles não teriam de dormir ao lado de um cara que choramingava até pegar no sono, agarrado a um ursinho de pelúcia. Desde então, devido à insistência de minha esposa, deixei de roer as unhas, substituindo esse hábito nojento pelo hábito da coprolalia, mais aceitável socialmente.

Os sombrios dias de núpcias infelizes prosseguiram. O verão passou e, com a exceção de um estrondo ensurdecador que nos despertou no meio da noite, mais nada digno de nota aconteceu. O barulho terrível veio de um homem que vivia no 525 da Park Avenue, num edifício grande, que ficava ao lado do nosso,

que saltou da janela e caiu no pequeno beco entre seu prédio e o nosso. Com sorte, você nunca ouvirá um suicida atingir a calçada, mas, confie em mim, o barulho é muito mais alto do que você pensa.

Chegou o verão e agora reservo um momento para falar sobre o Tamiment. Esse era um resort de verão na Pensilvânia que tinha um teatro e uma companhia teatral que fazia apresentações altamente profissionais toda semana. Figurinos, dançarinos, cantores, esquetes, números muito bem produzidos. O *Once Upon a Mattress* original foi encenado lá pelo pessoal do teatro de verão. Max Liebman, Danny e Doc Simon, Sid Caesar, Mel Brooks, Joe Layton, Danny Kaye. Eram todos veteranos. A trupe era uma cornucópia de talento incipiente, vários escritores de comédia, compositores, diretores, produtores de figurino e cenário começaram lá e seguiram com grandes carreiras. Havia uma orquestra completa com músicos e arranjadores fantásticos. Danny Simon me motivou a passar alguns verões lá, como ele e Doc haviam feito. Ele sentia que a pressão constante de entregar um ou dois esquetes toda semana, que imediatamente seriam ensaiados e apresentados bem ou mal nas noites de sábado e domingo, era um aprendizado para a vida toda. Ver material ser feito ao vivo, ver como o público respondia; uma situação de vida e morte semanal, por dez semanas. Então, a cereja do bolo era que, conforme o verão passava, eu iria acumular esquetes encenáveis que então poderiam ser reproduzidos em algum teatro da Broadway.

Desde que eu tinha me mudado para Nova York, sempre havia alguém tentando encenar uma peça na Broadway. Como *New Faces* havia sido um grande sucesso, todo mundo na cidade com uma música ou um esquete na gaveta queria ter uma peça. Jovens ansiosos e talentosos se encontravam com um produtor entusiasmado num apartamento do West Side e despejavam músicas satíricas e amorosas no piano e os autores de comédia liam seus esquetes para a diversão dos outros e juravam de pés juntos que conseguiriam uma peça. Meu deus, desta vez nós vamos chegar lá! Conheço um investidor do Texas, da Flórida, um argentino que é louco pelo teatro norte-americano. Quase nunca dava em alguma coisa. O pouco que era produzido geralmente tinha uma morte horrível. Furneci esquetes para um castigo malsucedido chamado *From A to Z*, estrelando Hermione Gingold. Todos os três esquetes haviam sacudido o público do Tamiment. O primeiro era sobre dois caras que vão para uma festa e todas as meninas são réplicas do Groucho Marx. O esquete não impressionou os críticos comerciais da Broadway, apesar de Ken Tynan, que escrevia para a *New Yorker*, ter achado hilário. O segundo era uma coisa chamada

“Psychological Warfare”, na qual soldados num campo de batalha travavam uma luta psicológica. “Você é baixinho demais... Você é baixinho e sua mãe nunca te amou.” Dá para pegar a ideia. Foi muito bem. O terceiro envolvia um general no cabo Canaveral que telefonava para o prefeito de Nova York para prepará-lo para o fato de que um míssil nuclear em teste havia tomado a rota errada e ia em direção à cidade dele. “Então, é por isso que estou ligando, sr. Prefeito, e tente não ficar magoadinho com isso...”

O esquete do Groucho e “Psychological Warfare” estrearam em teatros fora da cidade. O esquete do míssil em direção a Nova York, que fez o povo rolar de rir no Tamiment, não conseguiu arrancar uma única risada dos expectadores. Não sei por quê. A única coisa que eu pude pensar foi que a peça estava em pré-estreia em Connecticut e na Filadélfia e, talvez, a plateia não achasse a ideia cômica porque Nova York não era a cidade dela. Nunca se sabe por que eles não riem de coisas que você acha que deveriam amar. Não é uma ciência exata.

Então Harlene e eu passamos o verão no Tamiment, onde escrevi esquetes que foram bem. O outro redator era David Panich, um cara esquisito e brilhante a quem devo muito. Ele era dez anos mais velho do que eu, loucamente brilhante, com uma erudição imensa, sabia desenhar com a precisão de Dürer ou Dali. Escrevia poemas, lia de tudo e tocava boogie woogie no piano. Odiava jazz moderno, mas havia vivido entre todos os grandes gigantes do jazz moderno, como Monk e Miles, e teve um romance com a esposa de Charlie Parker. Era um escultor talentoso que fez a famosa escultura do baixo de Charlie Mingus. Seu apartamento na Roosevelt Island era como uma espaçonave: ultramoderno, com pinturas de sua própria autoria nas paredes, sempre temas mórbidos, como seus poemas. Ele pagava as contas como professor no Harlem, era bem racista em relação aos negros, e mesmo assim todos os seus alunos o adoravam e ele os levava a museus e restaurantes, sempre pagando do próprio bolso, e para sua própria casa. Ele os imitava de forma ofensiva. Havia estado numa instituição psiquiátrica, numa camisa de força, e me fascinava com histórias de quão terrível havia sido quando eles o apagaram com eletricidade nos tratamentos de choque, que era a forma bruta como faziam na época. Ele tinha passado um tempo caminhando pela ponte George Washington, pensando em pular. Havia ido ao topo de seu prédio para cuspir nas pessoas. Seus únicos parentes distantes em Nova York o internaram. Inicialmente, ele concordou, então entrou em pânico quando os atendentes o levaram por um longo corredor. Ele ficou violento. A camisa de força, o

tratamento de choque. E tudo isso por causa de uma mulher, que ele achou que era perfeita e que o trocou por outra mulher depois de um tempo juntos.

Numa era antes de a maconha se tornar um clichê da classe média, ele ficava chapado com frequência. Seu contato era uma mulher negra chamada Hazel, do Harlem. Ele arriscou muito naquela época: prisão, sua licença como professor. Era um usuário, não um traficante, mas ficar chapado o fazia rir com facilidade, e ele era uma grande plateia para mim. Ele abriu meus olhos sobre como S. J. Perelman era ótimo, superior a todas as outras mentes engraçadas, um axioma que mantenho até hoje. Ele me fez melhorar o vocabulário. Com frequência conversávamos sobre mulheres. Ele as venerava, mas não gostava delas. Eu era um jovem com um casamento infeliz tentando fazer a coisa funcionar. “Dê por encerrado”, ele me aconselhou, dando um longo trago em seu baseado enquanto nos sentávamos juntos diante do lago do Camp Tamiment, tagarelando naqueles fins de tarde. “E largue aquela farsa de empresário que é uma vergonha para você. Ele é um peixeiro. Isso sem mencionar que está te roubando na cara dura.” Harvey não tinha um escritório, só uma secretária eletrônica. Ele ia até todas as agências de talentos e perguntava: “Algum trabalho?”. Algum trapo, algum osso, alguma garrafa hoje? Então ele usava o telefone deles. Ainda assim, devo a Harvey meu primeiro trabalho, então eu quis respeitar nosso contrato.

“E sua esposa?” David me perguntava. “Você se casou jovem demais. Termine, corte o mal pela raiz. Não está fazendo favor algum a ela lutando para que funcione.” “Não sei”, eu dizia. Eu não sabia. Certamente serviu para algo: tirou nós dois das casas de nossos pais e nos jogou no mundo. Eu era um trabalhador nova-iorquino. Ela estava se formando em Filosofia na Hunter. Ela me ensinava filosofia e desenvolvi um gosto por isso. Nós líamos juntos e contratamos um aluno da Columbia para ir uma vez por semana em nossa casa e discutir uma grande obra diferente. Mas as discussões que tínhamos sobre o livre-arbítrio e as mônadas, ainda que calorosas, nunca eram tão combativas quanto as que tínhamos sobre nosso casamento. Eu sabia que estava em apuros quando, numa discussão filosófica, Harlene provou que eu não existia.

Eu tive um grande sucesso no Tamiment naquele primeiro ano e eles me quiseram de volta no segundo ano. Conversei a respeito com Steven Vinover, um letrista talentoso que morreu de forma prematura, e ele achava que eu não deveria voltar, a não ser que eles me deixassem dirigir meus próprios esquetes. Eu tinha conhecido outro grande letrista em meu primeiro ano em Tamiment. Ele não estava trabalhando lá, mas visitava para ver a peça na noite de sábado.

Só tinha seis anos a mais que eu, e havia grandes previsões de um futuro brilhante para ele. Era Stephen Sondheim, e, após aquele primeiro encontro, eu não o vi mais até um jantar em sua casa muitos anos depois, com Mia Farrow, que era grande amiga dele.

Em meu segundo ano no Tamiment, dirigi meus esquetes e tive outra temporada de sucesso por lá. Andei naquele verão com outro letrista que trabalhava em nossas peças semanais, Fred Ebb. Ríamos muito juntos no Tamiment e compartilhamos muitas dores na varanda escura onde ensaiávamos o malfadado *From A to Z*, onde nos condoíamos com os problemas de enfrentar o fracasso de um programa. Fred, com seu parceiro John Kander, escreveria *New York, New York*; *Cabaré* e *Chicago*. Sem querer adiantar muito, alguns anos depois, Larry Gelbart me ligou de Boston ou da Filadélfia enquanto sofria com *The Conquering Hero*, e foi então que ele me contou a agora imortal piada que citou para o produtor Robert Whitehead: “Não enforque Eichmann. Mande-o para fora da cidade com um musical.”

Tive ótimos momentos no Tamiment e voltei para uma terceira temporada. Fico feliz que tenha feito isso, porque no terceiro ano um dos comediantes foi Milt Kamen, um homem hilário e divertido, mas difícil. Ele tocava trompa, era mal-humorado e, no inverno, era stand-in, o dublê de iluminação de Sid Caesar. Caesar tinha o maior programa de humor naquela época. Caesar e *The Honeymooners* — dois grandes comediantes bem diferentes, Sid e Jackie Gleason. Sid tinha um grupo de escritores cerebrais: Mel Brooks, Larry Gelbart, Mel Tolkin, Lucille Kallen, Mike Stuart, Shelly Keller e Neil Simon, isso sem mencionar as contribuições de Carl Reiner, Howie Morris e do próprio Sid. O programa semanal brilhante do Sid era a cinsura de todos que trabalhavam ou apreciavam humor inteligente. Entrar em sua equipe junto a esses nomes foi um verdadeiro prêmio. Sid era um gênio, um gênio extravagante, e seu material era brilhantemente executado. Tive outro ano forte no Tamiment. Milt Kamen voltou para trabalhar como stand-in do Caesar e falou entusiasmado ao Sid sobre mim. Sid já tinha ouvido meu nome por Danny Simon. Ele concordou em me encontrar. Fui a seu escritório e ele se sentou à mesa junto de Larry Gelbart, que tinha dez anos a mais que eu, por volta dos trinta. Nós todos conversamos um pouco sobre política, esportes e a vida. Parecia que nada além disso aconteceria. Quando o relógio bateu umas seis horas e os dois homens planejavam ir para casa, Sid se voltou para mim de forma grandiosa e declarou: “E você, você está contratado”. Eu saí com Gelbart e perguntei: “Estou

contratado?”. Ao que ele disse: “Se trabalhar pelo mínimo”. “Eu pagaria o mínimo para estar numa sala com vocês dois”, eu retruquei.

Aos trinta anos, Larry Gelbart já era um veterano e uma lenda. Seu pai era um barbeiro que empurrava as piadas do filho a uma audiência atenta de astros de quem ele cortava o cabelo. Larry havia escrito para o rádio, *Duffy's Tavern*, para Danny Kaye, para Berle, para Bob Hope e, agora, para Caesar. Quando ele morreu, me pediram para comentar e eu disse: “Ele foi uma das poucas pessoas em minha vida que fez jus à exaltação”. Era um cara fabuloso e um verdadeiro autor de comédia; um autor judaico da forma como Mailer era um autor judaico, isto é, eles nasceram judeus, mas você nunca via isso na obra deles. Juntos, Larry e eu nos entrosamos e o programa que escrevemos ganhou um Prêmio Peabody. Nós satirizamos Ingmar Bergman e Tennessee Williams. Também ganhamos algum tipo de troço da Associação dos Roteiristas e houve um almoço para homenagear os vencedores na Toots Shor's. Eu fui até a porta, mas não consegui entrar, uma fobia com que luto até hoje — fobia de entrar. Eu me sentei do lado de fora da adorável casa geminada de Sidney Lumet enquanto todos os convidados chegavam e eu deveria estar entre eles e não conseguia entrar. Eu me sentei. Tentei tomar coragem, e via aqueles que eu conhecia e gostava e aqueles que gostavam de mim. Bob Fosse, Miloš Forman, Paddy Chayefsky — mas não consegui me obrigar a entrar.

Quando tinha de ir a um evento, eu me certificava de ser o primeiro a aparecer, então talvez eu conseguisse entrar. Uma vez, fui convidado pelo presidente Johnson para a Casa Branca. Deixei meu apartamento, voei para Washington, vesti um smoking no banheiro do aeroporto e corri para a Casa Branca para ser o primeiro a chegar e não ter de perder a oportunidade. Eu entrei, mas fui vencido por Richard Rodgers, que eu ainda não conhecia, mas ele me abraçou e disse: “Se nossos avós pudessem nos ver agora”. Ele tinha suas pequenas excentricidades também, e eu me perguntava se fobia de entrar estava entre elas.

Casualmente, anos depois, fui a uma festa lotada na casa de Sidney Lumet, alguém entrou e eu estava sentado num sofá encostado numa parede de janelas. O burburinho social, como Satchel Paige chamava, estava ficando demais para mim e, quando uma famosa cantora foi chamada a se apresentar, eu fiquei ultrainquieto. Quando alguém se sentou ao piano e começou a tocar uma música a que ela era associada, ansiei por nada mais no mundo além de estar fora dali. Por quê? Quem sabe? Só sei que flashes me paralisam de desconforto. O problema era que eu estava bem longe da porta da frente e não podia abrir

caminho de fininho entre as pessoas e sair, já que a convidada havia começado a cantar. Eu não queria ser acusado de indelicadeza. Foi então que me ocorreu: a janela logo atrás de mim estava semiaberta e estávamos no térreo. A atenção de todos estava focada no piano. Eu me localizava atrás de um grupo de festeiros empolgados e, com um pouco de coreografia, eu podia escapar pela janela para a Rua 91. Poderia ser mais esperto? Rapidamente abri um pouco mais a janela para poder passar. Eu só não queria que todo mundo se virasse e me visse em plena fuga. Silenciosamente, comecei a sair. A cantora seguia com seu número e passei uma perna de cada vez para sair de fininho. De repente, me ocorreu que, se eu fosse avistado por pedestres na rua, saindo pela janela, poderia parecer um ladrão. E se, deus me perdoe, um policial estivesse passando por ali, me visse e atirasse em mim? O pânico se estabeleceu e voltei para dentro e para o sofá. Fiquei sentado durante a cantoria, saindo apenas quando todo mundo foi embora. Mas você pode ver o quanto minha psicanálise me ajudava. Apesar de eu ter apenas 23 anos quando isso aconteceu.

Então encerrei o Tamiment, fui contratado por Sid Caesar e depois de novo por ele para um especial, dessa vez com Mel Brooks, sobre quem eu havia ouvido que era um enorme terror e iria me comer vivo, mas ele também foi ótimo e gostou de mim. Nós voltávamos juntos para casa todas as noites. Ele me divertia com suas aventuras românticas, e me encantava ver como um judeu tão baixinho podia fascinar uma mulher magnífica atrás da outra. Mel era brilhante, letrado e musicalmente talentoso. Escrever para Sid significava um grupo de caras reunidos numa sala desde por volta das dez da manhã todo dia, muita conversa sobre filmes, acontecimentos atuais, conversa fiada em geral, até chegarmos de fato a escrever algo. Todos lançavam ideias e, quando se concordava com uma, nós todos íamos nela, jogando frases, rindo das frases uns dos outros ou gongando aquelas de que não gostávamos. Escrevendo só com outra pessoa, como Larry Gelbart ou Danny Simon, era realmente o mesmo procedimento, exceto que só dois caras passavam pela conversa fiada de abertura até entrarem no trabalho.

Posteriormente, quando colaborei com Mickey Rose, Marshall Brickman e Doug McGrath, foi também basicamente o mesmo, com o elemento a mais de que nós éramos amigos pessoais, dávamos voltas e jantávamos juntos enquanto continuávamos a desenvolver o roteiro. Os almoços com Sid eram sempre engraçados, já que os escritores eram engraçados. Se saíssemos para comer fora, em vez de pedir algo, Sid nunca deixava ninguém pagar. Comi uma vez sozinho com Sid e ele pegou a conta e insistiu. Só me deixou pagar depois de examinar

bem e se certificar de que a soma não era grande. Eu o vi deixar Larry Gelbart pagar a conta uma vez, e pude ver que isso o matou. Eu o ouvi dizer, enquanto relutava em permitir: “Finalmente cresci”. Sempre que Danny Simon ou Gelbart precisavam de um colaborador, eu era chamado. Duas personalidades diferentes. Danny, tão sigiloso, ligava e dizia: “Não posso falar pelo telefone, me encontre no Hansen’s”. Ao que eu retrucava: “É um trabalho de escrita ou eu tenho que te passar um microfilme?”.

Ele me colocou no *Paul Winchell Show*. Winchell era um grande ventríloquo, então eu escrevia para um pedaço de madeira. Larry Gelbart ligava: “Pode colaborar comigo num especial para Art Carney?”. “Claro.” “Venha à minha fazenda. Você e sua esposa podem dormir lá. Nós começamos hoje.” Uma vez, quando eu estava escrevendo para Sid, ele, Larry e eu estávamos na casa de Sid em Great Neck. Sid decidiu que faríamos toda a escrita na sauna a vapor. Mesmo que eu fosse novo naquele trabalho e adorasse os dois, não iria me sentar pelado numa sauna com dois caras. Os dois passaram uma hora lá enquanto eu me sentei do lado de fora, no gramado. Sid sempre me achou meio esquisito, mas gostava de mim. No decorrer dos anos, tive ótimos momentos com Larry. Jantares, caminhadas, compras em Londres, piadas em Paris, ouvir jazz em clubes de Manhattan. Ele me tratava como um igual, enquanto, para Danny, eu era sempre o moleque que ele descobriu na Califórnia.

O contrato com Harvey Meltzer acabou. Eu não renovei. Havia ouvido sobre um empresário que todo mundo queria ter, mas que era muito seletivo. Ele havia descoberto e criado Harry Belafonte. Quando Belafonte ainda era desconhecido, Rollins disse que ele estava destinado a ser um astro sem limites, que ia de clubes a cabarés e, depois, ao cinema. Os céticos zombavam da ideia de um cantor negro de calipso ir tão longe. Mas Jack Rollins tinha uma visão. Também zombavam dos moleques de Chicago fazendo improvisos intelectuais, mas Jack disse que seriam grandes astros, e Nichols e May explodiram na cena. Ele representava apenas um pequeno número de gente, sentindo que não poderia fazer um bom trabalho para seus clientes a não ser que mantivesse números baixos. Sua comissão era de quinze por cento e só. Um amigo em comum me apresentou para ele. Rollins nunca havia representado um escritor antes, mas, quando leu meu material, gostou. Quando contei a Jack e seu parceiro, Charlie Joffe, que desde que vi Mort Sahl alimentei uma vontade de ser comediante, Jack perguntou: “Fazendo que tipo de coisa?”. E eu disse: “Bem, tenho experimentado esta ideia: o *New York Times* é o único jornal sem

tirinhas cômicas. E se eles tivessem uma como a do Superman, mas quando ele trocasse de roupas, ele virasse um corretor de ações de Wall Street?”.

Daquele momento em diante, Jack não me deixaria desistir de ser comediante, não importava o quanto eu tentasse. Concordei com os quinze por cento, uma fortuna a menos do que eu pagava a Harvey, e ainda consegui um empresário brilhante na barganha. Nós nos cumprimentamos, sem nunca assinar qualquer papel, e permanecemos juntos até ele morrer, aos cem anos. Ele era uma das poucas pessoas, talvez a única, que eu sabia que tinha de fato uma sabedoria. Não era apenas esperto e visionário quando se tratava de talento. Sabedoria é diferente. E tente como eu tentei combater a sabedoria dele com meu raciocínio, meus medos, preconceitos e minhas noções absurdas. Ele me venceu vezes o suficiente para fazer uma contribuição gigantesca à minha carreira. Mas primeiro eu lutei com ele. Achei que eu sabia de tudo quando se tratava de comédia. Eu havia sido praticamente um garoto prodígio e um sucesso muito apreciado pelos maiores escritores de comédia do ramo.

Aos 22 anos me tornei roteirista principal do programa de TV de Pat Boone. Perdi o trabalho porque eu não era a pessoa certa, mas Pat foi outro cara bem bacana com quem trabalhei. Eu dava a ele esquetes que precisavam ser interpretados pelo Sid Caesar para funcionarem. Terminei como roteirista do *The Garry Moore Show* e perdi esse trabalho porque faltava. Eu tinha uma boa reputação como escritor, especialmente com os outros bons escritores na cidade que pediam por mim nos programas, e continuei trabalhando. Mas eu abri o apetite de Jack Rollins para descobrir um novo comediante e se tornou claro que ele tinha fé em mim para fazer esse trabalho, mesmo que eu não tivesse. Foram tempos em que trabalhei para a TV ganhando muito dinheiro. No tempo livre, eu montava uma peça só para ver se dava em alguma coisa.

Agora faço uma pausa para contar sobre o que me fez pensar em deixar o isolamento da sala de escritores e arriscar ir para o palco e ser um comediante de stand-up. Alguns anos antes, quando eu ainda estava no Programa de Desenvolvimento de Escritores da NBC, Les Colodny, que chefiava esse programa, sugeriu que eu desse um pulo no Blue Angel e visse um promissor comediante, Mort Sahl. O Blue Angel era um estabelecimento chique e caro, e a NBC pagaria a conta. Peguei minha noiva, Harlene, coloquei uma gravata e fui lá com ela. Para dizer como fiquei embasbacado com Mort Sahl... foi como a primeira vez que experimentei entrecosto de porco. Agora, quando se trata de Mort, eu poderia seguir e tornar este livro maior do que *Guerra e paz*. Não posso fazer justiça a sua obra como comediante. Só posso dizer o que um

cronista esportivo disse para mim quando exaltou Babe Ruth: “Você tinha que estar lá”. Em pouco tempo, Mort iria eletrizar a América, ser chamado em todos os *campi* universitários do país, atrair plateias imensas, conquistar cada casa noturna elegante, ir para a capa da revista *Time*, ter um perfil na *New Yorker*, e aqueles que estavam por perto quando isso aconteceu sabem que vivenciamos uma experiência de comédia como nenhuma outra.

É difícil entrar no que o tornava grande, porque a resposta é tudo, e não há quantidade de prosa que possa acertar em cheio. Basta dizer que ele destruiu minha vida da forma que Charlie Parker arruinou cada saxofonista que veio depois dele por anos. Como um crítico que gostava muito de mim escreveu: “Se Woody Allen pudesse perder esses maneirismos de Mort Sahl, ele seria um comediante bem engraçado”. Eu queria fazer o que ele fazia, queria ser como ele, queria ser ele. E esse é o problema. Você precisava ser ele para conseguir aquele efeito. Não eram as piadas brilhantes, que eram as melhores que já ouvi, era o homem. Levou muito tempo para eu entender isso e perceber que não importava quão duro eu tentasse ou quão inteligentes fossem minhas apresentações, eu não era ele. (É o mesmo problema que noventa e nove por cento dos atores tiveram depois que Brando apareceu em cena. Eles caminhavam como ele, faziam pausas como ele, posavam como ele, tinham a mesma postura e os movimentos dele, mas, no fim, não eram ele.) No fim, eu era sempre eu. Como Marshall Brickman colocou de forma tão incisiva numa discussão sobre artes e artistas: “Você é fodido por quem você é”. Fui extremamente bem como comediante de stand-up, mas o que eu fazia comparado com Mort era de segunda classe.

Criei uma apresentação e mostrei para Jack Rollins, Charlie Joffe e a esposa de Jack, Jane. Eles me acharam engraçado. Todo mundo (exceto eu) achou que eu era um comediante nato. Jack queria que eu experimentasse o Blue Angel. Era o clubezinho mais efervescente da América. Como eu disse, era bem extravagante, bem sofisticado. Exemplo: uma das apresentações deles era John Carradine lendo Shakespeare. Mort, Mike, Elaine e Jonathan Winters haviam se apresentado lá. O clube tinha uma política de apresentar um novo número nas noites de domingo, após o show. Podia ser um cantor ou comediante. Eu tinha um medo terminal do palco, mas Jack não aceitou não como resposta quando tentei recuar. Depois que Shelley Berman, o astro e um comediante muito bem-sucedido, fez seu show para uma casa lotada numa noite de domingo, ele pediu que a plateia ficasse e me apresentou da forma mais bacana e útil que um astro poderia fazer com um iniciante. Subi ao palco, uma pilha de

nervos, e comecei. As risadas vieram tão fortes que Jack Rollins me disse que eu me fechei. Tive meia hora e, quando terminou, fui criticado por Jack nos bastidores, um ritual que seria repetido muitas vezes nos anos seguintes.

Apesar de me retrair no palco, ficar tímido diante das risadas e dos aplausos altos, eu devo ter ido bem, porque, no dia seguinte, surgiram ofertas. Donos de clubes que haviam me visto me queriam. Assim como produtores de TV que estavam presentes naquela noite. Jack os dispensou todos e disse que eu não estava nada pronto. Agora que o verdadeiro trabalho começaria. Ele queria que eu me apresentasse seguidamente, mês após mês, até que estar no palco se tornasse algo “azeitado” dentro de mim. O escritor em mim sugeriu que eu poderia apenas sair e ler meu material. As piadas eram fortes. Qual é a diferença? Jack me explicou com paciência: “Se eles gostarem do homem. É assim. Se eles se conectarem com você, vão gostar de suas piadas. Se não, as melhores piadas do mundo não vão te fazer chegar lá”. Eu discordei. Discordei com a confiança cega do verdadeiro ignorante. Recusei cada coisa sensata e correta que Jack me falou, mas ele foi paciente e insistente e disse que eu calasse a boca e fizesse o que ele me dizia para fazer, depois reavaliasse tudo aquilo em dois anos, e então nós veríamos quem estava certo. Você pode ser um comediante muito bem-sucedido, ele me disse, mas eu ainda não consigo enxergá-lo assim. De qualquer forma, eu gostava tanto dele que concordei em ficar quietinho e deixar que ele cuidasse das coisas.

Então foi assim que terminei deixando uma carreira de roteirista de TV que me pagava milhares por semana para aceitar um emprego sem salário num lugar chamado Up-Stairs at the Duplex, administrado por uma moça adorável chamada Jan Wallman. Toda noite eu ia de táxi para a Sheridan Square com Jack Rollins ou Charlie Joffe, geralmente os dois, e eles e Jan Wallman me empurravam para o palco onde eu trabalhava para quarenta ou dez pessoas, dependendo do tempo lá fora. Outro comediante que se apresentava na casa era um cara engraçado chamado Garry Marshall, que acabou produzindo *Dias felizes*, um grande sucesso na TV, e também dirigiu filmes como *Uma linda mulher*. Eu te digo, ele também era um comediante de stand-up bem engraçado. Eu geralmente ia bem, mas algumas noites eram um vexame. As pessoas apareciam para me ver e me incentivar. David Panich ficou maravilhado com minhas “invaginações deliciosas”. Mel Brooks foi, assim como Phil Foster, aquele comediante tão engraçado da Broadway. Jack e Charlie nunca perdiam um show. Na noite em que Charlie se casou, ele e sua esposa

correram para aquele clubezinho onde eu fazia minha apresentação, com ela tendo acabado de dizer o “sim” e ainda em seu vestido de noiva.

Toda noite depois do show eu saía para a Stage Delicatessen para conversar sobre a apresentação com Jack, para ouvir por que algumas das minhas piadas eram obscuras demais, muito internas, “tão agudas que só cachorro conseguiria escutar”, Jack dizia. Comediantes iam até a mesa, sentavam-se, conversavam. Jack E. Leonard, Buddy Hackett, Henny Youngman, Gene Baylos. Eram todos engraçados, gostavam de mim e torciam por meu sucesso porque eu era educado e respeitoso e não era um novo comediante que desdenhava dos comediantes mais velhos do Borscht Circuit. Muito pelo contrário, eu adorava as apresentações deles e fazia questão de dizer isso.

Eles eram paternais de certa forma. Uma vez, eu não tinha certeza se deveria dar gorjeta a uma garota da chapelaria por me emprestar uma gravata. Naqueles tempos, uma gorjeta gorda era um dólar, e não era uma questão do valor, eu só não estava certo sobre o protocolo. Perguntei a Phil Foster: “Dou gorjeta a ela?”. E ele me disse: “Você tem dez dólares?”. Fiz que sim. “Me dá”, pediu. Ele pegou a nota e deu a ela. “Meu deus”, eu disse. “Dez dólares? Eu nunca dei dez dólares para uma moça de chapelaria.” “Você vai sempre se lembrar deste momento”, ele explicou, “e sempre vai se lembrar de dar gorjeta. Se ela te emprestar uma gravata, um paletó, você dá gorjeta. Agora você vai se lembrar.” Por sinal, não era que eu fosse pão-duro quando se tratava de gorjetas. Eu só não entendia dos meandros e uma vez dei gorjeta a um oficial que bateu na minha porta para me entregar uma intimação.

Naqueles tempos, a Stage Delicatessen, na Sétima Avenida, era um ritual de fim de noite. Ao lado do palco ficava a Dawn Patrol Barber Shop, aberta 24 horas, onde você podia conseguir um corte de cabelo ou fazer a barba às três da manhã. Outro estabelecimento que ficava aberto a noite toda era a Colony Records, onde se podia ver os discos e paquerar as meninas nas tenras horas da manhã. Tinha também o Larry Matthews Beauty Salon, onde os caras também iam para paquerar as garotas. E que garotas. Todas as vedetes gatinhas iam lá quando os clubes fechavam, para ficarem ainda mais lindas. Nunca fui bom em pegar vedetes e me mostrei muito melhor em mudar de penteado.

Ok, eu estava casado, nas últimas. Harley e eu havíamos nos distanciado. Ela se tornou compreensivelmente impaciente com meu temperamento, minha cara fechada, minha personalidade irritante. Eu estava me desenvolvendo como comediante e ela estava no último ano da faculdade. Por causa dela eu me familiarizei um pouco com Kant, Kierkegaard, Schopenhauer e Hegel. Ainda

que eu não possa realmente dizer que eu conheça a diferença entre *en soi* e *pour soi*, fui capaz de entender que “estar malcasado” e “Estar Malcasado” não eram coisas diferentes, não importa o que Heidegger diria. Nesse ponto, estávamos morando perto da Quinta Avenida, num apartamentinho localizado em um prédio de arenito. Era relativamente tranquilo, exceto por uma manhã, quando acordamos e um bilhete tinha sido empurrado por debaixo da nossa porta pela senhora de meia-idade que morava no outro apartamento do nosso andar. Dizia: “Eu saí pela janela, ligue para a polícia”. O que havia com nossos vizinhos e a compulsão deles por pular? Ah, e uma vez cheguei em casa e nosso apartamento tinha sido invadido. Algum ladrão arrombou a porta e não levou nada, mas nos deixou um televisor portátil. Suponho que ele tenha roubado de outro apartamento, estava no meio do roubo do nosso, entrou em pânico e fugiu deixando o resultado do outro apartamento por lá. Foi um feliz acaso, já que precisávamos de um segundo aparelho.

Uma noite, nós saímos em dois casais. Por acaso a menina não estava feliz no relacionamento com o outro cara, apesar de eu não ter desconfiado no momento. Eu não estava pensando em outras mulheres, preocupado como estava em me tornar um comediante. Escrevia números, ensaiava, tentava aplacar meu nervosismo, ia ao psicanalista fielmente todos os dias esperando por aquele momento Perry Mason. Eureka! Eu me lembro agora, acidentalmente dei com meus pais fazendo sexo, e o trauma que há muito eu havia reprimido causou meu medo desenfreado de ser preso dentro de uma maleta de violoncelo.

A menina no encontro duplo (bom nome para um thriller) morava perto da gente. Nós estávamos na esquina da Rua 78 com a Quinta Avenida, ela morava com os pais na 73 com a Quinta, e não aconteceu nada de especial naquela noite. Não consigo lembrar se a menina e o cara terminaram ou se ele se mudou da cidade ou o que, mas, como ela era nossa vizinha, minha esposa e eu a convidamos para jantar. Ela foi, nós três passamos a noite conversando, talvez vendo TV. Ela era bem bonita e charmosa, e não percebi o quanto me impressionou até eu acordar no meio da noite com um desejo ardente de me casar com ela e morar na Lua. Ela disse que queria cantar em clubes, iria se apresentar no Centro por algumas noites e nos convidou. Eu disse que nós adoraríamos vê-la, mas estávamos indo para Washington por uma semana. Desejamos sorte e ela partiu, apesar de seu sorriso permanecer como o do gato de Alice e, tomado de culpa, rapidamente tentei escondê-lo sob uma almofada do sofá.

Logo depois, Harlene e eu fomos para Washington, numas férias que deveriam salvar nosso casamento. Uma semana longe da tensão e da rotina familiar de Manhattan iria curar os anos de agressão bárbara. Então fomos de trem ver a National Gallery, a Freer, o prédio do FBI, o Mint; jantar no Duke Zeibert e no Occidental. E lá, na capital da nação, entre a beleza indescritível das cerejeiras em flor, nós brigamos. Discutimos e os inspiradores monumentos da liberdade e a incrível vitela no Anna Maria's não foram as pílulas mágicas que esperávamos que fossem. Em casa, curvado sobre minha máquina de escrever enquanto minha esposa estava na faculdade, fiz uma pausa e liguei para a “menina do encontro duplo” para ver como ela havia ido na estreia no cabaré. Eram umas três horas de uma tarde de abril. Ela estava em casa e me disse que pareceu ter ido bem e perguntou como tinha sido minha viagem. Balbuciei um pouco sobre o Sino da Liberdade, me esquecendo que ficava na Filadélfia, e, então, com um jorro repentino de impulsividade que Dostoiévski atribui a seu apontador de apostas, a convidei: “Vou sair para comprar um disco de jazz. Quer dar uma volta?”.

“Claro”, ela disse e, com essa palavra, minha vida teve um abalo sísmico, apesar de eu não perceber. Momentos depois eu estava na frente do prédio dela na Quinta Avenida, e o porteiro, me vendo como se eu fosse um micróbio, não me deixou passar, mas interfonou e disse que ela já iria descer. E lá estava ela, tinha vinte anos e impressionava saindo do prédio para cumprimentar esse mero pedinte considerado indigno de entrar no saguão de seu apartamento. Ela sorriu, me deu oi e, enquanto eu a encarava, embasbacado, jamais poderia sonhar que um dia ela seria minha esposa e uma hora terminaríamos, mas permaneceríamos amigos por toda a vida, e que agora tenho 84 anos e ela, 81, e se Tchecov estivesse vivo, ele entenderia aonde quero chegar. Ela era Louise Lasser; os *Ls* do nome dela eram formados com a língua, o que era imediatamente sexual. Os *Ss* também não eram nada maus. Ela havia acabado de largar seu último ano na Brandeis. Era uma bela criatura loira, e ainda que anos de uma doença e sofrimento terríveis tenham tido seu peso sobre ela, você precisa acreditar quando digo que Louise era de parar o trânsito.

Tá, não precisa acreditar em mim. Escute esses dois depoimentos. Primeiro, um mais sutil. Eu estava num táxi com Louise e, quando chegamos a nosso destino, ela saiu primeiro, me deixando para pagar o taxista. “Quem é essa menina?”, ele perguntou, espantado. “Ela é incrível. Tão bonita, tão viva e charmosa.” Tá, então essa é uma voz imparcial. A voz do homem comum. Quando ela ia à Brandeis, o jornalista Max Lerner e Jack Kennedy davam em

cima dela. Não são homens comuns. A segunda evidência: o pai dela nos levou para assistir a *Um violinista no telhado*, assentos na segunda ou terceira fileira. Nós vimos a peça e eu notei que entre o fosso de músicos havia alguns que eu conhecia da orquestra do Tamiment. Depois que a peça acabou, cruzei os poucos metros que nos separavam para lhes dar um oi.

“Quem é essa garota que está com você?”, o percussionista me perguntou.

“O nome dela é Louise. É minha namorada.”

“Todos os caras da orquestra não paravam de falar dela. Achávamos que era a Brigitte Bardot.”

Ok, ninguém era tão devastador quanto Bardot, mas aos vinte anos e com aquele rabo de cavalo, Louise tinha uma energia parecida. Ela também lembrava uma Mia Farrow bem jovem, notavelmente linda, e recebia fotos da Mia recortadas dos jornais com bilhetes dos amigos e conhecidos falando: “Achei que fosse você”. Muitos anos depois, uma vez eu mostrei uma foto da jovem Louise para o filho de Mia, Fletcher, e perguntei a ele quem era. “É a mamãe, não é?”, ele disse.

Essa volta toda que estou dando aqui é só para dizer que ela era linda. Mas isso era apenas uma parte da grandeza dela. Louise era encantadora, esperta para danar, rápida, muito divertida e espirituosa; era culta, tinha sido criada num duplex da Quinta Avenida como aqueles que eu via na tela do Midwood. Ela tinha uma conta na Tiffany's e na Bergdorf; seu pai era um contador muito bem-sucedido cujo livro de capa vermelha e azul sobre impostos estava presente em todas as livrarias da cidade. Sua mãe era decoradora de interiores. Sua família a levava aos melhores restaurantes, onde todos os maîtres a conheciam desde que ela era pequena. Enquanto eu crescia sobre o linóleo, comendo feijões Del Monte da lata, ela degustava escargot na Quinta Avenida, onde um porteiro uniformizado conseguiria um táxi para ela, para que pudesse correr para o teatro e depois para o restaurante Giambelli. Ela tinha uma voz imponente e uma promessa carnal escorria por cada um de seus poros. Também era meio pirada, porque deus tem vários truques sujos escondidinhos na manga celestial de seu roupão branco.

Mas o caos ainda estava por vir. Era abril e caminhávamos pelo Central Park e depois fomos até a Jazz Record Center, uma lojinha encardida especializada em discos de jazz. A gente subia por uma escadinha com uma placa que dizia TUDO DE BUNK A MONK, e entrávamos numa grande sala entulhada de vinis de jazz. Quando eu era moleque, podia passar horas por lá olhando todos os discos para, no fim, escolher apenas um, porque era o que meu orçamento permitia. O

proprietário era um cara obeso chamado Joe que se sentava, sonâmbulo, enquanto a gente passava pelas gôndolas e mal respondia a minhas perguntas. Eu me lembrei de um artigo de um desses grandes ensaístas, Hazlitt ou Lamb, no qual remoía o fato de que, quando era moleque e só tinha alguns trocados, ele passava muito tempo escolhendo um livro para comprar, e o quão prazeroso era. Agora que ele estava mais velho e podia comprar muitos livros, a emoção havia acabado. Mas, para mim, havia uma nova emoção ao examinar as fileiras de discos com a Louise. Encontrei o Johnny Dodds ou George Lewis que eu queria e comprei para ela um disco da Billie Holiday, *Lady Day*. Afinal, ela era cantora, então tinha de venerar Billie Holiday, e claro que venerava.

Caminhamos para casa e, quando chegamos ao prédio dela, eu a agradei pelo passeio e disse que tinha algumas tardes livres, se ela quisesse passear de novo ou ver um filme. Ela declarou que tinha a terça seguinte livre. Marcamos de nos encontrar na fonte do Plaza Hotel ao meio-dia da terça. Uma coisa bem Scott Fitzgerald. Quem diria que ela seria a Zelda? Caminhei para casa tonto. A cabeça dela também estava a mil. Não sei por quê. Eu não tinha nada de mágico a oferecer. Acho que era porque eu era uma boa companhia, suficientemente antenado e engraçado. Não sei o que mais podia tê-la deixado nas nuvens. Eu era casado, baixinho, malvestido, metido a comediante. Claro que eu não podia imaginar que ela havia gostado de mim. Só sabia que essa pessoa era a resposta de todos os meus sonhos e fantasias, e na terça, a partir do meio-dia, eu iria passar a tarde toda com ela até de noite. Acho que fui especialmente bacana com minha esposa naquela noite, apesar de ela já estar fazendo a logística da separação. Enfeitiçado, planejei minha tarde com Louise, certo de que receberia uma ligação iminente cancelando tudo. Caminhei até o Duplex e contei minhas piadas. Jack Rollins e eu comemos, discutimos comédia, mas minha mente estava só em parte em meu prato. Eis o plano e veja só o que você acha: eu queria ter uma tarde divertida e empolgante com Louise. Não queria me sentar em silêncio num cinema, sem levar o relacionamento para frente. Que atividade eu poderia fazer com ela em que eu tivesse alguma noção do que ela sentia por mim, primeiro como um cara casado, depois como um amante, entregue, um candidato ao coração dela?

Foi então que encontrei o passeio perfeito. O hipódromo. Podíamos ir a Belmont, escolheríamos juntos os cavalos, ganharíamos um pouco, perderíamos um pouco, riríamos, lamentaríamos. Era algo diferente e — mais importante — algo ativo e vivo. Depois, se tudo corresse bem, talvez um jantar rápido no Cave of Henri the Fourth, um lugarzinho francês num porão, iluminado por velas,

que tinha aquela atmosfera romântica na qual eu pediria vinho e faria poses taciturnas como Montgomery Clift.

Corte para a manhã de terça. Eu me levanto, faço a barba, tomo banho e cubro meu recluso corpo com tanto talco que pareço o lobo que tentou enganar os sete cabritinhos se cobrindo de farinha. Digo adeus a minha esposa, que vai ficar o dia todo na faculdade. A mosca na sopa do meu figurino eram meus sapatos. Eu tinha apenas sapatos acabados, então me enfiei numa loja a caminho de nosso encontro e comprei um par de belos calçados, ainda que muito pequenos. O engraçado é que eles serviram perfeitamente na loja. Ao meio-dia, eu me sentava à beira da fonte do Plaza e momentos depois ela apareceu, incrível com seu belo cabelo loiro comprido, olhos enormes, voz erótica audaciosa e eu com meu sorriso imbecil.

No trem para o hipódromo, a conversa parecia ir bem. Então, Belmont. Fazer apostas, rir, ser prejudicado nas escolhas, perder todas, menos uma aposta. Daí, no trem para casa, uma fria depressão se estabeleceu e comecei a sentir que as coisas não tinham dado certo. Estava tão cansado de fazer charme, era como correr uma maratona. Um pânico crescente passou a se apoderar de mim e, conforme os silêncios entre os comentários ficavam maiores, eu começava a me afogar na convicção de que havia estragado tudo. Suor. Minha vida passava diante de meus olhos como um filme e eu era interpretado por Franklin Pangborn. Eram seis e meia e sugeri um jantar, esperando ser rejeitado. Assinava minha demissão. Mas, espere. O que foi isso? Ela aceitou. De repente, estávamos à luz de velas e eu pedia uma garrafa de Bordeaux. Sei tanto sobre vinho quanto sobre cavalos ou mulheres bipolares. O truque é posicionar nossos olhos para que pareça que estamos avaliando o ano na carta, mas, na verdade, estamos verificando os preços. Fique com o mais caro que puder pagar. Nós bebemos, conversamos e, depois que duas taças abasteceram minha coragem, eu peguei a mão dela. Ela levou numa boa e pude sentir o chão abaixo de mim tremendo. Houve uma conversa sobre meu estado matrimonial, mas eu garanti a ela, com bastante honestidade, que tínhamos nos casado cedo demais e que, apesar de minha esposa ser adorável e brilhante, nós dois estávamos prestes a terminar. Deixo de fora a parte que Harlene é uma jovem bacana e normal, perfeitamente capaz de ter um bom casamento saudável, mas não com uma desgraça imatura e desajustada como eu.

Paguei a conta, nós nos levantamos e, nas sombras da caverna, eu a beijei. Ela me encontrou na metade do caminho e fiquei parado lá, meus lábios presos aos dela, pensando: agora estou beijando Louise. “Você queria saber como era”,

dizia o homenzinho que mora na minha cabeça e que me odeia, “bem, é isso aí”. Então, dez minutos depois, ela estava tirando dinheiro da bolsa enquanto eu ficava espremido entre cavalos lentos, novos sapatos e uma garrafa de Gruaud Larose. Ela passou o dinheiro para a mão do condutor da charrete. Foi o primeiro dos três pagamentos que ela fez enquanto seguíamos pelo Central Park, nos beijando sem parar na privacidade da charrete. Quando cheguei em casa, meus olhos estavam revirados para cima como os dos santos que rezavam nas paredes do Vaticano. “Por que sua língua está tão preta?”, perguntou minha esposa.

“Deve ser algo que comi”, soltei num falsete culpado, “umas amoras.”

“Você odeia frutas”, disseram os grilhões nos meus pés.

“Eu experimentei.” Meu nariz crescia a cada palavra que eu pronunciava.

“Quero conversar com você. Quero discutir como faremos se terminarmos”, ela anunciou.

Eu estava pronto para essa desmontagem, tendo dado fortuitamente com a pedra filosofal do neurótico: o relacionamento sobreposto. Então nós terminamos, e Louise e eu começamos um namoro. E me lembro exatamente de onde estávamos quando percebi pela primeira vez o que era o amor e como era a sensação, e finalmente entendi o que eles diziam, os poetas, os letristas. Nós estávamos saindo havia algumas semanas. Eu havia me mudado e pegado um apartamento bem romântico com uma lareira no banheiro — não que alguma vez tenha usado. O banheiro eu usava, mas não a lareira. Mas usávamos a lareira da sala e passávamos todo nosso tempo juntos, estivéssemos despertos ou dormindo. E uma tarde estávamos no Museu de Arte Moderna tomando café no restaurante, e por algum motivo, eu olhava para Louise e senti, ai-meu-deus, eu amo essa mulher. Nunca senti isso por nenhuma mulher antes. Agora entendo o que eles diziam. E, em algum lugar no céu, aquele mesmo sujeito que brincou sadicamente com Jó deu com a minha foto em seus arquivos e esfregava as mãos juntas, já antecipando sua diversão.

Acontece que a mãe de Louise tinha problemas mentais bem sérios, e quando digo sérios digo que ela entrava e saía de clínicas e precisava de tratamento de choque por causa de episódios de depressão. Essas entradas e saídas fizeram um estrago em Louise, que era filha única, como teriam feito com qualquer um. Escolhi desprezar certos sinais de perigo desde o começo, porque eu realmente queria que funcionasse. Isso porque, quando perguntei a Louise por que ela havia largado a Brandeis no último ano, ela revelou, após um questionamento persistente, que tinha sido devido a problemas psicológicos, não apenas por um sonho de atuar e cantar, como ela havia me contado. Havia também aquela energia louca, que era tão estimulante, especialmente vinda de um divertido e brilhante sonho sexual. Parecia um pouco louco demais, frenético demais, mas que diabos eu sabia sobre comportamento maníaco? Na minha família nunca houve suspeitas de problemas mentais, já que nada menos que correr pelado pela rua brandindo um cutelo de açougueiro era reconhecido como comportamento estranho.

Provavelmente o sinal mais óbvio de que algo estava errado era o quarto dela. Visualize um belo duplex na Quinta Avenida, bem decorado, abrigando pai, mãe e filha. A mobília, parte da qual foi criada por sua mãe, era elegante, com cada abajur, cinzeiro, cadeira e mesa sutil e de bom gosto arranjado com uma simplicidade suave. As cores eram pastéis discretos, azul-claro e cinza, havia muita madeira de cerejeira. Tudo no lugar e perfeito aos olhos. Tinha-se a impressão de que os objetos tinham um número que correspondia ao número da mesa onde deveriam ficar. O efeito era meticuloso e adorável. Subia-se a escada e dava-se no quarto de Louise. Ao abrir a porta, via-se Hiroshima. A cama desfeita, cortinas escancaradas, roupas jogadas, cremes, loções por todo lado, potes e tubos destampados e espremidos, sabe-se lá onde estavam as tampas. O armário do banheiro com gavetas abertas e muitos itens normalmente usados estavam largados na pia, na beirada da banheira. Na mesinha de cabeceira, via-se uma caixa com uma fatia fria de pizza comida pela metade, que não podia se estimar de que dia era, junto a meia xícara de café com bitucas dentro. Livros abertos e várias partituras estavam espalhadas sobre e sob as roupas. O quarto era o oposto dramático do resto do apartamento; uma declaração. Mas o que dizia? Por dentro estou fora de controle? Ou: é assim que minha mente é mobiliada? Ou, mãe, é assim que reajo a sua organização compulsiva, sua escrupulosa decoração de interiores. Para qualquer boboca, aquele quarto teria contado toda a história; previsto todo o futuro, mas eu não era qualquer boboca. Eu era um boboca extraordinário, apaixonado pela

apoteose de meus sonhos e, passando pelos detritos, escolhi racionalizar. “Acho que a empregada estava doente”, coloquei. “Ela veio ontem”, foi a resposta. Então eu estava fazendo amor com uma deusa, e se organização não era o forte dela, eu aceitaria o acordo.

Louise e eu ficamos juntos por oito anos até nos casarmos. Durante esse tempo, moramos juntos indo e vindo, principalmente vindo. Naquele passeio de oito anos na montanha-russa, ela me trairia, faria dietas, entraria e sairia de hospitais, usaria maconha, drogas recreativas e medicinais, sofreria episódios de loucura e autodepreciação extrema (consulte *Depois da queda*, de Arthur Miller), seguidos abruptamente por um furacão categoria cinco de euforia, tentativas de atuar, cantar, ficar viva, ser minha namorada, ser uma pessoa incrivelmente excitante de se estar perto nos bons dias (que cada vez ficavam mais raros), enganosa, charmosa, solícita e encorajadora com minha carreira, enlouquecedora, adorável, triste, cheia de ideias geniais, sempre divertida.

Em toda minha escrita futura no decorrer dos anos, ela permaneceu sendo a loira dos sonetos. Quando fiz uma cena atuando com Anjelica Huston e reproduzi o quarto de Louise, aquela atriz extraordinária me olhou incrédula e disse: “Quem você já conheceu que tinha um quarto assim?”. Eu pensei: “Ah, só uma garota com quem me casei”.

Então agora estava me apresentando no Duplex, e além de Jack Rollins e Charlie, Louise estava lá me instruindo, criticando, ajudando, jogando ideias junto a Jack. Eles se deram bem, e ele tentou administrar a carreira de cantora dela, mas ela se mostrou inadministrável e errática demais para que funcionasse. *I Can Get it for You Wholesale* estreou na Broadway e Louise substituiu Barbra Streisand. Ainda assim, ela ia fielmente a minhas apresentações depois que as cortinas de seu teatro se fechavam. Ela me ajudou muito quando saí do Duplex para um café na Rua Bleecker chamado de Bitter End, onde, sob encorajamento de seu grande proprietário, Fred Weintraub, emergi como a grande novidade. O Bitter End vendia apenas café — nada de álcool — e tinha sua marca registrada de parede de tijolos atrás do palco. Eram principalmente atrações folk. Lucy e Carly Simon; José Feliciano; Peter, Paul and Mary; e os Tarriers, um grupo de folk que incluía Marshall Brickman, seu baixista e um talento muito engraçado que depois colaborou comigo em vários filmes, incluindo *Noivo neurótico*, *noiva nervosa* e *Manhattan*. Marshall era autenticamente engraçado, e esse é um talento difícil de se encontrar.

Hilda Pollack trabalhava no caixa e me pagava com um maço de dinheiro preso por um elástico. Adam Perelman também trabalhava lá, o filho de S. J.

Perelman. Eu tive muitas conversas com Adam, que acabou cometendo suicídio. Conheci Bill Cosby quando ele estava começando. Dick Cavett experimentou o stand-up lá, e como tudo que Cavett experimentou, ele fez bem. Meu amigo Mickey Rose tentou ser comediante lá, mas desistiu. Mas eu fui um grande sucesso. Arthur Gelb, um jornalista do *New York Times*, veio e fez um artigo lisonjeiro sobre mim e, no noticiário das dez, David Brinkley citou o artigo de Gelb e disse que, se você fosse ao Bitter End, poderia ver um comediante que não mencionava JFK. Naquela época, os Kennedy eram a família mais sensacional da nação e todo comediante fazia piadas políticas. Essa era a parte ruim do legado de Mort Sahl. Ele era um gênio que fazia muito humor político, que realmente não havia sido feito tão bem antes, e um milhão de talentos menores imaginaram que podiam fazer o mesmo. Enquanto alguns eram realmente capazes de fazer humor político, a maioria fracassou.

Uma diferença era o comediante escolher a via política, enquanto Mort era uma pessoa genuinamente informada e articulada politicamente. Mas, no fim, a questão era que Mort tinha uma personalidade hipnotizante e os outros, não. Ele tinha um grande dom como *performer*. Tanto que os outros comediantes não davam muito crédito a suas apresentações, mas diziam, de forma depreciativa: “Ele só chega e fala. Qualquer um pode fazer isso”. Ainda que outros pudessem fazer piadas políticas, até umas bem boas, a plateia se fixava na personalidade de Mort. Não me faça começar isso novamente. Piadas atuais têm a vantagem de serem novidade na mente de todos, todo dia, e o comediante começa adiantado, usando temas bem conhecidos que quase provocam uma risada no minuto em que você traz o assunto. Sempre senti que Mort era ainda melhor e mais engraçado quando não fazia material político. Nunca, jamais, fiz piadas do momento; não por qualquer motivo especial, foi só que o assunto não me interessava. Escutar o noticiário, sim, mas não falar sobre isso em meu número. Mas, logo após o artigo no *Times*, começaram a se formar filas no Bitter End. Os shows estavam lotados, surgiam pedidos de entrevista, programas de TV como um chamado *P. M. East* me procuravam, e eu fui várias vezes. Era apresentado por Mike Wallace, e eles me colocaram junto com a convidada-revelação favorita deles: Barbra Streisand.

Recebi a proposta de gravar um disco, e logo eu estava de volta como a atração principal do Blue Angel. Naqueles tempos, pequenos clubes elegantes que atendiam fregueses sofisticados haviam se tornado tendência e os novos comediantes se apresentavam em todos deles. Fiz o *Hungry I* em São Francisco junto com Barbra Streisand. Também fiz o *Mister Kelly's*, em Chicago, onde

conheci Judy Henske, durante um período em que Louise e eu estávamos num hiato um do outro. Namorei com Henske e a achei muito brilhante, divertida e encantadora. Ela era de Chippewa Falls, Winsconsin, que posteriormente tornei a cidade natal de Annie Hall. Judy era enorme perto de mim e formávamos um casal de aparência ridícula, mas o tempo com ela foi ótimo. O problema foi que, naquela época, nenhuma mulher com quem eu saía tinha chance alguma de se tornar algo sério porque eu amava a pirada que não conseguia endireitar, nem podia entender a seriedade da doença dela. Que diabos eu sabia sobre maníacos depressivos? Meu tio Paul guardava papel-alumínio. Ele tirava de maços de cigarro e enrolava numa bola cada vez maior. Isso era o máximo de loucura que eu conhecia.

No Mister Kelly, em Chicago, eu também conheci John e Jean Doumanian, e nos tornamos grandes amigos. Vou te contar minha história com Jean mais para frente, e é bem estranha. Fiz o Crystal Palace em St. Louis, onde um artista emergente, Ernie Trova, me mostrou suas esculturas, que acabaram fazendo grande sucesso no mundo da pop art.

No Blue Angel, apareci com Nina Simone e, trabalhando lá, conheci Paddy Chayefsky, Frank Loesser, Billy Rose e Harpo Max. Claro que todos foram ver Bobby Short no saguão. Mas fui um grande sucesso lá, e foi onde conheci Dick Cavett, que foi mandado para me recrutar para o programa de TV em que ele trabalhava. Ele se tornou um fã de primeira, e viramos bons amigos, saindo juntos e batendo perna em ambas as costas, compartilhando um amor por mágica, Groucho, S. J. Perelman, W. C. Fields e pela sopa de pato no Sam Wo. Cavett é o tipo de cara cuja vida é uma aventura atrás da outra. Ele podia ir à esquina para comprar um jornal e terminar numa festa com Greta Garbo, J. D. Salinger e Howard Hughes. Tá, estou exagerando, mas não muito. Ele é tão esperto, letrado e interessante que, desde que veio do Nebraska para Nova York, tem sido um ímã para os grandes e quase grandes que curtem sua companhia. Assim como seu fabuloso programa de entrevistas na TV permanece como um recorde de cultura com uma lista de convidados que inclui os Lunts, Katharine Hepburn, Noël Coward, Fellini, Kissinger, Muhammad Ali, Olivier, Judy Garland, Bette Davis, Fred Astaire, Alfred Hitchcock, Gloria Swanson e Ingmar Bergman.

Sua vida particular tem sido sempre uma série infinita de almoços, jantares, fins de semana e conversas com um grande espectro de indivíduos notáveis, de receber Tennessee Williams a acompanhar chamadas policiais com Walter Winchell, a trocar truques de mágica com alguns dos maiores ilusionistas da

história. Vejo com uma prazerosa nostalgia quando nós dois tínhamos mais tempo livre e podíamos ligar um para o outro de manhã, ir tomar café, dar um passeio, então talvez ir até o Charles Hamilton para ver os autógrafos raros, então ele saía para almoçar com algum astro; Orson Welles ou Gore Vidal. Quando ele me levou para almoçar com Groucho, eu me lembro de que foi emocionante conhecer o grande comediante cuja voz fazia tudo o que ele dissesse soar engraçado, mas também de que fiquei triste em pensar que Groucho era exatamente como vários tios judeus e parentes que eu tinha, que faziam piada ou provocavam os outros num casamento ou *bar mitzvah* da família. A diferença era que, no caso de Groucho, essa vontade de comentar tudo com colocações engraçadas dava um salto para a genialidade da comédia.

Uma vez Cavett e eu nos encontramos em Los Angeles. Ele era um dos escritores do *The Jerry Lewis Show*, enquanto eu me apresentava no Crescendo. Fomos todos ver as casas dos astros de cinema, como fãs embasbacados, e permanecemos boquiabertos diante das residências de Jack Benny e W. C. Fields. Durante meus shows no Crescendo, John Kennedy foi assassinado. Aqui há outra anedota reveladora, que demonstra tanto minha disciplina e ambição como minha falta de conexão com a realidade. De noite, eu me apresentava no clube em Sunset Boulevard. A manhã eu passava em minha máquina de escrever portátil, compondo meu primeiro roteiro de cinema, um trabalho encomendado que acabou se tornando *O que é que há, gatinha*, um filme horrível, mas chego lá.

Então estava escrevendo e a camareira me contou que o presidente Kennedy tinha levado um tiro. Achavam que ele estava morto. Liguei a TV e todos os canais estavam frenéticos com a tragédia. Assisti por dois minutos, digeri a informação, desliguei a televisão e voltei para trabalhar no meu roteiro. Nada me distraía. Naquela noite, meu show foi cancelado e Cavett, Mort Sahl e eu nos sentamos, lamentando a notícia.

Anos depois, Cavett foi tomado pela depressão. Estava em casa, mergulhado nisso, e seu produtor de TV me ligou e perguntou se talvez eu poderia ir lá animá-lo. Ele sempre morou perto e eu corri para lá. Ele estava desanimado, tomado de medos irracionais de ficar sem grana ou nunca mais trabalhar. Não pude fazer nada além de companhia para ele. Assim como Marshall Brickman, que também foi até lá e tentou ajudar, mas a doença estava muito além de nós. Foram anos de médicos, terapia, remédios e tratamento de choque que sugaram todo o intelecto de Dick para que ele pudesse superar essa situação e se permitir levar uma vida plena e produtiva. Mesmo no auge de sua miséria

mental, Cavett manteve seu equilíbrio social e charme cosmopolita. Jean Dumanian e eu fomos visitá-lo no Hospital Mount Sinai quando ele recebia terapia de choque. Queríamos animá-lo e fizemos companhia antes de sairmos para jantar no Elaine's. Torcíamos para que Dick não estivesse deprimido demais, devastado por demônios irracionais e com a ideia da voltagem elétrica. Então chegamos lá, ele estava na frente de um espelho, colocando um smoking. "Só tenho uns minutinhos", ele nos disse. "Vou encontrar com Jack Nicholson e vamos para um jantar." Com isso, nós trocamos algumas palavras e ele saiu como Fred Astaire para uma noite empolgante e nós ficamos ali, parados numa ala de pacientes mentais. No dia seguinte, colocariam eletrodos em sua cabeça, mas Deus não permitiria que ele perdesse um jantar com um grande astro.

Parecia que eu estava cercado por gente incrível e maravilhosa, instável como urânio. Louise era um deleite num momento e no seguinte ela reclamava: a pele doía, as mãos estavam endurecendo. Ela não conseguia respirar. Estava morrendo. Esse episódio podia ser às três da manhã, me acordando. Ela saía da cama para o chão, hiperventilando, aterrorizada. De repente, estava buscando ar. O que eu poderia fazer? Na minha família, a única perturbação às três da manhã podia ser curada com sal de fruta. Parecia que ela estava tendo alguma crise exótica, então eu ligava para uma ambulância, que nos levava para Lennox Hill. Ela era examinada, recebia uma injeção e nos mandavam embora. Não era fácil achar um táxi às quatro da manhã. Chegávamos de volta a minha casa e ela estava sem a jaqueta em cujo bolso havia guardado a chave. Achei que a chave estava com você. Um táxi para o Hotel Americana. Nesse ponto, o sedativo que aplicaram em Louise já tinha surtido efeito e ela não conseguia ficar acordada. Eu conduzia o corpo inerte dela pelo saguão enquanto o carregador de malas nos mostrava o quarto. No dia seguinte, um chaveiro nos deixava voltar para casa.

Na semana seguinte, essa bela menina se convencida de forma irracional de que estava gorda demais. Eu provava a ela com lógica geométrica que ela não estava gorda demais, na verdade, não estava nada gorda. Mas não adiantava nada. Seguiam-se dietas loucas, coisas claramente pouco saudáveis e sem sentido. Jejum. Apenas proteína por vários dias. Depois só salada. Carboidratos, depois nada de carboidratos. Apenas líquidos. Mais jejum. Novamente, no meio da noite, ela acordava. Estou faminta, ela me dizia. Não era de se espantar. Ela ia para a cozinha e abria meia dúzia de latas de atum, e por meia dúzia eu quero dizer que eram realmente seis latas. Virava o conteúdo numa grande tigela e colocava muita maionese. Misturava tudo. Lá vamos nós de novo. São três da

manhã e estamos de volta a nossa cama, sentados. Eu exausto e perdido; ela se empanturrando de salada de atum. No dia seguinte, nós dormíamos até tarde e ela ficava consumida pela culpa de quebrar sua dieta, convencida de que havia ganhado dois ou três quilos durante a noite. Louise não sabia cozinhar. Ela só sabia fazer espaguete e sua receita era para oito pessoas, já que ela não sabia porcionar. Então nós dois acabávamos comendo espaguete com seis porções a mais. Logo ela estava acelerada de novo atrás da última dieta da moda. Eu me perguntava se os poucos dias bons por mês, que de cinco minguaram para dois, valiam a pena. Então, poucos dias depois, a loucura diminuía e ela era a melhor mulher, quilo por quilo, do mundo. Ela era doce, brilhante, muito engraçada, muito charmosa, muito sexy.

E por sexy vou te dar só um exemplo, porque é embaraçoso. A ponta do iceberg. Nós estávamos num restaurante e já tínhamos pedido. Eu estava ansioso por meu suculento aperitivo Nova Scotia. De repente, ela foi tomada pelo tesão. Eu não havia feito nada para provocar isso, exceto ser o amoroso, divertido e animado de sempre.

“Vem cá”, ela dizia, se levantando.

“Para onde?”, eu perguntava, salivando pela iminente chegada de um prato de salmão curado.

“Quero fazer amor”, ela explicava.

“Mas pedi um aperitivo”, eu reclamava.

“Vamos”, ela insistia, querendo o que queria quando queria.

“Para onde?”, eu guinchava, sendo puxado e arrastado para a porta.

“Já voltamos”, ela dizia ao garçom.

“Mas aonde estamos indo?”, eu queria saber.

“Vi um pequeno beco na esquina.”

“Mas estamos no meio de Nova York.” Estamos na 54, entre a Broadway e a Sétima Avenida. “A cidade toda está aqui.”

“É um lugarzinho escuro. A poucos passos, é um breu. Ninguém vai ver.”

Sendo empurrado por um monte de latas de lixo, eu era jogado no que era um lugar escuro, recluso, ao ar livre, no meio de Manhattan. Por todo lado, o trânsito e os pedestres estavam quase à vista. Finalmente, o tesão vencia o salmão e eu sucumbia. Fizemos amor e não demorou muito para eu estar sentado com meu apetitivo e um sorriso de beato no rosto, as bochechas dela coradas de satisfação. Mulheres assim não se encontra em árvores. Ao mesmo tempo, ir a restaurantes com Louise era sempre um trauma especial porque ela fazia um pedido, daí mudava de ideia, em seguida voltava ao pedido original e

era sempre eu o responsável por dar ao garçom a notícia de que o pedido tinha de ser mudado mais uma vez.

“Eu não devia ter pedido que o garçom tirasse as espinhas do peixe”, ela uma vez disse no Lutèce. Horrorizado, perguntei: “Você não quer que ele coloque as espinhas de volta, quer?”. Eu me segurei. Teria de fazer aquele pedido? Mas eu fazia qualquer coisa por aquela mulher, porque eu a amava.

Durante esse tempo todo, eu trabalhava como comediante, me desenvolvendo tecnicamente, e minha reputação crescia.

Às vezes Louise pegava a estrada comigo e às vezes ficava em casa, puxava outro cara de seu assento e saltava para a cama com ele. Ela era uma promíscua supersônica, e ainda assim me amava, e, se eu ameaçava terminar, ela ficava em pânico e deprimida. Fazia um grande esforço para ser a namorada perfeita, mas nunca encontrava um colchão de que não gostava e tinha a libido de uma coelha. Ela foi uma boa influência para mim, de vários modos, e me tirar de minha reclusão foi um deles. Louise fazia amigos com facilidade. As pessoas gostavam dela: sua energia e inteligência, seu charme e humor. Ela veio até mim em Chicago, onde me apresentei no Mister Kelly's; foi ela quem se abriu para o afeto de John e Jean Doumanian e, se não fosse por Louise, eu nunca teria correspondido às aberturas de amizade deles. A imagem que eles têm de Louise era no Astor Towers Hotel, bem acima da Lake Shore Drive; John e Jean esperavam na suíte para nos levar para jantar, eu estava pronto, Louise atrasada, como de costume, de pé, com a cabeça baixa para que seu longo cabelo loiro pudesse se esparramar sobre a tábua de passar enquanto ela o passava seguidamente para garantir que ficasse liso.

Jean e John acabaram se separando, mas permaneceram amigos próximos a vida toda e ambos se mudaram para Nova York. Fiquei próximo de Jean e não é exagero dizer que por décadas ela foi a pessoa mais íntima minha. Jean e eu éramos amigos de verdade. Nós nos víamos nos bons e maus momentos, segurávamos a mão um do outro através de relacionamentos turbulentos com o sexo oposto. Jantávamos juntos todas as noites, fôssemos só nós dois ou com amigos, ou com quem cada um de nós estivesse saindo. Ela era a última pessoa com quem eu falava antes de apagar as luzes e ir dormir, quando eu morava sozinho, e a primeira para quem eu ligava quando acordava. Nós andávamos juntos pelas ruas, vimos um milhão de filmes juntos, viajamos juntos para a Europa. Por muitos anos ela estava com seu namorado, o cara que ela conheceu quando eu estava em Paris filmando nos anos 1970 e com quem ela ficou desde então; nós três éramos inseparáveis. Ela me arrumava uns encontros às vezes,

eu a ajudei a arrumar trabalho na TV quando ela se mudou para a cidade. Não tínhamos segredos, éramos mais próximos do que uma família. Essa proximidade extrema e prazerosa continuou década após década até eu processá-la.

E, acredite, eu ainda não entendo. Acho que começou quando Jean e seu namorado ricoço decidiram um dia ser produtores e começaram financiando alguns de meus filmes. Os filmes foram na maior parte lucrativos, e deixei minha parte dos lucros com eles, me sentindo mais seguro do que se eu o tivesse colocado num banco. Eles disseram que eu deveria pegar minha parte conforme seguíamos, mas eu disse: “Não estou nessa pelo dinheiro, apenas gosto de fazer filmes”. Verdade que eu quase nunca fiz nada pelo dinheiro, certamente nada com que eu me importasse. Como Jack Rollins sempre disse, não escolha nenhum projeto pelo dinheiro, escolha pelo lado artístico, concentre-se em fazer um bom trabalho e o dinheiro virá. Era algo que eu não precisava que ele me dissesse, mas ouvir isso dele confirmou meus próprios sentimentos. Então eu gradualmente acumulei uma quantidade considerável de dinheiro dos filmes que realizei e que tiveram lucro. Sempre recebia um salário bem mirrado para manter o orçamento baixo. Provavelmente eu era o cineasta com menor salário de minha geração. E estou avançando em minha história de vida aqui, mas é a forma mais clara de explicar o que eu ainda não posso explicar.

Já tinha me casado com Soon-Yi, nós tínhamos uma filha. Eu tinha acabado de comprar uma casa porque nosso apartamento era pequeno demais para uma criança em crescimento. Meu empresário, Steve Tenenbaum, disse: “Eu gostaria de aumentar um pouco sua margem de lucro, já que você terá despesas grandes pela frente”. Inexplicavelmente, ele foi um pouco enrolado por essas duas pessoas adoráveis, Jean e seu namorado. Sabendo de nossa amizade próxima, ele passou por isso várias vezes, de forma sutil, mas o casal sempre lhe passava a perna. Passou-se um ano sem nenhuma ação. Se Jean e seu namorado tivessem vindo até mim e dito “Estamos apertados, temos de usar seu dinheiro, tenha um pouquinho de paciência”, eu teria simplesmente respondido: “Claro, vocês são meus melhores amigos. Me paguem quando puderem”. Mas não foi esse o caso. O namorado dela, Safra, era um bilionário e o que eu pedia eram meus lucros suados, uns trocados para qualquer bilionário. Se eu não tinha consciência de alguma catástrofe financeira que necessitasse expropriar meu dinheiro, tudo o que eles tinham de fazer era me dizer e eu teria me

solidarizado e ajudado numa boa. Mas não houve nenhuma catástrofe financeira, e mais tempo se passou entre pedidos delicados, espera e evasão.

Eu teria pensado que, dada minha proximidade com Jean, ela teria dito ao namorado que estava lidando com seu melhor amigo, a última coisa que eu queria era que uma questão financeira, que destrói tantos relacionamentos, tivesse o menor impacto no nosso. Vamos resolver isso instantaneamente, da forma mais amigável.

Isso não aconteceu e, apesar de minhas súplicas para resolver a questão, nós finalmente fomos forçados a uma auditoria, que mostrou que eles me deviam consideravelmente mais do que estávamos pedindo. Sugeri que eles me dessem a soma menor e deixaríamos aquilo tudo rapidamente para trás. Não houve resposta. Mais tempo ainda passou e começou a ficar aparente que eles não tinham intenção de me dar nada. Era incompreensível para mim, já que os dois eram amigos tão generosos, que me apoiavam. Jean explicou que seu namorado, por alguma corrente tortuosa de pensamento, não concordava que me devia dinheiro. Eu apontei a auditoria, sem resultado. Sugeri que não podíamos mais seguir em frente num rumo que poderia danificar uma amizade de vida inteira e deveríamos simplesmente colocar a questão nas mãos de um mediador, nos afastarmos e fazermos o que ele mandasse. Eles aceitaram a mediação, mas não poderia ser arbitragem legal e foi dito de cara que, se por acaso eles tivessem de me pagar alguma coisa, não iriam obedecer.

O absurdo disso tudo começava a se tornar irritante e eu queria preservar nossa amizade, mas não conseguia descobrir para onde ir com isso. Não podia me dar ao luxo de apenas esquecer o dinheiro, já que estávamos falando de milhões de dólares ganhos honestamente por vários anos de trabalho, e enquanto eu receberia feliz uma fração daquilo só para manter as pazes, nada era oferecido. Enquanto isso, nós todos jantávamos juntos como se nada estivesse acontecendo. E, para mim, não havia. Eu gostava da companhia deles e nunca pensei no assunto em questão. Nós não discutíamos isso e tivemos ótimos momentos e muitas risadas. Mais tempo se passou e Jean me ligou no último minuto antes de nosso próximo filmes juntos e disse que eles deixariam de financiar o projeto. Aceitei essa notícia, mas mencionei que as outras pessoas que já haviam sido contratadas podiam não ter uma reação tão tranquila ao ver seus tapetes sendo puxados assim tão repentinamente, no último minuto, e poderiam processá-los. De forma atípica, Jean disse: “Que processem, vai ser caro para eles e levará uma eternidade”. Isso não era típico dela. Ela era uma pessoa maravilhosa, adorável. Que tipo de pessoa maravilhosa e adorável falaria

assim? Como os advogados me perguntaram: “Houve um momento em que você finalmente decidiu abrir um processo?”.

Bem, sim. Não consegui chegar ao primeiro passo relacionado a qualquer aspecto do dinheiro devido a mim. Quando Jacqui Safra disse que não gostava de mediadores e não confiava neles, então sugeri que nos voltássemos a deus. Eu disse: “Encontre alguém em quem você confia, um rabino, talvez. Deixe que ele estude o assunto e chegue a uma decisão”. “Inaceitável”, ele respondeu. Não devemos nada a você. Então, sim, houve um momento em que ameaçamos processá-los. Ainda assim, eles não estavam dispostos a resolver nem com uma soma menor. O tempo todo, Jean, eu e Soon-Yi jantávamos juntos todas as noites. Outros se juntavam, nós conversávamos, fofocávamos, ríamos. Se o assunto do conflito surgia, que era quase nunca, ele era colocado de lado. O namorado de Jean não estava presente nesses jantares, pois ia com frequência para a Europa. Por lei, ele só podia ficar quatro meses por ano na América, e até um dia a mais significaria que ele teria de pagar impostos, e ele tinha uma rede mundial montada para lidar de forma eficiente com a menor porção possível de impostos devidos.

Finalmente, certa noite no Cipriani, Jean, minha esposa e eu nos sentamos, fizemos os pedidos e rimos. E eu disse: “Por favor, esta é a última chance. Amanhã meu advogado vai abrir um processo contra sua empresa. Não é a coisa mais absurda que já ouviu? Vamos resolver esse conflito bobo e seguir com nossas vidas”. Jean fez charme, mas não respondeu ao meu apelo. Soon-Yi e eu voltamos para casa. Era meia-noite. Liguei para Jean, conversamos e eu implorei: “Por favor, arrume um amigo que nós dois respeitamos para mediar, arrume um rabino, arrume alguém. Não deixe que meus advogados tragam papéis. Que bem um processo faz? Vamos todos perder dessa forma”. Mais charminho, esperteza, porém nenhuma resposta sob as nuvens que se juntavam para um combate no tribunal.

Então, na manhã seguinte, interpretamos nossos papéis, e eu, como um palerma criado por filmes de Hollywood, tinha fantasias de nós dois como adversários num processo durante o dia, mas melhores amigos num jantar à noite. Tipo o filme *A costela de Adão*. Dá para pensar que era um pouco tarde para eu aprender que a vida real não era uma produção da MGM. As manchetes nos tabloides colocaram Jean e seu namorado como bandidos, e nenhum dos dois jamais falou comigo novamente. Escrevi para Jean um bilhete simpático, dizendo: “Vamos deixar isso como uma questão para nossos advogados resolverem, mas não vamos brigar, vamos permanecer alheios a esse conflito.

Será como um filme de Tracy-Hepburn, que será uma experiência única e nos trará risadas de comédia maluca. Afinal, não é que a gente não goste um do outro; só temos uma discordância num único assunto, e homens sérios em ternos pretos vão navegar pelos perigos enquanto saímos todas as noites, estourando rolhas de champanhe e tendo conversas animadas”. Não houve resposta. Não apenas isso, eu fui tratado no *New York Post*, um dos tabloides, como um trapo quando ela entregou minha carta a eles.

“E houve um momento em que você foi ao tribunal?” Sim. E meu caso era tão flagrante que eles decidiram no meio do caminho e deram o veredito. Um jurado me disse que, baseado em tudo o que ouviu, o júri estava preparado para me dar tudo o que eu pedia. Olhando agora para a completa estupidez disso tudo, ainda fico estupefato. Tudo poderia ter sido evitado. Os honorários legais que paguei, os honorários que a empresa dela pagou, que foram consideráveis, a vergonha pública de amigos que terminaram no tribunal, o depoimento dela, que foi demolido por meus advogados e pela imprensa. A exposição pública permanente do namorado dela devido a suas sensíveis mecânicas nos negócios. Custou a eles muito mais do que o mirrado acordo que oferecemos originalmente. Então, como isso pôde acontecer entre amigos próximos?

Tenho só duas teorias, nenhuma delas brilhante. A primeira é que, enquanto Jean era uma pessoa adorável, seu namorado não era tão *kosher* quanto eu pensava. Ele havia vindo de uma família de banqueiros muito bem-sucedidos que haviam se envolvido em vários casos questionáveis. Vários outros o processaram ou quiseram processar, mas não podiam pagar. E muito da energia dele se direcionava para encontrar formas de driblar os impostos. Conclusão: ele estava tentando explorar meu dinheirinho suado. Não coloco muita fé nessa ideia, porque, por passar anos com ele, eu o considerava um homem compassivo, generoso e muito bacana.

Minha outra teoria era de que Jean e ele estavam fazendo uma escolha moral e sinceramente acreditavam que eu não estava fazendo a coisa certa como amigo pedindo o dinheiro, já que nem todos os meus filmes tiveram lucro e os que tiveram lucro podiam cobrir a perda dos que não tiveram. Eles foram amigos generosos financiando meus filmes de forma que eu pudesse continuar trabalhando com absoluta liberdade e ali estava eu, mal-agradecido, com a audácia de pedir dinheiro. Apenas uma escolha moral faz sentido, para que eles fincassem o pé de tão forma tão irracional e destruíssem uma amizade tão profunda. Ironicamente, se somássemos o que os filmes custaram e o que faturaram, houve lucro. Foi algo tão confuso, uma perda para todos.

Ok, então de volta para a vida com Louise, ou A Agonia e o Êxtase. Digamos apenas que tivemos nossos altos e baixos, términos, voltas, términos. Enquanto isso, eu melhorava como comediante. Fui bem em minha primeira apresentação no *The Jack Paar Show*, mas Paar não gostou de mim e achou que eu era grosso, o que eu não era. Ele foi perverso comigo até eu chegar lá, então reivindicou crédito por ter me descoberto e de repente era meu maior fã. Ed Sullivan também me acusou de grosseria. Quando fui passar a apresentação, sua equipe disse: “Não faça o seu número costumeiro, já que estamos só ensaiando. Você pode fazer o que quiser e guardar seu material de verdade para a noite, quando o programa for ao ar”. Então fiz outras coisas que não eram adequadas para o programa, mas nunca fui um comediante grosseiro. (Pelos padrões de hoje, Lenny Bruce seria tranquilo.) Se você já ouviu alguns dos meus álbuns, sabe que estou certo nisso.

De toda forma, depois que saí, Sullivan me pegou no camarim e começou a me recriminar sem dó. Ele me disse que eu era o motivo pelo qual os moleques queimavam suas cartas de convocação e seguiu com uma fúria apoplética. Fiquei sentado numa cadeira, chocado, pensando: “Devo mandar esse cara se foder e ir embora? Por que não? Eu me importo com Ed Sullivan e seu programa?”. Não conseguia ver as coisas num contexto maior. Afinal, o sol estará queimando em cinco bilhões de anos e ninguém vai se lembrar disso. Por algum motivo, segurei a língua. E juro para você, não foi medo, foi uma decisão calculada sobre como levar o momento da melhor forma, e o simples silêncio me pareceu ser a jogada.

Sullivan terminou e saiu soltando fogo pelas ventas. Fiz o programa com o material que pretendia inicialmente, que não era nada controverso, tive minhas risadas e fui para casa. Bem, daquele dia até o resto da vida, Sullivan foi meu maior fã, apoiador, até amigo. Ele nunca parou de me elogiar por minha coluna, promoveu meus álbuns, minha peça na Broadway. Ele me recebeu de volta em seu programa várias vezes. Certa noite, nos encontrávamos numa pequena mesa de jantar na casa de Groucho e ele não poderia ser mais simpático e me elogiar mais. Até hoje não entendo o que aconteceu com o cara. Um trauma na cabeça? Um pequeno derrame? Estava angustiado pela culpa? Com quem ele me confundia?

Acabei fazendo o Johnny Carson. Eu o adorava. Fiz Merv Griffin, também um cara adorável. Outra conversão religiosa. Eu estava no Merv Griffin com Henry Morgan, aquele rabugento sorumbático terrível. Ele entrou na minha piada de abertura. Me perseguiu. Eu tentava entrar numa história sobre minha

infância e ele disse: “Não vem com essa. Eu também tive pais”. Ao que retruquei: “Sério? O que eram?”.

O público enlouqueceu de rir vendo aquele monstro sendo arrasado por um jovem comediante que ele perseguia. Morgan ficou quieto. Não me deu nem mesmo adeus. Pouco depois, quando eu estava passando por dificuldades fora da cidade com minha primeira e mal escrita peça, *Don't Drink the Water*, Henry Morgan foi até a Filadélfia para assistir. De repente, se tornou meu melhor amigo. Foi aos bastidores, ofereceu ajuda. Jantou comigo, viu a peça várias vezes, andava pela rua ao meu lado, tentava me ajudar a diagnosticar quais pontos estavam fracos, se esforçava ao máximo para fazer sugestões significativas. Vai entender.

Vou contar sobre o pesadelo de minha primeira peça fora da cidade, uma peça que escrevi quase toda na Europa, mas, primeiro, você deve estar se perguntando o que eu estava fazendo na Europa.

Eu era o comediante do momento e fazia todos os programas, até apresentei *The Tonight Show* em algumas ocasiões, substituindo Johnny Carson por duas semanas. Eu estava em toda a imprensa, realmente chegando lá, ainda assim, de forma interessante, nunca havia até então fracassado. Eu arrasava no Ed Sullivan Show, no Johnny Carson, era assunto em todos os jornais da cidade e donos de clubes me agendavam avidamente. O único problema era que não tinha muita gente que ia me ver. Em Vegas, tive consciência de que não podia aceitar o enorme salário que estavam me dando e tentei muito devolver, mas os chefões do Caesars não queriam saber. Todos os meus contemporâneos faziam discos: Bob Newhart, Shelley Berman, Bill Cosby, Mike e Elaine, Lenny Bruce, Mort Sahl, Vaughn Meader, que fazia uma impressionante imitação de JFK. Todos vendiam mais que água no deserto. Eu gravei um disco de humor — três, na verdade. Todos venderam mal. Através das décadas, uma empresa seguida da outra não conseguia acreditar que eles não puderam vender um milhão de cópias. Culpavam a capa ruim, o marketing, fases da Lua. Alguma nova gravadora comprava o álbum e relançava com uma nova arte incrível, eu promovia os álbuns na TV, no rádio, na imprensa. Ainda assim, tinha vendas bem modestas.

Uma gravadora nova assumia da última gravadora desiludida, cheia de ideias de marketing e notas de encarte arrojadas, apenas para afundar num mar de tinta vermelha. Os álbuns eram sempre bem resenhados, eram para ser admirados, mas não comprados. Hoje em dia, estou faturando um bocado com esse discos, que não tratam de assuntos do momento, portanto são atemporais. Enquanto escrevo isto em 2019, eles estão sendo lançados novamente, com nova arte. Então, eu não era um vendedor de discos, não reunia enormes plateias nos clubes em que eu me apresentava nem era um sucesso nos shows. Então por que eu não desistia? Eu não podia, eu era um astro. Eu era a sensação. Você não podia imaginar o olhar no rosto do dono do clube quando ele me agendava, esperando filas que virassem o quarteirão e, na segunda noite, estava mudando os vasos de planta para fazer o lugar parecer menor. Na terceira noite, precisavam de mais vasos, para fazer o lugar parecer menos vazio. Na terceira semana, não havia ninguém. Apenas plantas. Eu fazia minhas piadas para a vegetação.

Ok, então como cheguei à Europa? Eu estava trabalhando em Nova York e Warren Beatty viu minha apresentação. Eu não o conhecia, mas sem que soubesse, ele me recomendou para sua irmã, Shirley MacLaine. Uma noite, no *Blue Angel*, ela e o lendário agente que se tornou produtor, Charlie Feldman, foram me ver na companhia do fotógrafo Sam Shaw. Sam tirou a famosa foto de Marilyn Monroe com seu vestido levantado para o filme *O pecado mora ao lado*. Eu não sabia que eles estavam lá, mas um dia depois Sam foi ao escritório de Jack Rollins e perguntou: “Seu garoto quer escrever e talvez fazer parte de um filme?”.

Sam, se você não o conhece, era uma cara de jaqueta Norfolk amarrotada com câmeras penduradas no pescoço, um bigode, cabelo denso e um olhar distraído. Foi descrito para mim como o tipo de homem que dizia: “Aqui, pode segurar isso?”, passando uma câmera ou uma pasta e, então, quatro anos depois, aparecia e te perguntava: “Você está com a pasta que te dei?”.

Um verdadeiro original, mas quando chegou ao escritório sem marcar hora e questionou sobre eu fazer um filme, Jack e Charlie imaginaram que estavam diante de um doido. Ele então explicou que Charles Feldman queria fazer uma comédia estrelando Warren Beatty, e os dois queriam que eu a escrevesse e eu podia escrever um papel para mim. Para isso, eu receberia a principesca soma de quarenta mil dólares. Jack e Charlie se fizeram de difíceis por uns quinze segundos, até falarem: “Quando ele começa?”. O dinheiro nunca foi uma questão, e Jack teria dito sim para aquela oferta por quarenta dólares. Eu finalmente conheci Warren, que não poderia ser mais bacana, mais apoiador, encorajador. Ele foi ver minha apresentação em várias ocasiões, nós caminhávamos pela rua e conversávamos, jantávamos e nos dávamos muito bem. Conheci Charlie Feldman, um dos grandes poderosos do ramo, um ex-agente e agora produtor que conhecia cada autor, ator e diretor lendário de Hollywood. Ele foi um bambambã na Era de Ouro, e adorava meu humor. Ficou espantado em ver quão rápido e efetivamente eu podia canalizar isso e me considerou (nas palavras dele) “um *beatnik*”.

Eu era um cara de camiseta e tênis, mas não era um *beatnik*. Na verdade, era um *upper east sider*. Enfim, o eixo Beatty-Feldman queria que eu escrevesse uma comédia passada em Paris, com várias mulheres bonitas, então nós todos podíamos ir até lá e ter ótimos momentos. Essa não era uma má oferta para se receber de um grande astro do cinema e um produtor importante. Eu me preparei para fazer isso enquanto trabalhava como comediante, e te digo que não me deixei dispersar quando Oswald atirou no presidente. Depois de um

curto tempo, eu tinha um cenário pronto. Não se chamava *O que é que há, gatinha?*, já que o título não apareceu até Charlie Feldman ouvir Warren dizer isso para uma garota no telefone e achar que daria um ótimo título. Então, com o roteiro debaixo do braço, datilografado em papel datilográfico apagável Corrasable Bond, cheguei diante de Warren e Feldman na suíte de hotel de Feldman. Não me lembro se li para eles ou eles que leram — provavelmente foi a segunda opção. Feldman achou que eu era engraçado, mas torceu o nariz para tudo o que era novo ali e respondeu melhor aos poucos clichês. Warren sentiu que o papel principal que foi escrito para ele não era tão engraçado quanto o pequeno papel que eu escrevera para mim. Ele provavelmente estava certo no sentido de que o protagonista precisa ser romântico, crível, hábil com as mulheres, enquanto um pequeno personagem como o meu podia ser muito mais amplo, mais tolo e, logo, mais cômico.

Ouvindo o veredito sobre meu roteiro e tendo me formado na escola de escrita de comédia de Danny Simon, eu claramente me sentia totalmente confiante no meu próprio julgamento, mas não estava na posição de discutir. Concordei em refazer e senti que seria melhor para mim se eu pudesse melhorar a parte de Warren sem mexer no charme dele, mas não tinha como satisfazer Feldman transformando o roteiro numa fórmula de história comercial de Hollywood. Mesmo assim, voltei a minha Olympia portátil e fui reescrever. Não posso te dar os detalhes precisos do que aconteceu nos meses seguintes, exceto que escrevi e me apresentei em clubes, fiz TV e amei, perdi, amei, perdi, amei Louise. Aqui está tudo do que me lembro. Em algum ponto, Warren caiu fora. Da forma como eu recebi a história, não foi nada rancoroso, mas por certos motivos ele decidiu não fazer o filme.

Então eu já havia terminado pelo menos mais uma reescrita e fui informado de que o roteiro estava sendo passado para Peter O'Toole, um grande astro recém-saído de *Lawrence da Arábia*. Eu sabia que ele era um bom ator, mas não tinha ideia se ele podia fazer comédia. Naquele ponto de sua vida, na minha opinião, ele não podia, apesar de que, quando ele ficou mais velho, demonstrou que sim, então talvez tenha sido só o material. Talvez tenham sido meus diálogos à la Irmãos Marx que ele não conseguiu executar bem. Mas ele adorou o roteiro, achou hilário, e se comprometeu imediatamente. Logo depois, o segundo grande papel foi engolido por Peter Sellers. Ele era um gênio em comédia, um cara realmente hilário, também em alta por *A pantera cor-de-rosa*. O único problema com Sellers era que ele era um daqueles comediantes que é tão bom que lhe dão poderes ilimitados. O poder artístico num filme tem de

ficar com o diretor, não com o astro. Com nenhum astro. O diretor era um cara adorável chamado Clive Donner, que não tinha uma grande queda por comédia, para começar, mas era decente e civilizado, aberto a discussões e flexível; gostei mesmo dele. O problema era que ele não era páreo para Feldman ou para os dois Peters, que estavam cheios de ideias. As do Sellers eram engraçadas, mas erradas para aquele roteiro. Feldman, um produtor que botava a mão na massa, tinha uma estranha combinação de correr riscos e também apostar. Ele arriscava em quem contratava, mas daí ficava no caminho. Ou, pelo menos, no meu caminho.

Ele contratou Dick Williams, o brilhante animador, para fazer a abertura, seria seu primeiro filme. Pegou Vicky Tiel e Mia Farrow como figurinistas, recém-saídas da faculdade, também em seu primeiro filme. Pegou Burt Bacharach, que escreveu a extremamente eficiente música-título, um grande hit interpretado por Tom Jones. Ele me pegou, um completo novato no cinema.

O elenco inchou com Feldman contratando Ursula Andress, outro grande nome, recém-saída do primeiro filme de James Bond. Romy Schneider foi contratada, uma estrela europeia. Finalmente, em resposta a minhas súplicas, ele contratou a maravilhosa Paula Prentiss, uma comediantes linda e fabulosa. Devo dizer que ele marcou a entrevista apenas porque eu implorei e, no segundo em que ela entrou na sala com aquele rosto e aquela forma, ele lhe deu o papel. Meu filme foi escrito para Paris. Fui levado para lá, hospedado em grande estilo, recebi belas diárias e fiquei mexendo no roteiro. Voei primeiro para Londres, no que foi minha primeira vez no exterior. Adorei a cidade, mas tive um nó na cabeça quando pedi ovos com bacon e o prato veio com só um ovo. Obviamente o trauma permaneceu comigo, porque ainda acordo no meio da noite gritando: “Um ovo! Apenas um ovo!”. Naquela época, não era fácil ter uma boa refeição em Londres. Hoje, a cidade está cheia de comida deliciosa.

O escritório da produtora ficava em Londres por algum motivo e, após uma semana aproveitando o Velho Mundo, voamos para o sul da França e eu me sentava com toda essa gente do cinema, amigos de Charlie Feldman, como Darryl Zanuck, John Huston e William Holden no Du Cap Hotel e apostava no cassino de noite. Eu, o pobre-coitado que era arrastado pelas escadas na Escola Pública 99 pela srta. Reid, a buldogue assistente de direção, por tentar deixar o prédio duas horas mais cedo. Então fomos para Paris e foi amor à primeira vista. Amei tudo na cidade e ainda amo. Quando o filme terminou, as duas jovens figurinistas, Vicky e Mia, decidiram ficar, morar e trabalhar lá. Por um momento, passou pela minha mente fazer o mesmo, mas seria difícil, visto que

eu era um comediante que falava *americano*, não estabelecido nos cinemas, um nova-iorquino nato, e não pude fazer isso. Tenho muitos arrependimentos, mas minha lista de arrependimentos em vida é tão grande que não estou certo se tenho espaço para mais um.

Então, uma semana depois, nós de repente ouvimos que iríamos nos transferir para Roma. O filme não seria feito na França, mas na Itália. Roma faz jus a sua fama. Fabulosa, linda, a comida, a cultura — a cultura cinematográfica. Ainda assim, meu roteiro tinha um sabor gaulês, e Roma era o local errado. Até Feldman logo veria isso. Mas toda sua incerteza estava além de mim. Tinha a ver com os negócios, com mulheres, com jogo, dívidas de jogo, acordos. Ficaríamos em Roma por um mês e com meu hotel pago e diárias generosas, eu vivia no bem-bom.

Claro que minhas ligações para Louise engoliam cada centavo que eu tinha. Eu ligava, nós conversávamos, então talvez houvesse um breve silêncio do lado dela, o silêncio criava um sentimento de insegurança em mim que levava a certa sondagem, uma necessidade de reafirmação. A ligação terminava. Precisava ligar de volta quinze minutos depois — talvez a conversa houvesse terminado um pouco fria demais para meu gosto. Só queria ligar e ficar seguro de que ela ainda me amava. Segunda ligação. A segurança não foi criada. O tom da ligação deteriorava. Muito espaço vazio. Eu desligava. Meia hora depois, mais uma ligação, eu, porém, não queria ser palerma, carente e apegado, um inseto. Ia inventar um pretexto para ter ligado. “Oi. Ei, eu só tinha que te dizer, finalmente vi a Capela Sistina.” “Ah, que legal”, ela dizia. Perfeitamente razoável, mas com entusiasmo insuficiente. Pausa. Silêncio. Agora eu estava pressionando e entrando em modo Bob Hope. “E quanto àquele teto. Ele teve de usar pincéis longos. Não, mas quero dizer...”. Nada. Um fim incompleto. Quando a próxima ligação era às cinco da manhã, no horário de Nova York, e ela não estava em casa, meu nível de ansiedade acionava o sistema de incêndio do hotel. Eu sabia da verdade, mas varria para baixo do tapete. Nos anos seguintes, o tapete ia ficar gordo, e eu precisaria de um carpete de tamanho industrial para cobrir esses acertos.

Finalmente, Charles Kenneth Feldman tomou a decisão de voltar para Paris e fazer o filme. Fiquei empolgado. Nós voltamos e as locações foram escolhidas pelo diretor e seu assecla, o diretor de arte Dick Sylbert, extremamente talentoso e extremamente charmoso, mas nunca gostei dele. Ele era muito o homem de Feldman. Além disso, adorava contar vantagem de quem conhecia. Mas não dava para negar seu talento e ele tinha uma personalidade divertida.

As filmagens começaram, trazendo um caos instantâneo. Por um motivo: cada frase ou ideia maluca que Peter Sellers trazia era considerada ouro, se encaixasse no roteiro ou não. Pessoalmente, eu não era louco por ele. Anos depois, Paul Mazursky, que o dirigiu, concordou com minha visão. Mas, sem dúvida, ele era um talento realmente brilhante no humor, autenticamente engraçado. Portanto, meu roteiro estava sendo mutilado. Eu sabia que estava morto quando escrevi uma cena em que o personagem principal para um elevador entre andares para poder fazer amor com Romy Schneider, enquanto os passantes irados ficam apertando o botão. Deveria ser num prédio de escritórios movimentado, mas, como o filme era basicamente um projeto de Hollywood, o elevador que encontraram era hiperproduzido, muito de época, com lindas cortinas, ornamentos de ferro preto e janelas de vidro. Não havia nada de engraçado em fazer amor lá, já que era mais lindo do que a maioria das suítes de núpcias. Protestei, mas os autores em Hollywood ficavam um degrau abaixo da moça do café.

Peter O'Toole era um cara legal que me trouxe um presente de primeiro dia de filmagem, um suéter irlandês que eu ainda tenho. Ele explicou que o desenho da trama nesses tipos de malha eram todos diferentes, então, se quem usasse se afogasse no mar, seu corpo inchado e desfigurado poderia ser reconhecido pelo padrão da malha da família. Daquele momento em diante, eu estava confiante de que, se eu caísse no Sena e eles pescassem meu corpo, minha mãe seria capaz de me identificar e cancelar minhas assinaturas de revistas. Ainda assim, eu não podia suportar as liberdades que estavam tomando com o roteiro. Peter O'Toole topava com Richard Burton, que visitava o set, já que eles tinham acabado de fazer *Becket* juntos, e eles se aproximavam um do outro e diziam: “Ei, não te conheço?”. Deveria ser hilário de rachar o bico, mas eu peguei meu saco de vômito. Eu estava muito envergonhado pelo que via, mas só podia resmungar, impotente.

Quando vi o filme montado pela primeira vez, citei uma frase de Willie Sutton quando soube que Frederick “the Angel” Tenuto havia matado Arnold Schuster por ter entregado Willie: “Isso me afunda”. E *Gatinha* me afundou. Eu também não me poupei. Pude ver que eu não era ninguém. Era meu primeiro filme e eu não sabia exatamente como comandar as tomadas e ser engraçado. Eu estava lá, vestido terrivelmente num chapéu bonitinho, num café de esquina, me perguntando se o que eu fazia era certo. Não era engraçado. Mas eu morei no George V por meses. Conheci e jantei com ícones como Jack Lemon, Orson Welles, os Burton. Os Burton foram interessantes. Estavam em

Paris fazendo *Adeus às ilusões*, e almocei com eles na cafeteria do estúdio, e esses dois astros gigantes ficavam tentando ser engraçados e me impressionar com suas provocações e seus insultos cômicos. Ela o chamava de judeu-areia-mijada, ele fazia uma tirada sobre o peso dela, e faziam isso tudo para mim, uma nulidade completa. Eu queria dizer: “Ei, podem relaxar e comer suas trufas, não sou digno do esforço”. Mas acho que a insegurança natural que assola todos os atores e atrizes, não importa quão grandes e realizados eles sejam, nunca vai embora. Outro sinal de alerta surgiu de Louise enquanto eu estava em Paris (como se eu ainda não percebesse que ela tinha alguns problemas).

Lembre-se de que fomos amantes por um tempo, moramos juntos, indo e vindo, principalmente vindo. Então liguei para ela um dia e estávamos conversando e, no meio da conversa, ela disse: “As folhas estão começando a mudar. Você ia adorar. Você adora as cores de outono. E, que mais... Ah, minha mãe cometeu suicídio”.

“Como?”

“Ela tomou umas pílulas para dormir.”

“Quando?”

“Ah... na semana passada.”

“E você não me ligou?”

“Por quê?”

Agora eu me sentia estranho, porque o que eu ia dizer?

“Eu poderia...”

“Poderia o quê?”

“Afe”, balbuciei, “eu achei que você ligaria para a pessoa mais próxima a você.”

“Por quê? Você está na Europa.”

Sim, eu definitivamente estava na Europa. Ela me pegou ali. Ainda assim, parecia tão estranho. Tinha acontecido seis dias antes. A mãe de Louise havia guardado as prescrições para as pílulas e tomado uma overdose.

“Bem”, eu disse. “Eu poderia ter te consolado.”

Mas ela não precisava de consolo. Ela não parecia chateada; na verdade, parecia aliviada que aquela pobre mulher solitária, com problemas mentais, tivesse acabado com seu sofrimento. Só posso dizer que a coisa toda não lembrava nenhuma interação social que eu reconhecesse da Avenida J no Brooklyn que acabasse na obra de Margaret Mead.

Na época, Lyndon Johnson estava concorrendo para presidente contra Barry Goldwater. Eu fazia parte de um grupo chamado Americanos no Exterior por Johnson. Nunca fui político no meu trabalho. Não considero *Bananas* nem um pouco político, e fiquei surpreso quando fui para a Europa promover esse longa e toda a imprensa estrangeira queria conversar sobre a relação daquele filme tolinho, feito só para rir, com a política que identificaram em suas cenas. Porém, certamente me interessei por política como cidadão. Já fiquei em esquinas distribuindo panfletos a favor de Adlai Stevenson nas primárias dos Democratas contra Jack Kennedy. Fiz campanha e shows para George McGovern, para Eugene McCarthy. Veja para quem eu faço campanha e aposte no outro candidato. Votei num republicano apenas uma vez na minha vida, em John Lindsay para prefeito de Nova York. Mas nunca me interessei em fazer um filme político. Enfim, lá estava eu, fazendo campanha para Lyndon Johnson e apresentando meu stand-up em Paris. Acho que posso dizer com segurança que sou o único comediante americano de stand-up que se apresentou na Torre Eiffel.

Quando *Gatinha* ficou pronto, eu estava pronto para ir para casa. Comprei por uma soma pecaminosa para minha mãe uma bolsa de couro de jacaré na Hermès que ela nunca usou, mas que manteve no cofre no Dime Savings Bank do Brooklyn. Então veio a notícia de que, em vez de eu ir direto para casa, eu seria mandado num avião particular para Washington para participar do grande show de posse de Lyndon Johnson. Foi em janeiro de 1965. Rudolf Nureyev e Margot Fonteyn iriam se apresentar junto a Barbra Streisand, Nichols e May, Alfred Hitchcock, Harry Belafonte, Joan Baez, Carol Burnett, Johnny Carson e eu. Voltei num avião grande e os únicos três passageiros eram Nureyev, Margot Fonteyn e eu. Não falei com eles nem eles comigo durante a viagem. Aterrissamos em Dulles, fomos tratados como realeza e fizemos o show, que foi ótimo. Note que, entre todos esses artistas *crème de la crème*, três foram descobertos por Jack Rollins: Belafonte, Nichols e May e eu. Fiz minha apresentação da história do alce e saí, como a *Variety* costumava dizer, “sob salvas de palmas”.

Foi a única vez que encontrei Alfred Hitchcock. Nós tagarelamos nos bastidores e ele foi divertido e encantador. Hitchcock saiu para o palco na frente de uma multidão sofisticada e da família de Lyndon Johnson, incluindo a esposa e as filhas do presidente, e disse naquela voz fabulosa: “Eu avisei, Os pássaros estão vindo”.

No dia seguinte, voei de volta para Manhattan, pensando que, após todos esses meses fora, eu poderia ser exaltado como o herói conquistador. Havia acabado meu primeiro filme, feito amizade com os bambambãs em Londres e Roma, vivido cinco meses em Paris em grande estilo, viajado em um avião particular para a capital da nação, feito um show para participar da festa de posse do presidente junto a colegas ilustres. Saí do portão de desembarque e, enquanto andava pelo aeroporto para pegar um táxi, vi a banca de jornal com uma foto minha e de Johnny Carson, lado a lado, e uma manchete do tamanho do ataque de Pearl Harbor. Dizia: COMEDIANTES DE MAU GOSTO NA FESTA DA POSSE. Aparentemente, a colunista Dorothy Kilgallen estava presente no show e o que quer que fosse que Johnny Carson havia feito a tinha ofendido, assim como meu número do alce. Claro que minha história do alce não era de mau gosto, mas acho que a mentalidade Hearst dela achou que isso venderia jornais.

Johnny Carson e eu tivemos reações diferentes, a minha foi a do nerd e a dele, a do homem maduro. Ele me ligou e perguntou se eu queria ir ao programa dele responder, como ele certamente pretendia fazer. Eu o agradeci pela oportunidade, mas declinei. Estava ocupado demais guardando aquela cópia do *Journal American*, já que estava convencido de que, enquanto eu vivesse, e não importa quão ativo eu fosse no decorrer dos anos, nunca mais em vida eu estaria na página da frente de nenhum jornal. Entendi errado.

A verdade é que eu não fui afetado pelas críticas. Mas tenho sorte nisso. Bem ou mal, eu meio que vivo numa bolha. Parei de ler sobre mim décadas atrás e não tenho interesse nos elogios ou análises dos outros sobre minha obra. Isso parece arrogante, mas não é. Não me considero superior ou alheio, nem tenho uma opinião particularmente elevada da minha própria produção. Fui ensinado por Danny Simon a confiar em meu próprio julgamento, e não gosto de desperdiçar tempo precioso no que pode facilmente se tornar uma distração. Os amigos com frequência me encorajam a pelo menos me permitir o prazer de vez ou outra ler os altos elogios de pessoas respeitáveis e talvez até, em casos extremos, considerar responder quando atacado, mas não tenho desejo de fazer nenhuma dessas coisas. Acho que Johnny Carson teve uma atitude mais compreensível — desafiar seu opositor, o que ele fez com força e decisão naquela noite. Realmente valia a pena para mim confrontar uma jornalista tosca da imprensa marrom e defender não a Constituição dos Estados Unidos, mas minha história do alce? Senti que, se você acreditasse em tudo o que lia nos tabloides, você merecia sua vida.

Então voltei a morar na Rua 79. Indo e vindo novamente com a Louise. Por que brigávamos? Por tudo. O assunto em questão era só um meio para ela despejar sua raiva. Tipo quando estávamos na rua e eu não conseguia fazer sinal para um táxi. O que eu podia fazer? Não havia táxis. Não dava para eu tirar um táxi do bolso. Então, quando eu virava para outra direção, um táxi livre passava. Ela gritava, eu me virava rapidamente, mas era tarde demais. De repente ela gritava comigo como se eu estivesse numa Parris Island particular. Eu era um incompetente, um recruta. Ficava surpreso que ela não pedisse que eu fizesse cinquenta flexões. Naturalmente, eu começava a ficar um pouco perturbado. De repente, ela decidia que a noite tinha acabado e voltava para casa batendo o pé. Logo ela se acalmava e me fazia rir passando os dedos pelo meu cabelo, dizendo meu nome numa voz que embaçava as janelas do quarto. Outra vez, estávamos jantando com um conhecido que contava uma história de azar que teve. “Vamos te emprestar vinte mil”, ela dizia enquanto uma sirene tocava em minha cabeça. Não tínhamos vinte mil para emprestar nem vinte mil para guardar no colchão. Eu precisava nos tirar daquela enrascada. Então discutimos e eu tive de retirar a oferta.

Ou a vez em que acabou a eletricidade numa manhã de Natal. Depois de muito procurar, ela arrumou um eletricitista disposto a trabalhar naquele dia. Ele deixou sua família no Queens para nos ajudar. Momentos antes de ele aparecer, a eletricidade voltou. Então o homem estava na nossa porta e ela dizia para deixar para lá, “não precisamos de você”. Ele insistia que, de qualquer forma, precisava ser pago pela visita. “Pago pelo quê?”, ela retrucava. “Você não fez nada.” Ele então disse que tinha ido até a nossa casa. “Sim”, ela declarou, sem lógica alguma, “mas você não arrumou nada”. Eu tentava intervir e explicar a ela que não era culpa dele que tivesse sido um alarme falso, mas que o eletricitista deveria receber o valor da visita. O cara era bacana, mas estava ficando compreensivelmente irritado e ameaçava ir ao porão desligar a eletricidade a não ser que o pagássemos. Eu não aguentava mais e podia ver que isso ia arruinar meu dia, mas o cara estava certo. Eu paguei, ele partiu. Eu me tornei, como sempre acontecia, objeto de escárnio. As próximas horas foram passadas com ela me ignorando com desprezo e eu esperei, sabendo que iria passar, e então a pequena serafim lasciva com seu longo cabelo loiro esfriou, fez um biquinho e nós fizemos amor sobre nosso gordo ganso natalino e nosso pudim de ameixas. Que deus abençoe o Pequeno Tim e seus antidepressivos. Em relação a meu relacionamento com Louise, eu te direciono ao Quinquagésimo

Sétimo Soneto de Shakespeare. Ele não coloca de fato meu nome no poema, então não posso processá-lo.

Por essa época eu conheci outra grande figura e seu nome era Melchior Salpeter, mas ele há muito o havia mudado para Max Gordon. Tinha sido produtor durante a Era de Ouro da Broadway. Era amigo de George M. Cohan e emprestou a Eugene O'Neill o dinheiro para se casar. Ele produziu peças maravilhosas como *Born Yesterday*, *Dodsworth*, *My Sister Eileen* e *The Bandwagon*, para nomear algumas, sem mencionar outras de meu ídolo de teatro da meninice, George S. Kaufman. Fui tomado por Kaufman bem novo. Quando forçado a pegar um livro para ler na biblioteca da Escola Pública 99, escolhi aleatoriamente a coletânea *Six Plays by Kaufman e Hart*. Abri por puro acaso em *You Can't Take it with You*. A direção de palco diz: "O lar de Martin Vanderhoff — bem na esquina da Universidade Columbia, mas não vá procurar". Para mim, essa é uma rubrica divertida e muito incomum para os livros secos prescritos para os moleques da escola, que nos afastava da leitura para sempre. Eu li a peça e, como tanta gente, os personagens e o caos me lembravam de minha própria família. Como os Sycamore, nós sempre parecíamos viver como formigas, tios, avós, primos, nunca apenas os pais, a irmã e eu; ou, se foi assim, foi por períodos curtos desprezíveis.

Vi Kaufman na TV, onde ele aparecia regularmente num programa semanal. Ele era esperto de uma forma sarcástica renovadora. Quando disse num programa, em dezembro, "Vamos fazer este programa em que ninguém canta 'Noite Feliz'", e ficou instantaneamente fora do ar para sempre, ele foi um herói para mim e meu grupo. Quando anos depois surgiu a ideia de que eu me dedicasse à dramaturgia em vez de roteiros de TV ou cinema, a figura de George S. Kaufman pairava, imensa, e enquanto eu aspirava a escrever peças sérias, sabia que começar na comédia era meu caminho mais rápido. Kaufman e o grande Moss Hart tinham escrito umas peças maravilhosas de comédia e eu me identificava com o parceiro de aparência mais tola dos dois. Como GSK, eu fazia tiradas sarcásticas, era pessimista e tinha baixa tolerância por sentimentalidade explorada publicamente. Quando descobri que o nome da mãe de Kaufman era Nettie, o mesmo da minha mãe, todo o meu ceticismo científico foi apagado, e senti que havia um certo carma que compartilhávamos.

Agora, através de uma sequência de eventos aleatórios, eu tinha conhecido Max Gordon. Ele havia se aposentado do teatro, mas estava em busca de uma grande peça que alimentasse seu retorno. Muitos tentaram agradá-lo, mas ele era exigente. Max havia se acostumado ao melhor e não iria aceitar menos do

que isso. contei a ele minha ideia para uma peça, uma ideia que poderia facilmente ter ido para Kaufman ou Hart e eles teriam escrito à perfeição, anos-luz à frente de meu estilo desajeitado. Mas era minha primeira peça e, quando contei a Max Gordon que uma família em pé de guerra em férias pela Europa num país da cortina de ferro era confundida com encenqueiros e tinha de fugir e buscar abrigo na embaixada americana, ele ouriçou os ouvidos. contei a história de como eles não podiam sair sem serem presos, então irritavam todo mundo com suas queixas e idiossincrasias. Max amou. E me adorou também. Mais importante, amou o ato na casa noturna e achou que eu tinha escrito um material dos mais engraçados. Nos tornamos próximos, e prometi escrever a peça e dar a ele. Ao mesmo tempo, Charlie Feldman estava preparando o filme *Cassino Royale* em Londres e me ofereceu um pequeno papel. Meu palpite era que ele me queria próximo para recorrer a frases engraçadas se tivesse problemas — e ele teve problemas, muitos problemas, mas não recorreu a mim. Provavelmente porque ele estava tão distante do negócio da criatividade que não sabia que estava com problemas.

Antes de partir para Londres, Louise e eu nos casamos. Nós estávamos juntos havia oito anos, e sempre voltávamos um para o outro, apesar das brigas. Ela e seu psiquiatra discutiram sobre isso, e surgiu a ideia de que talvez o ato de se casar, o comprometimento, colocasse um tom diferente e mais sólido no relacionamento. Ambos estávamos dispostos a tentar. Se um de vocês aí está pensando nisso, não recomendo. Para nós, foi um desastre federal. Eu apareci no Americana Hotel. Nós compramos uma aliança barata numa loja de bugigangas na esquina da Broadway, subi as escadas para a suíte que todos os artistas recebiam durante a estadia, e um juiz que o pai dela conhecia nos casou. Em seu curto discurso, ele disse que havia unido vários casais e ninguém havia se divorciado. Recordes são feitos para serem quebrados, é claro.

Começamos mal, porque semanas após nos casarmos eu tive de ir a Londres para aparecer no que acabou sendo um dos piores e mais idiotas desperdícios de celuloide da história do cinema: *Cassino Royale*. Louise não queria ir. Eu ficaria fora por meses. Tínhamos acabado de unir os laços. Ela podia me visitar, mas essencialmente essa era uma oportunidade de ouro para ela sair à toda com outros homens. Quando eu soube do que estava acontecendo, preciso dizer que não resisti às muitas tentações deliciosas da efervescente Londres. Que casamento! Lá estava eu, um jovem recebendo um belo salário, num belo apartamento, recebendo belas diárias, tudo para um filme que foi tão mal produzido que, quando foram rodar as cenas em que eu estava, eu já estava em

hora extra. Nesse meio-tempo, o elenco de *Cassino Royale*, celebridades de passagem por Londres, produtores, diretores, autores e o elenco de *Os doze condenados*, que estava sendo filmado por lá e incluía Charles Bronson, Telly Savalas, John Cassavetes e Lee Marvin, pegavam pesado no jogo. Isso era bem a minha praia: grandes jogos de pôquer que duravam a noite toda. Nós jogávamos numa sala particular, num lugar chamado Pair of Shoes. Eles não tinham participação no jogo, mas ter todas essas celebridades por lá valia a pena para o dono. Nós começávamos toda noite por volta de nove ou nove e meia, depois de comer peixe no Wheelers, e jogávamos até o amanhecer. As apostas eram substanciais sem serem realmente altas. Podia-se ganhar dez ou quinze dólares, o que me fazia sentir como um jogador de cartas de alta performance, até o ano seguinte, quando conheci Joe Cohen em Vegas, um jogador de pôquer que apostava U\$ 350 mil numa rodada.

Eu era um jogador consistente porque todos jogavam para se divertir, mas eu era uma fera dedicada. Eu estava no jogo para lucrar, não para rir ou para socializar. Eu me sentava, quieto, segurando cartadas ruins e dando as boas, vencendo toda noite, enquanto os outros bebiam, riam e de fato curtiam o tempo. Nos cassinos, eu via Cassavetes, Telly e Charlie Feldman entrando, comprando vinte pratas em fichas, perdendo tudo em dez minutos e pedindo uma nova rodada. Os atores estavam criando dívidas por toda cidade e, se não estou enganado, pagando as dívidas de jogo de gente como John Huston. Feldman conseguiu fazê-lo participar de *Cassino Royale* e, caso suas contas nos cassinos não fossem pagas, estou certo de que ele nem chegaria perto daquele filme.

Os Beatles estavam sempre por lá e, nas manhãs de sábado, podia-se caminhar pela King Road e pegar as gatinhas mais adoráveis em suas minissaías. Louise e eu conversávamos ao telefone, mas ela não tinha nenhum desejo ardente de estar com seu novo marido e, quando o filme foi concluído, eu disse a Charlie Joffe que ficaria feliz em Londres, que era uma delícia, sem precisar voltar.

Essa não era uma possibilidade realista, já que eu havia terminado de escrever uma peça para a Broadway. Eu a chamei de *Don't Drink the Water*, foi uma boa tentativa e se podia ver as minhas influências, mas foi mal feita. Quando penso nos vários momentos que passei em Londres, o tempo que me senti mais terrivelmente britânico provavelmente foi quando conheci a rainha. Para um cara como eu, eu diria que foi supimpa. Foi toda aquela cerimônia de gala em um teatro. Eu me lembro de que, dias antes, algum otário que era só

papo furado do Palácio de Buckingham veio tentar me ensinar os protocolos ao me dirigir à realeza como se eu fosse um zero à esquerda. Eu me lembro de ficar na fila ao lado de pamonhas diversos. Eu tinha acabado de dar um tapa num baseado e virado uma caneca de cerveja preta, de forma que estava bem chapado. Tudo pronto para meu primeiro encontro com a excelência. Finalmente, Vossa Majestade cumprimentou a todos na fila, curvando-se humildemente, veio até mim e disse: “Como está?”. Bem, eu entrei em pânico, com um nó no estômago. Não sei o que me deu para fazer aquilo, mas me ajoelhei e projetei a cabeça à frente para ser condecorado cavaleiro. Acho que a rainha ficou surpresa e deu uma olhada para seu lacaios, ou talvez fosse um lorde ou um conde, e imaginei a velhinha murmurar: “Esmague essa pulga”.

Ok, não aconteceu exatamente assim, mas eu conheci a velha e adorei meu verão no Tâmis.

Quando voltamos, Louise e eu seguimos de onde havíamos parado antes de nos comprometermos para a vida toda, o que claramente não havia mudado nada. Às vezes, era ótimo, mas com mais frequência era bem turbulento. *O que é que há, gatinha?* foi um grande sucesso de bilheteria — ouvi que foi a maior comédia da época. A correlação entre filmes ruins e grandes bilheterias ainda não tinha sido descoberta pelos físicos. Enfim, eu estava em casa havia pouco tempo quando recebi um telefonema. Algum cara tinha comprado um filme japonês e perguntou se eu podia dublá-lo dando um ar cômico. Originalmente, não era uma comédia, mas sim um filme sério de aventura. Porém, se colocássemos nossas vozes quando os atores japoneses falassem, podíamos torná-lo engraçado. Soou interessante. Então, chamei alguns amigos, incluindo minha esposa, fui ao estúdio, coloquei o filme numa tela e improvisei os diálogos, tornando-o uma comédia. O produtor contratou outra pessoa para fazer o serviço quando eu não estava disponível para mudar algumas frases. O projeto se mostrou não apenas desinteressante, mas tolo. Meu trabalho lá não foi muito bom, e as poucas frases acrescentadas sei lá por quem foram embaraçosas para mim. Processei a empresa de dublagem para que tirasse meu nome dos créditos, mas quando o filme saiu com o título aproveitador de *O que há, tigresa?*, foi um sucesso.

Naquele ponto, cabeças mais sábias me disseram para ficar quieto, colocar minha viola no saco e seguir o fluxo. Fiz isso, mas os dois filmes *O que há...* me humilhavam diante do espelho e jurei que nunca mais trabalharia no cinema, a não ser que tivesse total controle, o que eu sempre tive desde então. Nos primeiros filmes, eu tive controle porque as pessoas que me contrataram eram

gente esclarecida, que respeitava os diretores, e logo após isso se tornou uma cláusula em meus contratos. Mas novamente estou indo rápido demais.

Um adendo interessante para mostrar quão confiante ou talvez idiota e arrogante eu era na época. Quando *Gatinha* saiu, recebeu merecidamente críticas ruins, mas foi muito bem de bilheteria. Enquanto Pauline Kael encontrou algumas coisas boas no filme, a maioria das resenhas não se entusiasmou. Que diabos é esse caos? Esse era o tom da comunidade de críticos. Achei que o sucesso financeiro iria garantir que eu pudesse dirigir meu próprio filme, mas dizia-se que o filme tinha sido um sucesso apenas por causa dos astros e que eu havia tido sorte. Comigo mesmo, de forma presunçosa, notei, na época, que *Gatinha* um dia seria conhecido apenas por ter marcado minha estreia no cinema. Você pode acreditar nessa autoconfiança absurda? Num retorno irônico, que não diminuiu minha ofensa revoltante naqueles tempos, vi uma cópia de *O que é que há, gatinha?* numa loja, e na caixa estava impresso como a grande sacada de vendas: “O primeiro filme de Woody Allen”.

Isso me deu alguma satisfação? Um sorriso presunçoso se insinuou em meus lábios como o do professor Moriarty, apesar de que, segundos depois, eu voltei para o mundo real, onde todas essas pequenas ironias deixaram de justificar a parca indiferença da natureza.

Outro exemplo de minha autoconfiança nojenta foi quando eu tinha 21 anos e fui contratado por Max Liebman para escrever uma série de televisão que estrelava Buddy Hackett e Carol Burnett. Liebman era um produtor fodão de velhos programas de TV classudos como *Your Show of Shows*, do Sid Caesar, que, além de ser uma grande comédia, incluía balé e música clássica. Liebman me adorava e adorava Buddy Hackett, mas o programa foi malfadado. Escrevi apenas um episódio de meia hora de *Stanley*, como era chamado, e um crítico comentou que Buddy Hackett podia ter feito um programa melhor de improviso. Recortei a crítica e a guardei com uma presunção ativa, bem certo de que aquilo se tornaria irônico anos depois.

Então agora nos vemos em casa com uma recém-escrita peça da Broadway, que Max Gordon, um Max diferente, estava louco para ler. E chegou uma hora em que a enviei para ele. Max ficou compreensivelmente decepcionado. A ideia da comédia como um todo era bem sólida, mas mal escrita. Estava lotada de frases engraçadas e ideias cômicas, mas a construção e o cuidado com os detalhes eram amadores. Claro que eu não conseguia enxergar isso, já que parecia tão divertida para mim, e achei que de fato seguia todo tipo de detalhezinhos estruturais que peguei de ler Kaufman e Hart. Max, tentando me ajudar, arranjou para que a peça fosse lida por Russel Crouse, um dramaturgo renomado e parceiro de escrita de Howard Lindsay, com quem ele havia assinado a peça mais longeva em cartaz na Broadway na época, *Life with Father*. Crouse foi bondoso e encorajador, tentou apontar as falhas e sugerir como eu poderia arrumá-las. Tentei de forma pouco hábil e me iludi achando que eu havia melhorado o texto, e talvez tenha mesmo conseguido melhorá-lo um pouco, mas não o suficiente.

Os velhos olhos de águia de Max avistaram as falhas que não fui capaz de resolver no minuto em que começou a ler e ele começou a perder interesse na peça e em mim como o próximo GSK que ele esperava descobrir. Acreditei que havia algo ali e, apesar das críticas, o texto era engraçado. Eu não era perceptivo o suficiente para ver além das risadas e me dar conta de que os personagens não tinham profundidade o bastante para provocar engajamento real e que a trama estava truncada. Ignorante que eu era, enviei a peça para David Merrick, que instantaneamente a achou hilária e quis produzi-la. Acabei afastando Max como produtor depois do auge da nossa discordância e apostei num produtor cuja presença no ambiente era sempre acompanhada pelo cheiro de enxofre. Insisti com Merrick que contratássemos Bob Sinclair como diretor. Ele havia sido sugestão de Max e, como eu havia falado com ele sobre o projeto, por lealdade achei que era um compromisso e fiz com que Merrick o contratasse. Esse foi o segundo dos vários erros.

O primeiro foi a decisão de Merrick de produzir a peça em si. A produção tinha um elenco grande, e Sinclair, Merrick e eu o montamos da forma tradicional, sentados num teatro vazio enquanto atores caminhavam num palco vazio e liam o texto com o diretor de cena. Para o protagonista masculino, Merrick sugeriu que eu fosse ver *Descalços no parque*, que estava sendo estrelado por um ator que havia assumido quando Robert Redford deixou a produção. Merrick achou a substituição de Redford divertida e que aquele ator daria um protagonista ideal para uma comédia romântica da Broadway. Foi

assim que conheci Tony Roberts, com quem trabalharia várias vezes e de quem permaneceria amigo ao longo dos anos. Como Merrick dizia, ele era um protagonista ideal de comédia romântica, atraente de uma forma cuti-cuti, maravilhoso com as frases cômicas e fácil de se trabalhar. Era mulhereengo e, posteriormente, quando atuamos juntos em *Sonhos de um sedutor*, ele uma vez me deixou furioso no palco quando não entrou em sua deixa porque estava pegando uma das atrizes no camarim. Calejado que sou, congelei e recitei alguma coisa em esperanto.

Felizmente, uma atriz com menos pânico se adiantou, assumiu a cena e levou a peça de volta ao foco. Enfim, Tony foi um grande achado para *Don't Drink the Water*. Assim como o verdadeiramente hilário Dick Libertini, um ator de comédia divertido de uma forma única, que interpretou o padre. Décadas depois, ele apareceu em outra pecinha minha interpretando um rabino, e fez com que a plateia fosse ao delírio em ambas as produções. Nosso cenógrafo era Jo Mielziner, um ícone da Broadway que, sob a orientação equivocada do diretor Sinclair, criou um imenso cenário cavernoso e o oposto do que se espera numa comédia. Entenda, era um ótimo cenário, mas conduzia o espectador para a direção errada. De acordo com Max Gordon, o diretor Bob Sinclair havia sido assistente de George S. Kaufman, o que me causou uma excelente impressão, mas, na verdade, não significava absolutamente nada. Ele havia se aposentado eras antes, estava morando em Santa Barbara, não dirigia havia anos e gostava de tomar umas e outras. Como seu substituto, Stanley Prager disse, ele era um inimigo do humor.

Os ensaios começaram e houve uma masturbação mútua com todo mundo rindo loucamente das frases e do comportamento de todos. O protagonista foi interpretado por Lou Jacobi, um cara genuinamente divertido, que havia sido ótimo na primeira peça de Neil Simon, *O bem amado*. Durante os ensaios, Tony Roberts e eu éramos sempre reduzidos a risadas perdidas por Lou no palco ou fora dele. Colocar sua esposa no elenco foi inspiração de Merrick. Eu havia escrito para um tipo nova-iorquino afiado, na verdade para a atriz Betty Walker, que eu não conhecia pessoalmente, mas amava. Em vez disso, com um olho para a bilheteria, Merrick escolheu Vivian Vance, que interpretou Ethel Mertz no programa *I Love Lucy*. Ela era uma boa atriz de comédia, mas completamente errada para o papel e se provou um grande pé no saco. A peça ganhou vida quando ela foi substituída por Kay Medford que, como Betty Walker, podia fazer o diálogo brilhar. Mas o verdadeiro problema ainda estava por vir. Nós estávamos indo bem firme nos ensaios e eu ouvi dizer que os

comentários eram bem positivos. Os ensaios abertos foram efetivos e o de figurino seguiu bem.

Estreamos no Walnut Street Theater, na Filadélfia. Ironicamente, a poucos quarteirões de distância, o diretor Abe Burrows estava realizando os testes para o musical *Bonequinha de luxo*. Enfim, nós estreamos e afundamos. As críticas foram bem ruins. Merrick tomou as rédeas imediatamente e demitiu Bob Sinclair, que ele corretamente nunca quis contratar, para começo de conversa. Ele me pediu para assumir a direção por alguns dias até arrumarmos outra pessoa. Assumi e passei noites em claro reescrevendo. O elenco me impressionava. Dei a eles as novas frases duas horas antes da matinê e eles as incorporaram imediatamente. Como eu disse, o único osso duro era Vivian Vance. No palco, com todo o elenco presente recebendo suas mudanças, ela reclamava aos berros e sem parar sobre não ter mais nada para fazer, que ela precisava de mais frases engraçadas, mais humor, já que alegava ser uma mestra da comédia depois de trabalhar por anos no programa da Lucille Ball. Vivian era talentosa e uma boa comediante, mas apresentava dificuldades por ter sido mal escalada. Ela não conseguia entender a ideia de que as mudanças na peça não tinham a ver com o papel dela, mas com a trama em geral, todos os personagens, todas as frases que não funcionavam, a estrutura, a narrativa. Ela permaneceu uma pedra no sapato da produção até que Merrick finalmente a demitiu e contratou Kay Medford. Que diferença faz uma escalação certa!

Stanley Prager se juntou a nós e assumiu a direção. Coisa interessante: apesar de não ser um grande diretor cômico, ele era um carinha engraçado, gente boa, repleto de energia e confiança, e imediatamente fez todos nós nos sentirmos melhor e otimistas. Ele mudou o cenário, trouxe a ação para mais perto da plateia enquanto dava forma ao elenco. Uma substituição se seguiu a outra até que *Don't Drink the Water* teve mais substituições do que qualquer outra peça não musical da época.

Apresentar-se na Filadélfia era maçante. Primeiro, por causa das resenhas que recebemos, não completávamos nem metade da ocupação do teatro quando nos apresentávamos. Era deprimente. Por isso, eu passava as noites martelando mudanças no texto e as passava para os atores na manhã seguinte, vendo-os em seguida lutarem para inseri-las, um milagre de memória e capacidade de ajuste. Porém, havia um grande obstáculo: o novo material com frequência não fazia jus ao antigo, já que mais mudanças eram requeridas para manter a trama e os personagens consistentes para que os atores pudessem interpretar parte da antiga peça com suas cenas e personagens então obsoletos e as novas cenas,

que exigiam diferentes alterações estruturais nas cenas antigas. O que estou dizendo é que estávamos apresentando duas tramas ao mesmo tempo, e elas não se conectavam. O público mirrado, sentado para assistir a um fracasso, para começar, era cobaia das nossas mudanças e experimentos constantes. Atores e atrizes iam e vinham, cenas mudavam, eram eliminadas e novas viradas sem exposição antecedente surgiam do nada. Uma noite, David Merrick virou-se para mim enquanto eu reescrevia pela milésima vez mais alguma cena no meu quarto de hotel e disse: “Você abriu mesmo as pernas para o show business”. Mas ele nunca vacilou. Merrick ficou ao meu lado, fazendo com que as apresentações fluíssem. A questão era que David podia ser maravilhoso, esperto, charmoso e um grande produtor — até que você tivesse uma discussão com ele.

Eu passava as tardes de domingo na Filadélfia com ele, vendo futebol americano na TV. Eu gostava de Merrick. Ele era advogado, mas, segundo suas próprias palavras, migrou para o teatro para conhecer garotas. Discuti com ele uma única vez por causa de uma linha de diálogo que não devia ser nada importante, porque não consigo me lembrar. Diferentemente do cinema ou da TV, em que o autor tem os mesmos direitos de uma mulher da Indonésia, o sindicato dos profissionais de teatro garante que nenhuma frase pode ser mudada sem a aprovação do autor. Segui firme nos meus direitos, exigindo que inseríssemos minha nova piada, ao que Merrick retrucou: “Se essa frase entrar esta noite, eu demito o diretor”. Olhei para o pobre Stanley Prager, que merecia o oposto de ser demitido — ele merecia um bônus — e tirei meu cavallinho da chuva. Mesmo assim, eu gostava de Merrick.

E quando a peça deixou a Filadélfia e estreou em Boston, estava muito melhorada. Não estávamos faturando como *Bonequinha de luxo* ou alguma outra peça supostamente maravilhosa, mas estávamos nos ajeitando. Uma nova cena aqui, uma ideia de Stanley Prager ali, os atores sentindo-se mais seguros conforme as mudanças diminuía. Nos bastidores, recebi algumas dicas de Elliot Norton, um crítico bem bacana de Boston acostumado a ver peças como obras em andamento, e a peça estava se assentando um pouco. Posso até dizer que estava indo cada vez melhor. Não era nenhum grande espetáculo, mas, entre o elenco cômico fabuloso e minhas incessantes trocas de piadas até a frase funcionar, tornou-se uma máquina de risadas. Quando chegamos a Nova York e fizemos uma pré no Morosco, a equipe da casa disse que nunca tinha ouvido tantas risadas da plateia. E foi isso que nos fez ficar em cartaz por dois anos. Não foi a qualidade da peça, não foram as críticas, que eram no máximo

divididas, mas se você estivesse na plateia, não fosse um crítico ou um especialista em teatro, você pagava suas dez pratas e ria a noite toda.

Tive uma agradável surpresa quando Harold Clurman, um ícone do Group Theatre, que era parte do Actors Studio, escreveu bem sobre minha peça. Ele viu virtudes além das piadas e dos personagens cartunescos. Não acho que havia virtude alguma, mas ele ter gostado significou muito para mim, porque eu sempre disse que havia nascido tarde demais para o Group Theatre, mas teria me encaixado. Às vezes, sinto que sou um dramaturgo frustrado dos anos 1930, fora de época, que perdeu o barco e já é tarde demais, mas Elia Kazan gostou dos meus filmes e isso me fez me sentir bem. Esse era o povo junto ao qual eu realmente me via: O'Neill, Clifford Odets e até Arthur Miller e Tennessee Williams. Eu não tinha o talento deles, mas, se eles precisassem de alguém para pegar o café...

Na manhã seguinte à estreia, após a recepção mista do tão importante *Times*, Merrick me chamou em seu escritório com papel de parede de arabescos vermelhos. Ele se sentava lá como Satã; só faltava os assistentes terem tridentes. Ele disse que havia um certo movimento na bilheteria, que ficaríamos com a mente aberta e veríamos como o boca a boca nos trataria. Porém, mais importante, ele disse: “Quero ser seu produtor. Quero produzir seus sucessos e seus fracassos”. Era uma coisa bem bacana de se ouvir sob a pressão de resultados fracos. Após um tempo, eu lhe daria a minha próxima peça, *Sonhos de um sedutor*; que era bem melhor, apesar de ainda não ser grande coisa. Mas, naquela manhã, no coração do bairro teatral de Nova York, eu estava tocado por ele me apoiar assim. Nós colocamos um anúncio de página inteira no jornal, usando cada palavrinha favorável publicada sobre a produção, não importava quão obscuro fosse o crítico. Para engrossar o caldo, usei as palavras de minha mãe entre as citações legítimas, e o elogio de Nettie Konigsberg era mesmo impressionante. Por acaso, o boca a boca foi bom e seguimos em cartaz por quase dois anos. Os direitos foram vendidos para o cinema e a peça foi transformada num filme bem horrível (eu não fui responsável por isso), e grandes sucessos de fora da cidade, como *Bonequinha de luxo*, fracassaram rapidamente — é essa a ironia e a imprevisibilidade do teatro. Muitos anos depois, alguém invadiu a casa de Bob Sinclair, o diretor original, em Santa Barbara, e o matou. Ouvi que David Merrick tem um álibi infalível e pode provar que estava com amigos naquela noite.

Tony Roberts e eu não ficamos próximos nessa primeira peça. Isso aconteceu quando trabalhamos juntos em *Sonhos de um sedutor*. Escrevi essa

peça num quarto de hotel em Chicago enquanto me apresentava no Mister Kelly's. Enquanto eu datilografava as rubricas e fazia pesquisas para a descrição do cenário — sala de um crítico sem muita importância —, escrevi: “Na parede, há uma grande foto estourada de Humphrey Bogart”. Só escolhi Bogart porque tinha um pôster popular dele à venda na época, então era lógico, levando em conta as fantasias relacionadas ao cinema, que Bogart estivesse num pôster na sala dele, e usei isso de forma conveniente nos meus escritos, e ele se tornou um grande personagem na história. Eu escrevi e reescrevi no hotel de Chicago. Comia costela com meus amigos John e Jean Doumanian. Naqueles tempos, Chicago tinha um estabelecimento chamado Black Angus, que tinha costelas com um gosto que dava um sentido à vida que você não poderia extrair da religião, da psicanálise ou da grande arte. Naquela época, eu comia costelas, podia destroçar pilhas delas, daí fazia duas apresentações no Mister Kelly's e, tarde da noite, voltava e destroçava mais costelas. Hoje, se eu me permitir qualquer coisa prazerosa, toca um alarme no consultório do meu cardiologista e sou colocado em prisão domiciliar.

Jean, John e eu às vezes visitávamos Hugh Hefner. Não muito, uma vez ou outra. Sua casa ficava aberta quase vinte e quatro horas, com Picassos na parede e montes de celebridades, figuras do esporte, mulheres sensuais. As mulheres eram a grande atração. Acredite em mim, não eram os Picassos. Toda vez que vou a Chicago, recebo uma ligação da Mansão da Playboy me convidando para ficar lá como hóspede. Nunca fiquei, mas passávamos vez ou outra para socializar. Tenho uma regra básica na vida: nunca ser hóspede de ninguém. E nunca dei em cima de nenhuma das moradoras da casa do Hefner. A ideia de algum daqueles milagres da natureza dedicar um pingue de atenção a alguém desajeitado como eu me deixava intimidado. Com o passar dos anos, tive breves namoricos com mulheres de parar o trânsito, mas nunca nenhuma delas veio da mansão do Hefner. Geralmente eu era confundido com outra pessoa. Eu gostava dele, e lembro que uma noite ele me explicou que sempre foi seu sonho de moleque ter uma casa que ficasse aberta o tempo todo e onde nunca se prestasse atenção no relógio. Você acordava quando quisesse, tomava o café da manhã quando quisesse, fazia o que quisesse. Não importava que horas fossem. Não tinha o menor problema se você acordasse às duas da manhã. Seu dia começava ali e sua agenda funcionava de acordo com seu próprio tempo. Isso não significava nada para mim, como os sonhos dos outros nunca significam, mas se deixava Hefner feliz viver assim, ótimo. Só sei que ele é um anfitrião simpático, generoso, rico, bem-sucedido e, se gostava de acordar

às onze da noite, tomar café e então jogar Banco Imobiliário com celebridades, quem era eu para o contradizer?

As coisas estavam indo bem mal no meu casamento, já que Louise havia descoberto o que hoje é chamado de beque. Na época, era “verdinha”. No passado distante, era erva. Satã também a batizava com anfetamina, nitrato de amila, metaqualona e penças de novas posições para serem experimentadas por qualquer um que tivesse um título de eleitor nos três estados mais próximos. Eu ainda a adorava e achava sua promiscuidade típica de Louise, mas isso estava levando nosso casamento ao fim e começamos a falar de cortar o mal pela raiz, o que no show business chamamos de “fechar a cortina”. Ela havia feito muitas contribuições para a minha vida, entre elas me levar a enviar um texto que escrevi para a revista *New Yorker*. Quando se tratava de prosa, me faltava confiança. Eu tinha certeza de que receberia uma carta de rejeição, mas ela era de uma opinião diferente. Estava certa de que eles aceitariam o meu texto e, por causa do instinto e da fé dela, eu me tornei um colaborador regular de uma revista que idolatrei minha vida toda, e tive sorte o suficiente de ter Roger Angell como meu editor no decorrer das décadas. Mas, sem dúvida, Louise era dose — doses variadas de várias drogas.

O que aconteceu em seguida para me distrair foi uma ideia que surgiu na minha cabeça de fazer um filme de comédia no estilo documentário. Isso não havia sido feito antes, e minha ideia original era fazer de forma bem real, o que acabei não fazendo e vou contar o porquê. Porém, eu finalmente o produzi anos depois e o chamei de *Zelig*. *Um assaltante bem trapalhão* foi um roteiro que escrevi com meu antigo amigo de escola e colega do time de beisebol, Mickey Rose. Nossa amizade ia até a Midwood High, onde nós dois sonhávamos em estar em grandes times e entrar no campo de beisebol no verão, não importa quão sufocante estivesse o calor, e acertar as bolas, pegá-las no ar, recebê-las no chão, parando só para ir até a bomboniere de tempos em tempos pegar um chocolate maltado. Mickey não tinha disciplina, mas era dotado de um senso de humor maluco, totalmente original. Sua ideia de piada seria ir a todos essas reuniões de show business em escritórios com agentes e empresários em Nova York e sempre deixar secretamente uma lata de atum em algum lugar. Ele ria histericamente imaginando os empresários se juntando no almoço e um dizendo: “Uma coisa engraçada aconteceu dia desses. Encontrei uma lata de atum na gaveta da minha mesa”.

“Que coincidência”, diria o segundo, “encontrei uma na minha cadeira.”

“Eu também”, arremataria um terceiro. Então Mickey estaria rolando no chão, com lágrimas escorrendo pelas bochechas.

Anos depois, quando contratei um chofer, Mickey queria que eu fizesse o motorista dirigir toda noite às oito e quinze para a Park Avenue com a Rua 38. Ele queria que eu saísse do carro, beijasse o poste, voltasse para dentro e continuasse com minha vida. Novamente, ele se dobraria de rir imaginando o chofer recém-contratado contando para a esposa ou um amigo: “Toda noite às oito e quinze o cara me faz levá-lo à 38 com a Park, ele sai e beija o poste, daí vamos embora”. De alguma forma interplanetária, Mickey era um gênio. Enfim, escrevemos juntos *Um assaltante...*, mas, como eu queria dirigir, não havia quem se arriscasse a produzir o filme. Então, por causa da minha vida profissional ser abençoada, uma nova empresa cinematográfica se formou, chamada Palomar Pictures, e, sendo novos, tendo caras modernos na direção, como Edgar Scherick e Paul Lazarus III, eles estavam dispostos a arriscar num diretor iniciante. Na época, eu já tinha um sucesso de bilheteria como autor com *O que é que há, gatinha?* — um lixo, mas um grande sucesso —, e também com *Don't Drink the Water*, que era mais lixo, porém também fez sucesso. Pelo menos eles sabiam que eu não era um assassino em série ou alguém que pegaria o orçamento, meteria no bolso e fugiria para as Ilhas Cayman.

Eles colocaram um cão de guarda, Sidney Glazer, para acompanhar as filmagens e me deram um milhão de dólares. Como dizem, essa foi a parte bonita: apesar de isso não estar no meu contrato, eles confiaram em mim para que eu tivesse total controle artístico e nunca me incomodaram nem por um segundo. Eu rodei em São Francisco, uma cidade que me trouxe sorte em várias épocas. O filme de Herb Ross, *Sonhos de um sedutor*, também foi rodado lá. Assim como *Um assaltante bem trapalhão* e, posteriormente, *Blue Jasmine*, todos foram bem, e eu fui bem como comediante no *Hungry I* e comecei como músico de jazz no *Earthquake McGoon's*. Minha protagonista foi Janet Margolin, uma bela moça do Central Park West e estrela coadjuvante de *David e Lisa*. Boa parte do elenco era local de São Francisco, e eles foram maravilhosos. Também incluímos alguns atores de Hollywood. Eu me mantive dentro do orçamento de um milhão de dólares e terminei no prazo. O primeiro dia de filmagem seria na Prisão San Quentin. Toda minha empolgação estava no fato de que eu iria para uma cadeia, onde haveria bandidos e eu veria um prédio icônico sobre o qual eu só tinha lido ou que só visto em antigos filmes em preto e branco. Eu não dava a mínima para o fato de estar estreando como diretor. Era a prisão que me fascinava. Fomos avisados pelo responsável que a

população carcerária dali era perigosa e que, se houvesse uma rebelião ou se algum de nós fosse pego como refém, eles fariam todo o possível para nos tirar de lá, exceto libertar qualquer preso. Achei interessante que, quando as centenas de internos se juntaram no grande pátio aberto, todos os prisioneiros brancos permaneceram juntos de um lado e todos os negros de outro. Não era diferente do que você encontraria em qualquer cantina de escola americana, eu posteriormente comentei na TV, recebendo de volta um silêncio sepulcral.

Assim, entrei em San Quentin e comecei minha carreira de diretor encenando uma rebelião num pátio de prisão. Os presidiários cooperaram, nós gritamos ação e os caras deram mesmo tudo de si na rebelião. Quando gritei “corta” e eles se dispersaram, eu me lembro de ter pegado uma faca do chão do pátio. Lembre-se, eu entrei no set sem nunca ter feito um filme, sem saber nada de câmeras, lentes, iluminação ou direção. Eu nunca havia estudado interpretação e então um dos executivos da Palomar me perguntou: “O que você acha de receber um milhão de dólares para dirigir um filme?”. Na época, um milhão era muito mais do que é hoje. “Nervoso?”, ele questionou, tentando me acalmar com o mesmo tipo de sorriso que Ming, o Impiedoso, deu a Flash Gordon quando o submergiu em lava.

A verdade é que eu não conseguia imaginar sobre o que ele estava falando. Por que eu estaria nervoso? A coisa toda me parecia senso comum. Escrevi o roteiro, sabia o que eu queria ver. Sei, quando olho através de uma câmera, se o que estou vendo é o que imaginei. Se não for, corrijo as coisas. Talvez eu precise mover a câmera um pouco para a esquerda ou a direita, um pouco mais perto ou longe. Se o personagem que estou filmando caminha para algum lugar, nós o seguimos com a câmera sob rodas. Um *stand-in* marca minha posição e, quando a câmera termina de acertar a iluminação, nós estamos prontos para filmar. Eu digo ao *stand-in* que ele pode ir tomar uma cerveja e tomo seu lugar. Faço a cena que escrevi e informo aos atores a forma como quero que eles soem. A câmera trabalha e eu grito: “Ok, pegou como é?”. Se eu não estiver feliz com algo, faço de novo. Isso não é ciência espacial, e o fato de eu nunca ter feito antes não significava nada. Enquanto estou lidando com comédia, particularmente comédia pastelão, tudo o que quero é que a cena seja barulhenta, iluminada e rápida. Velocidade é a melhor amiga do diretor de comédia. Risadas são o que você quer, e se você tiver alguma queda por provocar risos, colocar sua mercadoria na tela de forma clara e der à plateia a chance de ver e ouvir as piadas, estará no caminho certo. Rodar *Um assaltante*

bem trapalhão foi tranquilo, e Mickey e eu nos divertimos muito improvisando tiradas e trechos.

De volta a Nova York, montei o filme e contratei um moleque, Marvin Hamlisch, para fazer a trilha. Pedi algumas peças melancólicas, influenciado como eu estava pelos filmes de Chaplin. Hamlisch topou e foi trabalhar na trilha. Enquanto isso, testamos o filme. Aqui minha inexperiência teve seu preço. Não coloquei uma trilha provisória nele, então o filme todo foi friamente silencioso. Quando alguém conversa ou, digamos, alguém caminha por uma distância sem música, a caminhada levava uma eternidade na tela. Além disso, quando fomos fazer o teste, pegando soldados de licença que passavam nas ruas, preenchendo metade da sala de projeção numa tarde qualquer e sem avisar que era um primeiro corte, nós naturalmente morremos como no *Massacre do Dia dos Namorados*.

A Palomar teve a mesma reação quando apresentamos a eles. Até com o acréscimo de um pouco da música de Marin Hamlisch, eles viram um milhão descendo privada abaixo por terem botado fé num desajeitado amador. Para me socorrer, sugeriram trazer Ralph Rosenblum, que havia salvado vários filmes na remontagem. À beira de um desastre, eu buscava ajuda de qualquer lugar que conseguisse. E assim chegou Rosenblum, um editor sarcástico, muito talentoso, que transformou meu filme de um fracasso num sucesso. Foi assim: como Stanley Prager ajudou em *Don't Drink the Water*, Ralph imediatamente elevou meu ânimo. A primeira coisa que ele fez foi pegar todas as coisas engraçadas que eu tinha cortado e colocar de volta. Ele explicou que, sem música e tendo como plateia um grupo de recrutas solitários, com saudades de casa, que vagaram para uma sala de projeção semivazia, é claro que o filme morreria. Ele colocou um pouco de jazz de Eubie Blake no lugar da música linda, mas triste, de Hamlisch, e a mera mudança da trilha sonora mais lenta ou a ausência de música para um jazz animado transformou, ou, devo dizer, metamorfoseou o filme, pois a mudança foi mágica. Ele também colocou um pouco de material antes dos créditos de abertura, o que ajudou a acelerar a narrativa.

Eu resumiria a coisa da seguinte forma: Ralph realmente só mudou uns vinte por cento do corte original, do qual ele gostou muito mais do que eu. Mas esses vinte por cento fizeram a diferença entre o filme funcionar ou não. Sem ele, o projeto teria naufragado. Enfim, o filme estreou num cinema minúsculo na Terceira Avenida, chamado 68th Street Playhouse. Havia uma árvore na frente e seus galhos sombreavam a entrada. Meu pai se ofereceu para ir com amigos no meio da noite e cortar a árvore. Recusei a oferta. O filme foi um

sucesso de crítica e bilheteria. E foi assim que comecei a dirigir filmes. Trabalho duro, um pouco de talento, muita sorte, grandes contribuições dos outros.

No meio de tudo isso, houve um dia em que Louise e eu decidimos nos separar e seu pai, um cavalheiro até o fim, intermediou uma separação, que foi justa para ambas as partes, e terminamos como grandes amigos. Sempre permanecemos grandes e leais amigos. Uma anedota: fomos a Juarez para assinar nosso divórcio, depois de dormir juntos na noite anterior em San Antonio, e estávamos tão agarradinhos na sala de espera do cartório com os outros casais prestes a se separarem que um cara nos perguntou: “Qual de vocês está se separando?”. Nós dissemos que éramos os dois, um do outro. Ele não conseguia acreditar que duas pessoas tão abertamente amorosas estavam se separando. Ele gaguejou: “Ah... bem... é... é bem melhor assim mesmo”. Louise seguiu com uma boa carreira estrelando num popular programa de TV, interpretando pequenos papéis em filmes e lecionando. No auge de sua fama, quando ela estava estampada na capa de várias revistas e havia realmente vencido seus problemas, eu me perguntei quão grande ela teria sido como estrela se nunca tivesse tido de batalhar por todo o percurso.

Então ali eu estava, solteiro, prestes a formar o elenco de *Play it Again, Sam*, a peça com Tony Roberts coestrelada por mim. Tudo de que precisávamos era encontrar a menina certa para interpretar Linda, a protagonista feminina. A peça era dirigida por Joe Hardy, um ótimo diretor que sabia o que estava fazendo. Ele e eu nos sentamos nos fundos do teatro para fazer audições com uma atriz talentosa atrás da outra. Havia muito talento por lá, e não havia papéis bons suficientes. Sandy Meisner era um famoso professor de interpretação muito respeitado em Nova York que comandava o Neighborhood Playhouse, de onde tantos atores espetaculares emergiram. Em algum ponto, ele agarrou David Merrick e falou maravilhas sobre uma menina de sua classe que ele achava sensacional. O nome dela era Diane Keaton. Nome verdadeiro: Diane Hall, mas já havia uma atriz com aquele nome e o sindicato não permitia que se utilizasse um nome já em uso por outra pessoa.

Então, depois dessa expectativa, nós estávamos sentados no teatro esperando Keaton se apresentar. Entrou uma jovem magrela. Deixe-me colocar assim: se Huckleberry Finn tivesse sido uma mulher muito bonita, era ele quem estaria naquele palco. Keaton, que se desculpava por acordar de manhã, uma caipira de Orange County, habituada a vendas de garagem e sanduíches de atum; uma imigrante que foi para Manhattan e trabalhava numa chapelaria, que havia trabalhado na bomboniere de um cinema em Orange County e tinha sido demitida por ter comido todos os doces, tentou dizer algumas poucas frases de abertura para nós. Era uma chucra que falava de seu Grammy Hall, do pensionista George que recebia um peru de seu sindicato todo Natal e respondia a elogios com “Sério mesmo?”. Mas, o que eu posso dizer? Ela foi ótima. Ótima em todos os sentidos. Fala-se muito de uma personalidade que ilumina uma sala; ela iluminava uma avenida. Adorável, divertida, com um estilo totalmente original, verdadeira, nova. Quando foi embora, nós sabíamos que tínhamos de passar pelas outras atrizes agendadas, mas, na nossa cabeça, ela já tinha o papel.

Os ensaios com Joe Hardy foram tranquilos. Tony Roberts era como um moleque numa loja de doces, já que a peça tinha meia dúzia de mulheres bonitas que apareciam no figurino da personagem principal. Tony partiu para a ação já no primeiro dia, complicando sua vida social já barroca. Eu ficava cada vez mais amigo de Tony, mas Keaton e eu estávamos cada um seguindo sua própria agenda social, conversando de forma educada, porém esparsa. Um cara ligava para ela todo dia, e eu naturalmente achei que fosse seu namorado, porém, mais tarde descobri que era seu empresário. Eu namoraria quem quer

que dissesse sim aos meus apelos desesperados para me deixar alimentá-la. Uma vez, uma semana antes de ir para Washington para nossa estreia, eu saí com uma morena bem bonita. Levei-a para jantar e nos divertimos, por isso marcamos outro encontro duas noites depois.

Na noite do meio, eu estava ensaiando com Keaton, e Joe Hardy sugeriu que passássemos frases para memorizá-las de forma mais fluída. Keaton, é claro, sabia as dela como Eve Harrington, mas eu, apesar de tê-las escrito, precisava de mais tempo para assentá-las. Fizemos uma pausa para jantar e ela e eu saltamos pelas ruas até um estabelecimento ao lado do McGirr's Billiards, onde eu às vezes jogava sinuca. Naquele jantar improvisado, ela foi tão encantadora, tão adorável, tão linda, tão cintilante, que eu me sentei lá pensando: "Por que diabos vou sair com aquela outra amanhã à noite? Keaton é mágica". Claro que ela comia como Primo Carnera. Nunca vi ninguém além de um pedreiro engolir daquele jeito.

Enfim, para ir direto ao ponto, quando *Sonhos de um sedutor* estreou em Washington, nós já estávamos namorando. Continuamos namorando em Boston e depois que voltamos a Nova York. Eu tinha acabado de comprar uma cobertura na Quinta Avenida e ela morava num barraco lá no fim da zona leste, uma quitinete que ela tornou aconchegante e bonita sem gastar um tostão. Ela claramente tinha olhar de artista. Dava para ver pela forma como se vestia que ela poderia ser considerada antenada, se você achasse que uma pata de macaco morto presa à lapela de seu suéter era chique. Digamos apenas que Keaton sempre combinou com uma imaginação excêntrica, como se seu *personal shopper* fosse Buñuel. Mas isso não se resume apenas a um jeito para a moda. Ela tira ótimas fotos, sabe atuar, canta lindamente, dança, escreve bem. Permanecemos amigos próximos desde que nos conhecemos. Quando terminei de remontar *Um assaltante...* com Ralph Rosenblum, passei o material para Keaton, e ela disse que era bom e divertido, que eu não deveria me preocupar, e ela tem sido minha estrela-guia, a quem recorro desde então. Porque, além de ter bom gosto e ser inteligente, ela é autocentrada. Você pode recitar louvores de Shakespeare o dia todo, mas, se ela achar isso um tédio, não vai se importar com quão reverenciada é a poesia dele ou o que os professores ou o público dizem. Keaton é ela mesma. Sempre lhe mostrei meu trabalho, e ela é uma das únicas pessoas cuja opinião realmente me importa.

Então, Keaton gostou de *Um assaltante bem trapalhão*, nossa peça estreou e foi um sucesso, e ela, Tony e eu ficamos juntos. Logo ela iria morar comigo, primeiro no meu velho apartamento, depois num hotel enquanto eu esperava

pela conclusão da reforma de minha cobertura. Eu queria um bar, apesar de não beber, e dois decantadores para que eu pudesse oferecer scotch ou brandy para amigos que também não bebiam.

Naquele ponto na minha vida, eu tinha uma amiga bem interessante. Seu nome era Mary Bancroft, e só a menciono porque eu a achava uma mulher extraordinária. Ela era muito mais velha do que eu, uns vinte e cinco ou trinta anos mais velha, provavelmente já tinha setenta e poucos quando a conheci. Foi numa festa na casa do Norman Mailer, no Brooklyn. Ela morava perto de mim na Quinta Avenida, então dei uma carona para ela. Era brilhante, letrada, e sabia de tudo, de política a literatura, e como a postura de Carl Yastrzemski o tornava um rebatedor tão bom. Ela havia decidido estudar informática aos setenta anos. Eu costumava levá-la a partidas de beisebol. Ela era escritora, havia sido espiã contra os nazistas na Segunda Guerra Mundial, trabalhou para Allen Dulles e fez psicanálise, foi paciente de Jung. Não consigo me lembrar se ela teve um caso com Jung ou Dulles, mas ela era divertida de se escutar.

Passávamos muito tempo conversando e jantando. Dulles quis recompensá-la depois da guerra pelo serviço de espionagem. Assim, como ele teve direito a um assento nos julgamentos de Nuremberg, Mary recebeu uma passagem para assistir, e aconteceu que a cidade de Nuremberg estava superlotada durante os procedimentos e o espaço era escasso. Ela foi forçada a dividir aposentos com várias esposas cujos maridos estavam sendo julgados por genocídio e outras atrocidades, e Mary achou as esposas comicamente idiotas quando seguiam por lá contando vantagem sobre seus maridos e suas conquistas na guerra. Enfim, tivemos ótimos momentos juntos até ela falecer. Pensei que, como Mary foi um personagem empolgante na minha vida por alguns anos, ela daria uma digressão digna nessa saga de Allen, normalmente desbotada.

No ano seguinte, eu fiz *Bananas*. Novamente um roteiro meu e de Mickey Rose, rodado em Porto Rico. Não usei Keaton no filme, já que tinha Louise em mente quando escrevi o personagem. Com a força do sucesso de *Um assaltante bem trapalhão* e *Sonhos de um sedutor*, a United Artists me ofereceu um contrato para três filmes. O primeiro roteiro que mostrei a eles foi um drama, o que eles não queriam de um comediante. Eu poderia ter rodado, já que tinha total domínio segundo meu contrato, mas eu nunca forçaria um estúdio a se envolver ou financiar um filme no qual não acreditava. David Picker, que era um grande defensor meu na UA, ficou aliviado quando eu disse: “Se vocês não gostam, nem percam tempo pensando. Escrevo outra coisa”. E Mickey Rose e eu escrevemos *Bananas*. Tem um livro sobre uma revolução na América do Sul,

um romance de humor, e pedimos à UA para comprar os direitos porque tínhamos a ideia de fazer um filme sobre uma revolução na América do Sul e não queríamos ser processados. A UA comprou o livro por uma ninharia. Então Mickey e eu seguimos para escrever nosso próprio roteiro de sucesso usando zero do livro, que tinha uma trama coerente, mas pouco inspirada. Nós tínhamos quase zero de trama e muita insanidade. Só anos depois fiquei sabendo que, quando Arthur Krim, o chefe da United Artists, viu *Bananas* e percebeu que não tinha semelhança alguma com o livro que eles tinham comprado, quis me processar por fraude e foi dissuadido por Picker e David Chasman.

Como eu disse, antes de partir para Porto Rico, havia comprado uma cobertura na Quinta Avenida, e Keaton sugeriu que, quando eu voltasse, ela fosse morar comigo como um compromisso. Eu hesitei, mas tivemos momentos tão bons em Porto Rico, e ela levou muito na boa o fato de não estar no filme, mas sim minha ex-mulher, Louise. Keaton me apoiava e achou Louise divertida. Enfim, ao voltar para Nova York, dei a Keaton a chave da minha cobertura e lá estávamos nós, dois otários, como ela costumava nos descrever, morando entre a efervescência bem acima do Central Park de onde, se você ficasse na minha sala, podia ver a cidade inteira sem nenhuma obstrução, do World Trade Center até a ponte George Washington. As mudanças sazonais valiam o preço que paguei pelo lugar. Fui o primeiro a ver o apartamento quando entrou no mercado. Abri mão, era caro demais, e outro cara levou, fez planos de reforma e de repente faliu. Nesse ponto, eu tinha me arrependido de não o ter comprado e, como voltou ao mercado, eu o arrematei, só que por um preço ainda mais alto. Mas que vista ele tinha, que vista! Cada centímetro do Central Park e mais. *Bananas* foi um sucesso, assim como meus filmes seguintes, e Arthur Krim, que queria me levar ao tribunal, se tornou meu maior fã, meu mecenas, meu amigo pessoal.

Arthur Krim acabou sendo uma das três pessoas que reconheci que fizeram minha carreira. Conheci Arthur por alto quando fiz campanha para Lyndon Johnson. Creio que ele tenha montado o show da posse, cheio de astros, e me lembro de ter sido convidado para a casa dele, onde conheci Adlai Stevenson, Averell Harriman e democratas variados do alto escalão. Além de seu ativismo político e de incitar LBJ a pegar firme em suas incríveis iniciativas relativas aos direitos civis, Arthur comandava a United Artists, uma produtora de cinema evoluída que respeitava seus cineastas. Depois de passar pelo trauma inicial da sessão inaugural de *Bananas* e querer minha cabeça numa lança, Arthur se

fixou em meu trabalho. Ele sempre disse que o que ele tinha orgulho era de ter feito filmes com Chaplin e comigo. Fiz quinze longas com ele. Ele disse que sua conquista mais satisfatória era ele ter me fornecido um lar para prosperar como cineasta. Junto a Jack Rollins e ao crítico do *Times*, Vincent Canby, Arthur foi o terceiro sem o qual eu nunca teria tido a carreira que tive no cinema. A fé de Rollins em mim, quando ninguém acreditava, eu já descrevi, mas Canby também me via como um cineasta importante, quando eu não podia enxergar isso, e me tratava como tal na imprensa. Com o encorajamento de Rollins, o apoio de Canby no jornal e Arthur Krim me financiando como chefe do estúdio, recebi todas as chances de criar um nome para mim no cinema. Só posso dizer que fiz o melhor que pude. Se os filmes não são melhores, não é culpa de ninguém além de mim. Tive liberdade total para fazer qualquer projeto que escolhi (dentro do orçamento dado) e total controle artístico. Bobby Greenhut, meu produtor, dizia: “É como se estivessemos trabalhando com uma doação”.

Os bons tempos na cobertura — era aí que eu estava? Sim, Keaton e eu acordávamos, apertávamos um botão ao lado da cama, e as cortinas se abriam eletronicamente revelando Manhattan. Ou o sol entrava ou o cinza, as gotas ou os flocos de neve estariam caindo ou o parque estaria cheio de vermelho e amarelo das folhas de outono, morrendo, mas não partindo silenciosamente. Nós pegávamos o jornal no saguão, tomávamos café da manhã e atacávamos o dia, cada um com sua agenda. Nós voltávamos no fim do dia e às vezes comíamos em casa, mas com mais frequência íamos a um jogo do Knicks ou a uma peça e comíamos depois no Elaine's, se é que se pode chamar aquilo realmente de comida. O cardápio lá era terrível, mas era o estabelecimento mais empolgante da cidade, transbordando de gente de alta classe todas as noites e a noite toda. Com os anos, fiquei amigo da Elaine e, numa época, jantei lá com amigos toda noite por dez anos. A qualquer noite lá, se poderia ver Fellini, o prefeito, um Kennedy, Mailer, Tennessee Williams, Antonioni, Carol Channing, Michael Caine, Mary McCarthy, George Steinbrenner, Helen Frankenthaler, David Hockney, Robert Altman, Nora Ephron, só para citar poucos nomes. Conheci Simone de Beauvoir lá, Gore Vidal e Roman Polanski. Dá para ter uma ideia.

Não era a comida, era a atmosfera, um lugar limpo, bem iluminado. Bem, era iluminado. E os preços eram como teatro de improviso. Você tinha o espaguete com mariscos na noite de segunda e custava vinte e cinco pratas. O mesmo prato na terça podia custar trinta ou vinte. Se você fosse um nova-

iorquino do campo das artes ou dos esportes, jornalista ou político e não tivesse para onde ir à uma da manhã, você podia ir ao Elaine's, mergulhar no bar e encontrar tanta gente conhecida e algumas caras novas que ficava feliz de finalmente poder dar um "oi". Keaton e eu, junto a Jean Doumanian ou Tony Roberts e depois Michael Murphy e o namorado de Jean ou outros variados, jantávamos lá todas as noites, então voltávamos para casa. Naqueles anos, Nova York era perigosa durante a noite, e tentar caminhar de volta para casa era sempre uma emoção. Ao chegar à nossa cama, assistíamos a um filme na TV.

Essa época está entre minhas melhores lembranças. Ver TV com Keaton ou ir a um museu ou galeria com ela é uma delícia porque ela é muito cheia de ideias, palpites e opiniões. Ela te abre os olhos para as coisas, ou foi o que fez comigo. Ela também é boa na risada, ri alto e de coração, e para alguém que ganha a vida fazendo rir, isso é uma bênção. Quem diria que ela era bulímica? Eu só soube quando li o livro de memórias dela, décadas depois. Tudo o que eu sabia era que podíamos ver os Knicks, decidíamos comer uma carne, íamos ao Frankie and Johnnie's, onde ela engolia um filé, uma fritada de batatas e cheesecake marmorizado e ainda bebia chá. Então, vinte minutos depois, logo depois de entrar na cobertura, ela começava a fazer waffles e engolir o que, para mim, seria a única refeição de um dia todo. Eu ficava hipnotizado como um homem vendo um artista de circo europeu apresentando um número com comidas.

Mas Keaton estava cansada de Manhattan e começava a ansiar pelos raios cancerígenos do sol da Costa Oeste. Ela foi escalada para *O poderoso chefão*, e sua carreira avançava. Nós nos separamos como amigos e, como eu disse, permanecemos próximos durante todos esses anos. Às vezes, eu ainda a consulto sobre a escolha de elenco dos meus filmes, ou sobre qualquer problema criativo que eu possa estar enfrentando. Nunca brigamos e trabalhamos juntos muitas vezes. Após um tempo, saí com sua bela irmã, Robin, e tivemos um breve namoro. Depois disso, namorei sua outra bela irmã, Dory, e tivemos bons momentos. As três irmãs Keaton eram todas belas, mulheres maravilhosas. São bons genes os daquela família, um protoplasma de ganhar prêmios. Uma mãe linda. Uma similaridade Mandelbrot de sorte.

Tudo o que você sempre quis saber sobre sexo, mas tinha medo de perguntar foi meu primeiro grande sucesso comercial, e ainda que tenha coisas divertidas lá, não foi meu melhor momento, apesar de ser um dos melhores de Gene Wilder. Que talento. Numa cena, ele vai dormir de noite e fica com o relógio de pulso. Eu quis saber: "Você sempre fica com o relógio quando vai dormir?". E ele

disse: “Sim, por acaso alguém tira o relógio para isso?”. Ele podia ser excêntrico, mas quantos caras podem interpretar tão bem na companhia de uma ovelha?

Nós tínhamos uma sequência em que um cientista maluco cria um seio gigante que escapa e aterroriza uma cidadezinha de interior. Por pura coincidência, bem quando o filme estreou, Philip Roth lançou seu livro *O seio*, também sobre um seio gigante. Roth era um cara muito mais profundo e sério do que eu, além de ser muito engraçado. Às vezes aparecíamos juntos em algum artigo sobre judaísmo ou humor judaico, mas ele tratava de questões por um ponto de vista reflexivo, profundo. Eu só me interessava até o ponto em que o assunto me desse bom material para comédia. Ele era um pensador, um intelectual genuíno. Eu era um comediante que virou cineasta, e trabalhávamos em meios diferentes. Havia uma grande distância entre morrer no papel e morrer no palco. A morte no papel é uma questão particular. A morte na frente de uma plateia é vergonhosa, e o comediante vivencia o mesmo desprazer que se pode sentir numa crucificação. E, falando em morte, permita-me seguir ao meu próximo filme, *O dorminhoco*.

Encorajado pelos sucessos de *O poderoso chefão* e *Lawrence da Arábia*, filmes de duração épica, ambos exibidos nas salas de cinema com intervalos, sonhei com um épico de comédia. Até então, não havia comédias de longa duração, e muitas das melhores eram, de fato, bem curtas. Alguns dos melhores filmes dos Irmãos Marx não têm mais de uma hora e quinze minutos. Houve *Deu a louca no mundo*, que experimentou uma duração um pouco mais longa, porém acabou se revelando uma bomba, desperdiçando os talentos de um grande número de nomes maravilhosos. Então ali estava minha fantasia egomaníaca: eu faria uma comédia em duas partes com um intervalo. A primeira metade contaria as aventuras (que eu sonharia) de um cara em Nova York, interpretado por mim e, no fim de uma hora e meia de loucura sem rédeas, meu personagem cairia num tonel de sopa criogênica. Ele seria congelado por acidente. Mais tarde, eu resolveria os detalhes de como e por que um morador de Manhattan andava num lugar de criogenia e acabava congelado. Visualizei a plateia exausta de rir quando essa parte de desenvolvimento terminasse, correndo pelas fileiras para comprar pipoca e refrigerante, se refrescando ansiosa pela segunda parte. As pessoas se reuniriam no saguão e citariam suas frases e piadas favoritas da primeira parte e, então, quando tocassem o sinal para voltarem a seus assentos, elas iriam agarrar seus doces de amendoim Reese e Raisinets e voltariam fielmente para ver a segunda hora de risadas estridentes e palhaçadas mil.

Como a primeira parte se passava na Nova York dos anos 1970, imagine a surpresa e o deleite da plateia quando viesse a segunda metade e estivéssemos centenas de anos no futuro e a mesma cidade parecesse apropriadamente moderna como na ficção científica, com monotrilhos e carros voadores por todo lado e belas mulheres vestindo segundas-peles, revelando a moda apropriada do ano 2500, quando eu estava certo de que elas se vestiriam parcamente e com grandes decotes. De alguma forma, nessa sociedade avançada, eu era descongelado e me encontrava como um peixe fora d'água, para dizer o mínimo. As possibilidades para uma sátira brilhante e tiradas estrambóticas eram infinitas. Apresentei esse prospecto para a United Artists, que gostou e havia comprado o mito de que eu era um gênio da comédia que sabia o que estava fazendo. Eles deram sinal verde na mesma hora e nós todos nos parabenizamos, já imaginando as *villas* e iates Oceanco que compraríamos com os lucros do projeto. Para essa obra-prima, eu iria escalar Diane Keaton. Até aquele ponto, eu nunca a havia dirigido. Nós dois estrelamos *Sonhos de um sedutor*, mas foi Herb Ross quem dirigiu aquele filme.

Um fato que as pessoas não percebem é que, quando Keaton e eu começamos a trabalhar juntos na série de filmes que escrevi para ela, não estávamos mais namorando havia vários anos. Muita gente acha que fizemos *Noivo neurótico*, *noiva nervosa*; *Manhattan* e *Boris Grushenko* enquanto morávamos juntos como namorados, mas já éramos parceiros de uma vida. Keaton estava disponível para o projeto e ficou empolgada com a ideia. Agora tudo o que eu tinha que fazer era colocar tudo no papel.

Após algumas tentativas vãs de escrever a parte um, isto é, minhas aventuras em Manhattan, percebi que não conseguia pensar em nenhuma aventura. Liguei para meu amigo Marshall Brickman para que colaborasse comigo, o que ele fez, mas também não conseguia pensar em nenhuma aventura. Conforme os dias passavam e nossas conversas vagavam para o valor social relativo das garotas de placar dos ringues e os prazeres do salame Schmulka Bernstein, os sonhos de uma obra-prima começaram a esvanecer e o único trecho razoavelmente promissor era eu acordando no futuro. Outro autor-diretor teria aceitado o desafio e, de alguma forma, feito esse conceito brilhante acontecer, erguendo uma anedota diferente, mais inspirada no show business. Mas eu não lido bem com adversidades e não demorou muito para eu desistir, terminando o trabalho mais cedo e decidindo por um filme de tamanho normal, consistindo só da parte dois. Nós o chamamos de *O dorminhoco*, e não me lembro de muito mais, exceto que havia algo sobre um cara que perde o nariz e eu e Keaton

tentamos usá-lo para cloná-lo inteiro de novo. Lembro que Marshall e eu demos o roteiro para Isaac Asimov e Ben Bova, dois grandes caras da ficção científica que eu não conhecia, e perguntei se eles podiam avaliá-lo. Eles foram gentis o suficiente para ler tudo, e ambos adoraram e concordaram que tínhamos acertado na parte técnica. No fim, *O dorminhoco* ganhou alguns prêmios, um Hugo e um Nebula como melhor filme de ficção científica e pela escrita de ficção científica, ou algo assim. Eu me esqueci da maioria dos detalhes dessa produção, exceto que filmamos em Los Angeles e no Colorado e que eu tinha de verificar todos as noites se havia carrapatos no meu corpo, já que estávamos nas Montanhas Rochosas. Para meu horror, encontrei um na minha perna e fiquei certo de que teria de amputá-la — o que, na época, eu toparia.

Depois de *O dorminhoco*, veio *A última noite de Boris Grushenko*, uma comédia pastelão com atmosfera de literatura russa. Eu o considero o mais engraçado dos meus primeiros filmes. Pedi que Keaton participasse e nós dois fomos para Paris e Budapeste para rodar. Lembro de como Cavett ficou impressionado quando estávamos engolindo um chili no P. J. Clarke's certa noite e eu disse: “Vixe, é melhor eu ir. Preciso acordar cedo amanhã. Tenho de ir pra Budapeste”.

É uma cidade exótica. Na época, estava cheia de soldados russos. O país estava ocupado. Usei toneladas de soldados do Exército Vermelho no meu filme. Eles sabiam marchar e se exercitar, e tudo o que eles queriam era dispensa do tédio da ocupação e maços de cigarro. A parte rodada em Paris foi um paraíso, e Keaton e eu tivemos quartos no Plaza Athénée durante meses. Eu me lembro de me sentar com ela no restaurante do hotel e pedirmos caviar depois de um dia duro de filmagem. O garçom servia nossas porções. Nós engolíamos. E ele sempre perguntava: “Gostaria de mais um pouco?”. Eu, panaca que era, fiquei maravilhado, achando que, por um preço fixo estampado no cardápio, poderíamos comer todo o caviar que aguentássemos. Como eles faziam isso sem falir? A Miss Orange County também não era nada cosmopolita e ficamos lá virando vários quilos de Beluga. Quando veio a conta, parecia que estávamos comprando um jato bombardeiro furtivo. Graças a deus, desde então eu aprendi sobre massago.

A última noite de Boris Grushenko foi um filme divertido de rodar, exceto pelo clima. Fazia frio em Budapeste e em Paris. Quando terminou, nós estávamos felizes de voltar para casa, ela para o sol e eu para as ruas chuvosas de Manhattan, onde eu prosperava. A produção aconteceu de forma tranquila, com exceção da música. Comecei usando Stravinsky, mas a falta de tonalidade

deixou tudo sem graça. No minuto em que troquei para Prokofiev, o filme ganhou vida. As críticas foram boas, apesar de que seria a última vez que eu leria uma crítica ou qualquer coisa sobre mim mesmo. A United Artists me soterrou com uma remessa de críticas nacionais para escolher citações para um anúncio. Centenas de resenhas de todos os lugares, tão diferentes, com frequência, conflitantes, e para quê? Para que eu pudesse ler que era um gênio ou um idiota incompetente? Eu já sei que sou incompetente e não nasci gênio. Auto-obsessão, esse desperdício traiçoeiro de tempo.

O divertido de fazer um filme é fazer o filme, a parte criativa. Os louvores não significam patavina. Mesmo com os maiores elogios, você ainda tem artrite e herpes. E é tão ruim assim que algumas pessoas não se empolguem com seu trabalho? Que alguém possa não gostar de seu filme? O universo está despencando na velocidade da luz e você está preocupado se algum cara em Sheboygan implica com seu ritmo? Ou que uma senhora em Tuscaloosa escreve que você é um gênio e você acredita que a opinião dela te iguala a Rembrandt ou Chopin? Pare de dar valor a pequenezas.

Quando jovens cineastas me pedem conselhos, sempre dou o mesmo: mantenha seu nariz baixo. Não levante a crista. Trabalhe. Curta o trabalho. Se não curtir, mude de ocupação. Não seja motivado por fontes externas. Você sabe o que é engraçado ou aonde quer chegar. Isso é tudo o que você precisa saber. Se você tem uma visão, tente executá-la. Simples assim. Julgue você mesmo. Você sabe que fez o filme que visualizou quando começou. Se você conseguiu, ótimo; aproveite esse sentimento caloroso de conquista; dê uma piscadinha para si mesmo no espelho e siga em frente. Se estiver ofuscado por sua própria luz, aprenda o que puder, que dificilmente é algo sobre arte, e se esforce mais da próxima vez. O fato de que *O que é que há, gatinha?* foi um grande sucesso não suavizou minha vergonha sobre o filme. Ainda assim, um longa como *Memórias*, que não foi particularmente bem recebido, me deu uma grande noção de conquista. Só estou dizendo que a diversão é o trabalho em si. O resto é asneira ou baboseira — pode escolher. Acho que prefiro baboseira.

Depois da experiência de *A última noite de Boris Grushenko*, aceitei um trabalho como ator num filme chamado *Testa de ferro por acaso*. Foi o primeiro filme de lista negra decente, escrito por Walter Bernstein e dirigido por Marty Ritt, dois artistas colocados, por sua vez, na lista negra durante o miasma de McCarthy. Walter era um escritor esperto que sabia tudo sobre o que fazer e não fazer no trabalho quando não acreditam em suas crenças políticas. Marty Ritt era o que Walter chamava de um gordo gracioso. Esse espécime durão e

bem corpulento havia sido dançarino e quase chegou à Broadway em *Pal Joey*, mas foi substituído no último minuto por uma nova descoberta: Gene Kelly. Marty havia sido um protegido de Kazan, e quando ele não conseguiu encontrar emprego, sustentou a família com jogo. O pôquer e os cavalos colocavam comida na mesa. Marty era expansivo. Não tinha tempo para traquejo social. Usava apenas macacões e, quando te convidava para a casa dele em Beverly Hills para jantar às seis (Marty comia cedo), ele estaria em seu gramado às dez para a seis esperando que você chegasse na hora.

Uma vez lá, jantava-se imediatamente e a conversa era muita boa. “Kazan achou que eu era um diretor promissor, mas ele gostava mesmo de mim porque eu era bom de briga”, era típico do Ritt. Depois do jantar, havia mais conversas e, quando era hora de Marty ir dormir, ele não pensava duas vezes. Você era educadamente conduzido para fora, e havia algo bem charmoso na sua forma direta, nos seus modos grosseiros e desajeitados. Trabalhei com Zero Mostel em *Testa de ferro por acaso* e havia escutado umas coisas bem terríveis sobre como era difícil trabalhar com ele, mas eu o achei bem legal, muito culto e interessante. Até cogitei fazer uma viagem à Itália com Zero, onde ele ia estudar umas pinturas, mas pensei melhor. Ainda assim, gostava dele e o achava divertido de se conversar.

Quando a Columbia viu o primeiro corte do filme, eles ficaram corretamente decepcionados. Ficou claro para Walter e eu o que estava errado, mas Marty era o diretor. O pessoal da Columbia me perguntou se eu podia reeditar o filme. Walter e eu dissemos que não faríamos isso sem a aprovação de Marty. Como o homem bem direto e livre de ego que é, ele cedeu. A cópia foi mandada para Nova York e Walter e eu a remontamos e editamos. Fizemos o melhor que pudemos. Ajudou, mas nunca foi o filme que deveria ser. Por quê? Quem sabe o que dá de errado nessas coisas? Meu palpite é que houve falhas no roteiro e nenhum de nós percebeu. Marty dirigiu bem o suficiente, nós todos interpretamos decentemente, mas, citando o habilidoso Blaise Pascal: “A arte tem razões que a própria razão desconhece”.

Minha teoria, após anos no cinema, é que o problema é quase sempre o roteiro. É muito mais difícil escrever do que dirigir, e um diretor medíocre pode fazer um bom filme de um belo roteiro, mas um grande diretor nunca pode tornar um roteiro tosco um bom filme. Tudo bem, eu disse “nunca”. O que quero dizer é “praticamente nunca”. E talvez um ou dois acontecimentos contradigam o que eu disse, mas, se eu estivesse colocando dinheiro num filme, eu me certificaria de ter primeiro um grande roteiro. Naturalmente você não vai

querer um perdido sem talento para dirigir, um lorpa para atuar, mas um trabalhador decente é tudo do que você precisa para um filme bem escrito. *Testa de ferro por acaso* foi bem escrito e nenhum de nós nunca viu nenhum problema sério nele, e ainda não vejo, mas estou certo de que deve existir. Em *Testa de ferro...* conheci Michael Murphy e nos tornamos amigos. Murphy era um grande cara, e sempre brinquei que ele era um agente secreto da CIA. Um ex-fuzileiro naval, criado no país de Goldwater, suas idas e vindas eram tão misteriosas quanto às de Lamont Cranston. Ainda assim, ele era um bom ator e um cara brilhante, de bom gosto, maravilhoso, mesmo que carregasse escondido uma cápsula de cianureto.

Então o filme estava pronto para ser lançado. Claro que houve um anúncio cafona, um grande cartaz que dizia “WOODY ALLEN É... *testa de ferro por acaso*”. Resultado: críticas medíocres, bilheteria medíocre. Ainda assim, o filme sobreviveu e sempre é exibido em faculdades porque o material de lista negra é informativo. Quando saiu, eu já estava na pré-produção de *Noivo neurótico, noiva nervosa*.

Aqui devo fazer uma pausa para dizer algo sobre meu processo de escolha de elenco. Meu primeiro filme teve os atores selecionados na Califórnia por Marvin Paige, o segundo, por Marion Dougherty, em Nova York. A assistente de Marion era Juliet Taylor, e quando Marion largou suas atividades em Manhattan para entrar num grande estúdio como chefe de seleção de elenco da casa, Juliet assumiu. Juliet selecionou o elenco dos meus filmes por décadas, tentando se aposentar em várias ocasiões, mas eu sempre consegui trazê-la de volta à força de trabalho. Finalmente ela desistiu do show business para viajar e aproveitar a vida, e sua antiga assistente, Patricia DiCerto, agora faz a seleção de atores para mim. Juliet, porém, era ótima em coisas além de escolher o elenco. Ela foi minha confidente, que lia meus roteiros, criticava, fazia sugestões, via o primeiro corte, fazia mais sugestões e me acompanhou por muitas crises de elenco, quando um ator precisava ser substituído de uma hora para a outra ou simplesmente não havia ninguém que parecesse certo para certo papel.

Muitas vezes, quando tudo parecia perdido, ela de alguma forma vinha com a pessoa que estávamos procurando. Ela lia o meu roteiro e fazia uma lista de atores que valiam para cada papel. Eu lia a lista e podia eliminar alguns, então discutíamos os outros. Havia sempre aqueles de quem eu nunca havia ouvido falar e ela tinha de me apresentar. Ela me apresentou a Mary Beth Hurt e

Chazz Palminteri, dois ótimos atores que eram perfeitos para os papéis que eu havia escrito, e eu os contratei no minuto em que passaram pela porta.

Não gosto do ritual de selecionar o elenco. É assim: fico numa sala, e um ator nervoso vem querendo o trabalho. O pobrezinho é olhado de cima a baixo, pode ter que ler algo, atuar. Não tenho traquejo social e não curto conhecer gente nova. Nunca posso mandar o ator embora rápido demais. Geralmente já vi um filme da pessoa que estou avaliando, então sei que ele ou ela é capaz atuar. Não tenho nada para dizer a eles. A verdade é: se eles não fazem nada louco como vir para mim apontando uma navalha, fico inclinado a contratá-los. A única coisa que estraga tudo é quando o próximo ator que recebo é tão bom quanto o anterior e também não me ataca. Terminava a sessão e Juliet havia trazido dez atores, todos muito bons; se nove se tornassem indisponíveis, qualquer um dos dez poderia interpretar o papel, então eu tinha de escolher. Mas como me guiar? Uma intuição pouco lógica, uma nuance aqui ou ali. Finalmente eu escolhia, porque o diretor tem de tomar a decisão ou o projeto não vai pra frente.

Vez ou outra um ator de reputação ia me encontrar ou algum viajava de Los Angeles especialmente para o encontro e Juliet dizia: “Você não pode simplesmente fazer essa pessoa entrar e sair em trinta segundos. Tem de dedicar um pouco de tempo a ela”. O que se seguia eram três minutos desconfortáveis em que o ator tentava ser charmoso e impressionar. Eu, por outro lado, me esforçava para manter uma conversa e evitar que a pessoa pensasse que tinha sido dispensada rápido demais. Perguntava o que ela estava fazendo, seus planos, onde ela havia nascido — coisas para as quais não dou a mínima. Como tinha visto filmes em que a pessoa tinha sido maravilhosa, só queria verificar se ela não havia ficado muito gorda, feito uma plástica fatal ou se tornado membro de um grupo terrorista. Se eu fizesse como eu queria, nunca me encontraria com ninguém e só chamaria gente com quem já trabalhei, mas isso é tolice e uma forma pouco profissional de cumprir meu dever como diretor de cinema.

A última noite de Boris Grushenko foi uma comédia pastelão. Eisenstein e Tolstoy em desenho animado. Agora, algo dentro de mim dizia que eu queria fazer uma comédia realista, em que eu pudesse falar com a plateia e desnudar minha alma. Talvez despertasse menos risadas, mas, com sorte, os personagens seriam cativantes e suas vidas, interessantes, mesmo que não estivessem sempre saindo com sacadas inteligentes. Para isso, chamei Marshall Brickman novamente para ver se ele queria trabalhar comigo. Marshall, se você se lembra,

era o baixista dos Tarriers, um grupo de folk que se apresentou várias vezes no Bitter End. Ele é um artigo genuíno quando se trata de comédia e um grande parceiro. Tivemos bons momentos criando *Noivo neurótico, noiva nervosa*. Inicialmente, deveria ser o fluxo de consciência do meu personagem, mas esse foi outro dos grandes sonhos da minha vida que não funcionou. Foi nesse longa que usei Gordon Willis pela primeira vez, um diretor de fotografia fabuloso, e aprendi muito escutando-o e vendo-o trabalhar. Aprendi a fazer cinema com dois mestres depois de muito me debater e meter os pés pelas mãos sozinho: editar com Ralph Rosenblum, um editor de talento, e tudo mais de Gordon Willis. Gordon sabia de tudo. Eu o vi ao telefone dizendo à Kodak, em Rochester, quanto de nitrato de prata colocar no filme deles. Ele era rígido, duro com sua equipe, tinha um pavio curto, mas nunca bati boca com ele e trabalhamos juntos por dez anos. Como com Danny Simon, eu tinha certeza de que Gordy sabia muito mais do que eu e a melhor forma de aprender era calar a boca e escutar. Ele tinha um grande respeito pelo roteiro, e nós conversávamos sobre cada uma das tomadas antes de começar a rodar nossos filmes.

A primeira cena que gravamos juntos no primeiro dia de *Noivo neurótico, noiva nervosa* foi a cena da lagosta. Keaton estava reluzente como de costume. Na época, eu já era um bom amigo de Tony Roberts e nós três rimos muito fazendo o filme. Terminei a tempo e com uma grande confiança, o que só podia significar que eu estava em apuros. Nós finalizamos a montagem rapidinho e, quando Marshall viu o filme que escreveu, achou incoerente. O fluxo de consciência não funcionava, e a única coisa que dava certo era meu relacionamento com Keaton na tela. Nós remontamos. Rodei novas cenas. Fiz meia dúzia de finais diferentes, até terminar com o que você pode ver.

Nós chamamos de *Anedonia*, que é um sintoma psicológico que faz com que não se consiga ter prazer na vida. A UA adorou o filme, mas não gostou do título. Discutimos, mas resolvemos depois de um tempo. Escolhemos *Sweethearts* [“Pombinhos”], que então achamos que não poderíamos usar porque já havia um filme com esse título. Marshall sugeriu sarcasticamente *Doctor Shenanigans* [“Doutor Traquinagens”]. Eu ri; a UA entrou em pânico, com medo de que eu levasse a sério. Cogitamos então *Alvy & Annie*, mas decidimos por *Annie Hall*,^[5] usando o sobrenome de batismo de Keaton. O filme estreou e logo se tornou o favorito de todos. As pessoas amaram. Isso instantaneamente fez um velho cínico como eu suspeitar de sua qualidade.

Foi nomeado para vários Oscars. Na noite da cerimônia, eu estava tocando jazz em Nova York. Eu me lembro de tocar “Jackass Blues”, uma música que

ficou famosa com King Oliver. Usei meu show como uma desculpa, mas não teria ido mesmo se estivesse livre. Não gosto da ideia de prêmios para produções artísticas. Elas não são criadas para o propósito de uma competição; são feitas para preencher uma inquietação artística e, com sorte, entreter. Não estou interessado no pronunciamento de nenhum grupo sobre por que o filme é o melhor do ano, qual o melhor livro ou qual é o jogador mais valioso da temporada. Não quero entrar nisso e gastar minha fita da máquina de escrever, porque então vou ter de chamar aquele cara que troca a fita e alimentá-lo. Basta dizer que, na noite do Oscar, eu toquei o blues o melhor que pude, fui para casa, dormi e, na manhã seguinte, na primeira página do *Times*, descobri que havíamos ganhado quatro Oscars, incluindo o de Melhor Filme. Eu reagi como havia reagido à notícia do assassinato de JFK. Pensei no assunto por um minuto, daí terminei minha tigela de cereal, fui para a máquina de escrever e comecei a trabalhar.

Eu estava no meio da escrita de *Interiores* e era o que prendia minha atenção, não um filme que tinha feito um ano antes. Não olhe para trás, Satchel Paige disse, algo pode estar vindo atrás de você. Eu seguia o conselho desse grande homem. Tentei nunca olhar para trás. Não gosto de viver no passado. Não guardo lembranças, fotos dos meus filmes, pôsteres, planilhas, nada. Para mim, quando acabou, está acabado. Não fique remoendo, siga em frente. Eu havia terminado meu trabalho em *Noivo neurótico, noiva nervosa* num passado distante, e era a última coisa na minha mente quando os Oscars vieram.

Quando disse a Arthur Krim que eu planejava fazer um drama, ele me disse que eu havia conquistado o direito de escrever e dirigir o que quisesse. Apesar de eu ser novo e inepto nisso, eu não estava nada preocupado com o fato de que fosse um fracasso miserável. Com o passar dos anos, evitei a armadilha do sucesso/fracasso. Eu não saio para fazer sucessos, e sim os melhores filmes que eu puder. Fracassar faz parte do jogo. Se você tem medo do fracasso ou não sabe lidar com ele quando mostra a cara — e se não estiver apostando com confiança no artista que você é, com certeza vai acontecer vez ou outra —, precisa encontrar outra forma de ganhar a vida.

Muitos estúdios se recusaram a trabalhar comigo porque eu exigia ter o controle, mas alguns investidores veem isso como uma aposta bem razoável. Se você tivesse apostado em mim desde a época de *Um assaltante bem trapalhão*, estaria ganhando. Não muito, mas o suficiente para comprar aquela vara de pescar que você sempre quis. Fiquei feliz por Keaton, Marshall Brickman e

meus produtores, Rollins e Joffe, e claro que a UA ganhou alguns trocados a mais, apesar de eu ouvir que *Noivo neurótico, noiva nervosa* foi o vencedor de Melhor Filme com a menor bilheteria da sua época. Foi bom eu ter ganhado um Oscar de direção, mas o que isso significava? Que meu trabalho estava melhorando? Eu estava correndo riscos o suficiente? Isso controlava a calvície no meu cocuruto? Entende a questão? Um dos bônus mais bacanas desse filme foi que, quando eu estava escalando o elenco, conheci Stacey Nelkin.

Eu precisava de uma jovem para interpretar a prima de Alvy, e ela tinha que ser bonita e sexy para as piadas funcionarem. Juliet Taylor ligou para várias jovens atrizes adoráveis, e entre elas estava Stacey, uma bela, inteligente e charmosa jovem que fez Marshall e eu nos virarmos como elétrons. Muito seria dito na imprensa anos depois sobre a ideia de que eu gravitava em torno de jovens mulheres, mas não é bem assim. Minha primeira esposa era três anos mais nova do que eu. Assim como minha segunda. Diane Keaton tinha uma “idade apropriada”, assim como Mia Farrow, que namorei por treze anos. Das muitas mulheres com quem me envolvi no passar das décadas, quase nenhuma foi muito mais jovem do que eu. Com uma delas eu nem me envolvi. Eu apenas a convidei para uma viagem que estava fazendo para Paris. Ela me dispensou e terminou assim. Mas vou chegar lá, porque ela é Mariel Hemingway, e a história é engraçada. Uma jovem eu pedi em casamento, e o nome dela é Soon-Yi, e felizmente ela disse sim, mas essa história vem depois, e nela há um causo. (E espero que não tenha sido esta a razão pela qual você comprou este livro.) Então ali estava Stacey, a verdadeiramente maravilhosa jovem que eu contratei para um papel pequeno em *Noivo neurótico, noiva nervosa* e que foi cortada porque o filme não acabava nunca na edição final.

Então, em nosso breve encontro, Marshall e eu ficamos impressionados com Stacey, que era inteligente e equilibrada e tinha um visual ótimo. Quando ela partiu, só conseguimos refletir sobre o milagre do sexo homogamético. Agora, em todos esses anos de cinema, nunca misturei negócios com minha vida social, e nunca saí ou dei em cima, de nenhuma forma, maneira ou modo, de nenhuma atriz que buscava por um papel em meus filmes. O fato é que eu quase nunca namorei atrizes, substitutas, ou dublês de luz de nenhum de meus filmes. Ou eu já estava saindo com alguém, o que impedia qualquer aventura externa, ou simplesmente não estava interessado em nenhuma das mulheres com quem estava trabalhando. A verdade é que meu foco foi sempre nos filmes, que exigiam cada erg de ansiedade que meu hipotálamo poderia produzir. Então, quando Stacey partiu, tudo foi encerrado, apesar de concordarmos que

ela era uma boa escolha para o papel. Eu a vi rapidamente por um momento alguns dias depois, quando ela voltou para ler o roteiro em uma audição, e uma terceira vez quando eu de fato filmei a curta cena dela no set. Tirando isso, não pensei mais nela, consumido como eu estava pelos problemas de *Noivo neurótico, noiva nervosa*.

Na verdade, nunca ousaria sonhar que eu poderia ser minimamente atraente para aquela belezinha encantadora. Afinal, ela era jovem e provavelmente adorava astros de rock, drogas e ficar em boates até de manhã enquanto eu preferia noites em casa com chá e bolachas Holland Rusk lendo os sonetos de Henry Howard, Conde de Surrey. Como se revelou mais tarde, quando ela foi filmar sua cena, sua mãe estava junto e também era bem encantadora. Nós conversamos brevemente entre as tomadas, e elas ficaram sabendo que Marshall e eu tocávamos jazz num lugar chamado Michael's Pub e disseram que talvez aparecessem para dar uma olhada. Eu disse: "Por favor, venham". Sempre fico feliz quando alguém mostra algum interesse, mas imaginei que era a costumeira falta de sinceridade simpática que é típica da conversa no show business. Então, numa noite de segunda-feira, elas apareceram. Toquei meus torturantes solos costumeiros e nos intervalos me juntei a elas na mesa. Stacey estava animada e era muito educada. Recomendei um livro para ela. Stacey diz que foi Kafka, e parece coisa do tipo de cara divertido que eu era. Elas beberam, jogaram conversa fora, disseram adeus, partiram e eu voltei à banda para torturar os fregueses com outra apresentação. Novamente, nada além de vinte minutos com gente bacana. Cortamos para pouco depois, eu estava na rua rodando uma cena com Keaton e quem passa a caminho de casa, que não Stacey? A cena dela havia sido rodada duas semanas antes, então o diretor assistente a reconheceu. Eu suspirei, maravilhado como de costume com suas curvas, e ela me deu um "oi" caloroso. Enquanto a próxima tomada estava sendo preparada, nós conversamos e ela mencionou que estaria sozinha em casa no fim de semana seguinte, já que seus pais iriam para o interior. Dei a ela meu número e disse que estaria indo e vindo nos próximos dias, e que, se ela estivesse entediada, podia me ligar e talvez pudéssemos pegar um cineminha.

Ainda não acreditava que eu teria notícias dela, com minha autoestima pairando no Zabriskie Point, mas Stacey ligou e, como morávamos bem perto, veio tomar um café. Nós apenas conversamos e demos risadas. Foi uma tarde agradável. Nada mais. Alguns dias depois, ela foi para o sul da França, e eu voei para Los Angeles para filmar mais cenas de *Noivo neurótico, noiva nervosa*. O verão passou, e ela me mandou um cartão postal da Europa. No outono, depois

que nós dois voltamos a Manhattan, nos telefonamos e começamos a namorar. Ficamos indo e vindo, vimos alguns filmes, escutamos música, discutimos livros e claro que saltamos para os lençóis. Nós nos víamos vez ou outra e curtíamos a companhia um do outro. Escutávamos música clássica juntos, eu a apresentei a alguns filmes estrangeiros e passeamos por aí. Então, um dia, ela anunciou que estava se mudando para a Califórnia para seguir seriamente na carreira de atriz. Nós nos despedimos, Stacey foi para o Oeste e logo se casou.

Permanecemos amigos e nossos caminhos se cruzaram no decorrer das décadas, conversávamos pelo telefone ou nos víamos, acompanhados pelos vários namorados, namoradas, maridos e esposas que tivemos. Sempre mantivemos contato, nos atualizando sobre as fofocas, conhecendo os parceiros e filhos um do outro. Conteí a Marshall Brickman muitas histórias engraçadas sobre meu flerte com Stacey e as armadilhas e prazeres de um relacionamento de um cara mais velho e uma menina mais jovem, e a experiência nos trouxe um ótimo material. Quando escrevemos *Manhattan* juntos, chamamos a personagem que Mariel Hemingway interpretou de Tracy, em vez de Stacey, num rompante de inspiração criativa. Sei que o filme fez justiça a ela, já que permanecemos amigos. Quando me apaixonei por Soon-Yi, *Manhattan* foi revivido e de repente ganhei a reputação de alguém obcecado por mulheres jovens. Eu fui obcecado por gângsteres, jogadores de beisebol, músicos de jazz e filmes de Bob Hope, mas as juvenzinhas foram uma minúscula fração das mulheres com quem saí nesses anos todos. Usei algumas vezes a diferença de idade como um tema romântico e cômico, assim como usei psicanálise, assassinato ou piadas judaicas, mas só como um bom material para tramas e risadas. Ainda assim, é uma manchete mais apetitosa do que “Homem namora mulher de idade apropriada”.

Mas vou chegar a *Manhattan*. Primeiro, vou falar sobre minha entrada no mundo do drama. Relutante em seguir no meu forte lado de bobo da corte, decidi experimentar fazer uma tragédia e, apesar de não alcançar as exigências de Aristóteles de piedade e medo, o público teve pena de mim e os investidores aprenderam o significado do medo. Isso não era o que se considerava drama em filmes americanos. Eu queria um drama genuíno, ao estilo europeu, não um melodrama. Enfim, eu fracassei, mas não por falta de esforço. Meu objetivo era fazer um filme sobre uma família de mulheres com uma mãe fria e um pai que se casa novamente com uma moça de sangue quente, o oposto da elegante e fria decoradora que era a primeira esposa, que não deixava o cara relaxar em sua própria casa, nem sequer mover um cinzeiro. Então a mãe acaba caindo no Atlântico, a filha tenta salvá-la e morre, mas a nova mãe lhe faz uma respiração boca a boca, o beijo da vida, como chamam, e a menina renasce dessa nova mulher mais calorosa. Soa interessante e, nas mãos de um escritor mais experiente ou talentoso no drama, poderia ter sido.

Meu primeiro erro foi fazer algo que eu não havia feito antes e que não fiz nunca mais, que foi ensaiar. Não tenho paciência para ensaios e, ao fazer comédias, quanto mais eu escuto o material, menos engraçado ele se torna. É por isso que, quando termino um roteiro, dou uma lida e corrijo as partes ruins, e nunca mais olho para ele até rodarmos. Se eu reler, fica cada vez mais unidimensional. E me falta poder real de concentração. Não sou uma pessoa paciente quando se trata de exigências de ensaio. É por isso que, no decorrer dos anos, eu rodei longos masters sem cobertura. Não posso ficar sentado refazendo cenas sem parar. Gosto de trabalhar, ir para casa e assistir basquete. Os atores adoram longas masters porque podem enfiar seus dentes numa cena. Claro que eles não têm o problema que eu tenho posteriormente, preso na sala de edição com cenas que não funcionam, desejando que tivesse rodado mais cenas para cobri-las. Então eu convidei essas duas atrizes fabulosas — Maureen Stapleton e Geraldine Page — ao meu apartamento para ensaiar, ou pelo menos discutir os personagens.

Deus, que erro. Eu nunca entro nessas discussões profundas de atores sobre personagens. Se o ator aceita o papel, suponho que ele ou ela sente que pode interpretá-lo. E claro que, se uma pergunta surgir, fico feliz em poder responder. Se estraguei algo na escrita e atravanquei o ator com uma frase ou discurso que é horrível, fico feliz em arrumar. Sempre garanto aos atores que eles não terão de dizer nada de que não gostam. Eles podem recriar meus diálogos com suas próprias palavras, não precisam usar roupas ou um estilo de

cabelo com os quais não se sintam confortáveis. Não quero que se sintam incômodos.

Então lá estava eu bem acima da Quinta Avenida, perdido com duas das maiores atrizes do país em minha primeira excursão longe da comédia, e cometo o erro número dois. Digo: “Vocês gostariam de beber algo?”. Dava para ver onde isso terminaria. Corta para duas horas depois e nenhuma das duas conseguia ficar de pé. Maureen, uma das mulheres mais bacanas e realmente engraçadas que já conheci, tentava encontrar a porta da forma como o antigo ator de cinema Jack Norton faria. Dá para reconhecê-lo daqueles filmes dos anos 1930 e 1940. Ele tinha um bigodão e se especializou em interpretar bêbados. Geraldine, excêntrica quando sóbria, agora estava irritada e queria ir embora, tendo enxugado meu bar e ricocheteado de uma parede a outra. No dia seguinte, Maureen era de volta a mulher fantástica de sempre. Ela tinha uma grande personalidade e sempre dava uma volta em mim não importava o quanto eu a provocasse. Chamei Geraldine para uma conversa e ela foi doce e meio que se desculpou, e aprendi minha lição sobre misturar bebida e trabalho.

Durante a filmagem de *Interiores*, Gordon Willis e eu passamos muito tempo juntos nos Hamptons, onde parte do filme foi rodado. Nós jantávamos juntos toda as noites e, em um desses jantares, decidimos que iríamos rodar meu próximo filme, uma história de amor ambientada em Nova York, em preto e branco e com tomadas panorâmicas. Sempre vimos panorâmicas serem usadas em filmes de guerra e faroestes em cenas rodadas ao ar livre, onde a vastidão podia ser visualmente explorada. Nossa ideia era usar isso para transmitir a intimidade das relações amorosas. Como Geraldine e Maureen, Gordon gostava daquele arzinho de John Barleycorn e de como escurecia cedo naqueles velhos dias de inverno nos Hamptons e não havia nada a fazer. Ele tomava sempre uma dosezinha de Courvoisier às cinco da tarde. Só o suficiente para ficar cego. No dia seguinte, estava acabado. Gordon me dizia que estava tendo um ataque de sinusite e, idiota que eu era, sugeria que tomasse um anti-histamínico, mesmo que não tivesse receita.

Gordy era um cara que não conhecia o medo quando se tratava de abusar do próprio corpo. Eu costumava preparar leite maltado em casa e o levar numa garrafa térmica quando rodávamos. Gordy adorava tudo o que não fosse saudável, então eu sempre fazia um para ele também. Ele jantava sanduíches de linguiça de fígado, vários cachorros-quentes, o leite maltado, vários cigarros Camel e brandy na happy hour. Tímido covarde que sou, eu o alertei sobre esse regime. Certa vez, enquanto procurávamos um lar de idosos para servir de

locação para algumas cenas, ele observou os internos e comentou: “Se eu um dia ficar assim, me mate”. Eu não precisaria; ele mesmo estava fazendo isso. Gordy era como Beethoven. Ambos eram gênios em seus campos de atividade. Beethoven ficou surdo, a única coisa que um compositor temeria, e Gordy, um diretor de fotografia, começou a perder a visão. Mais um belo trabalho da existência humana, sempre cheia de ironias deliciosas.

Interiores estreou e recebeu algumas críticas muito boas. Minha impressão é que os críticos são como todos os outros profissionais: médicos, policiais, advogados, diretores de cinema. Cada profissão tem alguns exemplares ótimos, alguns péssimos e a maioria fica na coluna do meio: são trabalhadores esforçados que fazem um trabalho café com leite. Os críticos que conheci foram gente bacana. Alguns se interessaram em tratar o cinema como uma forma de arte, já outros diziam: “Sou um mero guia para quem quer comprar um ingresso”. Fiz amizade com Judith Crist, que sempre me encorajou, desde o começo. Assim como Gene Shalit. Eles dois adoraram *Um assaltante bem trapalhão* e *Bananas* e continuaram a me apoiar. O entusiasmo deles me ajudou muito a decolar. Fiz amizade com Richard Schickel, um cara adorável e crítico brilhante que escreveu bem sobre a era da lista negra, sobre Bogart e um dos melhores livros já escritos sobre uma personalidade do show business, sua biografia de Kazan. E as amizades nunca dependeram de eles escreverem bem de mim. Uma vez, na exibição do filme de outra pessoa, Schickel, sentado à minha frente, se virou e disse: “Desculpe, não gostei mesmo de *Interiores*”.

Nunca li ele escrevendo sobre o assunto, mas não me importei nem por um segundo. Eu gostava dele, e isso é o que contava. Apesar de nós raramente nos vermos, tenho uma longa história com John Simon, que me disse uma vez, quando o cumprimentei de forma calorosa: “Você sabe perdoar”. A verdade é que sempre gostei de John e, enquanto suponho que ele tenha me fritado em suas críticas, não as li e isso nunca iria impedir que eu gostasse de sua companhia. Por anos, as pessoas costumavam me dizer: “Ah, você precisa ler o que o Vincent Canby disse sobre o seu filme. Ele entendeu tudo e você vai amar a resenha”. Mas eu nunca li o que ele falava dos meus filmes. Sei por fontes externas que ele era um fã, e troquei uma boa correspondência com ele, mas não trocávamos ideias sobre meus filmes, mas sim sobre Truffaut, Bergman, Buñuel e vários outros mestres.

Eu era bem amigo de Kael, que era uma senhora adorável, ótima escritora e leal a seus amigos, mas ela me enlouquecia. Eu ia jantar esporadicamente com ela no Trader Vic's, um restaurante exótico, bem pouco iluminado. Sem fôlego

de tanta energia, como sempre, ela tirava provas de suas resenhas prestes a serem publicadas na próxima edição da revista *New Yorker* e me incitava a lê-las. Eu nunca conseguia ver as letras bem o suficiente à luz das velas, mas ela tinha tanto orgulho e era tão entusiasmada que eu forçava a vista, mas sempre era difícil passar por aquilo. Se eu tivesse visto o filme, podia bem não concordar com a resenha dela. Eu dizia que achava que ela tinha tudo que uma grande crítica deveria ter — um conhecimento enciclopédico de cinema, paixão e um grande estilo de escrita —, mas tinha mau gosto.

Então discutíamos toda hora e as discussões giravam em torno de nossos gostos e desgostos pessoais. Ela achava que Altman era um diretor de cinema melhor do que Bergman. Eu gostava muito de Altman, mas era da opinião de que os filmes de Bergman eram melhores. Eu era um cara-pálida, ela, uma pele-vermelha. Nós discutíamos. Mas eu ficava impressionado com a lealdade dela aos amigos e ela me pedia coisas como: “Pode contratar tal e tal pessoa para trabalhar no bufê de seu próximo filme? Ele é ótimo no *catering* e precisa do dinheiro”. Tivemos vários jantares em que conversamos por horas e ela era uma senhora talentosa que gostava de sua libação. Com frequência, quando a levava de volta ao hotel, ela havia se tornado combativa depois de uma mistura de mai tais, e eu achava que ela iria me surrar se eu não conseguisse ver a grandeza de algum filme horrendo, já há muito esquecido, mas que era uma obra-prima para ela. Kael também era bem engraçada e saía com frases bem espertas. Tipo quando ela viu *O dirigível Hindenburg*, com George C. Scott, e escreveu: “Um saco de gases conhece um saco de gases”. Eu gostava de Scott, mas ela era uma víbora esperta. E, quando ela acertava, era um prazer de ler. As críticas de *Interiores* não importaram porque alguns dias depois de estrear teve uma greve nos jornais.

No caso de *Manhattan*, minha *opus* seguinte, como Arthur Krim costumava dizer, eu havia visto Mariel Hemingway em *A violentada* e achei que era uma atriz sensacional. Marshall Brickman e eu terminamos de escolher os cenários de *Manhattan* e achamos que ela se encaixaria de forma perfeita. Mariel veio conhecer Juliet e eu, e como ela não tinha desfigurações que a desqualificassem nem ficha na polícia, eu a contratei. Ela se mostrou uma atriz maravilhosa e uma pessoa adorável. Fiquei bem amigo dela e nós fomos juntos a cinemas e museus e jantamos várias vezes. Joguei tênis com a irmã dela, Muffet, que era uma jogadora excepcional, mas, do típico modo Hemingway (não o do Ernest, mas o das irmãs), ela chegou linda em seu traje de tenista e, ao se dirigir para a

quadra, se virou para mim e disse: “Ah, esqueci minha raquete”. E como isso impediria o jogo, nós tivemos que voltar todo o caminho para pegá-la.

Mariel estava hospedada em Nova York com a viúva de seu avô e, quando a busquei, o apartamento estava decorado com tapetes de leopardo, marfim, marlins e peixes-espada empalhados. Eu me lembro de quando era pequeno e meu pai me levou para pescar e não pegamos nada, então passamos no mercado para comprar linguado fresco e mostrar com orgulho como nossa pesca do dia havia sido proveitosa. Voltando a *Manhattan*, preciso dizer que muito de seu sucesso foi sorte. Se oitenta por cento da vida é estar presente, os outros oitenta por cento, como Yogi Berra diria, é puro acaso. Durante as filmagens, ouvimos numa certa noite que dali a poucas horas seria realizado um dos shows de fogos de artifício mais espetaculares da história de Nova York. Nós largamos tudo, corremos para o apartamento de um amigo em Beresford e nos preparamos. Abusando da sorte, conseguimos imagens incríveis que compuseram a abertura estonteante de *Manhattan*.

Além disso, por pura sorte, enquanto a Filarmônica estava gravando as músicas de Gershwin, com seus músicos homens e mulheres vestindo pesados suéteres de lã e galochas, regidos por Zubin Mehta num Philharmonic Hall vazio, houve uma nevasca na cidade. Rapidamente mandamos nosso operador de câmera à minha cobertura, onde ele conseguiu passar de fininho com todo o equipamento pelo porteiro e os ascensoristas (o prédio não permitia filmagens em suas dependências), e do meu terraço tivemos a imagem mais deslumbrante de Manhattan coberta de branco. Ambos os casos foram meras obras do acaso, mas eu sempre me senti abençoado pela maneira como as coisas pareciam se encaixar para mim.

Quando o filme ficou pronto, eu tinha ficado muito amigo tanto de Michael Murphy como de Mariel. Ela me convidou para passar alguns dias em sua casa em Ketchum, Idaho, perto de onde seu avô havia cometido suicídio. Ernest Hemingway foi um herói para mim desde que comecei a ler literatura. Sou um daqueles que compartilha o apreço de Saul Bellow por Hemingway em vez de John Updike. Eu podia pegar qualquer livro dele e virar qualquer página e ler, e sua poesia ou prosa acabavam comigo. No dia em que ele atirou em si mesmo ou eu liguei para Louise, ou ela me ligou para se lamentar. Foi pouco depois de nos tornarmos amantes. Nós nos encontramos para tomar um drinque e romantizamos o suicídio. Ela preferia morrer com um tiro e eu preferia enfiar a cabeça na máquina de lavar pratos e apertar “lavagem completa”.

Como eu já mencionei, uma das regras básicas da minha vida é: nunca seja hóspede na casa de ninguém. Queria ter prestado mais atenção nesse axioma pessoal. Mas Mariel era tão encantadora e linda, e tinha todo esse mito de Hemingway que era tão sedutor que, num dia congelante de novembro, eu me flagrei voando para Ketchum para aceitar o convite da família. Eu gostava muito da família Hemingway. A mãe de Mariel era doce e bela, suas duas irmãs, Margaux e Muffet, eram adoráveis, lindas e cheias de energia, e o pai dela era muito bacana. Ele era um homem do ar livre e, seguindo a tradição da família, seu quarto era tomado de equipamento de pesca, como iscas artificiais. Eu pesquei com iscas artificiais quando era menino, aprendi a lançá-las e até comprei todo o equipamento para tentar prender minhas próprias iscas, mas, como todo talento me escapa, minhas iscas artificiais eram grandes, uns tufos idiotas de penas e chenille que recebiam grandes risadas de todas as trutas que as viam. Então, lá estava eu em Ketchum, Idaho, sentado para jantar com aquela família tão arejada, recém-chegado no meio da tarde.

Lá fora, havia montanhas por todos os lados e a neve caía. Hum, eu queria mesmo estar ali? Sou um cara que sofre de ansiedade se não estou a poucos metros do New York Hospital e, de repente, eu estava comendo codornas que o pai de Mariel havia caçado naquela manhã. A cada mordida, a munição da espingarda caía da minha boca no prato. Depois do jantar, eles me levaram para uma longa caminhada na neve escura e congelante, porque o pai de Mariel, havia pouco tempo, tinha sofrido um ataque cardíaco e o médico lhe receitara exercício. No dia seguinte, eu fui levado para uma longa caminhada nos morros cobertos de neve, onde minhas botinhas de camurça da moda ficaram encharcadas. Ainda assim, dei muitas risadas com os anfitriões e, como eu iria passar algumas semanas em Paris, perguntei a Mariel se ela gostaria de me acompanhar. Sem que eu soubesse, isso a deixou em pânico, e ela escreveu sobre meu convite em seu livro de memórias. Ela e a mãe conversaram sobre assunto; a mãe era a favor, mas a ideia era assustadora demais para Mariel.

Essa é a única coisa de que discordo do relato preciso de Mariel sobre a minha visita. Ela escreveu que declinou meu convite e, no dia seguinte, eu parti. O motivo da minha partida teria sido a rejeição dela, mas não, eu gostei mesmo de toda a família e, como declarei, permaneço até hoje em excelentes termos com Mariel. Parti mais cedo do que o planejado porque, quando cheguei a Ketchum, recebi uma notícia desoladora com a qual tentei lidar de forma firme, mas não consegui. Foi anunciado que eu teria meu próprio quarto, mas que teria de dividir o banheiro com o pai dela. Ao ouvir a notícia, fiquei

pálido e rapidamente telefonei para minha secretária para que ela agendasse um pequeno avião para me levar de volta à Broadway. Eu nunca mais havia dividido um banheiro com outro homem desde que tinha vinte anos, em Hollywood, e agora eu tinha quarenta, minha juventude e saúde mental já estavam muito comprometidas. Tentei ser forte, mas, após dois dias, a coisa se tornou insuportável e, mesmo antes de Mariel desistir de visitar a Torre Eiffel comigo, eu já havia planejado antecipar a minha partida. Precisei alugar um avião particular, já que não havia voos diretos de Ketchum e chegar lá requeria voos de conexão com todos os seus devidos trâmites, e não sou um bom viajante.

Enfim, agradei a todos pelos adoráveis dois dias e, às dez da noite, eu estava debruçado sobre um prato de tortellini no Elaine's, sem tiros de espingarda, mas também sem sabor, porém eu estava de volta a Manhattan. Anos depois, incluí Mariel novamente no elenco de um dos meus filmes, num pequeno papel. Perto do início das filmagens, ela me disse que queria trabalhar e era tudo o que restava em aberto. Como de costume, ela foi bem.

Manhattan foi um grande sucesso. Grande para os meus padrões, mas não faturou mais do que o último *Guerra nas estrelas*. Produtoras de cinema tentaram de tudo para aumentar as bilheterias dos meus filmes, apenas para terminarem soluçando, abismadas. Tentaram grandes estreias, estreias pequenas, anúncios sofisticados, anúncios bagaceiros, exaltar meu nome, esconder meu nome, estrear em diferentes épocas do ano, enfiar grandes astros no elenco — tudo sem sucesso. Os magos do marketing fizeram seu vodu, me assegurando que, com aqueles anúncios naquele dia exato, nas salas de exibição certas, logo estaríamos dirigindo Maybachs. Então o filme estreava, tinha uma morte violenta nas bilheterias e sempre se seguia a litania de desculpas: o clima, os campeonatos esportivos, o mercado de ações, o Purim. Enquanto isso, ninguém aparecia nos cinemas.

E quem é meu público, afinal? Já me perguntaram isso um milhão de vezes. Eu não sei. É impossível limitar. Tive um público sólido no mundo todo e tive filmes que se saíram melhor numa única cidade como Paris ou Barcelona do que nos EUA inteiro. *Manhattan* foi um sucesso em todo lugar. Quando estreou, eu estampeei a capa da *New York Times Magazine*, e a da *Time* pela segunda vez. O filme foi um sucesso por toda a Europa, América do Sul e no extremo oriente. Fui saudado pelo jornal britânico *The Times* como um gênio da comédia, que está para um verdadeiro gênio como Mozart ou Da Vinci assim como o presidente do conselho estudantil está para o presidente dos Estados Unidos.

Eu não gostei de *Manhattan* quando o montei. Ofereci até fazer um filme de graça para a United Artists se eles o engavetassem e desistissem do lançamento. Eles me desprezaram como um birrento. Quando o filme fez todo esse sucesso, fiquei estupefato, é claro. Naturalmente, entre toda a adulação, houve certos ataques. Tudo que recebe muitos elogios é difícil de corresponder à exaltação, e, para mim, *Manhattan* estava bem abaixo de tudo o que diziam sobre ele. Mas a maioria das pessoas não concordava comigo e o filme ganhou prêmios por todo o mundo e ainda hoje é exibido em tudo que é lugar. Não foi indicado a Melhor Filme por Hollywood, nem eu recebi a indicação de Melhor Diretor. Alguns dizem que foi a vingança da Academia por eu não ter demonstrado interesse no Oscar quando *Noivo neurótico, noiva nervosa* ganhou, mas não sou um paranoico de teorias da conspiração e não acho que haja nada de suspeito sobre o fato de os votantes da Academia não terem ficado impressionados o suficiente. Sei que a Academia ficou um pouco rancorosa comigo quando *Noivo neurótico, noiva nervosa* ganhou seus prêmios porque não deixei a UA exaltar essa informação nos anúncios de jornal publicados após a cerimônia. Como eu disse, não curto esse circo de prêmios, e grandes anúncios que o propagam me envergonham. Acredita que, após duas semanas, o pessoal da Academia ligou, irado, para a UA retrucando: “Por que vocês não estão dizendo nos anúncios que o seu filme ganhou quatro Oscars?”. Eu não me importava com nada disso e falei para a UA que, se significava tanto para a Academia, eles podiam incluir a informação. Não tratei as minhas palavras como nenhum tipo de declaração, mas a Academia se condoeu. Nunca participei da Academia, apesar de eles me pressionarem para isso, mas não me enturmei com eles simplesmente porque eu não sou de me enturmar com ninguém. A única coisa em que me inscrevi na minha vida toda foram os Lobinhos Escoteiros quando tinha dez anos, e odiei. Nunca aprendi nem tinha o menor talento para o escotismo. Por exemplo, até hoje não faço ideia de como se decifra as informações de uma bússola e, para localizar o verdadeiro norte, eu me viro na direção em que acho que fica a Zabar's.^[6]

Segui *Manhattan* com *Memórias*, um filme que senti que foi meio incompreendido. Naturalmente, como o autor que recebe as críticas, eu me sentiria incompreendido e não sou de ficar me queixando, mas acho que algumas pessoas ressaltaram os aspectos errados desse filme. Minha intenção era entrar na mente de um cara que aparentemente tinha tudo — riqueza, fama, uma boa vida —, mas sofria de ansiedade e depressão, de forma que a riqueza e a fama não significavam nada. Por causa do estilo do filme, que era

subjetivo, mostrado pelos olhos do protagonista, as pessoas cometeram o mesmo erro comigo do qual Marlon Brando uma vez reclamou em uma entrevista para uma emissora de TV: “As pessoas me confundem com os papéis que eu interpreto”. E aconteceu o mesmo comigo. O público achava que o protagonista era alguma versão fictícia de mim e que eu desdenhava da comédia, não valorizava meu sucesso, desprezava meus fãs e deus sabe mais o quê. Nada disso era o caso. Eu era humilde, sentia que meus fãs me tratavam com muita simpatia e gostava de comédia. As pessoas às vezes diziam para mim que eu tinha alcançado o sucesso, então como eu ousava que meu protagonista reclamasse? Eu sentia que sim, eu era muito sortudo. O personagem também tinha sorte. Sou o primeiro a dizer que tive mais sorte e sucesso do que merecia, mas estou reclamando por todo mundo que não é tão sortudo e até por aqueles que se esforçaram para chegar até o topo, daí descobriram que, apesar de toda a fama e fortuna, os caminhos para a glória levam você sabe aonde. Na cena de abertura de *Memórias*, o lixo é onde vencedores e perdedores terminaram.

Eu também estava escrevendo sobre o relacionamento de amor e ódio que o público tem com seus heróis ou celebridades. Num momento, eles querem o seu autógrafo, no seguinte, estão prontos para te dar um tiro. Alguns meses depois que o filme saiu, um fã devoto matou John Lennon e senti que eu havia diagnosticado as coisas corretamente. Não importa. Não pude suportar todo o papinho durante aquele ano sobre o que eu pretendia e o que eu sentia que o público deveria extrair do filme. A verdade é que ele saiu com outra coisa e a maioria não gostou do que extraiu. O que me colocou para cima foram algumas cartas bacanas de apoio. Eu me lembro de um bilhete de Lillian Ross, que eu não conhecia, mas respeitava, e um de Norman Mailer, que eu conhecia por alto e também respeitava. *Memórias* permaneceu como o filme favorito de Mailer de toda a minha carreira. A maioria das pessoas saiu do cinema papagaiando para as massas sobre o filme, me dizendo que preferia meus primeiros longas, mais engraçados. Mas não se pode funcionar como artista se você tem medo de experimentar, e eu não tinha a intenção de permanecer em segurança dentro daquilo que eu sabia que podia fazer bem. Eu pretendia tentar crescer como cineasta, tentar me aprofundar, ir para o drama sem desistir da comédia, mas não tentar fazer tudo o que o público quer. Eu tinha minhas próprias decepções de grandeza e resolvi sempre fazer a ideia que me interessasse no momento, sem intenções além de tentar fazer um bom filme.

Agora se prepare para uma pequena digressão, um breve *non sequitur*. Você vai pensar, quando eu estiver dizendo isso: “Meu deus, o que ele está fumando?”. Nada, por sinal. Eu levo uma vida muito mais sem sal do que qualquer ator de cinema: não bebo, não fumo, sou totalmente desinteressado por qualquer experiência que altere a mente. Sempre tive receio de mudar minha percepção e não usava nem óculos escuros por esse motivo. Até hoje, nunca dei nem mesmo um trago num cigarro de maconha. Até Jack Benny, em seus setenta e poucos anos, me disse que estava ansioso por experimentar, e ele de fato experimentou e curtiu. Mas eu nunca tive curiosidade e não me juntei a ele. Essa é outra coisa da minha suposta inteligência: minha total falta de curiosidade. Não tenho vontade de ver o Taj Mahal, a Grande Muralha, o Grand Canyon. Não quero visitar as Pirâmides ou caminhar pela Cidade Proibida. E, definitivamente, não quero estar num daqueles primeiros foguetes para o espaço sideral para vislumbrar a Terra de longe e vivenciar a falta de gravidade. A verdade é que eu detesto a falta de gravidade; sou um grande fã da gravidade e espero que ela dure. Eu nem mesmo me pergunto o que é todo aquele vapor que vem do chão de Manhattan.

De qualquer forma, num momento de maluquice inexplicável, decidi fazer uma pausa breve na minha meteórica ascensão para alturas não merecidas e me tornar um grande chef. Até então, meus talentos culinários eram iguais aos de qualquer cidadão que podia lidar com um abridor de latas. Eu era um homem habilidoso no preparo de um sanduíche de atum, administrava ovos cozidos de gema mole com certa autoconfiança e eu diria que meu copo de água gelada causava inveja em qualquer estudante da Cordon Bleu. Sendo solteiro, e quando Jean Doumanian ou uma companhia similar não estava disponível para uma refeição no Elaine’s, eu geralmente era visto pedindo comida chinesa e engolindo tudo com os olhos vidrados na tela da TV. O que estou tentando dizer é que houve um dia em que decidi aprender a cozinhar. Mas eu não queria só aprender a esquentar Spam^[7] ou fazer arroz de saquinho. Minha fantasia ao estilo de Coleridge era me tornar um verdadeiro mestre-cuca. Eu aprenderia os segredos da expertise culinária e jantaria ortolans e língua de pavão, mesmo que sentado sozinho diante de Walter Cronkite.

E haveria percalços ancestrais. Claramente, ter o talento de um Escoffier ou um Gordon Ramsay tornaria a estrada para a sedução um caminho livre de percalços para o homem solitário. A voluptuosa CEO loira que convidei para jantar, primeiro encantada pela minha esperteza e pelo novo topete Pompadour que eu usava, inspirado em *A grande onda*, de Hokusai, já estava educadamente

preparada para tolerar alguma versão de toucinho com papa montada por um solteiro inábil; talvez alguma comida congelada Birds Eye ou uma sopa rala do tipo que é servida para os hóspedes do arquipélago Gulag. Ela se ofereceria para cuidar de tudo e me mostrar como, num piscar de olhos, um banquete era produzido por alguém que sabia dos meandros. Mas, espere, o que é isso? Com o que eu a surpreendi? Coquilles St. Jacques, talvez acompanhado de um Chablis ou Sauvignon. Ou talvez camembert assado com um tinto Bordeaux. Ou *blanquette de veau* e, de sobremesa, um *clafoutis* de cereja. Ou, se ela preferir, minha *tarte tatin*. Isso é impressionante o suficiente? Acho que sim. Em seguida, faríamos uma viagem expressa para o *bourdoir* no intuito de queimar um pouco dessas calorias.

Confiante de que eu nunca mais teria de me submeter a meu próprio espaguete com almôndegas, um prato com consistência de cola de farinha, meu primeiro passo foi pedir que minha secretária ligasse para Julia Child e dissesse que o sr. Woody Allen gostaria de receber uma recomendação de um grande professor de culinária. Aulas particulares, é claro. Madame Child, que eu não conhecia pessoalmente, foi gentil o suficiente de não transferir a ligação para o FBI e colaborou, sugerindo uma senhora maravilhosa chamada Lydie Marshall. Um encontro foi marcado e a srta. Marshall apareceu no meu apartamento. Ela examinou minhas panelas e meus utensílios, meu fogão, o longo avental branco e a touca branca que vesti em antecipação e, sentindo que tinha se dado bem, telefonou para o seu contador informando que poderia pagar o casaco de zibelina que ela queria.

Cada aula levaria três horas e ela levaria os ingredientes. Não houve tempo para que eu deixasse crescer um bigodinho galês antes de nossa primeira aula. Eu fazia massa caseira, bife com molho *béarnaise*, aspargos, batatas *lyonnaise*, profiteroles, café e *madeleines*. Não consigo me lembrar de muito mais coisas exceto que eram pratos que eu vi ou nos cardápios em Lutèce ou Grenouille, ou sobre os quais tinha lido em Proust. Abri um sorriso de orelha a orelha e, pronunciando errado "*bon appetit*", mergulhei de cabeça. Bem, para cortar para Hécuba, eu durei três aulas e ficava tão exausto que não conseguia ficar de pé quando cada sessão terminava. Ficava fraco demais para comer as refeições; eu ofegava e o meu peito chiava. Por duas vezes, a professora perguntou se deveria chamar uma ambulância e se eu tinha algum parente próximo.

Eu sempre fui um cara atlético e, na época, jogava muito tênis e podia facilmente encarar uma partida de três ou quatro horas sem pausas. Mas a histeria e a tensão de cozinhar acabaram comigo. Eu corria por toda a cozinha, a

massa pendurada nas costas de uma cadeira, escorrendo como caramelo, o pato pegando fogo, eu suando pelo calor do fogão, minha mão anestesiada de tanto misturar coisas. Não conseguia mais bater massa. Meu pulso estava danificado de tanto bater coisas. Iria matar meu saque. E por que estou batendo? Odeio creme batido. Porém, se eu parasse de mexer o molho *béarnaise*, ele não vai ficar na consistência certa. Por algum motivo, o creme de caramelo ficou idêntico a um disco de hóquei, eu nunca tinha usado um extintor de incêndio antes e, de alguma forma, consegui cobrir o robalo com uma grossa espuma branca. Foi nesse momento que, em algum lugar Joël Robuchon e Daniel Boulud respiraram aliviados, sentindo que suas reputações estavam salvas de serem arruinadas por um invasor quatro-olhos cujo salmão pochê havia implodido. Tristemente, eu continuaria a comer comida cantonesa de caixas de papelão e a requeimar pizzas de delivery. A mulher que eu convidasse para jantar seria aconselhada a parar num Popeyes e trazer seus próprios nutrientes. Seria um caminho muito menos suave para a cama, onde eu ainda estaria tentando ganhar aquela primeira estrela Michelin.

Quando recuperei minha sanidade, fiz *Zelig*. Eu estava interessado no estilo de documentário para comédia desde *Um assaltante bem trapalhão*, mas agora tinha mais experiência. Com um diretor de fotografia como Gordon Willis e minha disposição para rodar em preto e branco, o que já limitava de cara a bilheteria (alguns países não exibiam filmes em preto e branco e mesmo hoje é difícil vendê-los para a TV), *Zelig* era sobre como nós todos queremos ser aceitos, nos encaixar, não ofender os outros, como com frequência apresentamos um ser diferente para pessoas diferentes, sabendo qual ser vai agradar mais. Com alguém que adorasse *Moby Dick*, por exemplo, o protagonista iria procurar elementos do livro para elogiar. Com alguém que não gostasse da obra, o personagem Zelig iria seguir na programação e desgostar de tudo relacionado a ela. No fim, esse desejo por conformidade levava ao fascismo.

Escrevi o roteiro e, enquanto esperava pela pré-produção, escrevi *Sonhos eróticos de uma noite de verão*. Esse filme deveria ser apenas uma celebração do campo, do mato, com sua suposta magia, e divertir a plateia com problemas afetivos e matrimoniais de gente engraçada.

Disse à United Artists que eu rodaria os dois ao mesmo tempo. Eles gostaram da ideia, já que são glutões ansiosos por produtividade, e achei que seria fácil, particularmente, se você fosse um gênio da comédia — o que se revelou o oposto, e não foi fácil. Mas o problema não foi físico. Não foi uma questão rodar algumas cenas de *Sonhos eróticos de uma noite de verão* e então, na mesma locação ou numa locação próxima, trocar os figurinos e fazer uma cena de *Zelig*. O problema foi mental. Era difícil me fixar emocionalmente num mundo e depois trocar para o outro. Tive problemas para lidar com a troca de energia psíquica, em estar comprometido com uma história e, de repente, ter de refazer tudo para outros personagens e outra trama. Jurei que nunca mais tentaria fazer isso.

Sonhos eróticos de uma noite de verão acabou sendo um filme bem bonito e mágico, e ninguém gostou nem foi ver. *Zelig* teve um destino bem melhor e, desde então, o termo “Zelig” foi incorporado ao vocabulário, mas sempre foi usado para designar uma propriedade secundária da criação. Frequentemente é usado para denotar alguém que aparece em todo canto, em eventos populares, junto aos ricos, aos famosos, uma nulidade onipresente. Mas o significado primário de “Zelig” seria quando alguém busca uma palavra para descrever aquele que sempre abandona sua posição e adota uma nova que seja mais popular.

Em ambos os filmes, tive uma nova protagonista: Mia Farrow. Como isso aconteceu? Para explicar isso, preciso voltar para uma exposição levemente interessante.

Alguns anos antes, recebi uma carta de fã da Mia, que eu não conhecia pessoalmente, sobre quem só tinha lido. Eu sempre a achei muito, muito bonita. Mia me lembrava de Louise, um bom começo. Sua carta elogiava meu filme mais recente ou meu trabalho em geral, esqueci o quê, mas terminava com uma frase da qual me lembro, que era: “Simplificando, eu te amo”. Era uma carta muito bacana para se receber de uma mulher famosa e bonita. Escrevi um “obrigado” e isso concluiu minha questão por alguns anos. Finalmente a conheci quando fui arrastado para uma festinha em Hollywood por Sue Mengers, de quem eu era bem amigo. Conheci Sue quando ela morou em Nova York, e, depois que se mudou para Los Angeles, ela e seu marido, Jean Claude, me recebiam com carinho todas as vezes que eu ia até lá. Quando estávamos todos em Paris, ela me levou pela primeira vez para o Maxime’s, e também na véspera de Natal para o Tour d’Argent, e eu tornei isso um pequeno ritual de fim de ano por anos com meus amigos. Como um convidado frequente de jantares em sua casa em Beverly Hills, Sue estava sempre tentando me arrumar com alguma atriz bonita, mas, por algum motivo, nunca parecia funcionar. Ela era muito divertida e as histórias sobre ela são lendárias, apesar de ninguém nunca superar a dela avaliando o público de uma festa em Hollywood e se referindo às pessoas como a lista B de Schindler.

Nessa noite era uma festa em que, por acaso, Mia estava. Fomos apresentados, papeamos um pouco, a Terra não se moveu e seguimos cada um para o seu lado. Eu a encontrei novamente anos depois de passagem no Elaine’s. Ela veio com Michael Caine, passou por minha mesa, trocamos um oi, ela se sentou em outro lugar e eu voltei ao meu tortellini. Essa era uma das poucas coisas que se podia comer lá e que parecia passável se sua exigência por sabor fosse mantida no nível mínimo. Eu frequentemente dizia a Elaine que a comida dela teria sido recusada por montanhistas perdidos no Passo Donner.

Essa foi uma das poucas vezes em que Mia e eu nos encontramos. Mas vamos à festa de Ano-Novo. Nunca fui muito de festa. Principalmente porque tenho minha fobia de entradas. Depois que entro, me sinto muito melhor. Não me sinto ótimo, mas me sinto melhor. Eu realmente tinha que ter sempre alguém comigo para me puxar para dentro, um negócio cansativo para adultos maduros, mas se esforce para entender como isso funciona: eu realmente tenho problema para entrar nos lugares. Então, durante o Dia de Ação de Graças,

meus amigos Jean Doumanian e Joel Schumacher me pressionaram para dar uma festa de Ano-Novo, e, como eu iria oferecê-la, não teria que entrar. Após muito tergiversar, concordei, especialmente pelo fato de Joel dizer que ajudaria. E ele ajudou. Joel conhecia as melhores pessoas para fornecer flores, música, luz, todos os troços necessários para uma grande festa. E foi mesmo uma grande festa, eu aluguei a Harkness House, a mansão que outrora tinha sido de Rebekah Harkness e que se tornou uma escola de balé depois de sua morte. Era espaçosa e grandiosa, com um ótimo hall do tipo em que o rei dos filmes de Robin Hood come um porco selvagem assado inteiro e onde um pitoresco lembrete da antiga proprietária morta te recebe no primeiro andar. Isso é, havia ali uma urna com as cinzas de Rebekah Harkness, criada por Salvador Dalí, adornada com borboletas flutuantes mecânicas.

Um andar nós transformamos numa boate, outro, num lugar de socialização; havia caviar, um bar de ostras para o qual tive que encontrar uma dúzia de humanos aptos a abrir conchas. Havia vinho, champanhe e licor, guloseimas suntuosas de todos os tipos; havia toneladas de flores e os homens tinham aparência elegante e as mulheres estavam emperiquitadas e inebriadas, e tudo o que faltava eram carruagens esperando do lado de fora. Todos foram convidados e todos foram. Todos no show business, nas artes, na política, no esporte, jornalismo, na sociedade. Num grupo, você encontrava o prefeito conversando com Walt Frazier, S. J. Perelman, Bob, Ray e Tom Wicker. O grupo um pouco afastado poderia ser Arthur Krim, Ted Sorensen, Bill Bradley, Liza Minnelli, Leo Castelli, Bob Fosse e Norman Mailer. A festa durou a noite toda e, por volta das três da madrugada, o café da manhã foi servido no enorme porão da casa, e muitas pessoas desceram e comeram presunto com ovos, café e mais vinho. Eu recebi crédito por uma noite digna de Gatsby, mas todo o crédito deveria ir para Joel Schumacher e meus assistentes, que carregaram todo o peso.

Jurando nunca mais me envolver numa operação dessas, fui levado a dar uma outra festa anos depois, e consegui, talvez não com o brilho espontâneo da primeira vez, mas chegou perto. Novamente toda a Nova York apareceu, e entre a multidão volúvel estava Mia com alguns amigos. Sondheim, creio eu, e a bela irmã de Mia, Stephanie. Novamente, Mia e eu trocamos cumprimentos agradáveis e ela desapareceu em meio à multidão. Na época, eu estava saindo com Jessica Harper, a sexy, brilhante e talentosa garota de *Memórias*. Alguns dias depois da festa, recebi um bilhete e um livro, um presente de Mia. Ela me agradeceu pelo convite prazeroso e me enviou uma cópia de *A medusa e o*

caracol. Enviei um bilhete de volta agradecendo pelo livro, então fiz uma sugestão casual que iria acabar mudando as vidas de muita gente. Eu escrevi: “Se estiver livre qualquer dia, vamos almoçar”.

Como disse, eu estava solteiro e saía com a protagonista do meu filme, o que era bem bacana, e eu gostava de Jessica, mas era uma coisa casual; não estávamos apaixonados ou comprometidos um com o outro. Ela era adorável, mas gostava de mergulho livre, e a ideia de que eu pudesse me encontrar cara a cara com uma arraia me fazia perder o sono. Não que eu tivesse alguma intenção com Mia. Eu não a conhecia. E se ela fosse uma dessas atrizes que curtem nutrição ou astrologia? E se a religião dela incluísse manipular serpentes ou ela não gostasse de *Ladrões de bicicleta*? Eu só sabia que ela era uma belezinha agradável que cruzou meu caminho algumas vezes das formas mais casuais ao longo dos anos. Combinamos de nos encontrar no Lutèce na semana seguinte, já que eu partiria para Paris pouco depois. Então eu me sentei lá e esperei por Mia, e ela chegou atrasada com um visual zilionário e, depois do almoço e vinho, nós concordamos em jantar na noite em que eu voltasse de Paris. Paguei a conta, chamei um táxi para ela, fui para casa e, dois dias depois, eu estava no Maxim’s na cidade das luzes com Jean Doumanian. Eu tinha que voltar em uma semana para fazer novas tomadas de *Memórias*.

Após sete dias divertidos, voltei e levei Mia para jantar. Minha secretária marcou o encontro: “Woody estará de volta no dia nove. Ele pode te buscar às oito?”. E foi assim que saí com ela por vários meses, nunca telefonei eu mesmo. Minha secretária sempre ligava e dizia: “Woody está filmando, mas oito e meia de quinta está bom?”. E ela respondia que sim. E nós saíamos. Mia se revelou inteligente e bonita; sabia interpretar, desenhar, tinha um bom ouvido para música e tinha sete filhos. Baque. Achei impressionante, meio como uma *sitcom*, que eu estivesse começando um relacionamento com uma mulher com sete filhos, mas, naquele ponto, isso não era nada mais do que outro fato sobre ela. Eu deveria ter refletido sobre a ideia de que ela tinha três filhos biológicos e daí adotou mais quatro? Na verdade, não. Era incomum, mas não chegava a ser sinistro. Talvez para uma pessoa mais perceptiva, isso poderia ter assinalado algo levemente além do incomum, mas, com aquele rosto olhando para mim à luz das velas, a tendência era não pensar em dar para trás. Além do mais, eu gostava de crianças e sempre tinha me dado bem com elas. Nunca tive nenhuma vontade pronunciada de ter meus próprios filhos. Quando me casei com Harlene ou Louise, se alguma delas tivesse dito que queria filhos, por

mim, tudo bem. Se alguma tivesse dito que queria cinco filhos, também seria tudo bem.

Crianças não estavam na minha cabeça ou nos meus planos como escritor e cineasta, mas ficaria feliz em ser pai se minha esposa assim quisesse. Eu preferia as meninas, mas gostava dos moleques, como meu filho Moses pode atestar. Eu o ensinei a jogar beisebol e basquete, levei-o para pescar. Acho que sou um pai clichê, comprometido aos olhos de minhas duas filhas em idade universitária, mas sou amoroso e muito dedicado a mimá-los. Então, o fato de Mia ter sete filhos não me causou ansiedade. Nós tínhamos acabado de nos conhecer, seus objetivos na vida eram diferentes dos meus e ela os articulava de forma inteligente e convincente. O flerte com minha protagonista em *Memórias* esvaneceu graciosamente e eu me vi começando um romance com uma bela atriz de cinema que não poderia ser mais simpática, doce e mais atenta às minhas necessidades. Ela não era exigente, era mais informada do que eu, mais culta, apropriadamente libidínosa, encantadora com meus amigos e, melhor de tudo, morava do outro lado do Central Park, então havia uma grande economia em táxis.

Em retrospecto, eu deveria ter visto sinais de alerta? Acho que sim, mas, se você estivesse namorando essa mulher dos sonhos, mesmo que visse um sinal de alerta, você meio que olharia em outra direção. E lembre-se de que não sou o cara mais perceptivo do mundo, especialmente em questões envolvendo o cupidinho. Em retrospecto, os sinais de alerta estavam por todo lado, mas a natureza nos fornece um mecanismo de negação, ou não poderíamos seguir em frente, como Freud nos ensina, como Nietzsche nos ensina, como O'Neill nos ensina, como T. S. Eliot nos ensina. Infelizmente, nunca fui um bom aluno.

Por exemplo, logo depois que começamos a namorar, Mia anunciou que havia comprado uma casa de campo em Connecticut. Ela disse que precisava de um lugar para as crianças quando viessem as férias de verão, o que achei perfeitamente compreensível. Ela disse que sabia que eu era um cara da cidade e que, se eu tivesse algum problema com isso, ela venderia o imóvel. Eu sabia que ela adorava o campo, mas como alguém sempre avesso à natureza, eu odiava o interior. Não me incomoda tanto durante o dia, apesar de eu não me empolgar com o orvalho nos meus sapatos, mas, de noite, quando fica escuro e silencioso, sempre espero ver uma mão podre sair do lago, ou dois olhos vermelhos na janela. Enfim, senti que nossos gostos totalmente divergentes sobre como e onde morar e passar o tempo poderiam, em algum momento, oferecer problemas, mas preferi ignorar isso.

Um segundo sinal de alerta veio surpreendentemente rápido quando começamos a namorar, em poucas semanas, para ser exato. Mia se virou para mim quando estávamos vendo um filme — *As quatro irmãs* — e disse: “Quero te dar um filho”. Por não estar acostumado a pedidos mais agressivos que “Posso comer o último pedaço do arenque?”, fiquei pasmo, mas segurei a bola com jeitinho. Eu me lembro de mudar o assunto para cortadores de grama e ter considerado tudo aquilo como um excesso de drama. Afinal, ela era uma atriz, era dada a fazer cenas.

Não muito depois disso e, novamente, estou falando de questão de semanas, num restaurante chinês, ela de repente sugeriu que nos casássemos. A sugestão me pegou no meio de um rolinho primavera, e achei que talvez ela tivesse esquecido de colocar as lentes de contato e por isso estava me confundindo com outra pessoa. Quando percebi que ela falava sério, eu lhe disse que, tirando o fato de estarmos namorando havia pouco tempo, eu via o casamento como um ritual desnecessário. Havia sido casado duas vezes, como ela, e aprendi no decorrer dos anos que, se um relacionamento funciona, a coisa simplesmente funciona e ponto-final, mas um papel que nos prenda não ajuda a reforçar o amor nem a retificar uma situação que azedou. Eu estava feliz por ter um relacionamento com ela, porém, não era nada pessoal, eu só não estava empolgado com a ideia de formalizar isso. Então acho que eu entrei no Discurso de Damas do Nixon e cantei “Old Man River” de *Showboat*. Ela ficou claramente irritada me vendo sair pela tangente. Retirou a proposta de maneira petulante e fez alguma observação sobre eu estragar as coisas, com a qual eu imaginava que ela queria dizer que nos conhecemos, saímos, gostamos um do outro e, de repente, eu não estava disposto a progredir. A ideia dela de progresso era sair casando. Mas a celeridade da proposta, pela forma como foi feita, e sua reação irritada quando eu não fiquei instantaneamente a fim daquilo deveriam ter me dado a dica de que eu estava lidando com uma pessoa mais complicada do que uma frágil e bela supermãe.

A verdade é que isso mexeu comigo na época, mas não foi tão traumático que eu tenha achado que deveria fazer as malas rapidamente e buscar o Programa de Proteção a Testemunhas. Eu deveria ficar lisonjeado? Não estava. Nós nunca nos casamos. Nunca nem moramos juntos. Nos treze anos em que namoramos, nunca nem dormi no apartamento dela em Nova York. Tirando algumas poucas vezes nos primeiros anos em que ela ficou no meu apartamento, nós morávamos em casas separadas. No momento em que as aulas das crianças terminavam, ela partia para Connecticut com sua prole e,

tirando um feriadão de Quatro de Julho ou do Dia do Trabalho, passei os verões sozinho em Manhattan. O que nos manteve juntos foi um arranjo bem conveniente e prazeroso, que logo irei descrever, mas eu estava enumerando os sinais de alerta que eu perdi ou escolhi ignorar desde o começo.

Eis outro alerta vermelho. Nossos históricos eram bem diferentes. Eu havia crescido numa família judia de classe média baixa. Meus pais, primos, tias e tios todos tinham suas rusgas e conflitos, mas ficavam dentro de parâmetros razoáveis. Sem violência, divórcio, suicídio, drogas ou álcool. Apenas resmungos e queixas sobre dinheiro e como o médico que operou o nariz da Ruthie não tirou o suficiente, e talvez o cara que fatiava o esturjão no Russ and Daughters é que deveria ter feito o serviço. A família de Mia tinha um comportamento extremamente sinistro que piorou nos anos que estive com ela. Os irmãos sofriam com a bebida e sérios problemas com drogas, tinham fichas criminais, haviam tentado o suicídio e tinham sido internados por problemas mentais. Um irmão acabou condenado por abuso infantil e mandado para a prisão. Cada Farrow era amaldiçoado com defeitos que iam do teatro grego até o *Farrapo humano* — com exceção de Mia, ao que tudo indicava. Eu ficava impressionado com a maneira como ela havia conseguido crescer pisando em ovos naquele campo minado de loucura e acabar tão encantadora, produtiva, simpática e incólume. Eu deveria ter ficado mais alerta.

Em minha defesa, como não morávamos juntos, eu tinha pouco conhecimento do que realmente se passava na casa dela. Não sabia nada de como ela tratava os filhos, os adotivos em contraste com os biológicos. Como Moses e Soon-Yi descreveram, ela tomou tanto cuidado de esconder de mim quanto do mundo. Mais para frente vou detalhar parte disso e você ficará abismado. Outro sinal de alerta: uma proximidade pouco natural com seu filho Fletcher. Eles eram próximos demais. Isso até eu podia ver e, por mais que parecesse bem esquisito e meio bizarro, as relações familiares dela não eram da minha conta. Ela não era alguém com quem eu planejava me casar ou mesmo morar junto, então minha visão dessa ligação entre mãe e filho era de que isso era problema dela. Mas era claramente bizarro. Eu parava o carro para pegá-la para um encontro. Ela saía do apartamento, entrava no Lincoln e instantaneamente pegava o telefone do carro para ligar para Fletcher, que havia acabado de deixar em casa. Tudo bem, o moleque tinha problemas em se separar dela. Ninguém tem mais empatia com a ansiedade causada pela separação do que eu. Mas, com o passar das semanas, ela começou a levá-lo aos nossos encontros. O moleque ficava dormindo debaixo da mesa no Elaine's

enquanto todos os adultos comiam, bebiam e conversavam até meia-noite. Eu perguntava se ele não ficaria cansado demais para ir à escola no dia seguinte, mas, se por algum motivo ele não quisesse ir para a escola, ela não o mandava. Fletcher era o único filho favorecido, e aproveitava.

Um momento de conflito surgiu quando sugeri que ela e eu pegássemos uma semana para ir para Paris. Só se pudéssemos levar Fletcher, foi a resposta. Do contrário, ela preferiria não ir. Claro, Mia falou de forma bem mais doce do que coloquei aqui. Mas os outros moleques não iriam ficar ressentidos com o favoritismo? Escolher apenas ele para ir para Paris? Não se preocupe com isso. Podemos levá-lo? Não, eu dizia. A ideia era irmos nós dois por uma semana ou alguns dias. Férias de adultos. Ela não iria sem o moleque. P.S.: Não fomos. Fui a Paris com Jean Doumanian. Nós ficamos no Ritz, caminhamos pela Champs-Élysées, uma dupla de *flâneurs*, entornando nosso Romanée-Conti. Eu tinha acabado de ser apresentado ao vinho e me lembro de ficar um pouco bêbado e ver a Place de la Concorde iluminada à noite e achar muito linda. Balancei meu punho para Paris como um personagem de Balzac e disse, melancolicamente: “Sua velha puta”. Infelizmente eu estava virado para uma senhora, uma turista de Detroit, e ela não gostou muito.

Havia boatos sobre Mia que eu desconsidereei porque eram boatos. Um era que ela tinha se comportado muito mal com Dory Previn quando Dory estava casada com André Previn; ela entrou na casa deles, ficou grávida de André e o roubou de Dory, causando-lhe um sofrimento terrível. Ela escreveu uma música famosa sobre como Mia a havia traído, chamada “Beware of Young Girls”,^[8] que eu não conhecia. A verdade é que eu não conhecia nem Dory nem André e não iria pular fora de um novo relacionamento por causa de um boato. Foi só anos depois, quando eu estava envolvido numa briga pública com Mia pela custódia dos nossos filhos, que Dory, com quem eu nunca havia encontrado nem trocado uma palavra, me contatou e disse que os boatos eram verdade e quão sorrateira era Mia, que eu devia ter cuidado com ela. Ela me alertou também sobre uma música que havia escrito, cuja letra se referia a um encontro que acontecia entre uma garotinha e seu pai no sótão. A música se chamava “Daddy in the Attic”,^[9] e a letra era assim:

*And he'll play his clarinet
When I despair*

*With my
Daddy in the attic*^[10]

Ela me disse que Mia a cantava e que estava certa de que foi isso o que deu a ela a ideia de fazer uma falsa acusação sobre abusos que aconteciam no sótão. Mas eu não estava nessa ainda.

Outro boato que ouvi desde o começo foi que os irmãos de Mia haviam sido sexualmente agressivos com as belas irmãs Farrow durante a criação deles. O irmão Farrow que agora está cumprindo pena por abuso infantil contou que o pai deles o molestava, e possivelmente os irmãos. Moses diz que Mia havia lhe dito que tinha sido vítima de uma tentativa de abuso dentro da própria família. O pai de Mia tinha reputação de marido infiel. A própria Mia me disse que o pegou no ato com uma famosa atriz de cinema. Ela tinha três belas irmãs e três irmãos. Um irmão morreu atrás do manche de um avião. Outro irmão cometeu suicídio com uma arma. O terceiro foi condenado por molestar meninos e mandado para a prisão.

Sei o que você está pensando: que tipo de otário eu sou? Dado o perfil que acabei de descrever, por que eu não desisti, simulei minha própria morte e comecei do zero numa situação com menos potencial para combustão emocional? Não tenho resposta. Só sei que uma personalidade encantadora e grandes olhos azuis sempre foram capazes de botar mil navios no mar. Então ali estava eu, cego por uma atriz brilhante, com um rostinho de matar, colocando meu pequeno órgão de quatro câmaras nas mãos dela e dizendo a mim mesmo que era incrível como havia escapado de toda a maldição de família. Seja o que foi que ela fez para esconder as coisas, para usar a sua magia, para encantar, ela conseguiu com uma grande habilidade de atriz.

Seus filhos eram comportados e educados. Nunca vi uma birra deles. Eu me dei bem com todos, apesar de achar Soon-Yi um tanto carrancuda. Gostei particularmente de Moses, um moleque pequeno, com um dos pais biológicos de origem coreana, que usava óculos de aros pretos. Só soube muito depois, ao ler o relato de Moses sobre sua criação naquela casa e pelas tristes histórias de Soon-Yi, que Mia os disciplinava psicológica e fisicamente a uma obediência submissa.

Por exemplo, Moses escreveu:

Testemunhei irmãos, muitas vezes um deles que era cego ou fisicamente incapacitado, sendo arrastados por um lance de escadas para serem jogados num quarto ou armário com a porta trancada por fora. Ela até trancou meu irmão Thaddeus, que ficou paraplégico depois de sofrer de poliomielite, numa cabana do lado de fora da casa durante a noite como um castigo por uma pequena má-criação.

Mia, é claro, negou isso, mas Judy Hollister e Sandy Boluch, duas mulheres que trabalharam na casa dela na época, ambas corroboraram com a história. (O texto de Moses é devastador e aconselho você a ler por si mesmo os relatos no blog dele.)

Na época, Moses era Mischa, mas, um dia, num jogo de basquete, vendo o grande Moses Malone jogar, Mia se apaixonou pelo nome e trocou o do filho.

Eu levei numa boa a mudança porque eu adorava o nome Moses e não achava Mischa nada demais. Mia sempre gostou de mudar nomes. Ela mudou o de Dylan para Eliza, depois para Malone, e tentou mudar o nome de Soon-Yi para Gigi, mas Soon-Yi não deixou. Ronan era Satchel, depois Harmon, depois Seamus, daí Ronan. Eu, por outro lado, sempre tendi a dar nomes às crianças baseados em meus heróis afro-americanos. Quando Ronan nasceu, eu o batizei de Satchel, por causa de Satchel Paige. Eu batizei as duas meninas que adotei com Soon-Yi de Bechet, por causa do grande virtuose de jazz Sidney Bechet; e Manzie por causa de seu baterista Manzie Johnson. Já recebi críticas nesses anos todos por não usar afro-americanos nos meus filmes. E, enquanto uma ação afirmativa pode ser uma boa solução em muitos casos, não funciona quando se trata de formar um elenco. Sempre escolho a pessoa que se encaixa no papel de forma mais crível dentro da minha mente. Quando se trata de políticas raciais, sempre fui um típico liberal, às vezes até radical. Marchei em Washington com Martin Luther King, fiz grandes doações para a Aclu quando eles precisavam de um impulso extra para o Voting Rights Act, tirei o nome dos meus filhos de heróis afro-americanos e disse publicamente nos anos 1960 que eu era a favor dos afro-americanos atingirem seus objetivos por quaisquer meios necessários. Enfim, quando se trata de formar um elenco, eu não sigo a política, mas o que parece dramaticamente correto para mim.

Mas vamos voltar à minha vida pessoal. Por um tempo, o arranjo entre Mia e eu pareceu conveniente para ambos. Nós não estávamos apaixonados, mas oferecíamos uma companhia razoável um ao outro. No inverno, jantávamos fora

com frequência, assistíamos a filmes, trabalhávamos juntos em outros filmes. No verão, ela levava as crianças para o campo, quando eu me transformava num solteiro em Manhattan. Como mencionei, eu a visitava no feriadão de Quatro de Julho, quando rangia meus dentes o tempo inteiro entre os mosquitos e a umidade, as abelhas e formigas. Os moleques todos brincavam em roupas de banho, nadavam e rolavam na grama, zanzavam pelo mato. Eu estava sempre vestido com calças compridas e camisas de manga comprida com meu chapéu grudado em todos os momentos na minha cabeça, e, enquanto nenhum deles jamais foi picado nem mesmo por um carrapatinho, eu peguei a doença de Lyme.

Além do Quatro de Julho, eu visitava em outro feriado prolongado, no Dia do Trabalhador. Então via Mia e o clã Farrow por três ou quatro dias todo verão, durante alguns anos. Quando eles retornavam à cidade, Mia e eu voltávamos a sair, mas então ela passava cada vez menos noites no meu apartamento e, como eu nunca ficava no dela, o relacionamento não se deteriorou exatamente, mas suavizou para encontros relaxados. Ainda era ocasionalmente íntimo, porém com menos intensidade, e não ia a lugar algum. Com o passar dos anos, fizemos vários filmes. Então, em algum ponto entre eles, Mia me explicou que queria ter mais filhos. Era inconcebível para mim, já que ela tinha mais do que o suficiente, mas ela me explicou, naquela forma sincera e bem inteligente, que precisava fazer isso, que eu gostava de fazer filmes e ela gostava de criar crianças. Quando apontei que parecia impossível dedicar tempo suficiente para criar tantas crianças da forma devida, ela retrucou que eu estava errado e que eu não sabia nada sobre criar crianças, já que eu só havia visto o que minha mãe e minha tia fizeram. Apesar de cético, concordei que ela deveria saber mais do que eu.

Uma vez ela viajou para o Texas com Soon-Yi para adotar uma criança mexicana, mas a mandou de volta alguns dias depois que os três chegaram a Nova York por motivos que só Mia conhece. Também me lembro de ela adotar um pequeno garoto com espinha bífida que morou no apartamento deles por várias semanas, mas Fletcher o achou irritante, então ele foi mandado de volta. Se houve outros moleques que ela adotou e devolveu, não faço ideia — como já mencionei, eu morava do outro lado do parque. Foi por aquela época que Mia me disse que, em vez de adotar outra criança, ela gostaria mesmo era de ficar grávida novamente. Olhei por sobre meu ombro para ver com quem Mia estava falando, mas ela se dirigia a mim. Eu não queria ser pai. Não sob aquelas circunstâncias. Eu não passava nenhum tempo com os filhos dela, exceto com

Moses. Não que eu não gostasse deles, apesar de que, ironicamente, Soon-Yi não me suportava, mas simplesmente não tínhamos contato. Mia me garantiu que eu poderia me envolver na criação desse novo filho no nível que eu quisesse. Se eu desejasse ser um pai presente, ótimo; se não, ela o criaria, e eu seria a mesma alma livre de sempre. “Já sou quase velha demais”, ela me falou sem rodeios. “Você sabe o que acho da maternidade. E você não tem obrigação nenhuma. Afinal, o que é um rostinho a mais morando no meu apartamento quando você vier?”. Ela estava certa — só que também estava errada.

O que se seguiram foram meses tentando engravidá-la, um fenômeno que aparentemente não conseguíamos fazer acontecer, apesar de tentarmos de tudo, menos eu me cobrir de penas e fazer a dança da fertilidade. Conforme o tempo passou, continuamos a trabalhar juntos e fazer meia dúzia de filmes, que vou citar brevemente mais tarde. Por fim, jogando a toalha, ela desistiu e adotou uma garotinha que chamou de Dylan.

Eu estava totalmente indiferente a toda essa empreitada, compenetrado num filme. Ainda assim, pensei, se deixava Mia feliz, que bom. Mas não foi assim que aconteceu. Eu rapidamente achei essa bebezinha adorável e me via cada vez mais segurando-a, brincando com ela, me apaixonando completamente, deliciado em ser seu pai. Após um ano ou dois de paparicos, Mia disse: “Cara, você está mesmo preparado para a paternidade”. Eu ainda jogava xadrez com Moses e praticávamos vários esportes. Ele me pediu para ser pai dele e, como eu achava que ele era um grande garoto, concordei. Eu não o adotei legalmente naquela época, mas, como ele próprio pode contar, fui seu pai de toda as formas substanciais. E agora havia um tesouro a mais. Eu me via correndo atrás de táxis, desesperado por estar preso no trânsito enquanto corria para a casa de Mia no intuito de chegar lá antes dela para colocar Dylan para dormir. Conforme nossa filha crescia, eu a levava para a escolinha e a buscava, já que a escola ficava mais próxima do meu apartamento do que do de Mia. Era uma dimensão nova e prazerosa em minha vida, uma criança doce que eu podia abraçar, contar histórias e tentar, talvez em vão, ensinar músicas do Cole Porter. Fui um pai muito amoroso sem ser de fato o pai pelas vias legais. Mas nunca ocorreu a mim que eu precisaria de um pedaço de papel. Mia parecia levar numa boa meu entusiasmo. Ela até escreveu, quando eu finalmente adotei Dylan, sobre o pai maravilhoso eu era para ela e o quanto Dylan me adorava.

Então, um dia, Mia anunciou que estava grávida. Eu naturalmente supus que eu era o responsável por aquilo e que as ervas finalmente tinham surtido efeito; e apesar de ela insinuar que Satchel é filho de Frank Sinatra, acho que é

meu, apesar de que nunca saberei realmente. Ela podia estar dormindo com Frank, como insinuou, e pode ter tido vários outros casos, até onde sei. Como eu disse, nós morávamos em casas separadas. A notícia não me preocupou, já que eu estava curtindo tanto Dylan que a ideia de outra criança foi de fato empolgante. Escrevi um roteiro para Mia com uma personagem grávida, para que ela pudesse atuar quando a barriga começasse a aparecer. Chamei o longa de *A outra* e tive muito prazer em trabalhar com Gena Rowlands e, muito brevemente, com Gene Hackman. Foi meu primeiro filme em que dividi o set com Sven Nykvist, o câmera de Ingmar Bergman. Sven era um grande talento e um homem adorável, que tivera um caso com Mia no passado, e nós todos trabalhamos bem juntos. A interpretação de Mia foi excelente e estaria ainda melhor no meu filme menos visto, *Setembro*, sobre o qual até meu bom amigo Joel Schumacher comentou: “Eu vi e pensei: por que você quis fazer aquele filme?”.

Bem, eu quis porque alguns anos antes eu tinha visto uma adaptação russa de *Tio Vânia* para as telas assinada por Andrei Konchalovsky e a achei uma bela obra. Quis fazer algo igual. O problema é que a gente nunca imagina uma confusão intangível, então, apesar de eu ter feito todas as coisas que Tchêkhov poderia ter feito, deixei de fora um ingrediente essencial inquantificável: genialidade. Tchêkhov automaticamente dotava sua obra de genialidade, algo que não se pode aprender ou controlar, então se mesmo alguém como eu faz todas as coisas certas como dramaturgo, o molho não encorpa. Ainda assim, como a minha paixão é fazer o filme, foi muito divertido brincar de ser um dramaturgo russo.

Mia foi maravilhosa em ambos os longas, e sempre senti que ela nunca recebeu o crédito que merecia por suas interpretações. Muitos anos atrás, Pauline Kael tinha me ligado e dito: “Sabe com quem você deveria trabalhar? Mia Farrow”. Na época, eu não tinha nenhum papel disponível em que pudesse encaixar Mia, mas me pareceu uma ideia razoável e finalmente deu frutos, como o autor da Bíblia do Rei Jaime poderia colocar.

Meu relacionamento com Mia, como já mencionei, havia suavizado para algo prazeroso, menos apaixonado, mas ainda carnal naquelas ocasiões em que planetas formavam uma sizígia. Então, de repente, a coisa toda deu uma guinada bem sinistra.

Esta é minha teoria — e, vale notar, é apenas minha visão sobre o assunto. Veja o que você acha. Bem, no começo, como descrevi, Mia se virou para mim quando fomos ao cinema e disse: “Quero ter um filho seu”.

Alguns anos haviam se passado desde que ela tinha feito essa declaração, e Mia finalmente tirou a sorte grande ficando grávida deste que vos fala. Desde o momento em que acertamos os números dessa loteria, ela se virou contra mim como Diane Keaton uma vez fez com as ostras em Nova Orleans. Keaton, que anteriormente adorava ostras, estava no bar comigo e fez um pedido de bivalves da Costa do Golfo. Quando, de repente, percebeu o que estava prestes a colocar na boca, jogou a concha de volta em seu leito de gelo picado e nunca mais comeu uma ostra na vida. De forma tão inesperada quanto, Mia se virou para mim e disse que nunca mais dormiria na minha casa, que eu não deveria me aproximar do bebê, já que ela tinha dúvidas sobre a continuidade de nosso relacionamento. Ela queria inclusive que eu devolvesse a chave de seu apartamento, que havia me dado anos antes. Apesar de eu ter percebido que, com o passar dos anos, nosso relacionamento havia se tornado mais utilitário do que absorvente, ainda assim isso foi um choque — particularmente porque, desde que Dylan surgiu na história, eu ia com mais frequência ao apartamento de Mia para visitar nossa filha e quase sempre usava a chave.

Eu até fiz mais visitas à sua casa no interior depois que Dylan surgiu em nossas vidas. Eu teria preferido ficar quietinho na cidade, já que a vida bucólica me afetava como clorofórmio e eu nunca tinha me acostumado ao som de uma mariposa atingindo o fritador de insetos. Era como Lepke na cadeira elétrica. A verdade é que eu seguia para o interior quase a cada quinze dias nos fins de semana de verão para brincar com Dylan e Moses, por quem eu tinha fortes sentimentos. Tentei resgatar meu amor de menino por varas e molinetes para ajudar a afastar o tédio por lá, mas não consegui. Ainda assim, ensinei Moses a pescar e conseguimos lançar iscas artificiais, o que me deixou feliz por ter me dado conta de que eu não tinha perdido o velho jeito de enroscar meu Royal Coachman no meio das árvores. Filho do asfalto como eu era, eu estragava as coisas em Frog Hollow porque, quando Mia comprou o lugar, seu laguinho de bom tamanho estava tomado de sapos que comiam insetos e mantinham o lugar livre de mosquitos. Eu, pensando em fazer um favor a ela, enchi o laguinho de peixes. Quem diria que os peixes comeriam os sapos e não haveria ninguém mais para comer os mosquitos?

Mas tudo isso foi antes da gravidez de Mia. Agora ela queria de volta a chave de seu apartamento, e, quando eu ia a sua casa de campo nos fins de semana, ela estava mais fria e indiferente. Minha teoria, a que eu cheguei depois de muitos rodeios, é que servi ao meu propósito engravidando-a e havia me tornado irrelevante. Uma vez, escrevi um esquete em que Louise e eu interpretávamos

aranhas. Ela era uma viúva negra, eu a engravidava e, como acontece na natureza, ela então me matava e me comia. Afe, pensei, reagindo ao comportamento de Mia, não acha que...? Quando eu fazia a viagem até Connecticut para visitá-los, Mia, que costumava me receber, agora raramente parava qualquer atividade em que estivesse envolvida para me dar oi.

O relacionamento, sempre civilizado, continuou a desmoronar em pedaços ainda maiores na cidade também. A rotina se tornou a seguinte: eu acordava por volta de cinco e meia da manhã e atravessava o Central Park a pé para chegar à casa dela às seis e meia. Tomava café da manhã com Dylan e Moses e voltava para o meu apartamento depois de deixar Dylan na escola. Eu era o pai responsável por Dylan, como foi testemunhado no tribunal por uma professora da Escola Brearly. Ela jurou que eu era o único que ia às reuniões de pais, enquanto Mia não parecia interessada o suficiente para ir. A professora explicou que só eu participava de todas as discussões sobre as notas de Dylan e acompanhava os relatórios periódicos sobre o seu desempenho. Mais tarde, eu pegava Dylan na escola, ia para casa e trabalhava. Eu não via Mia durante o dia todo, a não ser que estivéssemos filmando, o que só acontecia durante umas oito semanas por ano.

O resto de tempo eu passava escrevendo na minha cobertura e daí ia para o apartamento da Mia por volta das seis para me sentar com Dylan e Moses enquanto eles jantavam. Eu ficava mais um tempinho por lá, talvez para jogar xadrez com Moses ou criar histórias para divertir Dylan. Então eu dava boa noite para Mia, que geralmente se retirava cedo para seu quarto, e encontrava os meus amigos e nós jantávamos no Elaine's. De tempos em tempos, Mia e eu saíamos para jantar, mas isso havia se tornado cada vez mais raro. Quando Satchel nasceu, as coisas deram um salto quântico ainda mais sombrio. Desde o primeiro momento, Mia expropriou Satchel. Ela o levou para seu quarto, para sua cama e insistiu em amamentá-lo. Ela ficava me dizendo que pretendia fazer isso por anos, e que estudos antropológicos mostravam resultados positivos de tribos em que a amamentação seguia por muito mais tempo do que no Upper West Side. Anos depois, duas mulheres bem profissionais e perceptivas que trabalharam na casa de Mia, Sandy Boluch e Judy Hollister, a primeira como babá e a segunda como governanta, descreveram inúmeros incidentes. Sandy relata algumas vezes ter visto Mia dormindo nua com Satchel (agora Ronan) até ele ter onze anos. Não sei o que os estudos antropológicos diriam sobre isso, mas posso imaginar os comentários dos caras do salão de bilhar.

Claro que estava um pouco tarde para os sinais de alerta nesse ponto, mas essa não era uma bandeira vermelha, e sim uma bandeira com caveira e ossos cruzados que era içada para todo mundo ver, e eu era burro demais ou estava muito preocupado com os nossos problemas para notar: Mia não colocou meu nome na certidão de nascimento de Satchel quando ele nasceu. Por que ela me deixaria de fora? Por que me excluir depois de toda aquela bobajada sentimental sobre querer ter um filho meu? Ele não era mesmo meu? Claramente eu estava sendo tirado de cena bem antes de nosso dramático término. Mia tentou contornar essa trama, afirmando que, como não éramos casados, o hospital exigiu que eu assinasse um formulário separado. Mas ela não falou a verdade quando disse que me apresentou um papel que eu entreguei ao meu advogado para que preenchesse e nunca mais devolvi. Claramente isso não faz sentido. Eu ficaria feliz em declarar que eu era pai de Satchel. Estava ansioso pelo nascimento dele, estava na sala de parto segurando a mão de Mia quando ele pulou para fora, dei a ele o nome de Satchel e iria pressionar Mia posteriormente para ser o pai legal de Dylan e Moses. Mas Mia nunca me disse que isso era necessário nem me deu nenhum formulário para preencher. Se ela quisesse que eu fosse pai dele e me desse um formulário, ela teria me cobrado: “Ei, onde está o formulário que eu te dei?”.

Enfim, Mia estava delirando com Satchel. Ela monopolizava o tempo dele e, quando eu estava prestes a forçá-la a se posicionar sobre essa questão, o que poderia levar a algum processo de custódia no qual minha posição era bem vulnerável, Mia quase nunca estava disponível. Eu usei a palavra “vulnerável” porque eu não tinha laços legais com Dylan e Moses e podia facilmente perdê-los se pressionasse demais para ter contato com Satchel. Eu me esforcei muito tentando contornar o comportamento anormalmente obcecado de Mia com nosso novo filho, que foi pior que a loucura dela com Fletcher. Nesse ponto, Fletcher estava mostrando alguns problemas acadêmicos, sem dúvida resultado da propensão de sua mãe a deixá-lo ir para a escola ou ficar em casa conforme ele decidisse.

À medida que Satchel ficava mais velho e demonstrava uma grande inteligência, ele iria acabar usurpando a posição de Fletcher como favorito. Mia tinha pouco tempo de sobra para gastar sendo mãe de Moses, Dylan ou de qualquer um dos outros moleques. Mas, até aí, eles eram moleques adotados, e tanto Moses quanto Soon-Yi descreveram como naquele apartamento os filhos adotivos eram considerados como cidadãos de segunda classe. Fletcher e Matthew eram ambos biológicos e Mia os adorava. Sascha, gêmeo de Matthew,

era o que ela preferia menos entre os filhos biológicos e com frequência costumava falar sobre ele em tom de zombaria. Uma vez, Matthew a ouviu falando sobre ele na sala ao lado e saiu chorando. Como Soon-Yi apontou, Mia adorava adotar, adorava a empolgação, era como se houvesse comprado um brinquedo novo. Ela gostava da reputação de santinha, da publicidade e admiração que seu ato gerava, mas não gostava de educar as crianças e não cuidava de fato delas. Eu me senti estranho quando tive de ir diante da imprensa e tentar minimizar o embaraço quando alguns de seus filhos foram pegos roubando. Não foi à toa que dois de seus filhos adotivos acabaram se suicidando. Um terceiro iria tentar e uma adorável filha lutaria por ser HIV positivo e, aos trinta e poucos, seria deixada por Mia para morrer sozinha num hospital numa manhã de Natal.

Como meu psiquiatra apontou, eu era basicamente um patrocinador da casa. Empreguei Mia em dez filmes, contratei sua irmã, seu irmão, sua mãe, dei a ela um milhão de dólares de presente — o valor líquido, com os impostos já pagos — para que ela pudesse sustentar melhor todas essas pobres crianças, não apenas as minhas. Por fim, decidi, num momento de clareza, que não ser legalmente o pai de Dylan e Moses não era aceitável. Por anos eu havia assumido total responsabilidade pelos dois, como um pai. Eles agora eram meus filhos também e, se tivesse que verbalizar minha desaprovação com a estranha criação de Satchel, o que eu sabia que faria Mia explodir, eu precisaria do amparo legal a respeito da paternidade dos outros dois. O interessante é que, para alguém que sempre me quis como pai de seus filhos, Mia de repente ficou bem fria com a ideia de eu adotar Dylan e Moses quando levantei a questão. (Nessa época, eu estava completamente alheio ao fato de que havia sido deixado de fora da certidão de nascimento de Satchel.) Mas Dylan e Moses me amavam. Em geral eu ia até o apartamento de Mia de manhã cedo, pegava Dylan e Moses enquanto Mia estava trancada sozinha com Satchel em seu quarto, com as portas fechadas, e as outras crianças deixadas por sua própria conta. Eu levava Dylan e Moses para a sala de montagem onde editava meus filmes. Eles podiam brincar enquanto os editores e eu trabalhávamos. Os dois adoravam a atenção que nós todos lhes dávamos, além de brincar com todo o equipamento de cinema e pedir comida. Às vezes, eu levava Moses e Dylan ao meu apartamento e nós brincávamos com algum jogo ou eu fazia truques de mágica para eles.

Conforme o tempo passava, eu me esforcei ao máximo para me incluir na criação de Satchel, mas sempre era difícil estar com ele. Eu o via

principalmente de noite, quando chegava depois do trabalho. Satchel era sempre muito fofo e inteligente. Moses, por sua vez, era o mais fofo possível, e até então, eu sempre achei garotinhas mais fofas do que os meninos. Provavelmente porque eu fui um garoto e cresci entre garotos e sabia que os garotinhos crescem para serem aqueles toscos que usam termos como “no meu ponto de vista” ou “neste ponto particular do tempo”, ou te dizem “você tem um bom portfólio”. Os garotos que eu conhecia arrumavam brigas, começavam incêndios, cabulavam aula e tiravam notas ruins, enquanto todas as meninas da Escola Pública 99 eram limpinhas e doces, nunca mostravam o dedo do meio para um professor e tinham uma letra lindinha. Por ser criado numa família de mulheres afetuosas e ter tido uma relação próxima com a minha prima mais velha e uma boa relação com minha irmã mais nova, não é à toa que eu me sinta particularmente mais confortável dirigindo mulheres. Grande parte das pessoas com as quais trabalho são mulheres. Elas são minhas produtoras, editoras, médicas, advogadas, assistentes. Mas sempre tive um grande afeto por Moses e Satchel, mesmo que eu tenha sido alertado para não me aproximar muito de Satchel.

Assim, pressionei Mia com a ideia de eu adotar legalmente Moses e Dylan. Ela estava bem receosa e levou muito tempo para concordar. Mas, finalmente, um dia ela deu o braço a torcer. Não sei o que incitou essa mudança. Talvez ela tenha calculado e visto alguma vantagem se eu me tornasse financeiramente responsável pelos dois. Talvez ela quisesse que as coisas cozinhassem em fogo baixo por causa do trabalho, ou possivelmente ela não fosse tão possessiva em relação a esses dois filhos, já que eles não eram biológicos. Às vezes eu acho que se você perguntasse a Mia, ela poderia dizer que me amava, mas era uma ilusão. Se ela me amava, tinha uma forma bem engraçada de demonstrar; sem intimidade. Não jantávamos muito juntos; não viajávamos; eu não tinha mais a chave de seu apartamento; ela não tinha o menor interesse em saber se eu a visitaria no verão. Na verdade, ela tinha um jeito meio irritante, civilizado, mas longe de ser caloroso, de planejar o futuro estando eu nele ou não. A lista de descasos é longa. Se Dylan e Moses não existissem antes de Satchel ter nascido, eu nunca mais teria ido ao apartamento dela. Não teria motivos.

Nosso relacionamento não respirava mais. Nossas vidas haviam se distanciado. Éramos companheiros sociais nas ocasiões em que havia um jantar, um evento, mas depois do que quer que fosse, ela ia para a casa dela e eu, para a minha. Num ponto, antes de Satchel nascer, eu me perguntei se morarmos juntos poderia funcionar, já que eu a visitava duas vezes ao dia para ver Dylan e

Moses, mas nenhum de nós se empolgou muito com a ideia e logo esse desejo arrefeceu. Acho que pensei que morar com Dylan e Moses seria divertido, e talvez até Mia e eu nos aproximássemos. Eu não tinha aprendido nada com meu fiasco com Louise e a verdade foi que nenhum de nós realmente queria morar um com o outro. Após algumas semanas de especulação e até chegarmos ao ponto de ver alguns apartamentos imensos, nós dois misericordiosamente largamos o osso. Com o nascimento de Satchel, ela deixou claro que fantasia idiota a possibilidade de qualquer relacionamento profundo com ela seria. Enfim, por motivos que só deus sabe dizer, ela concordou finalmente com a adoção, e eu me tornei legalmente o pai de Dylan e Moses.

Antes de eu voltar aos meus filmes, deixe-me colocá-lo a par sobre como Soon-Yi e eu fomos de duas pessoas que nunca gostaram particularmente uma da outra a um casal agora casado por mais de vinte anos e ainda apaixonados. Soon-Yi nunca conheceu o pai na Coreia, e a mãe ou não tinha como sustentá-la ou não queria cuidar dela. Ela se lembra de ser pobre de marré. A vida rural era um pesadelo para Soon-Yi quando era pequena, por isso ela fugiu de casa aos cinco anos e vagou pelas ruas de Seul como os pivetes de *Os esquecidos*, de Buñuel. Ela comia restos e certa vez passou tanta fome que pegou uma barra de sabão de uma lata de lixo e tentou comer. Ela foi tirada das ruas por freiras e terminou num orfanato.

Ela fala bem sobre o orfanato para mim. As enfermeiras eram boas para as crianças. Então, um dia, Mia apareceu e a adotou. Isso foi anos antes de eu conhecer Mia, mas Soon-Yi se lembra muito bem. Soon-Yi não pode opinar sobre a questão. É de se pensar que isso foi uma grande sorte, mas Soon-Yi, que na época tinha sete anos, não achou. Ela desgostou na mesma hora de Mia, que apareceu, a tirou de uma vida e amigos com que ela estava habituada e que adorava e não mostrou calor ou empatia. Mia então a tirou desse ambiente com o qual ela havia se habituado e a obrigou a fazer uma turnê por outros orfanatos, onde buscava novos órfãos como alguém que passa pelas gôndolas de promoção numa livraria. Sem encontrar um humano de que gostasse, Mia seguiu em frente. Ela levou Soon-Yi para seu quarto de hotel, colocou-a numa banheira e a deixou lá, sozinha. Soon-Yi nunca havia estado numa banheira antes, não falava inglês e não entendia o que estava acontecendo. Mia era rígida e impaciente, com um temperamento feroz. Com o tempo, ensinou inglês a Soon-Yi, o que não é a coisa mais simples do mundo para uma órfã de sete anos de idade coreana aprender da noite para o dia. Mia acordava Soon-Yi no meio da noite para lhe dar aulas de inglês e gritava com ela por não aprender rápido o suficiente. Soon-Yi tinha dificuldade com o inglês e Mia ficava brava e frustrada. Posteriormente, puniria Soon-Yi por sua falta de habilidade de aprender a soletrar rápido o suficiente mantendo-a de cabeça para baixo, suspendendo-a e ameaçando colocá-la num hospício se ela não aprendesse com a rapidez desejada. Naquela época, Mia e seu marido, André, não estavam se dando bem e tinham brigas com gritos que acordavam Soon-Yi e a aterrorizavam.

Mia via Soon-Yi como uma idiota sem jeito. Eu me lembro de que uma vez, logo depois que nos conhecemos, ela me falou sobre como a desdenhava, dizendo que Fletcher aos quatro anos tinha um cérebro mais avançado do que o

de Soon-Yi, que já tinha nove. Sem conhecer de fato nenhuma das crianças e supondo que Mia era uma supermãe, como a imprensa a colocava, eu simplesmente escutei e concordei com ela. Mas, como eu saberia depois, Soon-Yi não só era um diamante bruto, como também não tinha nenhum tipo de deficiência. E Mia não era uma supermãe ou mesmo uma mãe decente, e ela nunca se importou em se dar bem com sua filha adotiva.

Mia nunca tentou estimulá-la. Elas começaram morando na Inglaterra nos primeiros dois anos de convivência, numa casa adorável (Soon-Yi me levou para conhecê-la anos depois, e era linda mesmo) numa cidade a cerca de uma hora de Londres. Mia nunca teve nenhum interesse em Soon-Yi, já que ela era a única entre as crianças com a audácia de desafiar sua autoridade cruel. Apesar da proximidade de Londres, Mia nunca levou Soon-Yi a uma peça ou a um museu. Essa indiferença na criação continuou em Nova York, para onde elas acabaram se mudando e onde moraram por anos. Em nenhuma ocasião em Manhattan sua mãe a levou para assistir a um filme ou a uma peça, a um museu ou até mesmo para caminhar no Central Park. Ela não teve uma educação básica, e Mia posicionava as crianças de forma a se adequarem a sua agenda de filmagens. Eles aprenderam a ler, mas não muito mais do que isso. Depois de Londres, elas passaram pelo Egito, por Bora Bora, pelo Colorado, por Los Angeles, Martha's Vineyard, tudo sem que as crianças tivessem um ensino formal constante. Quando eles se estabeleceram no Upper West Side, Soon-Yi e seus irmãos foram colocados numa escolinha com um ensino bem pouco puxado para então serem abruptamente jogados no Ethical Culture, um colégio de alto nível, competitivo e exigente. Como era de se esperar, todos os moleques tiveram de ser transferidos de lá porque não deram conta do recado. Mas Mia e Soon-Yi sempre se estranharam. Como acontece com muitas meninas adotadas, Soon-Yi foi obrigada a aprender a fazer tarefas domésticas que na verdade eram responsabilidade da mãe. Quando começamos a sair e minha irmã visitou o apartamento de Mia, ela achou que Lark, outra filha adotiva, fosse uma empregada e ficou surpresa em saber que se tratava de alguém da família. Mia era indiferente às verdadeiras necessidades de seus filhos adotivos.

Moses relata essa história angustiante: “A maioria das fontes de mídia alegam que minha irmã Tam morreu de ‘problemas cardíacos’ aos 21 anos de idade. Na verdade, Tam sofreu de depressão durante grande parte de sua vida, uma situação exacerbada pelo fato de minha mãe se recusar a lhe dar ajuda, insistindo que Tam era apenas ‘birrenta’. Uma tarde em 2000, depois de uma

briga com Mia, que terminou com minha mãe deixando o apartamento, Tam cometeu suicídio com uma overdose de pílulas. Minha mãe contou aos outros que a overdose tinha sido acidental”.

Anos depois, no ensino médio, quando Soon-Yi quebrou o tornozelo jogando futebol, Mia nem se preocupou em levá-la ao médico, disse para ela ir sozinha e não permitir que tirassem raios-X, que custavam muito. Apesar de ser apenas uma estudante ainda muito jovem e estar sentindo muita dor, Soon-Yi pegou um ônibus sozinha, foi até o consultório do médico e ficou com medo de deixar que ele fizesse um raio-X do seu tornozelo. Sem conseguir acreditar no que ela lhe contou, o médico telefonou para Mia e insistiu que Soon-Yi precisava do exame. Ele tirou a radiografia, mas ir contra as ordens de Mia significava punição, que com frequência se materializava na forma de surras.

Soon-Yi viu tudo isso acontecendo ao redor dela. Mia não se importou o suficiente para levar Moses ao médico ou pronto-socorro quando era necessário, então Lark e Soon-Yi tinham de fazer isso. Desde pequena, Soon-Yi tinha de pegar vários ônibus todos os dias para levar o irmão e as irmãs menores à escola; todas as noites ela tinha de fazer as massagens terapêuticas na perna paralisada de Moses. Mia tinha orgulho de se mostrar como uma mãe disposta a adotar uma criança com paralisia cerebral, mas a dedicação e o trabalho envolvidos ficavam a cargo das outras crianças. Quando Soon-Yi foi visitar faculdades para decidir em quais se escreveria, Mia não teve interesse, não foi com ela e a deixou ir sozinha. Por fim, a mãe de uma amiga ficou tão chocada com esse desprezo que acompanhou Soon-Yi. Mia nunca se importou nem mesmo em ir à formatura de seu filho adotivo, Thaddeus. De acordo com Moses e corroborado tanto pela governanta Judy como pela babá Sandy, ela fazia Thaddeus usar aparelhos pesados de ferro nas pernas toda vez que faziam aparições públicas, em vez de seus aparelhos mais leves de plástico porque os últimos eram usados debaixo da calça e não seriam vistos pelos fotógrafos, estragando os planos de Mia de divulgar que havia adotado deficientes. Os aparelhos de ferro ficavam visíveis para as câmeras, já que eram usados do lado de fora. Thaddeus foi a criança que ela prendeu na cabana do lado de fora uma noite. É de se surpreender que ele tenha cometido suicídio com uma arma a dez minutos da casa de sua mãe? Mia reagiu ao suicídio de Thaddeus com surpresa, mas a verdade é que ele tentou se suicidar seis ou sete anos antes com uma overdose de remédios e teve de ser levado às pressas ao hospital para fazer lavagem estomacal.

Ofereço esse panorama porque, quando Soon-Yi saiu comigo, não foi simplesmente um caso de uma órfã ingrata traindo uma benfeitora amorosa e bondosa que havia mudado sua vida da pobreza à riqueza. E a personalidade de Soon-Yi é grande; ela não é uma coitadinha retraída. (Ela teve que ter culhão para ir para as ruas e cuidar de si mesma aos cinco anos de idade. Você conseguiria? Eu não. Nessa idade, eu ainda ouvia canções de ninar.) Soon-Yi era a criança adotada que enfrentava Mia e provocava sua ira. Consequentemente, ela apanhava — apanhava com uma escova de cabelo, com um aparelho de telefone —, e uma vez Mia jogou nela um coelho de cerâmica, quase acertando sua cabeça. A quinquilharia se despedaçou em milhões de pedaços pelo cômodo. As crianças diziam que adoravam quando eu levava Mia para jantar fora e elas ficavam livres dela, livres para respirar. Muitas vezes, as irmãs de Soon-Yi vinham secretamente para mim e perguntavam se havia alguma forma de livrá-las de ter de ir para a casa de campo no fim de semana, já que isso significava tarefas domésticas para Lark, como cozinhar e fazer a limpeza; significava que Soon-Yi ficaria de babá e morreria de tédio, já que ela queria estar com seus amigos, como qualquer adolescente.

Soon-Yi e eu não tínhamos interesse um no outro. Eu a achava uma criança quieta e tediosa, e ela me considerava o cordeirinho da mamãe. Só faltava um sino no meu pescoço. Quando conversamos sobre isso anos depois, expliquei, em minha defesa, que sempre que eu ia ao apartamento deles ou visitava a casa de campo, não via sinais de tumulto ou tirania. Soon-Yi então me contou que a história era totalmente diferente quando eu não estava por perto, e que eu era idiota de achar que Mia me amava, já que ela sempre teve interesse em seu amigo e vizinho, Mike Nichols. Ela ficou arrasada e deprimida quando ele se casou rapidamente logo depois de seu divórcio com Annabelle. Soon-Yi me julgava um ignorante que funcionava como um parceiro de alto padrão para Mia e mantinha sua carreira em movimento.

De toda forma, por anos eu nunca pensei em Soon-Yi. Eu estava ocupado demais trabalhando. Atuei num filme dirigido por Paul Mazursky chamado *Cenas em um shopping*. Ouvi que foi um filme horrendo. Eu o fiz por dois motivos. O primeiro foi o dinheiro, mas a segunda razão, a mais importante, foi porque eu tinha grande respeito e queria trabalhar com Paul Mazursky. Eu o considerava uma pessoa muito divertida de se estar por perto, um contador de histórias formidável, um excelente diretor e um bom homem. E pude trabalhar com Bette Midler, de quem eu gosto. Nós fazemos aniversário no mesmo dia, junto com Richard Pryor (o que não significa nada, a não ser que você seja um

panaca dos horóscopos). Bette era divertida e bacana e tinha uma filha minúscula que acabou se tornando uma bela atriz. Trabalhei com Sophie em *Homem irracional* e até aumentei seu papel porque achei que ela tinha muito talento para atuar. Mazursky tinha acabado de sair de um projeto que ganhou um Oscar, mas comigo e Bette, por algum motivo, o filme foi direto para o ralo. E não acho que atuamos mal — mas, quem sabe? Eu nunca assisti.

Depois disso, eu me ocupei em dirigir *Neblinas e sombra*, um filme que eu sabia que estava destinado a ser um fracasso comercial, mas não se pode deixar essas coisas te assustarem ou você vai ficar fazendo projetos seguros em cima do muro. Meu filme se passava na Alemanha por volta dos anos 1920 ou 1930 e Carlo Di Palma o rodou em preto e branco. Santo Loquasto construiu o maior set já feito nos Kaufman Astoria Studios, no Queens, e o filme todo, exteriores e interiores, foi rodado lá dentro. Era como os alemães com frequência faziam na época da produtora UFA e eu queria aquele visual. Era uma história existencialista de assassinato e você precisava ver as caras dos executivos da Orion quando as luzes se acenderam depois da primeira exibição. Eles esperavam uma história convencional de *serial killer*, mas que fosse engraçada. Em vez disso, receberam minha visão pessoal sobre a vida e a morte empregando uma metáfora sinistra, mas que, com sorte, poderia ser considerada divertida. Dizer que o filme foi um fiasco de bilheteria seria descrevê-lo com generosidade. Não é uma má ideia, mas é preciso estar no clima para isso, e os testes de marketing mostraram que o longa não atraía o *Homo sapiens*.

Depois disso, rodei um dos meus melhores filmes, na minha opinião. Quando terminei de escrever *Maridos e esposas*, decidi que rodaria predominantemente com a câmera na mão e não obedeceria regras de filmagem. Eu cortaria quando quisesse, sem me preocupar com gente olhando na direção certa, faria cortes e iria ao oposto do bonito ou bem-feito.

Acabou sendo um bom filme, eu acho, e não pego leve com o meu trabalho. Foi em algum ponto nesse projeto, na fase da escrita, da pré-produção ou das filmagens, que as coisas começaram a esquentar entre Soon-Yi e eu. Antes, eu a havia levado para um jogo de basquete, já que eu tinha ingressos para a temporada. Vez ou outra eu comentava com Mia sobre como Soon-Yi era reclusa e parecia que talvez ela precisasse de um psiquiatra. Mia então sugeriu: “Por que não dá um passeio com ela ou a leva a um jogo de basquete? Você sempre está procurando alguém para te acompanhar”.

É verdade. Eu tinha quatro ingressos da temporada para o Madison Square Garden e às vezes ninguém por perto que compartilhasse do meu interesse. Finalmente perguntei a Soon-Yi se ela gostava de basquete. Ela gostava o suficiente para aceitar o convite, provavelmente imaginando que eu lhe compraria pipoca. Então a levei a um jogo e, por mais esquisito que tenha sido, eu a confrontei sobre o fato de nunca termos nos dado bem e comentei que parecia que ela não gostava de mim. Ela me assegurou que não era que ela não gostasse exatamente de mim, mas sempre me achou um cabeça oca, o cachorrinho da mãe dela, que mantinha os olhos fechados diante de um tumulto óbvio que todo mundo era capaz de ver. Claramente, ela não tinha problemas em oferecer sua opinião sincera a mim, e eu resisti à tentação de perfurar seu julgamento superior com minha sutileza de espadachim. Ela achava que a mãe me tratava como um capacho e eu era um completo pamonha por não perceber isso. Logo fiquei sabendo que ela e Mia não se davam bem, e que a vida naquela casa era bem diferente quando eu não estava presente. Comecei a perceber que aquela não era uma jovem vazia como Mia a havia pintado, mas uma mulher bem perceptiva, inteligente e sensível. Foi o começo de uma amizade que lentamente cresceria e chegaria à percepção absurda de que gostávamos muito um do outro. Levou muito, muito tempo para irmos da primeira base para esse afeto mútuo, mas aconteceria e surpreenderia a nós dois.

Ainda assim, apesar de termos momentos inesperadamente legais naquele primeiro jogo de basquete, eu estava ocupado demais para ao menos pensar em algo além de cinema. Apesar de a mãe dela dizer às pessoas que Soon-Yi era “retardada”, ela se formou na faculdade, recebeu seu diploma em Colúmbia, trabalhou e criou uma família, mas tudo isso vem depois. Enquanto isso, Mia e eu ainda estávamos nos arrastando graças àquele adesivo confiável de todas as horas: a inércia. Por mais que eu xeretasse tentando ver se conseguia identificar o lado mais obscuro do comportamento de Mia, tirando a obsessão dela com Satchel, nunca a vi batendo em ninguém ou fazendo escândalo. Para mim, estava tudo bem, já que eu gostava de ver meus filhos, por mais limitado que fosse o tempo que me permitiam estar com eles, de trabalhar e tocar jazz. Minha pequena banda, que Soon-Yi compara à Raccoon Lodge, de Ralph Kramden, era muito divertida.

Se eu tivesse conhecido alguma mulher interessante, estaria pronto para ser pego, e houve um tempo em que Soon-Yi, ao voltar da faculdade para a cidade, iria me acompanhar a um jogo de basquete novamente. Fiquei ansioso em vê-la,

nos atualizarmos, trocamos confissões íntimas e risadas. Enquanto conversávamos durante o jogo, descobri que estava curtindo a companhia dela mais do que eu deveria. Perguntei a ela sobre sua mãe tê-la salvado, e se um apartamento no Central Park West, uma casa no campo e escola particular não eram muito melhores do que um orfanato. Não, ela me disse, ela preferia as freiras.

Mas então os Knicks começaram perdendo e minha atenção era necessária na quadra para azarar o outro time. Eu a levei para casa, a deixei na frente de seu prédio e acelerei pela noite, pensando que havia tido uma noite muito boa pela primeira vez em muito tempo e que Soon-Yi era uma jovem incrível que tinha passado por muita coisa. Muito do que ela me disse sobre a mãe me despertou os primeiros sinais de alerta, que aumentaram fervorosamente nos ventos turbulentos do retrospecto, se você perdoar meu lance para conquistar um National Book Award.

Eu a levei a outro jogo de basquete e, apesar daquela foto famosa em que parece que estamos de mãos dadas, eu nunca peguei na mão dela. Primeiro, eu não tinha aquele tipo de relacionamento com Soon-Yi naquela época — e, se tivesse, nunca na vida que eu teria feito algo em público, muito menos num Madison Square Garden tão iluminado e lotado. Minha vontade de morrer não chega a esse ponto. Nós conversamos e tivemos outra noite ótima. Quando chegamos no assunto dos filmes, perguntei se ela conhecia os filmes de Ingmar Bergman (como sempre, eu buscava aquela mulher perfeita que curtisse filmes suecos). Ela não os conhecia e, enquanto eu tagarelava eufórico sobre o trabalho dele, decidi que iria exhibir *O sétimo selo* para ela em meu cinema particular. Isso era eu sendo romântico: *O sétimo selo*.

Eu tenho uma sala de exibição onde edito meus filmes. O editor e eu editamos o filme, daí vamos para a outra sala e exibimos o resultado do nosso trabalho, odiamos, voltamos à máquina de edição e reeditamos. Agora, quem pode dizer que não sou um cara divertido? Uma garota jovem, atraente, que está em recesso das aulas da faculdade, o que poderia ser mais agradável do que assistir a um filme em preto e branco passado na Escandinávia medieval, lidando com a praga, a morte e o vazio da vida? Ela topou, até ficou ansiosa em ver. Então decidimos que a sessão aconteceria em alguma tarde em que ela estivesse na cidade.

Corta para algum tempo depois. Eu estava rodando *Maridos e esposas* e, num sábado de folga, Soon-Yi veio de Nova Jersey, onde ficava a Universidade Drew, em que ela estudava, e eu exibi *O sétimo selo*. O filme de Bergman terminou,

estávamos sozinhos na minha sala de cinema, eu dava a minha palestra pedante sobre Kierkegaard e o Cavaleiro da Razão, e ela escutava atenta, tentando manter os olhos abertos e, bem suavemente, como posso dizer, eu me inclinei e a beijei, sem roubar nada. Eu me preparei para um soco no melhor estilo de Kid Gavilán, o imortal campeão ex-peso-meio-médio-ligeiro. Mas o soco não veio. Na verdade, ela foi cúmplice na osculação, ao ponto de, como sempre, dizer: “Eu me perguntava quando você iria tomar essa iniciativa”.

Tomar a iniciativa? Dá um tempo. Eu ainda estava em algum tipo de relacionamento com a mãe dela. Verdade que nos últimos anos nós estávamos apenas seguindo o fluxo, mas onde estamos nos metendo? Mesmo assim, não adiantou. Estávamos atraídos um pelo outro de uma forma que iria terminar num longo e ótimo casamento. E aqui estão os terríveis detalhes do que se deu.

Enquanto eu filmava *Maridos e esposas*, Soon-Yi e eu começamos um caso, caso esse que começou na próxima vez que ela voltou da faculdade. Apaixonados desde então, o resultado foram muitos anos felizes e uma família maravilhosa. Quem poderia ter previsto? Só sei que ela estava longe de ser a nulidade que sua mãe havia desprezado e apagado. Quão errada Mia estava. Ali estava uma jovem vivaz, fabulosa, cheia de classe; muito inteligente, repleta de um potencial latente e pronta para desabrochar maravilhosamente se alguém mostrasse um pouco de interesse, um pouco de apoio e, mais importante, um pouco de amor. Passamos algumas tardes caminhando e conversando, deliciando um ao outro com nossa companhia e, claro, indo para a cama.

Nós estávamos sentados no meu apartamento numa tarde de fim de semana e eu havia ganhado uma câmera Polaroid de presente de alguém que não sabia que eu não tinha o menor interesse em câmeras. As pessoas sempre me davam Polaroids achando que eram fáceis de trabalhar, que até eu poderia usar. Eu brincava sobre como sou um zero à esquerda com qualquer tipo de bugiganga e uma coisa levou à outra com nuvens de tempestade se adensando do lado de fora da janela da minha cobertura.

No comecinho de nosso relacionamento, quando a luxúria reinava suprema e não conseguíamos nos largar, surgiu a ideia de fazermos algumas fotos eróticas se eu conseguisse descobrir como operar a maldita câmera. Por acaso ela sabia, e foram fotos eróticas de fato, tiradas de forma bem calculada para fazer o sangue ferver. Enfim, você provavelmente já leu o resto nos tabloides. Brillhante como sou, escondi as fotos numa gaveta, mas, como se revelou, não guardei todos os retratos provocantes.

Alguns deles foram brilhantemente colocados na cornija da lareira, enquanto a máquina as cuspia. A cornija ficava na altura dos olhos, talvez um tiquinho mais alto, então, quando essa sessão de fotos acabou, momentos depois, aquelas da cornija permaneceram lá, fora de vista e esquecidas, enquanto o resto foi guardado em segurança. Diziam que, se Napoleão fosse alguns centímetros mais alto, a história da Europa teria sido radicalmente diferente. Bem, se eu tivesse uns centímetros a mais e fosse capaz de ver sobre a cornija da minha lareira, uma carnificina digna das guerras napoleônicas poderia não ter acontecido em Manhattan. Sim, algumas delas estavam logo ali para serem desfrutadas por qualquer passante casual, mas eu morava sozinho. Ainda assim, não sou o tipo de cara que pode esconder um caso. É muito trabalhoso. Clark Gable ou Cary Grant deixariam fotos tão incriminatórias logo ali na lareira? Só um pamonha desastrado, um Jerry Lewis. Verdade que eu tinha uma empregada que limpava e tirava o pó, e deve tê-las descoberto enquanto buscava itens novos para quebrar, mas estou certo de que, sendo francesa, ela teria passado por elas com uma sofisticação continental e apenas dado uma piscadinha de Madame Claude. O percalço que mudou minha vida veio no dia seguinte, quando Satchel foi trazido ao meu apartamento, como acontecia toda semana para ele ter uma sessão particular com um psiquiatra de crianças e tratar de algumas questões pessoais. Às vezes, Mia o trazia a esses encontros.

Invariavelmente, ela se sentava na sala e ficava lendo enquanto ele era levado pelo psiquiatra à outra parte da cobertura, que era bem grande, para tratar de seus problemas. Depois de uma hora, ele voltava para a mãe. Enfim, naquela segunda-feira, o fim da sessão do garoto atrasou um minuto ou dois, e sua mãe vagou, impaciente, para outra parte da casa para ver o que o estava segurando e seus olhos migraram acima da lareira, onde ela descobriu o grupo de Polaroids que seriam discutidas por todo o mundo.

Claro que entendo o choque dela, a consternação, a raiva, tudo isso. Foi a reação correta. Soon-Yi e eu achamos que podíamos ter nosso casinho e mantê-lo em segredo, já que ela não estava morando com a mãe e eu vivia sozinho, como um solteiro. Achei que seria uma boa experiência e provavelmente Soon-Yi acabaria conhecendo algum cara na faculdade e entraria num relacionamento mais convencional. Não percebi quão apegados já estávamos um ao outro. Tudo havia começado lentamente, mas, quando finalmente engatou, foi para valer. Se não fosse pela descoberta das fotos, quem sabe quanto tempo o regime conveniente, desgastado, com minhas visitas aos moleques no apartamento de

Mia, poderia ter durado? Claro que mais cedo ou mais tarde um de nós teria colocado um ponto-final na relação, pois tudo já havia acabado em espírito, ainda que não na rotina. Soon-Yi disse que sua mãe expressou sentimentos de que queria ter se mudado com outro homem anos antes. Como já mencionei, Mike Nichols era uma fantasia frequente. Será que deixei as fotos expostas de propósito para dar um fim ao relacionamento enervado com Mia? Foi essa a minha forma de causar o término sem que nem eu mesmo percebesse? Não foi. Foi apenas uma gafe de um otário. Às vezes um charuto é apenas a gafe de um otário.

Psiquiatras dizem que em momentos de crise nos tornamos mais quem realmente somos. No dia em que Mia descobriu o caso, reuniu todos os filhos e não os poupou de nada. Depois de falar que eu havia estuprado Soon-Yi, o que levou Satchel, aos quatro anos de idade, a dizer a todos “meu pai está fodendo minha irmã”, ela ligou para as pessoas e disse que eu havia estuprado sua filha retardada menor de idade. Ela então trancou Soon-Yi no quarto, chutou-a e bateu nela, e ela e André cortaram o pagamento de sua faculdade. Mia então me telefonou no meio da noite várias vezes para me dizer que Soon-Yi estava tomada pela culpa, pensando em cometer suicídio. Ela é uma boa atriz, e quando você acorda às três da manhã e uma mulher histérica te diz que alguém vai se matar, isso é inquietante. É claro que Soon-Yi não podia usar o telefone e isso foi antes dos celulares. Pelo conselho de um vizinho psiquiatra bem conhecido, Mia foi convencida a enviar Soon-Yi para um famoso médico de cabeça. Assim que pôs o pé para fora de casa, Soon-Yi me ligou e disse que era claro que ela não estava pensando em se matar e que não tinha se arrependido de nem mesmo um único segundo que passamos juntos, mas Mia a havia trancado e estava violenta. Adendo: Mia bateu nela com um telefone.

Quando Soon-Yi descreveu essa situação anos depois, numa entrevista para a *New York Magazine*, o jornalista perguntou se havia testemunhas. Eu pensei: certo, no quarto do apartamento de Mia haveria pedestres, pedreiros, um ônibus de excursão de turistas estrangeiros, o Coro do Tabernáculo Mórmon, há sempre um grande movimento no quarto de Soon-Yi. Sem querer se meter em encrenca, a revista suavizou o relato de Soon-Yi e escreveu que Mia deu um tapa nela. Mas ela bateu com o telefone. Adendo ao adendo: Daphne Merkin, que escreveu a história sobre Soon-Yi para a *New York Magazine*, relatou como Ronan telefonou para a revista antes de a história ser publicada e os pressionou para engavetá-la. Os jornalistas não aceitaram, mas Ronan insistiu e então eles suavizaram vários pontos de forma a não ofender os Farrow. Exemplo: Daphne

e eu nos víamos num almoço realizado talvez uma vez por ano, se tanto, mas a revista inventou que éramos amigos próximos, para que parecesse que ela ficara inclinada a meu favor. E eu já falei sobre como eles omitiram que Mia bateu em Soon-Yi com um telefone. Os editores também planejavam colocar a história na capa, mas mudaram de ideia depois do telefonema de Ronan. Não foi o cúmulo da hipocrisia quando Ronan escreveu um livro criticando a NBC por tentar encobrir sua investigação a respeito de Harvey Weinstein? Mas acho que são dois pesos e duas medidas.

Ok, por que eu simplesmente não disse a Soon-Yi para largar tudo e vir morar comigo? Porque as visitas e a custódia dos meus filhos eram uma questão real e, por conselho do advogado, eu tinha que tomar muito cuidado até o assunto ser revolido. Eu estava tentando equilibrar os problemas de Soon-Yi com os meus próprios, com Dylan, Moses e Satchel, de quem Mia tinha a guarda, o controle completo e uma propensão a usá-lo como peão se necessário. Aconselhei Soon-Yi a “segurar as pontas”, o que se traduzia em eu ainda não ter a menor ideia de como lidar com aquilo e só poder dizer que, quando Mia tentasse bater nela, que ela se esquivasse.

Tudo isso aconteceu em poucas semanas. Depois que Soon-Yi teve uma sessão introdutória com um dos melhores psicanalistas de Nova York, pediram que Mia o encontrasse. O médico só precisou de uma sessão com ela para ver que mulher desequilibrada e perigosa Mia era e instantaneamente interveio para proteger Soon-Yi. Primeiro, pediu que eu colocasse dinheiro no banco para garantir os estudos dela. Claro que fiz isso. Ela poderia voltar para Drew, apesar de sua mãe ter cortado a verba. O psiquiatra achava que era urgente que Soon-Yi se afastasse da mãe. De forma fortuita, o irmão de Soon-Yi havia trabalhado num acampamento de verão, e Mia começou a insistir que Soon-Yi também arrumasse um trabalho lá. Era no Maine, e Mia achava que ela ficaria em segurança longe de mim, enquanto o psiquiatra de Soon-Yi achou que ela ficaria segura longe de Mia. Porém, o fato é que Soon-Yi e eu nos amávamos e sempre nos falamos pelo telefone. O pessoal do acampamento contou isso para Mia. Não demorou para ela explodir mais do que nunca, e Soon-Yi odiou o acampamento e as noites congelantes do Maine. Ela voltou a Nova York, sem ousar ir para o apartamento de Mia, e se mudou para a casa de uma amiga cuja mãe sempre havia sido uma pessoa mais preocupada com Soon-Yi do que sua própria mãe apática.

Mia se afastou de Soon-Yi por um tempo e não demorou para estarmos juntos de novo. Não queríamos que ela morasse comigo porque eu estava

enrolado nas negociações para a visitação e a custódia dos meninos, e teria sido impossível argumentar no tribunal se estivéssemos morando juntos. Mia sabia que estávamos apaixonados e, enquanto os advogados me pressionavam e ameaçavam, eu via os meninos da forma mais escassa, distorcida. Eu tinha acesso legal, porém, mais importante do que o acesso, Mia tinha a guarda. Fantasias de sequestrá-los, pegar Soon-Yi e navegar para os Mares do Sul para viver de mangas e cocos cruzaram minha mente, mas levá-los para comer um cachorro-quente no Papaya King na Rua 68 era mais prático. Foi por volta dessa época que Mia fez a famosa e arrepiante ligação para minha irmã e lhe disse: “Ele pegou minha filha, agora vou pegar a dele”.

O que parece que Mia quis dizer é que, sabendo o quanto eu amava Dylan, ela estava embarcando num plano para que eu não pudesse mais vê-la. Os sentimentos de Dylan não importariam. A perda do pai, que ela amava, não importaria. Ela seria usada para realizar uma vingança. O plano feio de Mia seria complicado, mas será que já estava se formando em sua mente? Outra ligação injuriosa, dessa vez para mim, terminou com: “Tenho algo guardado para você”. Eu brinquei que colocar uma bomba debaixo do capô do carro não era uma reação proporcional, ao que ela retrucou: “É pior”. Mia estava tão furiosa e incoerente nessas ligações perversas, que aconteciam a qualquer hora do dia ou noite, que fico surpreso que ela estivesse suficientemente no controle para planejar uma estratégia mais complexa do que tocar a minha campainha e sair correndo.

Tentativas de amenizar a situação não funcionaram e acho que é fácil para mim dizer que ela era a parte machucada, mas aonde ela levou sua raiva foi além do limite do compreensível até o imperdoável, alcançando o inconcebível. Não foi apenas maligno comigo, mas horrendo com a pobre Dylan, que tinha acabado de fazer sete anos e era jovem demais para ter um ponto de vista. Ela também não se importava com os efeitos causados em seu estimado filho Satchel, que foi ensinado a odiar o pai estuprador desde os quatro anos de idade. Moses já era adolescente e não era tão fácil manipulá-lo. Apesar de ter passado da idade vulnerável da lavagem cerebral, sua lealdade nesse ponto era ambivalente em relação à sua mãe. Tentei em vão recorrer à razão: nosso relacionamento havia deteriorado, tinha anos que não éramos mais íntimos, Soon-Yi não era uma criança, mas uma universitária, ela claramente não era retardada, não era menor de idade. Sim, foi uma bagunça, mas não podíamos tentar resolver a bagunça que eu assumia que causara nos acalmando e tentando explicar as coisas para as crianças que certamente ficariam melhor se

pudessem conversar sobre isso e não ser inflamadas ou assustadas? Gritar que foi estupro não é um pouco de histeria? Ajuda dizer às pessoas que ela é menor de idade quando ela não é? E por que ameaçar “pegar a minha filha”? As crianças devem ser usadas para promover vingança? Você quer mesmo privar Dylan de um pai para me castigar? Não há limites para sua vingança?

E que coisa horrível é essa que você planejou para mim? Não há como acalmar os ânimos e fazer o que é melhor para as crianças? Sobre meu amor por Soon-Yi, Moses comentou: “As crianças reconheceram que era incomum, mas o relacionamento em si não foi nada devastador para a nossa família comparado à insistência da minha mãe em fazer dessa traição o centro de nossas vidas dali em diante”.

Visitei a casa de campo de Mia num sábado, no começo do verão, para fazer um churrasco com os meninos. Esse foi um direito negociado temporariamente. E, é claro, não dormi no mesmo quarto que Mia, mas num andar diferente, numa parte diferente da casa, num quarto de hóspedes. Sejam quais tenham sido as festividades e linguças, vaguei por lá tentando aproveitar meus poucos momentos com Dylan, Moses e, se fosse possível, Satchel. Voltei ao meu quarto para encontrar um bilhete que Mia havia prendido à porta, que dizia: “Abusador de crianças no churrasco. Molestou uma filha e agora está atrás de outra”. Eu sabia que Mia gostava de dizer às pessoas que eu havia abusado de sua filha menor de idade, quando na verdade Soon-Yi já tinha vinte e dois anos, e claro que nosso amor, que resultou num casamento que continua por mais de vinte anos, não chegou nem perto de abuso. Lembre-se de que esse bilhete horrível que ela prendeu à minha porta foi antes de qualquer sugestão de abuso. Ela estava preparando o terreno para uma cilada? Pelo bilhete, supus que Mia estivesse mentalmente fora de controle e nunca me ocorreu que ela estava armando uma falsa acusação. Quem pensa dessa forma? Algumas semanas depois do bilhete maluco, ainda antes da alegação, ela telefonou para Susan Coates, a psiquiatra de Dylan, e disse: “Ele precisa ser detido”. A doutora Coates me alertou sobre a questão e depôs a meu favor no tribunal. Em retrospecto (algo em que sou bom), é óbvio que a falsa acusação de abuso seria seu plano pior do que me matar.

Então, em 4 de agosto de 1992, eu voei para Connecticut para ver meus filhos conforme negociado por nossos advogados. Foi uma tarde sem acontecimentos. Mia saiu para fazer compras enquanto eu via TV numa sala cheia de gente alertada para ficar de olho em mim. (Leia o relato de Moses. Ele estava lá.) Fui até a piscina sozinho enquanto eles continuavam a me vigiar. Fiz

uma ligação ou duas para matar o tempo. Logo Mia voltou. Estava determinado que eu ficaria no quarto de hóspedes e Mia e eu jantaríamos mais tarde para discutir mais detalhes da custódia e das visitas. Logo o Sol se pôs e a noite caiu no campo e fui me certificar de que a imagem de Mia podia ser refletida num espelho. Saímos para comer algo rápido na cidade. Devo dizer que a atmosfera era gelada. Tudo o que faltava era eu dar as costas para ela virar o conteúdo do anel dela dentro da minha bebida. A conversa foi esparsa, mas civilizada. Nada brilhante da minha parte, nenhum momento Joan Crawford da dela. E assim voltamos para casa, eu nos meus aposentos isolados, batendo pestana enquanto agarrava o atizador da lareira caso Dick ou Perry aparecessem, ou mesmo Mia, já que eu me lembrei de que ela havia me enviado um cartão hostil no dia dos namorados, com uma faca de cozinha enfiada cruelmente num coração. Na manhã seguinte, eu me levantei, tomei café da manhã, passei uma hora com Dylan e Satchel enquanto eles verificavam em delírio cada brinquedo num catálogo de loja de departamentos que queriam que eu levasse na minha próxima visita. Foi uma grande manhã para nós três. Quem diria que seria a última? Enfim eu voltei à cidade, voltei à minha vida, sem mosquitos e grato por estar no asfalto e por permanecer por um bom tempo sem espinhos grudados na minha roupa.

No dia seguinte, fui a uma visita agendada com a psiquiatra de Dylan, com quem eu me aconselhava para tentar fazer o que fosse melhor para as crianças. Susan Coates me deu então a notícia de que eu estava sendo acusado de abuso sexual e ela tinha de relatar isso às autoridades. Era a lei.

Fiquei estupefato e não pude acreditar. Achei a ideia como um todo absurda. Disse que não tinha problema, ela podia fazer a denúncia. Coates iria testemunhar que, diferentemente de predadores reais, eu não tentei dissuadi-la de denunciar. Isso porque eu não havia feito nada e supus que qualquer pessoa sã não levaria a sério a ideia de eu molestar alguém.

O que aconteceu foi que, durante minha visita, enquanto Mia ia fazer compras, depois de explicar a todos que eu tinha de ser vigiado com cuidado, todas as crianças e babás ficaram na saleta vendo TV, então a sala estava cheia de gente. Não havia assento para mim, então me sentei no chão e posso ter apoiado minha cabeça no sofá, no colo de Dylan, por um momento. Certamente não fiz nada impróprio com ela. Eu estava numa sala cheia de gente assistindo à TV no meio da tarde. Alison, a babá nervosa dos filhos de uma amiga de Mia — incitada por ela a ser hipervigilante —, relatou à sua patroa, Casey, que, num certo ponto, coloquei a cabeça no colo de Dylan. Mesmo que

isso tenha acontecido, foi totalmente inofensivo e totalmente apropriado. Ninguém disse que eu molestei Dylan, mas, quando Casey telefonou para Mia no dia seguinte e contou que sua babá havia relatado que minha cabeça estava no colo da minha filha, Mia correu para Dylan. De acordo com Monica, a babá, ela disse: “Eu o peguei”. A cabeça no colo, com o tempo, iria se transformar em eu molestando Dylan no sótão, mas essa reinterpretação do cenário da música de Dory Previn viria depois.

Naquele ponto, a ideia de que eu poderia precisar de um advogado criminalista nunca teria surgido no meu radar. Eu tinha um advogado de família que ia e voltava com frequência do escritório do advogado de Mia, mas nunca me ocorreu nem por um segundo que um acontecimento totalmente inexistente, obviamente criado por uma mulher que buscava vingança, iria se transformar nessa cavalcada internacional, uma industrioseidade que custaria milhões e milhões de dólares e tocava muitas vidas.

Por sinal, eu havia sido vítima de uma acusação falsa quando tinha uns vinte e poucos anos, e se a de Mia foi um período Lebre de Março, olha isso: eu tinha 25 anos. Trabalhava como comediante. De repente, recebi um telefonema do meu empresário informando que uma mulher estava me processando. Ela alegava que eu era Ferdinand Goglia. “Quem?”, você pergunta. Ferdinand Goglia, seu marido havia muito desaparecido. De repente, recebo uma papelada enviada pela sra. Goglia. Ela me viu na TV, meu empresário me contou, e alegou que eu era o marido que a havia abandonado. Devia ser alguma brincadeira, retruquei, enquanto nuvens cúmulos-nimbo se reuniam sobre minha cabeça. Não, disse meu empresário, ela diz que Ferdinand, um mecânico de carros, costumava fazer as mesmas piadas que eu fazia quando ela me viu na televisão. Ele havia fugido dela. Eu usava os mesmos óculos que ele e deveria lhe pagar pensão alimentícia. (Eu disse que era maluquice. Eu era Ferdinand Goglia?)

Enquanto o advogado maluco levava a coisa a sério, a bandeira na Becker and London, minha firma de advogados, foi levantada e meu salário começou a ser gasto. Eu precisava ir ao tribunal me defender. Acredite ou não, eu tinha de provar que não era Ferdinand Goglia e que nunca havia me casado com Annabel Goglia. É surreal. Dava para ver que meu advogado estava se perguntando se era possível que a mulher estivesse dizendo a verdade. Eu poderia ter me casado sob um nome diferente e depois pulado fora? Meu advogado perguntou isso a Jack Rollins. Meu empresário o acalmou, assegurando que eu não era o marido fujão acusado, mas até ele estava dando um tiro no escuro. Por tudo o que Jack Rollins de fato sabia sobre minha vida

pregressa, eu podia ser um caloteiro enganador. Então, o que me salvou após meses e muita grana preciosa gasta com meus advogados? Apenas o fato de que a mulher era mesmo louca de pedra e, quando eu fui ao tribunal (tentando não me vestir com nada nem mesmo vagamente parecido com o que eu imaginava que Ferdinand Goglia teria vestido), não apareceu. Nós levamos todas as provas que pudemos reunir e finalmente foi decidido pela corte que eu não era o ex de Annabel, que era muito mais velho do que eu, que havia fugido dela, e isso não era nenhuma surpresa. Ela era uma surtada e graças a deus que nunca mais deu as caras.

Então, de volta à minha aventura surreal mais recente. Tente imaginar de onde estou vindo. Eu nunca havia colocado um dedo em Dylan, nunca tinha feito nada com ela que pudesse ser ao menos interpretado como abuso; aquilo era uma completa invenção do início ao fim, cada partícula subatômica daquilo, em nada diferente do tal de Goglia. A completa falta de lógica parecia encerrar as coisas para mim. Digo, não faz sentido por que um senhor de 57 anos que nunca foi acusado de nada impróprio em sua vida, enquanto estava no meio de uma disputa litigiosa bem pública por custódia, se dirigiria até um ambiente hostil no campo, pertencente à mulher que mais o odiava, e, numa casa cheia de gente solidária a ela, esse homem, que está empolgado por ter recentemente encontrado o verdadeiro amor de sua vida, uma mulher com quem ele se casaria e teria uma família, de repente escolheria essa hora e esse lugar para se tornar um molestador de crianças e abusar de sua filha de sete anos que ele amava. Isso desafia qualquer bom senso. Especialmente por eu já ter estado sozinho com Dylan muitas vezes no meu apartamento durante tantos anos e, se eu fosse mesmo esse demônio, teria muitas outras oportunidades de agir como um. Ainda assim, fazia total sentido para a mulher zangada que anunciou que iria me tirar minha filha e que tinha um plano pior do que a morte para mim recorrer ao clichê mais comum da guerra de custódia, acusando o homem de abusar da criança.

E, ainda assim, apesar da obviedade disso tudo, logo ficou claro que essa história da carochinha, que nunca ocorreu em nenhum tempo ou espaço, havia sido colocada em ação e que não iria desaparecer, mas sim dar frutos, como eu disse, transformando-se numa industriiosidade. Não parecia suspeito para ninguém que tinha sido Mia quem havia levado a ideia de abuso para Dylan? Ela não foi até a mãe e disse que havia sido tocada. Mia é quem foi até Dylan e lhe fez essa sugestão. Dylan negou. Mia precisava que ela mudasse a negativa. Ela a levou à médica, em busca de algo que pudesse usar como prova. A

médica, por sua vez, perguntou a Dylan se ela havia sido abusada. Dylan continuou a afirmar que não. Mia a levou “para tomar um sorvete” e voltou ao consultório, onde a menina de sete anos, de alguma forma, mudou sua história.

Nós vemos esse padrão repetido seguidamente, como Moses descreveu de forma tão clara. Isto é, ser influenciado, ameaçado, até surrado, para aprender a repetir histórias falsas conforme Mia as ditava. Os relatos angustiantes de Moses confirmam isso. “Num verão, o papel de parede estava sendo reaplicado”, Moses escreveu, “eu me preparava para ir dormir e encontrei uma trena. Ela me lançou um olhar fuzilante (...) e perguntou se eu a pegara, já que a estava procurando o dia todo. Fiquei na frente dela, congelado. Ela perguntou por que estava na minha cama. Eu disse que não sabia, talvez um operário tivesse deixado lá. Ela me perguntou a mesma coisa várias vezes. Quando eu não dava a resposta que ela queria, me dava um tapa no rosto, derrubando meus óculos. Afirmou que eu estava mentindo e mandou que eu falasse para os meus irmãos que havia pegado a trena. Em meio a lágrimas, eu a escutei explicar que iríamos ensaiar como havia acontecido. Ela iria entrar no quarto e eu diria que sentia muito por ter pegado a trena, que eu a tinha pegado para brincar e que nunca mais faria isso. Ela me fez ensaiar essa cena pelo menos uma dúzia de vezes. Esse foi o começo de sua influência, da pressão, das encenações e dos ensaios — em essência, era uma lavagem cerebral.”

Mia então sujeitou Dylan a gravar um vídeo nua por alguns dias para tentar fazê-la contar a história que inventara. E, fracassando em criar uma fita que convencesse alguém — na verdade, o tiro saiu pela culatra e mostrou a técnica de influência pesada que ela utilizava com os filhos —, em desespero, ela permitiu que o material a que só ela tinha acesso chegasse até a Fox News. Uma exploração egoísta e não muito materna de sua filha de sete anos.

Moses se lembra: “Foi [a babá] Monica que depois testemunhou que havia visto Mia gravando Dylan descrever como Woody havia supostamente tocado nela no sótão, dizendo que Mia levou dois ou três dias para fazer a gravação. No depoimento [de Monica], ela disse: ‘Eu me lembro da sra. Farrow dizendo para Dylan, na época: Dylan, o que o papai fez? E o que fez em seguida? Dylan não parecia interessada e a sra. Farrow parava de gravar por um tempo, daí continuava’. Posso comprovar isso, pois testemunhei parte do processo com meus próprios olhos. Quando outra das terapeutas de Dylan, a dra. Nancy Schulltz, criticou a gravação do vídeo e questionou a legitimidade do conteúdo, ela também foi demitida imediatamente por Mia”.

Novamente, é uma questão de bom senso: por que uma mãe sujeitaria uma criança de sete anos a ficar nua diante de uma câmera durante uma gravação prolongada a respeito de algo que, se fosse verdade, seria uma experiência traumática, senão para criar um espetáculo na tentativa de prejudicar o pai? Então não era óbvio o que estava acontecendo? Precisava até mesmo de uma investigação?

Ainda assim, não foi uma, mas houve duas grandes investigações. Uma realizada pela Clínica de Abuso Sexual Infantil do Hospital Yale-New Haven, que a polícia utilizava para sondar essas questões, e outra pelo Departamento de Bem-Estar Infantil do estado de Nova York. Diferentemente de tantas mulheres que prestam queixa de agressão sexual apenas para terem suas denúncias varridas para debaixo do tapete, a acusação de Mia foi levada muito a sério. Seria acompanhada por um juiz, investigada por um grupo de especialistas, incluindo os mais renomados — os já mencionados profissionais da Clínica de Abuso Sexual Infantil do Hospital Yale-New Haven, que foram acionados pela polícia. Reproduzo abaixo o parecer deles:

É de nossa opinião especializada que Dylan não foi abusada pelo sr. Allen. Além disso, acreditamos que as declarações de Dylan gravadas em vídeo e as declarações dadas a nós durante nossa avaliação não se referem a fatos que ocorreram com ela em 4 de agosto de 1992 (...). Ao desenvolver nossa opinião, consideramos três hipóteses para explicar as declarações de Dylan. Primeiro, que as declarações eram verdadeiras e que o sr. Allen abusara dela; segundo, que as declarações de Dylan não eram verdadeiras e foram criadas por uma criança emocionalmente vulnerável que foi incluída em uma família perturbada e que respondeu ao estresse familiar; e terceiro, que Dylan foi instruída ou influenciada por sua mãe, a sra. Farrow.

Enquanto concluimos que Dylan não foi abusada sexualmente, não podemos decidir se a segunda fórmula ou a terceira em si é a verdadeira. Acreditamos que provavelmente uma combinação dessas duas fórmulas explica melhor as alegações de abuso sexual de Dylan.

Este é um bom momento para apontar que o motivo por que Dylan foi levada por Mia a um psiquiatra pediátrico muito antes de tudo isso ocorrer foi que nossa filha tinha sérios problemas em separar a realidade da fantasia? Quero dizer, como a mãe dela poderia ter encontrado um traço mais fácil para convencê-la de que foi abusada? Uma garotinha que acaba de completar sete anos, que estava em tratamento porque, sob circunstâncias normais, tem problemas em separar o que era real do que era fantasia, é tirada de um pai amoroso para sempre, colocada nas mãos de sua mãe fora de controle durante uma crise emocional confusa, a qual sugere que ela foi abusada. E então suas negativas são refinadas por anos de contato apenas com a mãe e, com o tempo,

ela é ensinada a acreditar que, de fato, foi molestada. Não fui eu quem sugeri essa história de que Mia a instruiu. Isso foi uma conclusão que a investigação de Yale trouxe.

Além da investigação de Yale, a acusação de abuso foi desprezada pelos investigadores do Departamento de Bem-Estar Infantil do estado de Nova York, que examinaram o caso meticulosamente por catorze meses e chegaram à seguinte conclusão, de acordo com a carta que recebi em 7 de outubro de 1993: “Nenhuma evidência crível foi encontrada de que a criança nomeada neste relato foi abusada ou maltratada. Esse relato, portanto, foi considerado infundado”.

Mas antes que Dylan falasse com os investigadores, foi realizada uma audiência de custódia. Ainda há gente que pensa que essa audiência foi algum tipo de julgamento e que de alguma forma eu passei por poucas e boas. Ainda há pirados que acham que me casei com minha filha, que pensam que Soon-Yi era minha filha, que acreditam que Mia era minha esposa, que creem que adotei Soon-Yi, que juram que Obama não é americano. Mas nunca houve nenhum julgamento. Nunca fui acusado de nada, ficou claro para os investigadores que nada jamais ocorreu.

O que se seguiu nos meses posteriores foi um frenesi e um desperdício idiota de dinheiro, principalmente meu. Psiquiatras foram entrevistados, pediatras, detetives particulares foram contratados, assessores de imprensa se fartaram, os tabloides se esbaldaram. A audiência de custódia aconteceu diante do juiz Eliot Wilk, que me odiou desde o minuto em que colocou os olhos em mim — e quem poderia culpá-lo? Na perspectiva dele, uma mãe linda, maravilhosa e que adotou crianças deficientes confiou num namorado gosmento, calculista, um cafajeste que seduziu sua filha 35 anos mais jovem do que ele, e explorou a pobre universitária tirando fotos pornográficas. Tudo o que faltava para ele formar meu retrato era um calabouço no meu porão, onde eu mantinha estudantes acorrentadas na parede. Dá para entender a primeira impressão do juiz Wilk, uma impressão que ele nunca perderia, apesar de todas as evidências contrárias. Wilk tinha uma visão política liberal e, na época, tinha um pôster do Che Guevara na parede. Mais tarde, descobri que ele não era tanto o nobre protetor de mulheres que fingia ser para ter a aprovação de Mia. Na verdade, se tentar tirar vantagem sexual de uma mulher com base na disparidade da posição de alguém é assédio, Wilk está se retorcendo no banco do #MeToo. Ele e eu não nos gostávamos e nenhum dos dois tentou esconder isso, o que não contou em meu favor numa batalha em que era ele quem decidia. Não consegui conquistá-lo quando fui citado na imprensa dizendo: “Este caso precisa de um Salomão, mas, infelizmente, temos Roy Bean”.

Não muito depois da audiência de custódia, Wilk morreu de um tumor cerebral, o que foi irônico, já que uma revista me perguntou, no começo do processo, se perder a custódia dos filhos não era a pior coisa que poderia acontecer comigo e eu disse que não, a pior coisa seria ter um tumor cerebral inoperável. Essa resposta honesta não pegou bem com os justiceiros de plantão, que sentiram que eu tinha dúvidas sobre minha dedicação como pai. Mesmo assim, eu não estava mentindo. Então, o que aconteceu? O pobre juiz teve exatamente o que eu havia mencionado. Um tumor cerebral fatal. Eu odiava o juiz, mas me senti mal quando ouvi que ele tinha sido diagnosticado de forma tão trágica. Os mais calejados ao meu redor não foram tão tocados pelo fardo dele e comentaram com sarcasmo que essa foi a única vez em toda a carreira de Wilk em que a justiça de fato foi feita. Mesmo assim, não consigo ver isso como uma resposta proporcional do destino, apesar de tudo o que ele me causou.

A opinião pública também caiu em cima de mim quando, ao discutir meu amor por Soon-Yi, eu disse que o coração quer o que ele quer. Acharam egoísta, mas pouca gente ou ninguém percebeu que eu estava citando Saul Bellow

citando Emily Dickinson, e não de fato descrevendo minha própria filosofia. Enfim, a maldade irresponsável de Wilk se estendeu muito além da minha experiência com ele. Um psiquiatra infantil me confessou que os piores casos de sofrimento para crianças com que ele lidou vieram, inevitavelmente, de maus julgamentos realizados no tribunal de Wilk. Outra mãe sofredora disse que o juiz deu uma sentença contra ela porque teve de adiar a data de uma audiência para cuidar do aniversário de um de seus filhos, mas ele não quis saber. Outra mulher me disse que ele decidiu a favor dela, mas se recusou a incluir em seu julgamento condições para que o veredito fosse cumprido, então foi como se ela tivesse perdido a causa. Finalmente, a talentosa fotógrafa Lynn Goldsmith me contou a seguinte história: ela havia estado diante do juiz Wilk num caso em que ele tinha decidido a favor dela. Um dia depois, ele apareceu no apartamento de Lynn sem se anunciar e tentou dormir com ela. Lynn resistiu e apontou que ele era casado, mas de nada adiantou. Wilk insistiu, mas ela se livrou dele. Isso não seria tirar proveito de seu status? Esse foi o tipo de homem de quem eu fiquei à mercê. Ainda assim, quando a investigação de Yale concluiu que Mia provavelmente havia instruído Dylan e que nenhum abuso havia acontecido, senti que ele deveria ao menos ter dado uma olhada mais justa nas coisas. Porém, era claro que ele estava profundamente decepcionado com os resultados da investigação e se esforçou para encontrar algum ângulo que preservasse sua honra, finalmente criticando os especialistas de Yale por destruir suas anotações. Por acaso, esse é o procedimento-padrão utilizado não apenas pela Universidade de Yale, mas também pelo FBI, para proteger a privacidade dos envolvidos. Eu posso imaginar, entretanto, que, se o pessoal de Yale tivesse concluído que molestei Dylan, o fato de que destruíram as anotações estaria longe de ser uma questão.

A investigação da polícia foi encabeçada por Frank Maco, que contratou os especialistas de Yale. A dra. Coates, psiquiatra de Dylan, achou que o departamento de polícia do Connecticut era antissemita, o tipo de ficha que nunca gostei de jogar. Enquanto ela estava em Connecticut sendo interrogada, um dos policiais lhe disse: “A srta. Farrow fez o que deveria ter feito quando a menina foi abusada. Ela rebatizou todas as crianças”. O pobre Maco deve ter ficado devastado quando Yale concluiu que não havia ocorrido abuso. Ir para o tribunal com um caso tão célebre teria feito sua carreira, mas não se ele perdesse, e quando a verdade decantou, ele teve que entender com tristeza que quaisquer fantasias que poderia ter de usar o caso Farrow para avançar em seus sonhos de glória tinham ido por água abaixo. Ele manteve o caso aberto por

meses, durante todas as audiências de custódia, o que não serviu a nenhum propósito exceto dar uma grande ajuda para o lado de Mia. Mas, por quê? O que eu havia feito para ele para que quisesse me ferir dessa maneira? As já mencionadas Sandy Boluch e Judy Hollister descreveram individualmente que, quando trabalharam na casa de Mia, Maco aparecia sem ser anunciado de tempos em tempos fedendo a colônia barata (nas palavras delas), e que Mia se arrumava, se maquiava e ia almoçar com ele. Isso aparentemente era a ideia de Maco de conduzir uma investigação imparcial, sem preconceitos.

Com certeza foi curioso quando Maco finalmente largou o caso e disse que poderia ter seguido, mas não queria incomodar Dylan. Vários advogados me disseram que ele não foi muito ético, e um artigo no *New York Times* concordou com eles, chamando o comportamento de Maco de uma violação de minhas liberdades civis. Que tentar manter viva a questão da minha inocência ou culpa (apesar de ficar concluído que não houve abuso) foi, sem dúvida, um presente para Mia. Mas vamos ser honestos, você realmente acha que ele finalmente fechou o caso porque não queria magoar Dylan? Essa desculpa foi dada por um palhaço que sujeitou a pobrezinha de sete anos a interrogatórios policiais, que nunca disse nada sobre Mia tê-la gravado nua e nunca deu nem um pio quando a supermãe arrastou Dylan para um médico que deixou a pobre criança inconsciente com um anestésico para que pudesse inspecionar a vagina dela em busca de qualquer mínima prova, mas claro que não encontrou nada. Acho que gente razoável vai discordar que foi a preocupação com Dylan que levou o promotor público Maco a deixar esse caso de lado.

A verdade é que Maco era um pobre coitado que acredito que teria dado seu braço direito e os dois da Dylan para entrar com o processo se tivesse a menor chance de vencer. Claro, quando os próprios especialistas da investigação que você mesmo contratou concluem que nada aconteceu, que a menina dizia coisas inconsistentes, que ela havia contado aos especialistas que não havia sido molestada e que nunca esteve no sótão com seu pai, e que ela parecia ter sido talvez instruída pela mãe, as chances de condenação perdem a maior parte de sua força. Ele havia favorecido Mia, que podia encantar o mais sofisticado dos homens, quanto mais um bufão que pode ter fantasiado que seria o cavaleiro que a salvaria. E, finalmente, se você não acredita em mim, aqui está o que o juiz Wilk escreveu em relação à alegação de Maco de que ele tinha motivos para processar: “As evidências sugerem que é improvável que [Allen] possa ser processado com sucesso por abuso sexual”.

Durante os procedimentos no tribunal, eu fui muito ingênuo. Supus que, se alguém cometesse perjúrio, essa pessoa iria para a cadeia, mas isso não pareceu importar quando os outros disseram as mentiras mais deslavadas diante da corte. Mia alegava sob juramento que eu estava me consultando com um psiquiatra por causa de relações não apropriadas com juvenzinhas. Quando isso foi completamente desmentido, ela não sofreu nenhum tipo de penalidade por sua declaração mentirosa. Uma pessoa contou que viu Dylan chupar o meu polegar. (Moses disse que em todos esses anos que passou perto da gente, jamais tinha visto isso. Claro que ele não viu, porque nunca aconteceu.) Mesmo assim, apesar de essa invenção passar bem longe da verdade, Ronan escreveu anos depois que eu forçava meu dedão em sua boca. E, ainda, o laçao de Mia contatou Stacey Nelkin e perguntou descaradamente a ela se ela mentiria e diria que era menor de idade quando saímos. Claro que ela não concordou.

Eis um detalhe divertido: a equipe de Mia me acusou, recentemente, de usar garotas de programa para sexo ilícito. Eles faziam qualquer coisa para me pintar como um asqueroso. Eu neguei; eles alegaram que tinham provas. Continuei a negar, mas pude ver meus advogados se entreolhando, perguntando-se se eu estava sendo honesto com eles. Os malvados mandaram suas provas: cópias da fatura de um cartão de crédito com o meu nome e uma relação de valores de serviços prestados por um monte de acompanhantes e virtuosos das massagens. Mantive minha negativa e todo mundo me olhava torto. Acontece que, numa análise mais atenta, concluía-se que o dono do cartão era outra pessoa que se chamava Woody Allen, algum pobre cara do Meio-Oeste esteve em Nova York e se serviu de uma penca de prostitutas. Quem sonharia que haveria outro Woody Allen? Preciso me lembrar disso da próxima vez que receber um pedido para fazer alguma ação beneficente.

Onde eu estava? Ah, sim, os liberais sempre tiveram um grande gosto em serem decepcionados por mim. Murray Kempton foi um ídolo. Ele veio um dia para cobrir a audiência e me detonou em sua coluna seguinte. Ele acabou comigo por ter uma bateria de advogados diante de um ou dois da Mia. Mas eu precisava de advogados para a custódia das crianças, além disso, eu estava sendo acusado de um crime — abuso sexual —, então precisava de advogados especializados em direito criminal. Mas ele fez parecer como se eu fosse um cara rico e poderoso com muito dinheiro e muitos advogados contra aquela pobre mãe traída. Eu me perguntava por que ele não olhava mais profundamente as acusações falsas de abuso e por que ele pegou tão pesado comigo porque eu não conseguia me lembrar do nome exato da loja de sapatos

onde tinha levado meus filhos para fazer compras. Kempton realmente tinha preparado tudo para mim, e eu me lembro que alguns anos antes ele gostava dos meus artigos na *New Yorker* e queria fazer uma entrevista comigo. Fiquei lisonjeado e disse ok, mas eu não queria dar entrevistas para o *Post*, já que na época era um tabloide particularmente terrível. Ele insistiu nisso. Disse que era para onde ele escrevia. Na verdade, ele era um liberal combativo bacana, mas eu não queria contribuir de nenhuma forma com o *Post* naqueles tempos, então me segurei firme e recusei a entrevista. Ele esperou um longo tempo para ficar quite, só que ele ficou mais do que quite. Gloria Steinem era outra jornalista a quem eu realmente admirava e que se voltou contra mim. Ninguém parecia interessado em buscar o que era pelo menos um possível erro da justiça. Steinem simplesmente aceitou a acusação como verdadeira, e por mais perspicaz que ela tenha sido no decorrer dos anos, aqui ela errou.

Outro momento espantoso no tribunal foi Alan Dershowitz gritando com um advogado “Perjúrio! Perjúrio!” do banco das testemunhas. A questão foi que meus advogados acusaram Dershowitz de dizer que podia fazer o caso todo sumir por sete milhões de dólares. Quatro advogados numa sala testemunharam que ele fez essa oferta. Ele negou furiosamente. Sua mãe assistia, orgulhosa, da plateia do tribunal, enquanto o filho se apresentava. Mas eu entendo e sempre disse abertamente que não acho que foi a extorsão que meus advogados acharam que era, mas uma tentativa de evitar que tanto Mia como eu entrássemos num conflito público feio. Eu me lembro de ele dizendo que a questão não deveria ir à corte, devendo ser resolvida de forma discreta, poupando nós dois da lama pública. Ele e Mia calcularam os gastos com a escola dos meus filhos, pela vida toda até a faculdade — três crianças, pensão, colégio particular, faculdade. Enfim, essa máquina de calcular chegou aos sete milhões de pratas. Mas eu não aceitei. Eu disse que não me importava com a má publicidade. Nunca abusei de Dylan e não iria negociar nem por uma moeda.

Eu não tinha medo da verdade e não iria comprar o silêncio. Eu não podia me preocupar menos com minha reputação. Estava pronto para ir a julgamento e declarar com total honestidade que nunca abusei de ninguém na minha vida, e estava pronto para defender essa alegação publicamente. Deixe Yale investigar. Deixe o estado de Nova York investigar. Recebi de bom grado a notícia da contratação desses especialistas. Fiz o teste do detector de mentiras com alguém da polícia de Connecticut por quem tenho o maior respeito, Paul Minor. Ele foi o chefe dos examinadores de polígrafo do FBI de 1978 a 1987.

Passei no teste com facilidade, mas, quando pedimos a Mia para fazer o mesmo exame, ela se recusou. Eu sei que tinha a verdade do meu lado, o que agora sei não é garantia de nada, e aquelas abotoaduras William Steig que minha tia Molly me deu no meu *bar mitzvah*, que retratavam um homem com uma lança atravessada no corpo e a legenda “As pessoas não são nada boas”, eram uma ideia que remetia a Anne Frank.

Resignado com o fato de que eu precisaria de um advogado que entendesse tudo e mais um pouco de custódia de filhos e outro criminalista que fosse experiente, apesar de ser um total novato nessas áreas, acabei com dois profissionais de peso ao meu lado: Sheila Riesel e Elkan Abramowitz. Elkan é um homem alto, um democrata liberal que encabeçou a divisão criminal da procuradoria do Distrito Sudeste de Nova York e atuou como assistente do vice-prefeito da cidade de Nova York e também como conselheiro especial da Comissão de Direito Criminal da Câmara dos Representantes dos EUA.

Elkan concordou em me ver e eu desembuchei a história toda. Ele instantaneamente disse que agora a estratégia de não falar com a polícia de Connecticut deveria ser revista. Elkan sentiu que minha história estava tão clara e consistente que disse que iria lá comigo e eu deveria contá-la à polícia. Meus advogados anteriores me impediram de ir e, devo dizer, por bons motivos. Nós concordamos em sermos interrogados pela polícia de Connecticut quando eles pediram. A única condição era que um estenógrafo estivesse presente para registrar o depoimento. Maco não queria nenhum registro de nada daquilo. Essa atitude não inspirou exatamente uma confiança em nossa equipe, então não fomos. Porém Elkan, depois de ouvir minha história toda, sentiu que era tão claro que eu era inocente que nós deveríamos ir. Eu fui, eles fizeram perguntas, eu respondi. Eles foram educados, de forma alguma hostis, nada daquela bobajada de policial bom *versus* policial mau.

Eu me lembro de um momento bizarro na semana seguinte. Eles perguntaram se eu poderia dar a eles uma amostra de cabelo. Eu não tinha muito de sobra, mas senti que podia fornecer uma mecha ou outra, e sugeri os fios brancos. Tiraram minhas impressões digitais, como faziam com os criminosos pelos quais eu era fascinado em minha juventude. Em seguida fizeram com que eu me sentasse para puxar alguns fios da minha cabeça. Como eu era uma celebridade, eles me deixaram a par de que estavam tirando meus cabelos com gentileza — me dando o tratamento “suave”, foi como colocaram. E, enquanto eu estava lá sentado, pela primeira vez percebi como seria para uma não celebridade, uma pessoa pobre, um homem negro. Eles não teriam

esse tratamento especial; seus cabelos seriam puxados sem dó, sem que sua dor fosse levada em consideração. Eu estava entrando em contato com o mundo real, e apesar de ser real para todo mundo, é mais real para uns do que para outros.

Entre as audiências, fui informado sobre uma ótima fonte, ainda que bem escusa. Um detetive particular com conexões no submundo que poderia desvendar os segredos de qualquer um, descobrir qualquer trama maligna contra mim e derrubar o caso que estava sendo erguido pela minha oponente. Ele foi ao meu apartamento e eu lhe dei a história tediosa em todos os detalhes. Eu lhe passei o número de telefone da minha oponente, seus hábitos diários, tudo o que pudesse ser útil. Ele partiu. Foi a última vez que tive notícias dele. Era um charlatão? Um agente duplo? Eu o desestimulei com algo que disse? Ele não fez nada para me prejudicar, apenas desapareceu.

Durante o redemoinho das audiências de custódia, duas profissões se expuseram como surpreendentemente decepcionantes. Uma foi a dos detetives particulares. Afinal, numa certa época, considerei me tornar um. Hipnotizado como eu estava por Sam Spade e Mike Hammer, eu me via tendo meu próprio escritório, com os pés sobre a mesa, o chapéu inclinado para trás, coldres nos ombros e uma bela secretária com uma queda por mim enquanto solucionava crimes muito além da alçada da polícia. A realidade de que eu teria sido surrado até a morte ou aparecido morto num beco com furos de bala nos dois olhos nunca me ocorreu.

Os idiotas que conheci e com quem lidei não tinham nada a ver com Bogart ou William Powell. Eram basicamente ex-policiais acima do peso com alguns velhos amigos ainda na ativa, o que lhes permitia ter um acesso mínimo a informações que até mesmo um aluno agitado do primeiro ano do colegial poderia arrumar. A ideia de eles perseguirem alguém sem cair num bueiro ou resolver um crime mais complexo do que atravessar a rua no sinal vermelho era absurda. Quanto a loiras fogosas, a possibilidade de Veronica Lake se empolgar por algum detetive pançudo que não teria sucesso nem mesmo com uma ninfomaníaca numa ilha deserta sem a ajuda da mosca espanhola me fazia rir. Era gastar muito dinheiro para obter pouco retorno.

Os outros fracassados eram os psiquiatras infantis. Era impressionante como eles se intimidavam com Mia. Alguns resmungaram em particular comigo que tinham de segurar as pontas ou seriam demitidos. Um psiquiatra infantil me ligou e implorou para que não fosse chamado ao banco das testemunhas, já que tinha tanto medo disso que passava a noite em claro. Outro, que não ajudou,

reclamou que não conseguia pegar Mia e Satchel separados e o primeiro passo do tratamento era colocá-la em outro cômodo.

Um psiquiatra me perguntou na cara dura se eu poderia ajudar seu filho a entrar no ramo do cinema, porque o garoto não tinha rumo na vida. Todo os psiquiatras pisavam em ovos com Mia, permitindo que ela evitasse que eu tivesse qualquer contato com meus filhos. O especialista que consultava Dylan em Connecticut recebia ordens de Mia, já que sua filha havia sido contratada por ela como algum tipo de secretária. O juiz Wilk, que supervisionava o caso, não achou nada de errado nisso quando coloquei a situação. Mas, até aí, esse é o mesmo cara que leu o relatório de Yale e ainda concluiu que não havia evidências de que Mia havia instruído Dylan. Isso apesar da investigação meticulosa prolongada de Yale em oposição à total ausência de investigação da parte dele. O que aquele mané estava fumando? E por que estava se desdobrando para encontrar alguma forma de ajudar Mia?

Durante a audiência, o relatório da Yale foi lido e os investigadores chamaram tanto Mia como eu em seu escritório para nos dar o veredito. Nós nos sentamos lá enquanto eles liam suas conclusões:

“Dylan não foi abusada pelo sr. Allen. A declaração dela tinha uma qualidade de ‘ensaio’. Provavelmente foi instruída ou influenciada por sua mãe.”

Ao que Moses acrescentou: “Essas conclusões se encaixam perfeitamente com minha própria experiência de infância: instrução, influência e ensaio são três palavras que resumem exatamente como minha mãe tentou nos criar.”

Mia se levantou com ódio. Ela é dada a crises de fúria, como tanto Moses como Soon-Yi descreveram e o relatório de Yale confirmou. Ela irrompeu para fora da sala. Eu disse adeus, ansioso para voltar a Nova York. Enquanto ia embora, conversei por um segundo com um dos investigadores, que me contou que Dylan foi muito inconsistente e até declarou, num certo ponto, que eu nunca a havia molestado e que ela nunca tinha estado no sótão comigo. Pouco depois, Sandy Boluch começou a trabalhar na casa de Farrow. Ela viu Dylan chorando e perguntou o que havia, e a criança lhe disse: “A mamãe quer que eu minta”. Pouco tempo depois, Dylan foi presenteada com uma nova boneca que havia sido recusada a ela anteriormente.

Apesar do preconceito óbvio da reação de Wilk ao relatório de Yale e seus comentários dúbios, para manter as aparências, seu relatório foi aceito como válido, extenso e concluído corretamente. A investigação levou seis meses, cada pessoa relevante concebível foi entrevistada. Dylan, nove vezes, além de Mia, as crianças, babás, empregadas e eu. Então, de repente, os sonhos de Maco e Wilk de bancarem heróis para Mia viraram fumaça. A audiência de custódia terminou e, como Maco, o juiz Wilk lutou para escrever um sumário que

pudesse provocar o máximo de danos a mim. O melhor que ele conseguiu fazer em seu esforço para torpedear o relatório foi o seguinte: “Estou menos certo... do que a comissão de Yale-New Haven de que as evidências se mostram conclusivas de que não houve abuso sexual”. Claro, Wilk baseou suas conclusões sem nunca ter feito investigação alguma, tendo como base apenas o pensamento mágico, enquanto Yale-New Haven investigou o caso minuciosamente por meses.

Se Wilk tivesse se sentado numa típica sessão de investigação de Yale, poderia ter visto algo como o que vou descrever. Veja só isso: Mia e eu estávamos ambos sentados diante de três investigadores profissionais e experientes num escritório em New Haven. Mia insistia que eu havia molestado Dylan, alegando que a pobrezinha tinha ficado tão perturbada pelo abuso que foi na mesma hora ao quarto ao lado, para os braços de sua irmã Lark, com quem costumava buscar conforto. Mia descreveu em detalhes como Dylan abraçou Lark, estremecida pela experiência, e se abriu com a irmã, que a acalmou. Eu, macaco velho que era, escutei cuidadosamente Mia dramatizar a história para os investigadores, e esperei para dar minha cartada. Eu a questioneei: “Você está dizendo que Dylan estava tão traumatizada que fugiu chorando para o abraço de Lark?”. Mia manteve-se firme, insistindo na necessidade da criança pelo socorro de sua irmã mais velha. “Por que você faz essa pergunta?”, os investigadores me questionaram. E eu então me ergui como Lincoln pronto para fazer seu discurso sobre não haver Lua cheia, apenas uma Lua minguante naquela noite e expliquei: “Porque Lark não estava em Connecticut quando Mia alegou que isso aconteceu. Ela estava em Nova York. Então, como Dylan pode ter corrido e a abraçado?”. Um silêncio desconfortável tomou a sala, e Mia, lutando por uma resposta e pensando rapidamente, disse: “Sei que Lark estava em Nova York na época, mas Dylan a abraçou espiritualmente”. Era esse o tipo de enrolação que eu tinha de enfrentar, e que, ainda que possa ter servido à base do juiz Wilk e de Mia, não enganou os investigadores.

Quanto à pergunta lasciva que as pessoas sempre me fazem: houve algum afago entre Maco e Mia ou Wilk e Mia? Acho difícil de acreditar, mas eu tendo a ser ingênuo nessas questões. Em *Pacto de sangue*, quando Fred MacMurray e Barbara Stanwyck estavam se beijando calorosamente no quarto de seu apartamento desmazelado enquanto a tela escurecia, eu achei que era para que não os víssemos pintando os ovos de Páscoa. Eu tinha desprezo por Maco e nenhum respeito por Wilk, mas é tudo o que posso dizer. Preciso declarar que

Wilk concebeu um plano de visita idiota, nocivo e vingativo para mim e as crianças. Vou explicar. Veja o que você acha.

Primeiro, nenhuma visita a Dylan. Como isso pode ser justo ou bom? Para mim ou para ela? Apesar de a investigação ter concluído que não houve abuso, eu ainda não podia vê-la. Graças a Wilk, a criança foi totalmente separada de seu pai, sob a égide de sua manipuladora e influenciadora mãe, que fez um vídeo dela nua, e nunca mais tivemos contato algum. Então, nunca pude falar com Dylan após a sentença. Com a sentença e toda a manipulação de Mia, nenhuma palavra ou bilhete foi trocado ou permitido entre nós desde que ela tinha sete anos. Isso foi um golpe brutal para mim e uma privação cruel para Dylan, mas o auge bem-sucedido do “Você pegou a minha filha, agora eu vou pegar a sua”.

Dylan contou aos investigadores de Yale: “Minha mamãe disse que o papai fez uma coisa feia, mas eu ainda o amo”. Dylan e eu tínhamos uma ligação forte, e o plano de Mia de levar minha filha teve um grande peso em mim e sem dúvida também numa criança que havia acabado de fazer sete anos e que perdeu um pai a quem era muito ligada. Eu adorava Dylan e passava o máximo de tempo que podia com ela na infância. Eu brincava com ela, comprava infinitos presentes, bonecas, bichos de pelúcia, Meu Querido Pônei. Naquela época, a FAO Schwarz era um paraíso para as crianças e eles costumavam me deixar entrar de manhã cedo, antes de abrirem para o público, para que eu pudesse fazer compras para Dylan e Satchel. Quando eu era menino, meu pai tinha um amigo milionário de Chicago que visitava Nova York a negócios de tempos em tempos e sempre queria que meu pai fosse seu motorista. Meu pai largava tudo para conduzir o sr. Lorenz. Certa vez, ele levou meu pai à FAO Schwarz e disse: “Compre o que quiser para o seu filho, por minha conta”. Meu pai me levou uma fantasia de caubói bem realista, incluindo dois revólveres com um tambor de seis balas. Eu tinha uns sete anos e fiquei empolgado. Ficou ótimo, mas enrosquei as esporas num lençol, caí e quebrei um abajur. Uma vez, quando meu pai teve sorte numa aposta, ele foi à FAO Schwarz e me comprou um enorme kit de química Lionel, porque eu havia demonstrado interesse por ciência. Preocupado com minha segurança, ele ligou para um amigo farmacêutico, leu a lista de todos os produtos químicos incluídos na caixa e perguntou quais eram perigosos, os quais jogou pela descarga, me deixando com metade do conjunto. Eu ainda consegui criar um corante laranja e tingi o casaco marrom-escuro de castor da minha mãe de laranja. Por algum motivo, isso a chateou e ela tentou me matar com um garfo de salada. Incluí essa cena em A

era do rádio. Eu me lembro de ela me perseguir pela casa, brandindo um sapato. Achei que teriam de ligar a mangueira nela como em *The Hairy Ape*.

Falando de sapatos, por acaso uma vez Dylan ficou apaixonada pelos sapatinhos vermelhos que Dorothy usava em *O Mágico de Oz*. Eu fiquei acordado até a meia-noite fazendo o departamento de figurino do meu filme criar um par a fim de que pudesse deixar na cama dela, para que ela o encontrasse de manhã.

Fiquei destroçado quando o plano de Mia funcionou e o juiz a favoreceu, se certificando de que eu não veria mais Dylan. Por um ano, tive sonhos em que ela voltava para mim, mas toda tentativa de vê-la, lhe escrever ou conversar com ela quando eu estava acordado era frustrada. Quando Dylan ficou um pouco mais velha, imaginei que iria perceber como havia sido usada e escrevi para ela, apenas cartas breves, doces, afetivas, perguntando como ela estava. Sem chance. As cartas foram todas interceptadas por Ronan e eu recebi respostas curtas e evasivas que começavam com: “Contei a Dylan sobre sua carta e ela não está interessada”. Em *Interlúdio*, de Hitchcock, outro relacionamento anormalmente bizarro entre mãe e filho se desenrola. Claude Rains e sua mãe recebem Ingrid Bergman em sua casa e eles lentamente a envenenam, como Mia fazia com a pobre cabecinha de Dylan. Eles desconectam o telefone de Bergman, para que ela não possa ter contato com Cary Grant. Por fim, ele a resgata, mas isso é um filme. Na vida real, se eu tentasse o mesmo que Cary Grant, não iria passar do porteiro.

Finalmente, escrevi para Satchel e disse: “Vocês sempre abrem a correspondência de sua irmã e leem?”. Não tive resposta, exceto que, se eu realmente quisesse ajudar, deveria mandar dinheiro. Eu já os estava sustentando generosamente de acordo com o que ficou determinado pela lei, mas, se Mia estava certa sobre Satchel ser filho de Frank Sinatra, então a verdade é que eu estava sendo extorquido.

Uma das coisas mais tristes da minha vida foi eu ser privado dos anos de criação de Dylan e só poder sonhar em mostrar a ela Manhattan e os prazeres de Paris e Roma. Até hoje, Soon-Yi e eu receberíamos Dylan de braços abertos se ela quisesse nos procurar, como Moses fez, mas até agora isso é apenas um sonho. Enfim, você acha que essa foi uma decisão judicial sábia, dadas as opções disponíveis? Acho que a sentença foi não apenas deliberadamente cruel comigo, como também catastrófica para Dylan, como você verá mais tarde.

Em relação a Satchel, a visitação supervisionada foi permitida. Mas por que supervisionada? Sem nenhum motivo lógico. “Supervisionada” significava que

uma pessoa contratada, com frequência uma pessoa diferente a cada semana, precisava estar presente durante as visitas. Por quê? Se nenhum abuso aconteceu, do que estamos falando? (Não que eu tenha sido acusado de encostar um dedo em Satchel, apesar de, em certo ponto, os registros escritos mostrarem que Mia estava tão desconectada que tentou vender a ideia de que eu poderia ter molestado os dois, mas, quando sua ideia não pegou com Satchel, e por Dylan ser mais vulnerável, Mia se concentrou nela.) Por que eu precisava ser supervisionado? Tudo o que fazia era confirmar para Satchel que seu pai deveria ser temido, que era uma ameaça. Mas eu o amava e queria vê-lo, então tive de aceitar a única alternativa dada por Wilk para visitá-lo, e, toda semana, após ouvir da mãe que eu era um estuprador, um monstro, o pobre moleque recebia uma mochila para fazer a viagem de uma hora e meia de Connecticut até Nova York para ficar com esse predador.

O psiquiatra do caso disse que a custódia deveria ir para o pai que não envenenasse a criança contra o outro. Tenha isso em mente quando você ler a seguir o que foi escrito por um juiz da corte de apelação que sentiu que as regras de visita para Satchel comigo eram restritas demais. Sua opinião veio de dois relatos feitos por dois profissionais de custódia experientes, Frances Greenberg e Virginia Lehman, ambos assistentes sociais independentes que foram encarregados de supervisionar as visitas com Satchel em Nova York.

Eles relataram suas conclusões para um dos juízes de apelação, J. Carro, que escreveu: “Há fortes evidências nos registros de observadores neutros que o sr. Allen e Satchel têm basicamente um relacionamento caloroso de pai e filho, mas que esse relacionamento está em risco, em grande parte porque o sr. Allen está sendo separado e alienado de seu filho pela atual custódia e pelos arranjos das visitas. Frances Greenberg e Virginia Lehman, dois assistentes sociais independentes contratados para supervisionar as visitas com Satchel, testemunharam como ‘o sr. Allen recebia Satchel abraçando-o, dizendo o quanto o amava, e quanta saudade sentia’. Também descrita por ambos os supervisores foi uma bela sequência na qual o sr. Allen poderia dizer ‘eu te amo tanto quanto o rio’ e Satchel iria rebater com algo como ‘eu te amo tanto quanto Nova York...’ Então, o sr. Allen declararia ‘Te amo tanto quanto as estrelas’, e Satchel falaria ‘Te amo tanto quanto o universo’. Infelizmente, também há o depoimento dessas testemunhas de que Satchel teria dito ao sr. Allen: ‘Eu gosto de você, mas não posso te amar’. Foi quando o sr. Allen perguntou a Satchel se ele podia lhe enviar um cartão postal de uma viagem planejada com a srta. Farrow e Satchel disse: ‘Não posso [porque] mamãe não vai deixar’. E, numa

ocasião quando Satchel indicou que queria ficar com o sr. Allen por mais tempo do que a visita marcada de duas horas, Satchel disse que não poderia ficar mais, que sua mãe havia lhe dito que duas horas eram suficientes. Talvez o mais perturbador seja que Satchel indicou ao sr. Allen que estava indo a um médico que iria ajudá-lo a não ver mais o sr. Allen, e indicou que deveria ir até esse médico talvez oito ou nove vezes, tendo, no fim, que não ver mais o sr. Allen, o que entra em contraste com o que aparentemente está sendo expresso para Satchel pela srta. Farrow sobre o sr. Allen. Foi relatado que o sr. Allen apenas disse coisas positivas a Satchel sobre a srta. Farrow e só transmite lembranças amorosas a Dylan por meio de Satchel”.

Meu deus, o que mais alguém precisaria para ver o que estava acontecendo na casa de Farrow depois que o juiz Wilk deixou as duas crianças exclusivamente com Mia? Os depoimentos dos dois assistentes sociais independentes são diferentes da lavagem cerebral constante que Moses testemunhou? Então, após meses de Mia envenenando a criança de cinco anos, a lavagem cerebral fez efeito. Supervisores profissionais são difíceis de serem encontrados e são caros, e monitores de meio-período vêm e vão. Jovens mulheres, talvez de idade universitária, talvez um pouco mais velhas, aparecem a cada dia de visita. Mia as preparava para os encontros comigo. Dadas as suas instruções às babás para que ficassem de olho em mim, armadas com uma ou duas coisas perversas que o juiz tinha dito sobre minha pessoa, ela mandava nosso filho, preparado para me desprezar, em sua jornada ao inferno de Manhattan. Seria como se eu tivesse dado às supervisoras o relatório de Yale antes de elas encontrarem Mia. Elas a veriam com olhos bem diferentes.

Naturalmente, conforme o tempo passava, a criança entrava em meu apartamento com a supervisora enjoada da viagem, beligerante, tomada de ambivalência, tendo sido ensinada que sou Moloque em calças de veludo Ralph Lauren. Então vem a droga de uma visita supervisionada, desconfortável e nada natural, o que significa que, em vez de um pai e um filho passando um tempo de qualidade fazendo algo juntos, há sempre uma terceira pessoa lá para se certificar de que eu não vou estuprar o pobre moleque. E não apenas isso. Se eu o levo para almoçar ou tomar um sorvete, há sempre uma terceira pessoa na mesa com a gente. Não posso levá-lo para passear sem a supervisora, para um jogo de basquete ou um filme sem gastar um ingresso a mais. A maioria das garotas que faziam essa supervisão era bacana; algumas eram simpáticas, podiam ver a horrenda injustiça do que estava acontecendo e se esforçavam o máximo que podiam para nos deixar sozinhos. Algumas, porém, eram idiotas e

ficavam intimidadas com a preparação venenosa de Mia. Elas dificultavam as coisas nas visitas, agindo como castradoras insípidas. Após um ano dessa bobajada, coloquei um fim nisso, percebendo que aquelas visitas não aproximavam Satchel de mim, só o afastavam ainda mais.

Isso é o que existe na corte matrimonial: caras como o juiz Wilk, homens caprichosos com o poder de comandar famílias. Em várias ocasiões, fui parado na rua por estranhos. Homens tristes implorando que eu os ajudasse a ver seus filhos que tinham sido tirados deles em brigas pela custódia. Um deles chorava. Como se eu pudesse intervir. Como se eu tivesse algum poder por ser uma celebridade. Enquanto isso, eu mesmo era supervisionado, e Mia tinha livre domínio sobre as crianças. E que horror ocorria sob seu domínio perverso. Moses estava lá quando esse pequeno episódio — que, como Blanche diria, “apenas o sr. Poe, sr. Edgar Allan Poe” — aconteceu.

Escute Moses, que estava lá e descreveu como as coisas aconteceram: “Depois que Ronan terminou a faculdade de direito, Mia o fez passar por uma cirurgia plástica para alongar as pernas e ganhar alguns centímetros de altura. Eu lhe disse que não conseguia imaginar fazer alguém passar por essa provação por motivos estéticos. A resposta da minha mãe foi simples: ‘É preciso ser alto para ter uma carreira política’. É claro que foi um processo longo e doloroso para Ronan, que teve as pernas quebradas algumas vezes e reconstruídas para que ficassem mais longas. O plano de saúde não viu a necessidade daquele tratamento e se recusou a pagar por ele. Claro que Mia e Ronan contam uma história diferente, mas foi o que aconteceu”. A história que criaram para explicar os problemas no joelho de Ronan, seu andador e meses de reconstrução foi que ele, na verdade, tinha contraído uma doença enquanto trabalhava no exterior. Isso deveria resolver a questão da cirurgia, mas Moses estava presente durante muitos dos processos dolorosos. Enquanto isso, Mia podia fazer Ronan passar por essa barbaridade de quebrar pernas para satisfazer o que ela planejou para o futuro dele, enquanto eu sou aquele que o juiz acha que precisa de supervisão.

Sim, Wilk me castigou, mas deixou duas crianças na custódia de uma mulher capaz de comportamentos bem duvidosos. As crianças se tornaram peões de um jogo e foram privadas de um pai amoroso, o qual foram ensinadas a temer e odiar. A pobre Dylan cresceu com uma história falsa de que sofrera abuso sendo martelada sem parar na sua cabeça. O mesmo aconteceu com Satchel. Crianças de sete e quatro anos, escolhas fáceis, totalmente dependentes da mãe controladora.

Eu não tinha nada contra os advogados de Mia. A corte é um lugar de adversários e a gente fica bravo com os truques sujos e as acusações perversas, mas os advogados são contratados e Mia poderia facilmente ter contratado os meus e eu, os dela. Tive dois advogados formidáveis: Sheila Riesel e Elkan Abramowitz, e eles apresentaram uma causa ganha. Mas, enquanto a bobajada do abuso era vista pelos especialistas, quando se tratou da corte matrimonial de Wilk, Sheila Riesel se encontrou numa competição injusta. Gostei de Alan Dershowitz. Creio que ele tentou encontrar uma forma de minimizar o dano em nossas reputações, mas não conhecia Mia bem o suficiente para saber que ela era uma mulher extremamente problemática, uma atriz convincente, em cuja palavra não se podia confiar. Talvez eu devesse ter dito algo quando Mia fez amizade, durante as audiências, com um oficial da corte de Wilk, que a levava do tribunal para casa muitas noites. Isso era jogar limpo? Certamente era um canal injusto para o juiz. Enfim, era tarde demais para jogar essa cartada.

Pessoas que seguiram os relatos dos jornais com frequência vêm dizendo que toda gente do show business tem vidas loucas. Ele é pirado e Mia não é melhor. Os dois são malucos. Muitos tratam nosso conflito com uma falsa equivalência. A verdade verdadeira é que, independentemente das minhas declarações ou das de Mia que eram publicadas nos jornais, as investigações sobre os fatos confirmaram cada uma das minhas palavras. Não foi uma simples disputa entre duas posições equilibradas, mas entre uma já determinada como válida e a outra bem examinada e concluída como falsa. Mesmo assim, isso não importou ao público. E por que deveria? Havia coisas bem mais urgentes a se prestar atenção no mundo do que as aventuras de tabloide de seres extravagantes e suas paixões de pastelão.

Então, assim, Soon-Yi e eu nos escondemos na minha cobertura, onde ficamos reclusos para evitar os paparazzi que cercavam o prédio. Fazíamos nossas caminhadas pela natureza no meu grande jardim localizado no terraço, entre a abundante e bela folhagem densa. Minha cobertura era o que eu fantasiava quando menino. De minhas tardes em cinemas escuros, onde eu olhava todos aqueles deuses e deusas de 35 milímetros jogarem cubos de gelo em copos de uísque e abrirem as portas francesas para o terraço, que revelava Manhattan. Por anos, morei num apartamento que poderia ser um set de filmagem acima da Quinta Avenida. Coloquei grandes janelas de vidro quase do piso ao teto, e minha vista da cidade era estupenda. Vi pores do sol e, durante tempestades elétricas, vi relâmpagos gigantes se estendendo da Ponte George Washington até o Battery. O trovão alto era precedido por um flash majestoso

sobre o Central Park West, sobre Nova Jersey, sobre a eternidade. Uma vez, vi um raio acender no céu a oeste e fazer um círculo perfeito, formando uma enorme letra o.

Certa noite, meu prédio foi atingido por raios — o corrimão do meu terraço, para ser mais exato. O prédio todo tremia enquanto blocos letais de pedra se soltavam da lateral e se despedaçavam na Quinta Avenida. Só a chuva intensa evitou que pedestres estivessem passando na rua e ninguém fosse atingido. O quarteirão ficou isolado por meses depois disso, enquanto o prédio era reparado. Apesar de o raio ter atingido vinte andares acima, os trabalhadores no porão sentiram o tremor.

Muito tempo depois, quando eu me sentava à minha máquina portátil Olympia e escrevia durante tempestades de raios, fiquei nervoso pela possibilidade de um raio atravessar o vidro e atingir a máquina, fazendo churrasquinho de mim enquanto eu martelava uma sátira marota de costumes contemporâneos. Tempestades de neve e nevascas eram uma experiência diferente, mas igualmente incríveis. Acordar numa manhã de inverno e ver cada polegada do Central Park coberta de neve; a cidade, silenciosa e vazia. Talvez um caminhão vermelho de bombeiros atravessasse o branco perfeito. Muito se extrai de um caminhão vermelho contra a neve no Central Park ao lado de galinhas brancas. Corta. O mesmo grande fervor ocorria quando vinha abril e se podia ver as árvores florescendo. Primeiro de leve, no dia seguinte um pouco mais. Então passavam-se mais uns dias e bum! O verde se espalhava por todo lado e a primavera vinha a Manhattan. No Central Park se via botões e pétalas se abrindo e o ar tinha um cheiro de nostalgia que fazia você querer morrer. Por quê? Porque é lindo demais para suportar; a glândula pineal secreta um sumo melancólico indizível, e você não sabe onde colocar esses sentimentos que pisoteiam dentro de você e deus que lhe perdoe se nesse ponto sua vida amorosa não estiver indo bem. Pegue o revólver.

O outono é uma questão totalmente diferente, mas não menos emocional. Para mim, é a melhor época do ano. Veja, o verão em Nova York é uma coisa feia. É quente, úmido, todo mundo vai embora e sim, você pode circular com menos trânsito, mas é sem graça com todos os seus amigos longe e tudo meio pegajoso. Enfim, vem o outono e a cidade começa a efervescer. Nova-iorquinos voltam de férias, o clima esfria. Quando eu era moleque no Brooklyn, os verões eram uma bênção porque significava que não tinha aula e eu podia jogar bola o dia todo e ir ao cinema. Era divertido, mas mesmo então o outono significava que todas as garotas bonitinhas voltavam dos acampamentos, e, apesar do

pesadelo dos livros e da escola à espreita, pelo menos havia uma certa anatomia sigmoide para acelerar a pulsação. Nunca fui a um acampamento, eu odiava a ideia, e tentei só uma vez, por um dia. O lugar era exaltado como se fosse Shangri-La. Eu me inscrevi como monitor júnior, peguei o trem para o interior, avalei a situação e imediatamente liguei para meu pai ir me buscar. Sempre preparado para encenanças, ele chamou seu camarada Artie, um sujeito fortão com uma perna paralisada e, armados, eles pegaram o carro para me resgatar daquele acampamentozinho judaico fofo. Não é preciso dizer que não houve tiroteio.

Por fim, quando você olhava da janela da minha cobertura e via as folhas mudando de cor, era, ao mesmo tempo, chocante e revelador. Chocante porque os vermelhos e amarelos da natureza superam todos os tubos de pigmentos, não importa quão inspirados sejam os pintores que os combinem, e revelador porque as folhas logo morrem e caem à moda de Tchékhev e você sabe que um dia irá secar e cair; o mesmo ritual bruto idiota vai tomar todos os seus doces neutrinosinhos, e para quê? Por outro lado, é tudo uma questão de perspectiva. Para um ser humano, as folhas de outono são maravilhosas. Para uma folha vermelha ou amarela, posso garantir que elas acham o verde mais agradável.

Então aqui estou eu, esse cara com uma cobertura de Cedric Gibbons, no vigésimo andar em Nova York, mas algo que a Metro-Goldwyn-Mayer não te conta nem nunca mostra nos seus filmes é que coberturas vazam. Nenhum desses apartamentos com terraços de luxo onde a vista é empolgante e Robert Montgomery tira um cigarro, bate na carteira e sorri para Carole Lombard e, diferente de mim, não se esquece de abrir a chaminé quando há um fogo à toda na lareira, jamais tem nem mesmo uma única infiltração. Vivi na minha cobertura por trinta e cinco anos e ela nunca deixou de ter vazamentos. Chamei engenheiros, arranquei o jardim e refiz o telhado, calafetei e coloquei placas de cobre e, ainda assim, quando chovia, vinham os baldes, porque quando eu digo que vazava, eu não falo de umas gotinhas desconcertantes, mas sim de baldes que enchiam rápido. Eu tinha que mandar pintar o apartamento inteiro todos os anos.

Ainda assim, era como estar apaixonado por uma grande, linda, exasperante mulher. Como Louise. As vantagens superavam correr para colocar os baldes quando chovia, e eu provavelmente ainda estaria lá se Soon-Yi e eu não tivéssemos filhas e precisássemos de mais espaço. E quando Soon-Yi e eu criamos nosso rebuliço e viramos alvo de desejo de cada paparazzo, nós nos entocamos por semanas na cobertura, demos nossos passeios no grande jardim

lá em cima e foi exatamente o tipo de “você e eu contra o mundo” que, num filme, faz as pessoas se apaixonarem ainda mais, o que de fato aconteceu. Quanto ao casamento, nenhum de nós tinha grande necessidade de formalizar nosso relacionamento. Nós dois sentíamos que nenhum contrato valia o papel em que era impresso se as partes não estivessem. Nós nos amávamos e não havia necessidade de recorrer ao legislativo. Definitivamente não iríamos nos casar, e pronto. Então nos casamos. Por quê? Não por motivos românticos, mas estritamente financeiros. Eu adorava Soon-Yi e sabia que era muito mais velho e podia morrer a qualquer momento. Se eu morrer, quero que ela fique legalmente amparada para receber tudo o que tenho automaticamente, sem percalços. Como a lei garante que a esposa fique com tudo com a morte do marido, eu insisti no casamento.

Por mais prática que tenha sido nossa razão para nos casarmos, a cerimônia foi bem romântica. Optamos por uma união silenciosa, secreta, com a presença apenas de minha irmã e um ou dois amigos. Nós nos casamos em Veneza, uma cidade que ambos amamos. O prefeito nos casaria em segredo num escritório em seu prédio. Ninguém saberia. Todos os arranjos foram feitos sem que ninguém além dos envolvidos soubesse de nada. Num dia frio de dezembro, em 1997, Soon-Yi, minha irmã e uma amiga próxima, Adriana Di Palma, viúva do câmera Carlo Di Palma, caminharam pela ruas de Veneza enquanto eu, como James Bond, contava até quinhentos e, então, no apagar das luzes, saía secretamente da nossa suíte no Gritti Palace e pegava uma gôndola, passando por vários canais, para chegar no mesmo prédio para onde elas rumavam, só que vindo de uma direção diferente. Levados separadamente para uma sala reservada, o prefeito nos casou. De forma discreta, Soon-Yi e eu partimos mais uma vez separados, deixamos o prédio sem sermos notados e, tomando rotas diferentes, nos encontramos novamente no hotel. Quando entramos na nossa suíte, o telefone estava tocando. Era da coluna social do *Post*. Ouviram que estávamos em Veneza e que acabávamos de nos casar. Olhei debaixo da cama antes de consumarmos as bodas. Nossa lua de mel continuou quando dois dias depois fomos para o Ritz, em Paris, e então o segredo já havia ganhado as manchetes. Soon-Yi e eu éramos marido e mulher. A notícia teve pouco efeito no mercado financeiro, apesar de as ações do laboratório que fabrica o Xanax terem subido dez pontos na bolsa.

Revido minha experiência no cinema com Mia, com exceção de *Maridos e esposas*, quando tudo explodiu, eu teria de dizer que foi interessante, com altos e baixos criativos. As coisas pegaram fogo com Mia na última semana de

filmagens de *Maridos e esposas*. Naturalmente, o ar estava repleto de tensão, ainda assim conseguimos completar as filmagens, rangendo os dentes e ambos sendo bem profissionais. Mia não estava exatamente adorando a ideia de trabalhar comigo, tendo acabado de descobrir que eu tinha um caso com Soon-Yi. Eu não adorei que Mia telefonasse para as pessoas dizendo a todos que eu havia estuprado sua filha retardada menor de idade. *Maridos e esposas* foi o último filme que Mia e eu faríamos juntos.

Começamos treze anos antes com *Sonhos eróticos de uma noite de verão*. Sempre quis fazer um filme que prestasse uma homenagem aos prazeres e à beleza do campo. Não me pergunte o motivo. Eu odeio o campo, mas a ideia da magia e da música de Mendelssohn atizou minha imaginação. Então construímos do zero a casa em que se passa a história. Filmamos no mato, em uma propriedade que pertencia à família Rockefeller num fim de mundo tão assustador que mais parecia *Sleepy Hollow*. Eu esperava fazer pelo campo o que tentei fazer por Manhattan nos meus filmes sobre Nova York: mostrar o cenário com amor. O fato de que eu não amava nem um pouco aquilo não importava. Afinal, eu era um artista, um criador, um tecelão de sonhos, um palerma que se achava demais. Mia foi excelente, e adorei trabalhar com José Ferrer, cuja cultura e refinamento em temas que iam de Shakespeare a jazz me impressionavam. Quantos atores se pode contratar para um papel que requer cantar uma *lied* de Schubert, que de fato conheça uma de cor e seja capaz de cantá-la? Vimos a casa perfeita para a história num livro sobre arquitetura. Ela existia em algum lugar do Meio-Oeste. Nós copiamos o exterior vitoriano de forma exata e a reconstruímos na propriedade Rockefeller, em Pocantico Hills, no interior do estado de Nova York.

Depois que o filme foi lançado, fomos processados pelo dono da casa original por ter roubado seu design. Acho que ganhamos essa. Por sinal, quando o filme ficou pronto, alguém comprou nossa casa. Os proprietários a transportaram para Long Island, refizeram o interior de acordo com códigos legais de engenharia e arquitetura e moram lá até hoje, espero que felizes. Rodei *Zelig* simultaneamente e já descrevi a força emocional de trocar de tom toda hora. Ninguém assistiu a *Sonhos eróticos de uma noite de verão*, mas *Zelig* obteve um sucesso muito maior. Era um filme muito mais fácil, já que o objetivo era fazer com que parecesse com um documentário com imagens de época. A comédia sexual, por outro lado, acontecia num único dia, mas foi rodada durante três meses, e manter a luz consistente conforme as estações mudavam foi um verdadeiro feito. Ficávamos pintando de verde as folhas marrons.

Meu filme seguinte com Mia foi *Broadway Danny Rose*. A gama de papéis que consigo interpretar é, digamos, limitada. Posso interpretar um intelectual, o que pareço fisicamente, mas, como eu disse, é apenas atuação. Pareço um devorador de livros, então posso ser um na tela; sou crível como professor universitário, talvez psiquiatra, advogado, um profissional culto. Mas por causa do que sou naturalmente, também posso interpretar um pilantra. Posso ser um

vigarista pé de chinelo, um apostador, um trambiqueiro. Danny Rose era um cara das ruas, um perdedor ignorante, um pilantrinha.

Nesses anos, eu costumava levar Mia para o Rao's, o grande restaurante italiano que dispensa apresentações. Deixe-me descrever desta forma: um casal do Texas telefonou e queria fazer uma reserva. Estava vindo a Nova York e ouviu como a comida era fabulosa. Frankie, que cuidava do lugar antes de sua triste morte precoce, disse que podia lhes arranjar uma mesa para dali a catorze meses. Mia e eu frequentemente conversávamos sobre interpretar um personagem como Annie Rao. Annie e Vincent cozinhavam e comandavam o lugar. Annie era uma personagem fabulosa, com seu penteado loiro armado e o cigarro sempre pendurado na boca, seu sotaque nova-iorquino, seus pimentões assados. Ah, e seus óculos escuros perenes. Então essa era a Mia em *Danny Rose*. Era bem diferente da costumeira Mia Farrow, e ela fez um baita de um trabalho. Foi um filme divertido de se fazer e pude trabalhar com alguns grandes atores. Alba, a mulher do pássaro, tinha todos aqueles passarinhos falantes e deu um para Mia, e o danado falava que era uma beleza.

Nick Apollo Forte interpretou o padrinho italiano com quem Danny tinha que lidar, já que era um pequeno empresário, e Nick fez um grande trabalho. Fiz testes com todos os cantores possíveis e imagináveis para aquele papel, de Jimmy Roselli a Robert Goulet, e filmei vários deles. Eu não conseguia decidir entre as várias possibilidades, então chamei minha estrela do Norte, Keaton, e lhe mostrei os testes de câmera. Ela disse que Nick Apollo era o cara, e isso era tudo o que eu precisava ouvir, já que minha fé no gosto dela era inabalável. E Keaton estava certa. Ele era um ator nato. Era um piadista de Massachusetts que veio de uma dessas famílias italianas — pescadores, pelo que me lembro. Ele me contava histórias sobre como eles ganhavam a vida jogando dinamite na água e, quando um cardume de peixes boiava, eles tinham a pesca do dia. Nick nunca tinha feito um filme, e achei que ele ficaria tomado por uma gratidão humilde quando, de todos aqueles belos cantores, nós o escolhêssemos para o papel principal, mas ele simplesmente disse: “Você me quer, precisa incluir o meu baterista. Ah, e escrevi uma música que quero usar”. Nós de fato contratamos o baterista, que era bom. Nós também usamos “Agita”, a música que Nick “escreveu”, que falava sobre um estômago nervoso e era ótima. Observação: fomos processados por causa dessa música, porque um cara alegou que Nick a tinha roubado dele. Não lembro como a coisa terminou.

Meu próximo filme foi *A rosa púrpura do Cairo*. Eu considero um dos melhores filmes que já fiz, e vindo de *Danny Rose* te dá uma boa ideia da

amplitude de Mia e de como ela ficava cada vez melhor a cada trabalho. Originalmente, escolhi Michael Keaton, um ator maravilhoso, para o papel de Jeff Daniels, mas houve dois problemas. Michael parecia tão contemporâneo na tela que eu tinha dificuldades em comprá-lo como um personagem dos anos trinta. Acrescente a isso que ele havia acabado de se tornar pai, o bebê o mantinha acordado a noite toda e ele compreensivelmente ia trabalhar com os olhos turvos. É difícil dizer a um ator que você vai substituí-lo, porque a insegurança natural sempre o convence de que fez isso porque você não gostou da interpretação dele. Substituímos Michael por uma nova descoberta de Juliet Taylor, uma que ela me incitou a verificar e resisti por preguiça, timidez, autodestruição, o que seja, mas, no minuto em que Jeff Daniels veio e fez a leitura, nós nos animamos. Sabíamos que havíamos tirado a sorte grande. Eis uma curiosidade bem sem sentido: filmamos uma parte do filme com Michael Keaton, incluindo uma longa tomada noturna feita de cima, num parque de diversões abandonado. A pequena figura à espreita não é Jeff Daniels, mas Michael Keaton. Imaginamos que ninguém perceberia a diferença, então por que ficaríamos acordados a noite toda, no frio, gastando uma fortuna para refilmar uma cena complicada? Enfim, eu disse que era uma curiosidade boba. Jeff correspondeu às nossas maiores expectativas e seguiu com uma bela carreira de atuação no palco e na tela.

Nunca faço exhibições de teste dos meus filmes. Não me interessa a colaboração dos expectadores para concluir os meus trabalhos. Quando entrego o material, está feito. A empresa pode fazer testes e preencher cartões de opinião se isso ajudar na estratégia de marketing, mas não me conte sobre isso porque não estou interessado nem vou mudar nada. Então, a UA testou *A rosa púrpura do Cairo* em Boston e recebi uma ligação animada de um dos executivos dizendo que tinha ido bem. Eu o agradei por seu telefonema atencioso. Em seguida, ele disse, cheio de dedos, que, se eu pudesse terminar de maneira mais alegre, o filme iria realmente faturar bem. Mas isso significava que Mia e Jeff Daniels teriam de ficar juntos de alguma forma, tipo como a sereia e Tom Hanks em *Splash*. Expliquei de maneira bem educada que isso não iria acontecer e ele graciosamente mudou de assunto. Eu tive o corte final, mas nunca tive de impor minha autoridade, sempre mantive boas relações com estúdios e distribuidores.

Uma vez, quando Harvey Weinstein estava distribuindo *Todos dizem eu te amo*, um filme que comprou por muito dinheiro, ele viu, odiou e pediu para eu tirar a palavra filho da puta de um rap que era cantado em uma das cenas.

Expliquei que não iria fazer isso. Ele insistiu que, se eu cortasse apenas essa palavra, o filme, um musical, poderia ser exibido no Radio City Music Hall. Eu falei que entendia, mas que não fazia filmes para satisfazer salas de cinema. Por acaso, apesar do que foi impresso nos jornais, Harvey nunca produziu nenhum filme meu. Ele nunca me financiou. Apenas distribuiu alguns filmes já prontos, o que fez bem. Além do talento para a distribuição, Harvey tinha um olhar para filmes incomuns, artísticos, e apresentou alguns deles para o mundo. Ainda assim, eu nunca teria permitido que Harvey financiasse ou produzisse um filme meu porque ele era um produtor que metia a mão na massa, que mudava e remontava o filme de um diretor. Nós nunca poderíamos trabalhar juntos.

Quanto a ter meu filme estreando no Radio City Music Hall, eu já tinha passado por isso uma vez e não tinha gostado. Não era um filme que eu dirigi, apenas escrevi — *Sonhos de um sedutor*. Não foi bem lá, saiu de cartaz depois de duas semanas e foi colocado num pequeno cinema de arte da Zona Leste, onde foi um sucesso. Além disso, não acho que a projeção no Radio City era tão boa. Tive a mesma decepção com a projeção no Ziegfeld. O projetor ficava longe demais da tela para ter um visual vívido, com cores saturadas. No fim, como eu me recusei a fazer o corte que Harvey pediu, *Todos dizem eu te amo* não foi permitido no Radio City, mas passou em tudo quanto é lugar e foi bem. Apenas bem. Então, *A rosa púrpura do Cairo* estreou com o final triste e também foi bem.

Originalmente eu tinha a ideia de que Mia iria interpretar uma cinéfila dedicada que se afasta de sua vida triste indo ao cinema (*c'est moi*) e, finalmente, um dos personagens do filme a que ela assiste, ao vê-la todo dia na plateia, conversa com ela, sai da tela, e eles têm um romance. Escrevi as primeiras cinquenta páginas e descobri que a história não ia a lugar nenhum, e assim essas cinquenta páginas ficaram na gaveta por meses. Então, um dia, me ocorreu: o ator da vida real que interpreta o personagem da tela, que conversa com Mia, vêm à cidade e, com dois homens idênticos, o ficcional que sai da tela e o ator de Hollywood que vai à cidade, muitas possibilidades se abriam. O roteiro de repente fluiu e eu fiz um dos meus filmes favoritos.

Depois disso, Mia e eu fizemos *Hannah e suas irmãs*. Eu tinha originalmente escrito o papel masculino principal para um americano. Tive uma chance de conseguir Jack Nicholson, que queria interpretar o papel, mas estava com Anjelica Huston, cujo pai, John Huston, estava tentando rodar *A honra do poderoso Prizzi* e, se ele conseguisse o dinheiro necessário, Jack seria obrigado a fazer o filme dele em vez de *Hannah e suas irmãs*. E aconteceu que Huston de

fato entrou em estúdio com seu *Poderoso Prizzi* e perdi qualquer chance de ter Jack. Por isso, me voltei para Michael Caine, apesar da minha resistência prévia de usar um ator inglês. Ainda assim, eu preferia ter um grande ator como Michael e me apegar ao fato de o ator ter que ser americano. O resultado final foi que Jack Nicholson ganhou um Oscar naquele ano como Melhor Ator e Michael Caine como Melhor Ator Coadjuvante. Dianne Wiest também ganhou um Oscar por seu trabalho em *Hannah*.

Wiest é outra amiga e ganhou dois Oscars por meus filmes. Ela é uma das nossas maiores atrizes e, mesmo num filme como *Setembro*, que não encantou as plateias por aqui — apesar de eu saber que foi bem em Zanzibar —, Dianne foi ótima. *Hannah* foi de fato rodado no apartamento de Mia e ela foi recompensada com uma reforma depois que o filme terminou. Eu dirigi Lloyd Nola, um feito que só perde para dirigir Van Johnson, porque ambos estavam em vários dos filmes a que eu assistia nos cinemas do Brooklyn quando era moleque. Lloyd descobriu um câncer enquanto atuava em *Hannah*, e enquanto isso exigia que ele descansasse entre as chamadas para o set, seu nível de energia quando interpretava nunca decepcionava. Em *Hannah*, também tive a chance de trabalhar com a mãe de Mia, que fez um grande trabalho e também era uma grande contadora de histórias. Maureen O'Sullivan quando jovem era linda de impressionar. E sexy. Tarzan era um morador das árvores de sorte. Maureen me contou que, quando atuou em *Um dia nas corridas*, teve uma quedinha por Groucho, mas nunca contou a ele. Consequentemente, ele nunca investiu nela. Nunca mencionei isso a Groucho, porque perder um lance com alguém como a Maureen podia ter causado uma trombose nele.

Uma das várias histórias animadas de Maureen era de quando ela era uma jovem atriz que despontava e Greta Garbo deu em cima dela. Pelo que Maureen contou, ela deu um perdido e dispensou qualquer avanço quando a secretária de Greta lhe disse: “Miss Garbo gostaria que fosse ao camarim dela”.

Lee, a atraente irmã de Hannah, foi interpretada por Barbara Hershey, uma atriz maravilhosa. Sempre quis trabalhar com Barbara, que era magnética na tela, e ofereci a ela o papel que Janet Margolin acabou interpretando em *Noivo neurótico, noiva nervosa*. Fiquei decepcionado quando Barbara recusou, já que eu curti muito sua profundidade de interpretação e senti que ela poderia dar uma grande contribuição ao roteiro que Marshall Brickman e eu escrevemos. Em *Hannah e suas irmãs*, eu finalmente pude trabalhar com ela, e como se o seu talento não fosse potente o suficiente, ela era uma delícia de se olhar e dava um novo sentido à palavra *eros*. Michael Caine me disse que ela dava a

impressão de que, se fôssemos até ela e a tocássemos, teria um orgasmo. E ali estava eu cumprimentando Max von Sydow todas as manhãs.

Às vezes eu não conseguia me dar conta do fato de que eu estava dirigindo o cavaleiro de *O sétimo selo*. Nesse grande filme, o personagem de Max quer realizar um fato significativo antes de morrer. Ele protege uma família que atravessa um bosque perigoso durante uma tempestade com a Morte à espreita. Tentei pensar se eu já havia realizado um ato significativo em minha vida, mas, além de fazer sinal para um táxi na chuva para uma velhinha na Sexta Avenida, não consegui pensar em mais nada. *Hannah e suas irmãs* estreou com uma grande recepção, e houve gente que quis mudar as regras do Pulitzer para que eu fosse premiado, mas roteiros não se qualificavam. Essa coisa toda das premiações é algo fora de controle. Shows de premiação obviamente são divertidos para as pessoas assistirem. E é claro que podem ser bem lucrativos para quem os produz, apesar de não pagarem nada para os astros que são homenageados. Penso no Golden Globe e no Kennedy Center. Até no Oscar. Pelo menos num Nobel você recebe uns trocados. Mas muitos prêmios só são dados se o vencedor concordar em aparecer para receber. Se não, eles dão para alguém que vai dar as caras. Obviamente não tem nada a ver com uma conquista genuína e tem tudo a ver com explorar um grande nome que quer uma massagem no ego. É de se impressionar que, em seus últimos anos, se você quisesse homenagear Orson Welles, ele o processaria?

Em *A era do rádio*, a atuação de Mia foi especial. Ela fez uma comédia pastelão e cantou. Seu filho Fletcher participou do filme e estava muito bonito. *A era do rádio* foi baseado por alto na minha infância. Bem por alto. Contrate grandes atores e saia do caminho deles. Esse sempre foi meu segredo como diretor. Isso e encerrar sempre às cinco. Dianne Wiest e Julie Kavner são totalmente incríveis. E aquela aparição de Cole Porter interpretada por Keaton. Adorei fazer aquele filme, e Jacqui Safra foi muito divertido no filme como o estudante na aula de oratória. Ele também foi o cara bem divertido na bicicleta ergométrica em *Memórias*. E o papel do Vingador Mascarado, um herói do rádio, foi interpretado por Wally Shawn. Fui apresentado a Wally Shawn por Juliet Taylor quando ela estava montando o elenco de *Manhattan*. Ele interpretou o ex-marido de Keaton, que ela sempre descrevia em termos opressores e sexualmente agressivos, e a persona de Wally não é assim. Ele é calmo e pensativo, naturalmente divertido. Quando filmamos sua cena em *Manhattan*, a equipe não parava de rir. Ele é um grande ator e um dramaturgo maravilhoso, escreveu o filme *Meu jantar com André*, uma obra carregada por

dois atores, e o diretor, Louis Male, pediu que eu interpretasse o contraponto a André Gregory, mas eu simplesmente não tinha a dedicação profissional para memorizar as longas falas. No fim, Wally interpretou o papel de forma muito mais brilhante do que eu poderia ter feito.

A gama de atuação de Mia era muito flexível. Ela podia interpretar a moça tola dos cigarros em *A era do rádio*, em seguida, uma afetada colunista de fofocas e, então, dar um show no filme que se seguiu, *Setembro*, um drama que faz a seguinte pergunta: um grupo de almas torturadas pode aceitar suas tristes vidas quando dirigido por um cara que deveria ainda estar escrevendo piadas sobre sogras para colunistas da Broadway?

Aqui, como eu disse, eu queria fazer algo digno de Tchekov num set: as pessoas numa casa de campo, com emoções conflitantes e confusas. Estruturei o roteiro para que pudesse ser rodado dentro de uma casa num cenário que Santo construiu, com atores formidáveis, todos pegos em emoções ansiosas, efervescentes. Iria evocar um clima de fim de verão, melancólico, e eu seria aclamado como um poeta trágico e talvez um sanduíche recebesse meu nome na Carnegie Deli. Para um dos protagonistas masculinos, contratei Chris Walken, com que já havia trabalhado em *Noivo neurótico, noiva nervosa*. Ele interpretou o irmão louco de Annie Hall. Chris é um de nossos melhores atores e, quando as coisas não estavam funcionando, busquei o motivo disso no lugar errado. Estudei sua interpretação para entender o problema, mas eu deveria ter examinado o texto. Sempre olhe primeiro o texto quando algo não está funcionando. Conforme os dias passavam, Chris se sentia mais desconfortável no papel. Finalmente, da forma mais bacana e cavalheira possível, ele desistiu, me assegurando que me achava um diretor brilhante que teria um grande futuro quando eu resolvesse o problema de autoveneração iludida. Nós nos separamos em bons termos, mas sempre me arrependi de ter decepcionado esse grande ator. Substituí Chris por Sam Shepard, de quem eu gostava muito. Sam nunca ficou confortável recitando meu texto, sendo ele um excelente escritor, e preferiu mudar meu discurso toda hora. Nunca me importei com isso, e até hoje não me importo quando um ator prefere colocar as coisas em suas próprias palavras, desde que o ponto da cena seja cumprido.

Enfim, eu me dei bem com Sam e conversamos muito sobre jazz, já que seu pai tocava bateria. Sam tinha uma opinião bem ruim sobre mim como diretor e declarou publicamente que Robert Altman e eu não sabíamos nada sobre dirigir atores. Certo dia, encontrei com ele por acaso e conversamos sobre isso de maneira amistosa, franca, sempre na boa. Quando o pai de Sam morreu, deixou

uma caixa de discos de jazz e Sam mandou todos para mim de presente. Ele era um cara formidável e outro ator que decepcionei. Eu me perguntava se drama não era meu métier e talvez eu ficasse mais confortável com personagens pastelões usando narigões de borracha e brandindo bexigas de porco.

Setembro foi estrelado não apenas por Mia, mas por sua mãe, entre outros atores. Eu disse como ela era uma boa contadora de histórias e a animação em pessoa, e supus que o humor e a energia dela fossem se transferir para a tela na personagem extravagante, narcisista que ela interpretava: uma ex-atriz egoísta numa casa repleta de mortais menos empolgantes. Enfim, não funcionou. Quando terminei de rodar o filme, juntei tudo e vi o que tinha, era Tchekov, sim — Moe Tchekov, o encanador.

Não tinha edição criativa que poderia tê-lo salvado e decidi, num momento de grande demência, rodar *Setembro* todo de novo. Isso não é Erich von Stroheim como parece, já que o orçamento era baixo, o set ficava no estúdio e eu podia provavelmente fazer uma nova versão em seis semanas e sem exceder o orçamento original. Contei à Orion Pictures da minha decisão e, desde que eu não gastasse mais do que eles haviam me dado originalmente, aceitavam numa boa. Como os atores seguiram para outros compromissos, fui forçado a reunir um novo elenco. A mãe de Mia havia sido uma grande decepção e, por mais charmosa e extrovertida que fosse na vida, ela não era capaz de engatar a energia necessária para fazer a protagonista auto-obcecada. Como eu estava saindo com sua filha, não queria dispensá-la e não havia desculpas suficientes para poupá-la. Ela foi apenas ruim no papel.

Deus livrou minha pele e ela ficou doente, nada sério, mas o suficiente para não estar disponível, e eu a substituí por Elaine Stritch. De repente, o papel teve uma grande evolução. Stritch era um estouro. Era brilhante, forte, engraçada, ótima de se trabalhar e, como estava casada com um magnata inglês dos muffins, recebi caixas de muffins ingleses todo Natal por anos a fio. Como Maureen Stapleton, era um prazer provocar e insultar Stritch, e toda vez ela me superava e me tirava do chão com suas tiradas. Eu adorava quando levava Stritch para jantar num restaurante chique de Manhattan e ela colocava todos os pãezinhos dentro da bolsa para comer de madrugada. Mas, por melhor que ela fosse, não podia salvar meu texto, e apesar das performances maravilhosas de todos, *Setembro* afundou. Eu havia substituído Sam Shepard por um dos meus atores favoritos, Sam Waterston, e Dianne Wiest foi ótima como de costume. Mia também me deu uma das melhores interpretações de sua vida numa causa perdida.

Então, depois de provar que eu não era Tchekov, segui para provar que não era Ingmar Bergman. Fiz *A outra* e até usei o cameraman de Ingmar, Sven Nykvist. Como Sísifo, empurrei a pedra do drama sério morro acima e a satisfação estava na tentativa. Infelizmente, a pedra continuava rolando para baixo e esmagando não apenas a mim, mas também meus investidores, que não conheciam Camus e preferiam citar o falecido grande Jack Rollins: “Divertir é dinheiro”.

Muito tempo atrás, eu tive a ideia de que se podia ouvir conversas através dos dutos de aquecimento de um apartamento. Minha primeira tentativa de colocar isso em prática seria num consultório de psiquiatra e eu ouviria os pensamentos e necessidades mais íntimos de uma garota adorável, e como eu interpretava um mágico amador, eu planejava encontrá-la, começar um relacionamento e fazer com que todos os seus sonhos se realizassem, já que eu os conhecia. Essa é uma ideia que usei numa espécie de comédia romântica anos depois com Julia Roberts em *Todos dizem eu te amo*. Mas, anos antes, quando eu saía com Mia e ela estava grávida, eu tentava resolver três problemas: escrever uma história baseada nessa escuta clandestina, criar um papel que Mia pudesse interpretar grávida e, finalmente, me estabelecer como um grande mestre de dramas em estilo europeu.

Eu vim com uma ideia que se encaixava em dois dos três critérios, e a premissa não era ruim, apesar de um pouco pretensiosa e mal elaborada. Eu queria uma mulher (interpretada de forma soberba, é claro, pela grande Gena Rowlands) que vivia uma vida fria e insatisfatória. Queria que ela trancasse dentro de si tudo em sua vida que fosse desagradável, assustador e doloroso demais para lidar, mas a verdade acabava penetrando pelas paredes, através dos dutos. Era uma boa ideia e, em mãos mais habilidosas, poderia ter funcionado melhor. Fiz meu melhor, pude trabalhar com Gena e Gene Hackman, que fez uma ponta. Também pude trabalhar com Sven, que estava entre os vários caras ilustres com quem Mia havia tido um romance anteriormente. Eu me lembro de que, quando saí pela primeira vez com Mia; me senti muito em desvantagem. Ela era tão bonita e havia crescido entre a realeza de Hollywood. Conheceu todo mundo do cinema, de Bette Davis a Katharine Hepburn e Charles Boyer. Eu a levei para jantar no Rao's, antes fomos ver um filme do Bergman e ela me contou sobre seu romance com um cameraman brilhante, Sven Nykvist. No rádio do carro, a caminho do jantar, a sinfonia de Mozart estava sendo conduzida por seu ex-marido André Previn, um prodígio musical, e ela conhecia todos os grandes artistas de música clássica: Daniel Barenboim,

Vladimir Ashkenazy, Itzhak Perlman, Pinchas Zukerman. Enquanto isso, eu estava sentado lá tentando impressionar aquela bela loira de alguma forma. Então, no Rao's, a jukebox tocava Sinatra — que, para mim, era um deus, mas, para ela, outro caso, um ex-marido; milhões de histórias e piadas sobre Frank, sua família, Palm Springs, Vegas.

Quem eu conhecia? Mickey Rose, com quem escrevi *Um assaltante bem trapalhão* e *Bananas*, que jogava na terceira base quando eu jogava na segunda, e que deixava latas de atum pela cidade. Conhecia Marshall Brickman, um cara divertido que caminhava pelas ruas comigo, confuso como eu sobre como uma mulher com uma bela figura sabe instintivamente virar sua cabeça para o outro lado quando você está passando num carro tentando ver o rosto dela. E David Panich, que tinha uma arma carregada diferente sempre ao seu alcance em cada cômodo de seu apartamento porque suspeitava de um levante nazista iminente. Ela conhecia Comden & Green e Steve Sondheim. Eu conhecia Keaton, suas irmãs, sua Grammy Hall e George, o pensionista, que se recusava a jogar dados em Vegas porque acreditava que cada pessoa tinha uma cota de sorte na vida e ele não queria desperdiçar a sua numa mesa viciada. Mas estou enrolando. O filme seguiu em frente e, para mim, a única parte significativa dele foi que, pouco depois, Mia teve Satchel, que ela carregou pelo set durante o próximo filme.

Depois de *A outra*, participei de um filme chamado *Contos de Nova York*, que era composto de três curta-metragens, cada um assinado por um diretor diferente. Francis Coppola fez um, Scorsese fez outro, e eu fui responsável pelo terceiro. De repente, eu estava envolvido com dois grandes cineastas. Há uma foto de nós três na frente do Plaza Hotel e deveria ter a legenda: “Encontre o erro nesta foto”. Dois dos meus cineastas favoritos de todos os tempos e meu curtinha de comédia entre eles. Já conheci vários grandes diretores e ainda que não possa dizer que jamais cheguei próximo deles, aproveitei o curto tempo que passei com cada um.

Já jantei com Bergman e tivemos várias conversas telefônicas longas nas quais apenas jogamos conversa fora. Tínhamos as mesmas inseguranças que todos têm, de que apareceríamos no set e de repente seríamos tomados de pânico porque não saberíamos onde colocar a câmera. Acho que ele foi o maior diretor da minha época, e tinha o mesmo medo que eu. Se Bergman não sabia onde colocar a câmera para fazer a tomada mais eficiente, como eu iria saber? Mas, de alguma forma, apesar das ansiedades, nós sempre conseguíamos encontrar o lugar certo — ou pelo menos ele conseguiu. Bergman me convidou

algumas vezes para sua ilha, mas eu sempre recusei. Venerava o cara como artista, mas quem quer pegar um aviãozinho minúsculo para ir até uma ilha pertencente à Rússia, onde só há ovelhas e se come iogurte de almoço? Não sou tão dedicado assim.

Conheci Truffaut na casa de Sue Mengers. Ele e eu tivemos aula de idiomas com o mesmo cara, ele para aprender inglês e eu para aprender francês. Consequentemente, cada um de nós só sabe algumas palavras da língua do outro. Éramos como navios passando de noite. A grande barreira de corais do idioma. Mas ele gostava dos meus filmes e não preciso dizer que eu era louco pelos filmes dele. Trabalhei brevemente com Godard e jantei com Resnais, passei muito tempo com Antonioni, que era um grande amigo de Carlo Di Palma e um artista frio e magnífico. Sem humor nenhum, mas brilhante. Ele me disse que teve uma ideia para uma comédia e a contou a Jack Nicholson porque o queria para o papel, e Nicholson rachou o bico. Antonioni então lhe perguntou: “Achou engraçado?”. Ao que Nicholson rebateu: “Não, estou rindo porque você acha que isso é uma comédia”.

Conheci Tati, que me aconselhou a economizar dinheiro, a não ser que eu quisesse terminar num retiro de artistas, de onde ele tinha acabado de voltar após visitar um amigo. Nunca conheci Fellini, mas tivemos uma longa conversa ao telefone. Imagine isto: eu em Roma promovendo alguma obra boba minha e estava no hotel. As coisas estavam insanas, com entrevistas e imprensa, e o telefone tocou. Minha assistente atendeu e disse que era o Fellini. Nunca tendo o encontrado ou dito uma palavra para ele, imaginei que fosse um trote. Disse para ela dispensá-lo. Ela dispensou. Momentos depois, ele ligou de novo. É o Fellini, minha assistente repetiu. Eu apenas pedi que ela anotasse o número que eu ligaria de volta, pensando em verificar se aquele era mesmo o número de Fellini antes de fazer isso. Ele estava ligando de um telefone público, ela então me informou. Nesse momento, eu tive certeza de que era uma farsa, então lhe pedi para dispensá-lo mais uma vez. Cinco minutos depois, ele ligou de novo e eu estava louco para me livrar daquela chateação de uma vez por todas, mas ele me deu o número de sua casa para minha assistente e disse que ligaria no dia seguinte pela manhã. Foi aí que comecei a ficar um pouco nervoso, porque pensei: “Será que dispensei um dos meus ídolos? Um dos maiores artistas do cinema? Podia mesmo ter sido o Fellini e eu havia sido terrivelmente rude com ele? Mas por que ele iria telefonar para um palerma como eu que ele nunca encontrou, e de um telefone público?”.

Enfim, acontece que, quando verifiquei o número com Carlo Di Palma, era ele mesmo, então, como eu partiria cedo de Roma, telefonei antes de ir embora, naturalmente o acordando. Então me vi ao telefone com um gênio do cinema bem sonolento. Claro, fiquei envergonhado e pressenti um sinal vermelho, mas tivemos uma longa conversa. Ele gostava dos meus filmes (ou fingiu bem para um cara que acabava de acordar) e sentiu que nossos históricos tinham muito em comum. Quando saí, jurei ligar para vê-lo da próxima vez que eu fosse à cidade, mas daí ele já tinha morrido, talvez achando que eu falava sério.

Eles todos se foram: Truffaut, Resnais, Antonioni, De Sica, Kazan. Pelo menos Godard ainda está vivo, mas ele sempre foi um não conformista. A cena toda mudou e todos os caras que eu queria impressionar quando eu era jovem sumiram nesse abismo que parece existir por aí. Eu começo a chafurdar em *Weltschmerz*, mas num esforço de não causar pânico no leitor, vou voltar a Scorsese, Coppola e os três curtas que fizemos.

Mia foi a protagonista feminina no meu curta e eu o protagonista masculino. Sven filmou. Foi fofo e contribuí com minha própria história sobre uma mãe dominadora que desaparece num show de magia para o alívio de seu filho apenas para reaparecer sobre o céu de Manhattan para pressioná-lo e envergonhá-lo publicamente. Mia interpretou a moça não judia que me larga, e eu termino com Julie Kavner, a semita que satisfaz mais a família. Todos tiveram bons momentos. Exceto o pessoal que botou dinheiro no filme. Acho que era a Disney, e creio que os lucros gerados provaram novamente que filmes de antologia não são boas apostas de grandes bilheterias.

Em seguida, entra *Crimes e pecados* [*Crimes and Misdemeanors*] ou, como o fofinho do Moses costumava chamar, *Crimes and Mister Meaners* [*Crimes e o sr. Malvados*]. Novamente, houve problemas no roteiro. O filme tinha duas metades — uma dramática e outra mais cômica e satírica. As cenas de assassinato com Marty Landau foram ótimas e foi um prazer rodá-las. Marty participou das audições para o papel do irmão, porém, quando leu pela primeira vez o roteiro, disse que queria interpretar o assassino. Nós então perguntamos (esse *nós* foram só eu e Juliet Taylor): “Acha que consegue?”. Como todos os atores, ele respondeu que sim. E ele não apenas podia, como conseguiu. De todos os atores com quem trabalhei, Marty leu meu diálogo exatamente da maneira como eu ouvia em minha mente, com cada nuance e inflexão exata. Posteriormente, fiquei sabendo que ele tinha crescido a poucos quarteirões de mim, então nós dois falávamos da mesma forma.

Eu me arrependi de ter criado duas histórias entrelaçadas. Senti que deveria ter expandido a história de Marty e tirado a minha, especialmente quando comecei com o pé esquerdo. Em *Crimes e pecados*, interpreto um documentarista que está fazendo um documentário “digno” sobre retiros de idosos, ao contrário dos lucrativos programas de TV lixo que o cunhado do personagem faz, que o tornam rico e respeitado. Eu não tinha começado a rodar havia muito tempo e notei que minha metade da trama era como uma mordida da mosca tsé-tsé. Causava sonolência. Meu cunhado era interpretado por Alan Alda, com quem trabalhei várias vezes. O que for que você precise para tornar um personagem interessante e fazer uma cena funcionar, Alan não apenas entrega, mas também acrescenta muito de sua contribuição própria para elevar o filme. Ele é sempre real, precise você de um vilão, um protagonista romântico ou um comediante. Um ator com um dom maravilhoso.

Então, após rodar toneladas de material comigo e Mia num lar de idosos, nós cortamos essa ideia e decidi que o documentário que estava fazendo deveria ser sobre o personagem egoísta que Alan estava interpretando. Assim que essa dispendiosa mudança de trama veio a mim, o filme decolou, apesar de que, se eu tivesse de fazer de novo, ainda iria ejetar a mim mesmo e faria um filme maior sobre a metade do Landau. Mia foi muito bem como a bela funcionária do canal de TV seduzida pela fama e pelo sucesso falsos de Alan Alda. Pude trabalhar com Anjelica Huston, uma conquista que depois escalei em outro filme. Ela foi muito poderosa como a amante emocional de Marty. Eu a tinha visto em filmes antes e esperava mesmo que fosse ótima, e foi. Ela é bem mais alta do que eu e, quando eu a beijei no segundo filme que fizemos juntos, me certifiquei de que ela estivesse sentada. Mas Anjelica podia fazer cenas cômicas, cenas românticas e interpretar a vítima que Marty apagava, tudo com beleza.

O filme teve um significado pessoal para mim porque metade era dramático, e eu confirmei para mim mesmo que podia lidar com material sério. Respondi àquela bem-intencionada revista que uma vez me descreveu como “um mercadorzinho anônimo do riso”. Quando as filmagens de *Crimes e pecados* foram concluídas, tive a seguinte ideia, que veio para mim assim: Jean Doumanian sempre havia se entusiasmado por medicina alternativa, da qual eu não era fã. Ela visitava toda hora um acupunturista chinês que lhe dava ervas e poções terríveis para engolir — por uma soma polpuda. Eu considerava isso como um charlatanismo brabo, um truque ao nível dos montes de três cartas. Ela sempre lavava seus vegetais com vinagre e virava uma bebida tão nociva

quanto a da cena de abertura de *Macbeth*. Se não estivesse borbulhando, deveria estar.

Bem, chegou um tempo quando comecei a sofrer de uma maldição bem inofensiva, mas irritante: calázios, pequenos inchaços nas pálpebras que deixam a gente louco e precisam ser limpos sem parar ou estourados com agulhas. Não vou te dar os detalhes, mas, após meses e meses tentando me livrar dessa praga por modos convencionais, Jean me disse para tentar seu médico apenas uma vez. Ele é mágico, ela disse. Ele iria me livrar da minha aflição. Eu não podia suportar a ideia de sucumbir às tolas simpatias dela, mas, com o passar do tempo e todo o sofrimento, eu disse que iria experimentar, especialmente quando ela disse que ele iria à minha casa e eu não teria de caminhar pelas escadarias bambas do consultório dele em Chinatown e passar pelos patos mortos pendurados à mostra nas vitrines do andar térreo. Então, num sábado, à minha chique cobertura da Quinta Avenida chegou Jean trazendo um cavalheiro oriental que parecia encanecido de sabedoria, que parecia ter saído direto de uma das seleções do Central Casting. Conteí minha triste história e ele olhou meus olhos.

“A glândula está bloqueada”, ele atestou. Eu concordei. “Precisa de bigode de gato.”

“Perdão?”

“Bigode de um gato.” Ele abriu um estojo prateado, que tinha vários bigodes de gato, e retirou um. Tentei evitar ligar para a polícia na mesma hora, enquanto ele se aproximava de mim. Habilmente, inseriu o bigode no meu duto lacrimal, o esfregou de um lado para o outro e eu permanecia ali sentado calmamente, tentando não perder minha compostura e pressionar o botão de pânico.

“Pronto!” Ele por fim tirou aquele troço do meu olho. “Melhorou.”

Paguei o cachê e ele se foi. Só faltou o som de um gongo. Claro que não melhorei, e quando contei a história ao meu oculista, ele disse para que eu jamais deixasse alguém colocar qualquer coisa, quanto mais um bigode de gato, no meu duto lacrimal. E foi assim que escrevi *Simplesmente Alice*.

De repente eu estava dirigindo Keye Luke, a quem eu assistia hipnotizado quando criança, interpretando o filho número um de Charlie Chan. *Simplesmente Alice* ficou bonito de se olhar; um trunfo para Santo Loquasto. O pobre Santo é um gênio do design, a quem eu sempre entrego problemas intransponíveis e dinheiro algum e ele pega a falta de dinheiro e transpõe todos os problemas e faz um trabalho incrível. Exemplo: estou fazendo um filme que

se passa em Nova York, Nova Jersey, Los Angeles, cidades pequenas pelos Estados Unidos, estúdios de Hollywood, montanhas, fazendas — tudo isso nos anos 1930, com todas as placas de época, carros, prédios e lojas, e dou a Santo um orçamento ínfimo. Ah, e também não quero sair de Manhattan, nem por um único dia. Não cheguei lá ainda, mas se você não viu *Poucas e boas*, com Sean Penn, dê uma olhada. Santo conseguiu tudo que citei e fez Alice ficar bem bonita. E teve aquele chapéuzinho vermelho que pegamos de um balcão na Bloomingdale's.

Jeff Kurland, nosso figurinista, teve os mesmos problemas de Santo. Nada de dinheiro com que trabalhar, mas, por favor, nos dê um elenco com belo figurino dos anos 1920, 1930 ou 1940. Ele precisou vestir centenas de extras de marinheiros e soldados, e uma centena diferente para a cena da casa noturna com gângsteres e vedetes. Por sinal, você tem ainda menos dinheiro porque precisamos de uma grana a mais para gastar em bolinhos para a mesa do bufê. Mas ele conseguiu. Quando chegou a hora de rodar, todos os atores e figurantes estavam vestidos com roupas dos anos 1920, chapéus clochê e saias de melindrosa, os caras usando casacos de castor. Jeff tinha um grande senso de humor, um sujeito engraçado que era dos poucos que eu queria por perto enquanto formava o elenco e via as tomadas do dia, porque seu retorno era importante. Ele era bom de se concordar e discordar, e sua extravagância era sempre um grato alívio da melancolia derrotada que se originava de mim e vazava para meus leais maquinistas. Em *Simplesmente Alice*, eu trabalhei pela primeira vez com Alec Baldwin, que respeitosamente ficava me chamando de sr. Allen. Notei Alec pela primeira vez em *De caso com a máfia*, e perguntei: “Quem é esse cara? Ele é incrível”. E incrível ele permaneceu. Alec é realmente um fenômeno e tanto quando se pensa nisso. Ele interpreta as duas pontas do espectro de forma soberba. Ele pode ser tão poderoso dramaticamente quanto você quiser, impressionantemente sagaz, romântico e muito engraçado, tudo de primeira grandeza. *Simplesmente Alice* me pareceu um filme ok. Definitivamente, está um degrau abaixo de *Cidadão Kane*. Se você assistir ao filme gostando de mim como ser humano, talvez você goste. Se acha que sou ruim das ideias, esse filme vai confirmar.

Neste ponto na minha vida, fiz uma pausa, porém de forma breve, para atuar no filme de outra pessoa. Jeff Katzenberg me perguntou se eu poderia atuar com Bette Midler num filme que Paul Mazursky iria realizar chamado *Cenas em um Shopping*. Pagou muito bem, mas o verdadeiro atrativo, como mencionei antes, foi Mazursky. Ele havia acabado de receber um prêmio por

Inimigos, uma história de amor e eu gostava do trabalho dele em geral. Nós nos encontramos para discutir sobre essa possibilidade. Ele confessou que estava nervoso em me conhecer. O porquê eu nunca vou saber. Ele era um excelente diretor, bom ator, um contador de histórias formidável, esperto e letrado. Eu era um cineasta quieto, educado e decente, mas não era Kurosawa, e não tinha uma verdadeira reputação como ator que pudesse inspirar uma tensão nervosa em ninguém, quanto mais em Mazursky. Acho que posso deixar as pessoas desconfortáveis porque me sinto desconfortável, então inadvertidamente as deixo pisando em ovos. Certamente eu estava disposto a me colocar nas mãos de Mazursky e obedecer ao diretor. Isso significava voar para a Califórnia. Jeff Katzenberg, sabendo que eu não gostava de deixar Manhattan, especialmente a quarenta mil pés, disse que iria me arrumar o avião da Disney. Eu nunca tinha pegado um avião particular antes, e perguntei se isso significava que, depois de filmar na Califórnia, eles iriam me levar de volta para casa. Katzenberg riu e disse que era óbvio. Sempre gostei de Jeff Katzenberg, me dei bem com ele, e o achava um executivo do cinema de palavra, geralmente um oxímoro em Hollywood.

Então viajei para a Califórnia no Disney Gulfstream, um G-2, se não me engano, e todas as instruções de segurança em relação a cintos de segurança e coletes salva-vidas vieram pelos alto-falantes na voz de Mickey Mouse. Que inquietante, pensei, há um roedor nos controles. Mazursky trabalhava de forma oposta a mim. Ele ensaiava ao redor de uma mesa, em seguida num piso com um pedaço de fita adesiva marcando a posição de cada ator e, por fim, nas locações propriamente ditas. Ele planejava cada tomada e sabia exatamente o que iria filmar a cada manhã. Eu, por contraste, nunca ensaiava, nunca planejava nada, com frequência não tinha ideia do que eu estava rodando até chegar ao set e receber as páginas do dia. Às vezes, eu nem tinha um roteiro.

Isso era o contrário de como Gordon Willis trabalhava, mas nós gostávamos um do outro e meio que nos comprometemos mutuamente com nossa forma instintiva de trabalhar, eu me comprometendo em maior parte. Com Carlo Di Palma, a história era diferente. Carlo era um grande fotógrafo, mas totalmente indisciplinado. E era como eu; gostava de ir ao set e sentir a luz, borboletear, e finalmente seus instintos diziam para onde ir e que iluminação usar. Então, nós dois chegaríamos, Carlo e eu, Carlo bebericando sua xícara de cerveja matinal às sete da manhã, e borboletearíamos, e então ele iria me perguntar: “Qual é mesmo a cena?”. E, com o taxímetro correndo a 150 mil dólares por dia de filmagem, eu finalmente sentiria o que queria fazer. Carlo iria entender, talvez

sugerir um tiquinho — ao contrário do Gordy e sua máxima: “Não vou filmar essa porra. É pretensiosa”. E, de alguma forma, nós todos fizemos filmes juntos.

Mazursky nos fez rachar o bico durante todo o ensaio, com seu repertório de histórias hilárias, todas apresentadas com graça. Ele queria que eu usasse um rabo de cavalo para o papel, já que era moda entre alguns californianos na época. Eu não queria, mas ele era o diretor e eu queria deixá-lo feliz e fazer tudo o que fosse possível para isso. Usei o rabo.

Gostava de Bette e, quanto mais a conhecia, mais eu gostava. Bette estava sempre conversando sobre a personagem e motivando Mazursky, que parecia curtir a análise constante, o que eu acho uma perda de tempo. Mazursky lidava lindamente com isso. Eu me sentava e desligava com um jornal aberto na página dos esportes. Quando se tratava de atuar, Bette era mesmo formidável. E era formidável não por causa do blá-blá-blá sem fim sobre subtexto, histórias pregressas e motivação. Ela era formidável porque ela é formidável. Bette acorda formidável. Ela não precisa de toda essa conversa. Nós nos divertimos atuando juntos, e, como de costume, eu fui um prazer de se trabalhar porque fiz tudo e mais um pouco que Mazursky me disse para fazer e até tudo o que Bette me falou. Eu chegava na hora, me mantinha em minha marca e obedecia às ordens.

Nunca vi o filme. Fiquei sabendo que não foi muito bem. Minha aposta é que Bette e eu fomos bem e que Mazursky era um bom diretor, mas foi um fracasso por causa de falhas no roteiro que ninguém percebeu. Talvez eu esteja errado. Talvez com os Lunts teria funcionado, mas eu tive o prazer de trabalhar com Mazursky e Bette, além de ter recebido um belo cachê e ter tido a experiência incrível de voar num avião particular comandado por Mickey Mouse, uma personalidade das telas que inspirou meu guarda-roupa pessoal. Quando aterrissei em Nova York, jurei que nunca mais voaria de outra forma que não fosse num jato particular, e de fato nunca mais voei de outra forma. Como uma nulidade como eu poderia fazer um juramento tão dispendioso e conseguir cumpri-lo é uma história para o museu da cara de pau.

Então, num esforço para superar minha menor bilheteria e afastar o máximo de fãs possível, decidi que queria transformar a minha peça de um ato chamada *Kleinman's Function* num filme chamado *Neblinas e sombras*, um continho existencial em preto e branco que se passa na Alemanha em uma única noite durante os anos 1920. Tudo seria rodado dentro de um estúdio, até as várias externas. Só foi preciso estudar os fundamentos da lei da falência para visualizar o potencial de bilheteria. Então Santo Loquasto foi construir a cidade europeia,

que, para sua época e até onde eu sei, ainda é o maior set já construído nos estúdios Kaufman Astoria. Achei claustrofóbico trabalhar por meses num estúdio e queria estar do lado de fora, rodando nas ruas. Eu e Brian Hamill, o fotógrafo e um amigo que fez vários filmes comigo, costumávamos adorar filmar nas ruas de Nova York. Adorávamos verificar os passantes e todas as belas mulheres. Muitas delas paravam porque conheciam Brian. Ele as havia fotografado ou namorado. Eu, por minha vez, atraía basicamente pedintes homens.

O irmão de Brian, Pete Hamill, foi o primeiro a me defender na imprensa quando vieram as falsas acusações. Seu outro irmão, Dennis, também jornalista, me defendeu seguidamente contra as alegações. Os Hamill eram irlandeses do Brooklyn, de papo-reto, e conheciam uma fraude quando se deparavam com uma. Foram rápidos em entender o que estava acontecendo, e Dennis foi bem apaixonado sobre o assunto no *Daily News*. Voltando ao meu filme, o lado negativo de estar nas ruas filmando é quando o tempo está frio, o trânsito barulhento e a multidão que passa é difícil de se lidar. Tudo isso me fez querer rodar no estúdio com luz e som controlados. Só que me senti preso. No decorrer dos anos, entes queridos me disseram que sou uma pessoa cronicamente insatisfeita, e é verdade, sempre prefiro estar onde não estou no momento. Quero dizer, suponhamos que seja um belo domingo de sol e eu esteja caminhando pelo Upper East Side, talvez no Central Park com Soon-Yi, e tudo seja adorável. Então, penso, meu deus, não seria ótimo estar em Paris agora, ou Veneza? A fantasia de que eu estaria mais feliz em outro lugar se estende às noções românticas de ter uma casa na praia, caminhar na areia, ver as ondas batendo e encarar o horizonte com minha cabeça tomada por intimidações de um cosmos que seja um pouco mais amistoso.

Na verdade, muitos anos atrás, persegui essa casa de praia dos sonhos bem no Atlântico, em Southampton. Gastei dois anos e uma fortuna arrumando-a antes de me mudar. Plantei árvores, escolhi cada carpete, cada peça de mobília, cada moldura, remate e tela de porta. Escolhi o papel de parede e os azulejos. Fiz a casa mais bonita que se pode imaginar. Finalmente, estava pronta para se morar. Fui para lá com Mia e seus filhos numa bela manhã de sábado no outono. As crianças amaram. Eu caminhei na praia, as estrelas saíram. Adormeci com o som suave das ondas batendo. No dia seguinte, dirigi de volta para Manhattan, vendi o lugar e nunca mais voltei. Quem quer ouvir ondas batendo quando se quer dormir? Dois anos de construção, uma noite e eu soube que caminhar na praia e olhar o horizonte no oceano não eram para mim.

Francamente, nem gosto do horizonte, apesar de nunca vê-lo realmente de perto.

Eu me lembro de uma ocasião similar, quando, no começo de nosso relacionamento, Mia me arrastou para sua casa em Martha's Vineyard num gostoso dia de outono. Sozinho e isolado, olhei pela janela dela no Lago Tashmoo, enquanto ela cometia o erro fatal de colocar o segundo movimento do Concerto de Violino de Sibelius. Enquanto eu escutava na silenciosa beleza de outono, aqueles acordes insuportáveis transportaram minha alma para a Finlândia, Suécia, Noruega, os fiordes, as vastas massas de gelo e os longos invernos escuros, e vivenciei uma intensa ânsia por um sanduíche de fígado de frango, obtido apenas na vizinhança da Rua 54.

A filmagem de *Neblina e sombras* aconteceu sem percalços, que só deram as caras quando o filme já estava pronto. Os executivos se reuniram na minha sala de exibição para assistir ao filme pela primeira vez, um ritual geralmente seguido ou de euforia exagerada, ou de uma falta de sinceridade polida, que enaltecia a minha proeza como cineasta. Quando as luzes se acenderam depois da exibição, os quatro ou cinco executivos ficaram sentados como se tivessem sido paralisados por curare. Com visões de seu investimento se apagando como um *fade-out*, eles finalmente se remexeram e conseguiram dar voz a uma reação. O mais lúcido entre eles soltou, com as palavras travando em sua garganta: “Bem, você certamente nos surpreende a cada filme”. O próximo movimento seria que um deles tiraria meu contrato do bolso e passaria no picador de papel. Certamente eram homens cultos, eu esperava uma mistura de observações filosóficas, seguidas por uma discussão dos motivos existenciais óbvios do filme. Em vez disso, discerni o que soava como maledicências hebraicas, e alguns deles tiveram de ser contidos. Acho que ouvi Eric Pleskow, um diretor da Orion, dizer que morava ali por perto e tinha um facão em casa. Enquanto a resposta crítica ao filme foi reservada, não houve verdade no boato de que o projecionista na sala de cinema correu para o mar com a cópia e a arremessou. Se eu me lembro corretamente, pode ter havido uma crítica bem positiva no *Jornal do granjeiro*. Não querendo gastar um bom dinheiro em algo ruim, a Orion optou por uma campanha limitada, consistindo em alguns estênceis discretos no meio-fio.

Fiz meu último filme com Mia, *Maridos e esposas*, e, como você sabe, antes de terminar de rodar, uma série de Polaroids descobertas no meu apartamento iriam mudar o rumo da civilização ocidental ou, se não tanto, minha expectativa de vida. O filme é um dos meus favoritos porque eu não prestei atenção na arte

de fazer cinema. Eu não podia me importar menos com todas as regras de cortes, direção de cena ou qualquer coisa que dá a um filme seu visual polido. Muito foi rodado com a câmera na mão, muito improvisado. O resultado final foi um filme com certa energia e ótimas performances de todos. Como nunca vejo meus filmes depois que os concluo, não o vejo há anos. Se hoje eu o valorizaria tanto quanto na época do lançamento, não sei. E não quero descobrir.

Eu já te dei os detalhes de como Mia embarcou numa missão de vingança ao estilo capitão Ahab. Como passei por essa provação? E foi mesmo uma provação. Fui falsamente acusado, houve matérias horríveis na imprensa e despesas legais enormes. Gastei milhões tentando ver minha filha, Dylan, e para conseguir um juiz menos parcial. Não consegui. Enquanto isso, Mia foi para outro tribunal tentando anular minha adoção de Dylan e Moses, mas a juíza a identificou imediatamente. Após algumas semanas na corte, tornou-se dolorosamente óbvio para Mia que essa não seria uma juíza que ela conseguiria convencer, então ela silenciosamente pegou seu banquinho e saiu de mansinho. Quanto a mim, tirando o fato de não poder sair em público sem um nariz falso e óculos, simplesmente segui com meus negócios e trabalhei. Trabalhei enquanto era perseguido, difamado e insultado. Sendo inocente, senti que não era problema meu. Que eles continuassem. Não vou sacrificar meu precioso tempo de trabalho em nome de ataques de hordas selvagens. Jogando na segunda base da liga de beisebol infantil, sofri algumas injustiças de árbitros e sobrevivi. Então, aquela era outra pela qual eu iria passar. O truque era aceitar as injustiças e seguir em frente.

Eu tocava jazz toda semana, nunca perdia uma sessão. Escrevi e montei uma peça na off-Broadway numa noite dedicada a espetáculos de um ato com David Mamet e Elaine May. Fiz um filme, viajei pela Europa com minha banda de jazz e sempre agia como um avestruz com a cabeça enterrada quando se tratava de ler ou ouvir qualquer bobagem sobre minha vida particular. E por *avestruz* quero dizer que nunca li ou vi uma única coisa sobre mim durante o ano ou o ano e meio em que fizeram meu massacre. Sabendo que eu seria caluniado, limitava o que lia no jornal, me restringindo basicamente às chegadas de cargas. Em todos os canais de TV havia sabichões, especialistas de todos os tipos trocando teorias e desinformações sobre um acontecimento que nunca aconteceu. Confiantes, eles davam suas versões e falavam como se tivesse sido algo real. Rapidamente desisti do noticiário e dos *talk shows*. Assistia a esportes e filmes e, como sempre, trabalhava. Escrevia.

A obviedade da acusação iria se tornar clara para qualquer um que se dispusesse a examinar o assunto em detalhes, eu sabia, e a coisa toda iria acabar se ajustando. Ainda havia gente lá que não entendia, que, apesar de toda a lógica, por um motivo ou outro, não parecia captar a coisa. Nada podia demovê-los da ideia de que eu estuprara a filha retardada menor de idade da Mia, que tinha me casado com minha filha ou molestado Dylan. Eu tinha fé de que, no devido tempo, o bom senso, a razão e as evidências iriam decantar até no mais

apático dos boca-abertas, mas eu também achava que Hillary venceria as eleições.

Enquanto isso, Soon-Yi e eu adotamos duas garotas assim que nasceram, uma coreana e outra americana. E, por sinal, antes de eles entregarem duas crianças, especialmente meninas, a um homem que foi acusado de abuso infantil, dois juízes separados me examinaram extensamente para se certificarem de que não estavam dando as bebês a um predador. Como as alegações sobre o exame dos juízes eram claramente sem fundamento, não tivemos problemas em adotar. Fico feliz em relatar que ambas as meninas cresceram sem danos causados por seu pai supostamente demoníaco e que as duas estão na faculdade, e a decisão dos juízes de sancionar as adoções se provou consistente. Depois de jurar que moraria na cobertura para sempre, nós nos mudamos porque, com nossa primeira filha e a babá, a cobertura ficou pequena demais. Passamos a morar numa grande mansão na Rua 92, uma casa impressionante de quase dois mil metros quadrados, que não era muito pequena, e, sim, grande demais. A sala de estar (pelo menos achávamos que era a sala de estar) era um enorme salão de baile que preenchemos com móveis, sofás, áreas de conversação e um piano; havia uma sala de bilhar, quartos, cozinhas, dois elevadores — deus, era enorme.

Posteriormente, uma senhora que foi criada na casa, e que agora mora na Quinta Avenida, sra. Douglas Dillon, a viúva do ex-secretário do Tesouro, perguntou se podia passear por lá para dar uma olhada saudosa, e claro que dissemos que sim. Só então soubemos que sua família havia mantido a enorme sala de estar vazia, com as portas fechadas, e que só era usada para grandes festas, quando a preenchiam com mesas e cadeiras. Nós recebíamos amigos e peregrinávamos por todo o cômodo indo de uma área de conversação para outra, tentando usar o espaço. Nós moramos lá alguns anos e nos mudamos. Então passamos dois anos num lugar alugado caindo aos pedaços, que anteriormente havia sido um ponto de encontro para dois amantes secretos, até o homem assassinar o marido da mulher. O empreiteiro de Long Island bateu na cabeça do pobre esposo enquanto ele dormia. A cobertura da imprensa foi pavorosa, e todos os dias a TV mostrava novas versões do caso. É provável que você tenha ouvido alguma coisa sobre o crime.

Finalmente encontramos a casa perfeita para nós e, sendo mais experientes do que quando deixamos a cobertura, nós sabíamos do que precisávamos ou não. Uma casa é bem diferente de um apartamento. Com um apartamento em Nova York, você tem muito mais conveniências, mas numa casa você é

autônomo. Você pode trabalhar nela como e quando quiser, não precisa da aprovação de uma assembleia para cada movimento. Você não acorda à uma da manhã e olha pela janela para encontrar um andaime lá bloqueando sua vista por três meses, ou é avisado de que a água vai ser desligada o dia todo, então é melhor encher algumas panelas.

Ou, principalmente, se você mora em condomínio, o síndico e seus lacaios têm de aprovar a pessoa que você finalmente encontrou que quer comprar o seu imóvel. Essas indignidades não existem numa casa. Você está sozinho para o bem e o mal, e, enquanto não há porteiro para te arrumar um táxi quando faz menos cinco graus em janeiro ou tirar a neve da calçada para não ser processado se algum passante fraturar a pélvis na frente da sua residência porque você estava cansado demais, você não precisa subir e descer de elevador com alguma inquilina que tomou banho de perfume Replique e fingir que o pequinês dela não te dá arrepios. Nós temos a mais bela casa perfeita que se pode imaginar, construída há mais de 125 anos com vários detalhes originais, várias lareiras e um jardim encantador. Toda manhã eu desço as escadas, misteriosamente de ressaca, já que eu não bebo, abro as persianas no piso térreo e lá está Nova York em sua vitalidade runyonesca. Se eu tiver sorte com o tempo, está cinza e enevoadado e, na minha mente, escuto acordes de “Street Scene”, de Alfred Newman, e digo a mim mesmo que de fato sou dono de um pedaço desta lendária ilha. Então penso nos impostos da propriedade e minha artrite ataca. Em *Noivo neurótico, noiva nervosa*, tive de decidir em qual bairro Annie e Alvy morariam, e escolhi um quarteirão que achei arborizado e fotogênico, o mais belo de Upper East Side, e agora moro lá, do outro lado da rua onde Annie Hall morava.

Então Soon-Yi e eu continuamos com nossas vidas, ela agora uma mãe, devidamente preocupada com cada solucinho das rotinas diárias de nossas filhas e cuidando para que elas crescessem versadas em artes, francês e música, e eu ensinando-as como descobrir a propagação de ondas. Continuei a fazer filmes, pensando que a provação da acusação falsa havia sido apaziguada para sempre por todas as investigações, que foram definitivas e unânimes. Pouco sabia eu: uma vez manchado, sempre vulnerável. Originalmente, eu havia planejado fazer *Um misterioso assassinato em Manhattan* com Mia e eu no elenco, mas as relações haviam azedado e claro que era óbvio que nunca mais trabalharíamos juntos. Mia surpreendeu a todos querendo fazer o filme, e ameaçou me processar se eu não a escalasse para o papel. Isso depois de jurar

para o mundo que eu havia molestado e estuprado tanto Soon-Yi como Dylan. Acho que a atuação estava no sangue dela.

Enfim, contratei Keaton, ela viajou para a Costa Leste e foi como nos velhos tempos. Para mim foi um filme totalmente autoindulgente. Eu cresci adorando mistérios de assassinato em que os personagens principais soltam frases de efeito, o comediante é covarde e engraçado e sua garota principal é mais aventureira e os coloca em apuros. Adoro atrizes que podem não apenas comparecer e trocar frases de efeito com seus parceiros homens, mas com frequência dar um banho neles, e Keaton sempre me superava. É um dos melhores filmes que fiz, divertido, com uma boa história, boas piadas, despretensioso, e massageou minha necessidade de estar num desses filmes de que eu sempre gostei. Keaton e eu interpretamos uma dupla sofisticada que morava em Manhattan e afundava cada vez mais num mistério. Não havia temas existenciais, nenhum clímax trágico ou mensagens para remoer. Era estritamente leitura de avião. Neste ponto, você provavelmente já imaginou que não sou um desses gênios da direção cujo set está sempre vivo com paixão, com crises, rompantes. Provavelmente porque minha natureza é silenciosa, sou um escritor e diretor, por isso controlo todas as obras e nunca contrato atores que dão trabalho, não importa o quão brilhantes sejam.

Se eu tivesse de mencionar uma época da minha vida em que eu fui feliz, acho que seriam esses anos. Eu adoro Soon-Yi e, apesar da enormidade de encrenca que arrumei por ficar com ela, valeu cada segundo. Às vezes, quando as coisas ficavam pesadas e eu era espinhafrado por todo canto, me perguntavam se, caso soubesse das consequências, eu teria preferido nunca ter ficado com Soon-Yi. Eu sempre respondia que faria tudo de novo sem pestanejar, e a conquista mais satisfatória da minha vida não são meus filmes, mas ter sido capaz de liberar Soon-Yi de uma situação terrível e dar a ela a oportunidade de florescer e realizar seu potencial, e ela nunca mais teria de comer uma barra de sabão, ansiar por um abraço ou apanhar com um telefone.

Como Mia e eu não éramos os namoradinhos que o público imaginava, eu estava pronto para um relacionamento mais significativo. Podia ter sido alguma atriz, uma secretária, uma dentista que gostasse de filmes suecos. Claro que, com minha queda por *seppuku*, foi Soon-Yi. Então, sim, meu amor por ela não se acomodou às Regras da Ordem de Robert, mas nós dois adoramos cada segundo de nossos 25 anos juntos. Eu me lembro de quando Soon-Yi era muito nova e nos falamos pela primeira vez. Perguntei o que ela queria ser quando fosse adulta e a resposta foi: “Uma chefe”. Ao que eu retruquei: “Chefe do

quê?”. E ela disse: “Não importa, desde que eu seja a chefe”. Não quero dizer qual de nós realmente dá a última palavra, mas me deixe colocar desta forma: sou eu que recebo uma mesada. Ela comanda a casa, cria as crianças e planeja nossa vida social. Nós viajamos e passamos longos períodos fora: Paris, Itália, Espanha, a Riviera Francesa, verões em Londres, Newport, parece bom.

“Mas a diferença de idade”, você diz. Do que está falando? “De tudo. Por exemplo, posso perguntar a alguém menor de idade que foi estuprada e é retardada qual é sua visão sobre a economia?” E se ela é jovem demais para saber de quem eu falo quando trago Weegee ou Leo Durocher, eu explico a ela. E nós brigamos? Soon-Yi será a primeira a te dizer que, em mais de vinte anos de casamento e com várias discordâncias que tivemos, eu nunca estive certo em assunto nenhum. Quando começamos a sair, ela disse uma coisa muito triste para mim: “Durante toda a minha vida, eu nunca fui a prioridade de alguém”. Eu, que fui a maior prioridade de uma grande família, o menino de vários olhos amorosos, tentei me colocar no lugar de Soon-Yi e decidi torná-la minha prioridade. Decidi que iria me dedicar a ela, cuidar dela, mimá-la, celebrá-la, nunca negar nada que ela quisesse e, de alguma forma, me esforçar para compensar os terríveis primeiros 22 anos de sua vida. Ela não tem problema com esse arranjo, me permitindo o privilégio de mimá-la em cada capricho. Por necessidade de manter-se viva nas ruas aos cinco anos de idade, ela cresceu hipercompetente, enquanto eu não consigo entender como usar um mexedor de coquetel. Ainda assim, ela me respeita como alguém que pode ser divertido, pelo menos, e me considera um tipo de *Savant*... esqueci o termo completo.

O que fazemos para nos divertir? Como lazer? Para puro prazer, eu diria que Soon-Yi, quando não está sobrecarregada criando duas meninas, cujas origens são desconhecidas para nós, mas é claro que há sangue dos Jukes, ela gosta de ler, fazer compras e caçar ofertas; o puro prazer de conseguir um item de quinhentos dólares por cem a deixa nas nuvens, então algum dia eu imagino que ela virá para casa com um trator de que não precisamos porque estava uma pechincha. Quanto a mim, gosto de ir ao médico, verificar minha pressão, posar para raios-X, ouvir que estou bem e que o ponto escuro na minha camisa branca é da minha caneta esferográfica, não um melanoma.

Aqui está um dia típico: costumava incluir levar as meninas à escola, mas agora que elas estão na faculdade, os papéis mudaram e eu preciso que elas me ajudem a fazer com que a TV volte a funcionar depois que eu a desconfigurei e de alguma forma as imagens desapareceram no éter.

Soon-Yi e eu acordamos juntos cedo, por volta de seis e meia. Tomamos café e fazemos alguns exercícios. Ela é muito dedicada aos exercícios e durante a semana corre na esteira e faz aulas de yoga, Gyrotonics, ginástica funcional e Pilates. Ela está em forma como um Seal da Marinha. Eu faço esteira e puxo uns elásticos para manter uma constituição de escultura de Giacometti. Então Soon-Yi e eu nos exercitamos, daí ela cuida das coisas da família, das crianças, da escola, dos planos de trabalho de verão, cuida da casa, verifica as contas, retorna ligações, marca nossos jantares. Ela lê basicamente todo o *New York Times*. Soon-Yi e eu estamos constantemente recortando artigos que achamos que serão de interesse do outro ou divertidos de ler. Eu escrevo, então almoçamos juntos e vemos se conseguimos um assunto novo para discutirmos. Eu escrevo depois do almoço e ela ou tem tarefas domésticas a fazer ou, se tem tempo livre, vai a um museu com uma amiga ou talvez ao cinema, ou talvez damos uma caminhada. Mais tarde, ela coloca os protetores de ouvido que funcionários de aeroporto usam para bloquear o barulho de jatos e eu pratico meu clarinete. Com frequência encontramos amigos num restaurante ou, se ficamos em casa, ela lê e eu vejo esportes na TV ou *Um bonde chamado desejo* se estiver passando no Turner Classic Movies.

Um bonde... é a maior obra de arte da minha época e nunca perco quando passa. O problema é que a versão do filme é tão definitiva que qualquer produção perde em comparação. Mesmo com o filme *Nascida ontem*. A versão definitiva foi feita com Judy Hollyday e Broderick Crawford. Eu a considero a melhor comediante do cinema de todos os tempos. Talvez Elaine May se equiparasse, caso tivesse feito mais filmes. Diane Keaton está lá em cima com elas, é claro, mas preciso dizer, ao contrário do gosto popular, que eu curto, mas não piro com Carole Lombard. Novamente, não é que eu não goste dela, mas não dou gargalhadas. Acho Eve Arden engraçadinha assim como Alison Skipworth e Marie Dressler. Por algum motivo, eu nunca ri das comediantes mulheres mais celebradas. Claro, Jean Harlow era ótima. Mas deixe eu parar de enrolar. Desculpe. Então, depois que Soon-Yi e eu ficamos juntos, a nuvem nuclear baixou e eu estava vivendo um casamento de verdade, um relacionamento amoroso real pela primeira vez na vida, eu continuei a fazer filmes, sobre os quais irei falar até esse paraíso ser invadido novamente por uma nova loucura.

Escrevi *Tiros na Broadway*, que considero um dos meus melhores filmes. Eu o escrevi com Dough McGrath e, se não fosse por ele, essa ideia jamais seria concretizada. Não gosto de parcerias, mas com gente como Mickey Rose ou

Marshall Brickman, que eram bons amigos e seres humanos realmente engraçados, pode ser divertido. Marshall é particularmente brilhante, exigente, cheio de ideias engraçadas e ótimas frases, e nossas parcerias deram muito certo. Então decidi escrever um roteiro com Doug McGrath, outro amigo engraçado e bem astuto. Escrever com alguém alivia a solidão intensa. Doug se casou com minha antiga assistente, Jane Martin, que trabalhou comigo por mais de uma década. Os dois são amigos próximos meus e de Soon-Yi. Ambos são bem sagazes, assim como Soon-Yi, e com minha queda pelo humor físico, nossos jantares eram bem animados. Eu ia até Doug com várias ideias para fazermos juntos. Minha primeira escolha pessoal era uma sátira política e a ideia de *Tiros na Broadway* estava no fim da lista. Dei preferência à ideia política e, como eu era mais velho e experiente, tentei usar isso a meu favor para fazê-lo concordar que a sátira política era melhor. Mas não foi isso o que aconteceu. Ele atçou *Tiros na Broadway* e manteve a convicção. O gângster financia a peça, mas o dramaturgo precisa escalar a namorada do gângster. Para mim, soava um pouco banal, até que sucumbi à confiança louca de Doug. E, pelo resultado, sou grato por ter dado ouvidos a ele.

Como de costume, Juliet me ajudou a conseguir um elenco incrível: John Cusack, outro ator que é incapaz de um momento falso, Jack Warden, Jennifer Tilly, Chazz Palminteri, a fabulosa Dianne Wiest, Harvey Fierstein, Mary-Louise Parker, Jim Broadbent, Tracey Ullman, Rob Reiner. Meu deus, com um elenco desses, como se pode errar? Cada um deles entregou aquilo que prometera. Dianne Wiest ganhou seu segundo Oscar por um filme meu. Também foram premiados a fotografia de Carlo e os sets e os belos figurinos de Jeff Kurland. Tenho orgulho desse filme. Até tive a chance de trabalhar com Alan Arkin, um grande ator cuja cena teve de ser cortada porque aquela parte do filme estava longa demais. Não acredito que tive a chance de trabalhar com um ator tão formidável e fui forçado a cortar sua cena.

A mesma coisa aconteceu com Vanessa Redgrave em outro longa. Posso ser o único diretor que cortou Vanessa Redgrave de um filme. Obviamente não foi por causa da atuação dela, mas culpa do meu texto ineficaz. Nessa mesma toada, substituí John Gielgud. Dá para imaginar? Um dos maiores atores do mundo. Ele era o narrador original de *Zelig*, mas era grandioso, estentóreo demais. Morri por tê-lo conseguido para isso e depois ter que substituí-lo. Aconteceu que ele e Ralph Richardson eram grandes fãs de *Interiores*, o que ajudou muito a reforçar minha megalomania. E, já que estamos no assunto de substituir atores, acho que consegui o recorde de substituição mais incomum

quando me liberei de Ruth Gordon, que era apenas difícil demais para se trabalhar, apesar de terminarmos bons amigos e jantarmos juntos várias vezes posteriormente, mas, prepare-se: eu a substituí por Geoffrey Holder, o dançarino negro, alto e deslumbrante de calipso, que eu admito que não se parece nada com Ruth.

A verdade é que não importava quem era o mágico numa cena em *Tudo o que você sempre quis saber sobre sexo*, desde que a personagem fosse exótica. Ruth era exótica, sua atuação era empolgante e extravagante. Quando aconteceu de ninguém conseguir imaginá-la naquele figurino, busquei outro tipo extravagante e exótico, e Geoffrey se encaixou. Ruth e eu permanecemos amigos, trocando abraços insinceros. Anos depois, Mia traria Ruth, com quem ela havia trabalhado em *O bebê de Rosemary*, e seu marido, Garson Kanin, para um jantar no Russian Tea Room. Eu os achei uma companhia incrível, cheios de grandes histórias sobre grandes pessoas, e as histórias tinham desfechos divertidos. Como Somerset Maugham me aconselhara, Garson me aconselhou a anotar tudo, porque a gente se esquece das coisas. Foi um bom conselho. Eu não o segui com muito cuidado e tenho certeza de que me esqueci da maioria das coisas coisa que aconteceram comigo — a não ser que não tenha esquecido, pessoal. Eu anoto ideias de filmes, mas só uma palavra ou outra.

Enfim, anos depois, *Tiros na Broadway* se tornou um musical teatral. Susan Stroman fez um trabalho fantástico criando a encenação. Inicialmente, eu tinha sido relutante em deixá-la adaptar, mas, quando vi o que Susan fez, fiquei empolgado e orgulhoso. Minha esposa gostou mais do musical que do filme. A crítica, porém, não compartilhou do meu entusiasmo, e o espetáculo só ficou em cartaz um ano e meio. Sartre disse: “O Inferno são os outros”. Eu gostaria de mudar essa máxima para: “O Inferno é o gosto dos outros”.

E enquanto estou no tema do teatro na Broadway, me convidaram para participar da versão televisiva de *Uma dupla desajustada*, a comédia de Neil Simon. A versão do cinema com George Burns e Walter Matthau foi o melhor filme de Herb Ross, e claro que seus dois protagonistas eram soberbos. A versão para a TV foi estrelada por mim e Peter Falk, um ator bem talentoso, sempre divertido de se conversar, que deixou o diretor meio louco com suas várias exigências e peculiaridades, enquanto eu fui um anjo, como de costume. Sem retrucar, sem perguntas, sabia minhas falas e era só o diretor me dizer onde eu deveria ficar e o que queria que eu daria o meu melhor. Sarah Jessica Parker, que ainda não era tão grande quanto se tornou depois, mas não deixava de ser talentosa, interpretou a protagonista lindamente. Havia várias tomadas de

segurança, que necessitavam que rodássemos cada cena seguidamente de cada ângulo.

Neste ponto você provavelmente imagina que, como cineasta, sou um imperfeccionista. Não tenho paciência de ficar rodando cenas sem parar, fazendo a cobertura de vários ângulos, por mais valioso que isso seja depois, na edição. Eu gosto de rodar uma cena, seguir para a próxima, terminar e sair logo dessa droga. Quero ir para casa, abraçar Soon-Yi, embalar as crianças, comer minha janta e ver um jogo na TV. Não quero mesmo me preocupar com a tomada de um perfil, um close extra, outra tomada do astro discutindo porque vai ficar melhor. Gosto de fazer filmes, mas não tenho a dedicação de um Spielberg ou de um Scorsese, isso sem mencionar os outros talentos que esses diretores têm. Só me interesso ao ponto de rodar o filme por dias inteiros e talvez perder o comecinho do jogo ou me atrasar para colocar minhas filhas na cama.

Porém, a maioria dos filmes é feita por adultos responsáveis e eles fazem cobertura para que, depois, na sala de montagem, o pobre editor não se retorça no chão, incapaz de tornar a história coerente. Alguns diretores entregam suas imagens para um editor que monta tudo, e o diretor só vai até a sala de montagem para marcar presença. Alguns diretores gostam que os editores cortem as imagens conforme elas são entregues, então, se algo falta ou se surge uma nova ideia, o grupo ainda está reunido, em vez de ter se espalhado pelo globo. Já eu, gosto de trabalhar assim: sem edição até terminar de rodar. Daí o editor e eu nos sentamos juntos diante da Avid (a máquina de edição com sua telinha) e começamos, juntos, a cortar o filme.

Sempre trabalhei com editores talentosos e brilhantes. Depois de Ralph Rosenblum, trabalhei por anos com Sandy Morse, que resolveu comigo vários problemas de edição aparentemente sem solução. Depois de Sandy, veio minha editora atual, Alisa Lepselter, com quem já trabalho há vinte anos. Ela colabora bravamente comigo, montando o filme, às vezes concordando, às vezes salvando minha vida ao lutar comigo, mas nós dois sempre temos o mesmo objetivo: realizar a visão original e fazer o melhor filme possível, dadas as imagens que temos para trabalhar. Muitas vezes colocamos música de discos de nossas consideráveis coleções. Pela forma como eu filmo, descuidada e irresponsável, sempre nos deparamos com problemas, mas ser forçado a vir com soluções espontâneas frequentemente leva à inspiração criativa. Eu nunca teria colocado aquelas placas com títulos em *Hannah e suas irmãs*, exceto por ter precisado de uma placa para me tirar de uma trava no corte, e ter apenas uma placa no filme

seria esquisito, então voltei e coloquei umas seis, o que deu ao longa uma pretensão meio estilizada.

Nunca vi *Uma dupla desajustada*, mas recebi um bilhete elogioso adorável de Neil Simon, a quem eu sempre admirei e de quem gostava pessoalmente, e de quem admiro muito o trabalho. Na verdade, acho, que apesar de todo o sucesso, ele é subestimado porque escrever piadas parece ser algo totalmente natural para ele. As frases engraçadas simplesmente fluem e são gozadas para danar. Ainda assim, duvidei do elogio, já que eu não podia imaginar, tendo visto sua peça interpretada por George Burns e Walter Matthau, como ele poderia não torcer o rosto para o fato de ter essa dupla genial substituída por mim e Peter Falk. Mas fingi ficar emocionado por suas palavras gentis e lhe mandei um cartão de agradecimento.

Eu me lembro da primeira vez que vi Peter Falk. Foi na brilhante produção de Jose Quintero de *The Iceman Cometh*, em cartaz no centro da cidade. Levei Harlene, minha futura esposa. Eu estava chocado com a grandeza da peça e da produção. E quem era aquele cara, Jason Robards? Ele era fora de série. Peter Falk interpretou o bartender e, nesse papel bem menor, se revelou a mim como um ator muito talentoso. Falei entusiasmado sobre ele com Bob Dishy, um ator que era seu amigo, com quem comentei: “Falk tem um leve defeito de fala”, ao que Dishy retrucou: “É isso que notou nele? Ele vai se matar”. Também notei quão maravilhoso ele era como ator, então eu não estava de picuinha. Anos depois, quando trabalhei com Emma Stone, uma das melhores, mais belas e encantadoras atrizes que já conheci, notei que ela tinha algo na fala também. Ela não falava como Peter Falk, era mais como o gato Frajola, percebi no momento em que trocamos nossa primeira palavra, mas, nela, isso ficava fofo.

Então cometi *Uma dupla desajustada*, levei para casa um cheque polpudo de cachê, o que me permitiu dormir novamente na minha própria cama e seguir para fazer meu primeiro filme sujo, *Poderosa Afrodite*. O que me interessava era fazer uma montagem ao estilo grego, completa com um coro e o *deux ex machina*. Atuei com a brilhante e talentosa Mira Sorvino. Adorei trabalhar com Mira. Se ela tinha algum defeito, era que não conseguia apreciar o quão talentosa e atraente era. Acho que ela até ganhou um Oscar. Eu costumava rir dela porque, quando fazíamos uma cena juntos, ficávamos lá esperando o diretor assistente gritar ação e, por ela querer entrar em ação e estar imediatamente no personagem, começava com pequenas improvisações antes de ouvir a chamada. Ótimo. Mas ela esperava que eu me juntasse a ela, e eu achava que ela era louca por estar falando consigo mesma.

Claro que em ação ela era linda. Filmamos em Nova York e na Sicília, onde tínhamos o Monte Etna como pano de fundo. Me disseram para não me preocupar a não ser que o vulcão soltasse fumaça. Ele soltou fumaça. Eu me preocupei. Mal podia esperar para voltar para casa. O belo trabalho de coreografia era feito por Graciela Daniele e pude trabalhar com Helena Bonham Carter, uma atriz linda e maravilhosa que era esperta e encantadora. Visitei a casa dela em Londres, onde ela morava com os pais, e sua mãe era uma psiquiatra muito inteligente, foi uma ótima experiência. Em retrospecto, *Poderosa Afrodite* é sujo demais para o meu gosto. Eu gostaria de refazê-lo e limpá-lo um pouquinho, mas todos os meus filmes se beneficiariam de uma revisão. Eu gostaria de ter uma segunda chance com algumas das mulheres que tive em minha vida também, mas, ora, a fila anda. Não acho que elas aceitariam minha cantada.

E, falando em cantar (e aproveitar mal as deixas), sempre sonhei em fazer um musical; um musical para gente que não sabe cantar melhor do que nós fazemos no chuveiro. Quando escalei o elenco de *Todos dizem eu te amo*, eu não me importei de perguntar se o ator ou atriz podia cantar. Assumi que eles fariam o melhor que pudessem. Eu não estava buscando um musical afiado ou abrir novos territórios. Só queria um grupo de nova-iorquinos que passassem por quatro estações no Upper East Side e cantassem alguns clássicos fofos quando tivessem vontade. Quando disse a Goldie Hawn, que é um enorme, enorme talento — duas vezes enorme — para, por favor, não cantar tão bem quanto costumava fazer, ela ficou meio desestimulada. Edward Norton, um ator impecável, não tinha ideia de que havia sido contratado para cantar. Atores e atrizes que não tinham voz nenhuma cantaram, e eu só me importei com o sentimento.

Apenas Drew Barrymore se recusou terminantemente, e, como sou um grande fã dela, eu cedi, em vez de deixá-la infeliz ou tensa. Nós chamamos uma amiga de escola da Soon-Yi, Olivia Hayman, para dublá-la, e funcionou direitinho. O que se pode dizer de fazer um filme que me permitiu trabalhar em Veneza, Paris e Manhattan, e ainda beijar Julia Roberts? Foi uma delícia do começo ao fim. John Lahr escreveu um artigo adorável sobre o filme para a *New Yorker*, mas outros não se entusiasmaram tanto e criticaram o fato de que a maioria do elenco não sabia cantar. Isso, é claro, era o ponto do filme todo, mas eu supus errado. Não tem muita gente que acha essa ideia tão charmosa quanto eu. O filme foi mais ou menos nos Estados Unidos, mas foi um sucesso na Europa, particularmente na França.

Ainda assim, tive o prazer de trabalhar em cidades que eu adorava e mostrar Manhattan nas quatro estações, cada uma delas um achado para a fotografia. É por isso que digo que a diversão do negócio do cinema para mim vem apenas de fazer o filme. É o ato de trabalhar, acordar cedo, filmar, aproveitar a companhia de gente talentosa, resolver problemas que não são fatais se você os deixar de lado, trabalhar com ótimos figurinos, ótima música. Quando tudo termina e o filme está pronto, eu sempre me flagro julgando a mim mesmo quando me pergunto: cheguei perto de realizar, de preencher esse sonho que tive quando estava deitado na cama e criei furiosamente personagens e situações? Consegui alcançar cinquenta por cento da minha ideia? Acertei em cheio? Sempre sigo em frente depois de um filme. Nunca mais penso no assunto, não assisto novamente ou mantenho lembranças, fotos ou até mesmo minhas próprias cópias em vídeo. Quando o Turner Classic Movies juntou um grupo para discutir *Noivo neurótico, noiva nervosa* após a exibição e me pediu para ser um dos convidados da mesa de discussão — e eu adoro o TCM —, eu declinei porque não estou interessado em me sentar remoendo o passado.

As pessoas me perguntam se tenho medo de acordar uma manhã e não ser engraçado. A resposta é não, porque ser engraçado não é algo que você veste como uma camisa quando acorda tão de repente que não consegue achar suas roupas. Ou você é engraçado ou não. Se você é, você é, e não é uma coisa ou uma loucura temporária que se pode perder. Se eu acordasse e não fosse engraçado, eu não seria eu. Isso não significa que você não pode acordar de mau humor, odiando o mundo, com raiva da estupidez das pessoas, esbravejando contra o universo vazio, o que eu confesso que faço sem falta todas as manhãs, mas serve para trazer meu humor, não o apagar. Como Bertrand Russell, sinto muita tristeza pela raça humana. Diferentemente de Bertrand Russell, não sou capaz de fazer divisões matemáticas. E talvez eu não possa transmutar meu sofrimento numa grande arte ou filosofia, mas posso escrever boas piadas, o que me distrai momentaneamente e dá um breve alívio contra as consequências irresponsáveis do Big Bang.

Nunca achei que ter filhos biológicos seria algum favor a eles, toda essa coisa de trazer crianças para este mundo. Sófocles disse que nunca ter nascido seria a maior dádiva de todas. Claro que não estou certo se ele diria isso se ouvisse Bud Powell tocar “Polka Dots and Moonbeams”. Soon-Yi e eu escolhemos adotar e tentar dar uma vida melhor para duas órfãs já abandonadas nesta ala psiquiátrica. E fizemos isso. Sou um pai muito afetuoso que gosta de crianças. Sempre achei Soon-Yi severa demais com as meninas e ela acha que

sou liberal em excesso, mas Soon-Yi conhece as manhas da sobrevivência melhor do que eu. Ela é mais prática. Por exemplo, eu não sobreviveria uma semana num campo de concentração sem minha esponja facial. Soon-Yi, por outro lado, depois de dois dias, teria a Gestapo levando café da manhã na cama para ela.

Então, todas as coisas importantes — a educação das crianças, o acampamento e os empregos de verão, as viagens, os médicos, tutores, as lições, autorizações para dormir fora — ela acompanha com eficiência prussiana. Só falta a cicatriz do duelo. Eu basicamente as abraço, abro a carteira para elas, nunca digo não e só me preocupo se um dia elas vão matar Soon-Yi e eu enquanto nós dormimos devido a uma psicose genética. Soon-Yi participa de todas as reuniões e eventos da escola, enquanto eu os acho entediantes. Vou para representar a minha responsabilidade de pai, mas, enquanto os professores tagarelam, minha mente vaga, criando novas desculpas para evitar o dever. Imagine que a discussão é sobre o que o próximo semestre trará para Manzie ou Bechet. Como se fosse muito importante que eu soubesse que ela vai ler *Silas Marner* ou dissecar um sapo. Eu me sento, dedicado, lutando em vão contra o velho fastio enquanto os professores seguem com seus discursos, então, quando tudo termina e estou me coçando para ir a Chinatown sugar um delicioso formigas subindo em uma árvore, há sempre pais que quero estrangular porque fazem perguntas e me impedem de pegar minha bocada. “As aulas de Ciências só vão ensinar uma versão da reprodução ou haverá alguma coisa relacionada à cegonha?” “As crianças terão de ler e escrever para se formar?” “Minha filha quer ser uma terrorista suicida. Ela deve escolher um instrumento musical?” Claro, você ainda não viveu até ver seu filho se apresentar num concerto de sinetas. Mas vale a pena, porque eles são muito fofos.

Então, em resposta à pergunta que você nunca fez, nunca acordei em pânico pensando que iria perder meu senso de humor, nem sofri de bloqueio criativo. Mas Harry Block, o personagem principal de *Descontruindo Harry*, padecia do mesmo mal. Gostei desse filme, e se você verificar o elenco, é como uma equipe de astros talentosos, com alguns dos quais eu havia trabalhado antes e alguns que tive o privilégio de dirigir pela primeira vez. Eu me lembro de que, antes de começarmos as filmagens, Mariel Hemingway veio à minha sala de edição e disse que queria voltar a atuar. Ela tinha ficado solteira e o auge de sua vida havia sido *Manhattan*. Eu não tinha nada comparável para ela no momento, mas havia um papel ainda sem atriz definida, se ela não se importasse com uma participação pequena. Ela não se importou, eu a contratei

e ela fez um trabalho excelente como de costume. Foi ótimo vê-la novamente e nós nos encontramos anos depois para jantar no Cipriani's.

Mariel estava muito envolvida com a questão da vida saudável, tanto para si mesma quanto para ajudar o próximo. Lembrei quando ela me convidou para ir a Ketchum, no Idaho, das montanhas e da neve, e eu olhava pela janela enquanto ela saltava sem parar numa grande cama elástica, no jardim congelante, e ela era essa mulher de um metro e oitenta, bonita, saudável e talentosa, uma atlética deusa loira, e ficava pensando: se ao menos Leni Riefenstahl pudesse estar aqui. Então minha mente se voltou para o avô dela, que não muito longe acordou uma manhã, pegou sua espingarda, colocou na cabeça e apertou o gatilho, e como Louise e eu usamos o fato como uma desculpa para nos encontrarmos e conversar, já que estávamos loucamente apaixonados, e como Louise havia se tornado minha ex-mulher, e lá estava eu visitando Mariel e compartilhando um banheiro com o filho de Ernest, odiando ter que dividir a casa de banho com um cara, independentemente de quantos belos e bravos touros o pai dele tenha visto morrer, e não sei aonde esse pensamento está indo, exceto que a vida é irônica demais para se compreender.

Em *Desconstruindo Harry*, pude trabalhar com Judy Davis novamente. Eu a havia escalado em *Maridos e esposas* e achei a experiência enervante. Por quê? Porque era claro que ela era uma atriz tão boa que me deixava sempre intimidado. Nunca queria dizer nada para ela e entregar a verdade: sou extremamente desinteressante, raso e decepcionante quando me conhecem direito. Consequentemente, nunca conversei com Judy, e ela, sentindo instintivamente que eu não tinha nada de valor para dizer, nunca falou comigo. Então fizemos vários filmes em que eu acenaria um oi nos testes de figurino dela, com um sorriso débil nos lábios, então não a veria novamente até ela aparecer no set. Eu diria “ação”, ela atuaria, sempre maravilhosa, sempre empolgante, sexy, imprevisível. Corta. Eu falaria: “Ótimo, vamos em frente”. Ela sairia do recinto e eu a veria novamente no set mais tarde naquele dia ou no dia ou semana seguintes com o mesmo silêncio entre nós. Contrate os grandes e saia da frente, esse é meu lema.

Foi escrito por aí que sou um homem da Renascença. Claro, não estavam se referindo à Renascença Italiana, mas a Renascença em Govind Ghat, quando os nativos montanheseiros voltaram para os morros de gelo em vastos grupos. Ainda assim, mantendo essa imagem cultural, decidi levar nossa banda de jazz numa turnê europeia. Como um amador dedicado, meu estilo foi moldado (diga-se, roubado) dos grandes clarinetistas de Nova Orleans, como George

Lewis, Johnny Dodds, Albert Burbank, Sidney Bechet. Meu problema não era apenas que eu tocava sem sentimento, ouvido ou ritmo, era que eu não tinha humildade e tocava sem medo, como se de fato tivesse algo a dizer. Ainda assim, a plateia apareceu, e, quando Eddie Davis, nosso verdadeiro líder e tocador de banjo de primeira, sugeriu que fizéssemos uma turnê pela Europa, eu, como um tolo insensato que não percebeu quão ruim era, mergulhei de cabeça com a confiança de um verdadeiro sabe-nada. Pratiquei sem parar, experimentei vários bocais e linguetas, sem nunca entender que não era o equipamento que me fazia soar como um galo que tomou anfetaminas. Acho que foi Jean Doumanian que decidiu que iríamos documentar essa turnê. Ela contratou uma das melhores documentaristas do cinema, Barbara Kopple, para acompanhar as apresentações e nos capturar no palco e fora dele para uma cápsula do tempo, caso o Smithsonian pedisse uma.

O resultado foi *Um retrato de Woody Allen* e, previsivelmente, apesar de ter eu tocando, Kopple fez um documentário muito bom. Assisti e achei afiado, divertido, preciso. Acho que sou parcial porque eu pessoalmente não saí tão horrendo. Como na vida, fui inócuo, mas levemente impressionante, e, quanto à minha interpretação, Barbara cuidadosamente peneirou o joio do trigo, aproveitando o meu pouco de trigo numas poucas passagens.

Como qualquer estudante de Heisenberg sabe, com uma câmera seguindo você a cada segundo, e sendo apenas humano, a gente age de forma diferente, e é impossível às vezes não perder a pose e ser pego agindo como um completo bufão. Felizmente, pelo milagre da edição, minha tosquice foi mantida no mínimo. Soon-Yi se saiu bem, e, num artigo sobre o filme publicado no *New York Times*, o repórter coloca a ideia de que eu, sendo mais velho e mais conhecido, supostamente é quem dá o tom no relacionamento, mas é realmente Soon-Yi que, nas palavras do repórter, aparece como uma *dominatrix*. É verdade que Soon-Yi tem uma personalidade forte e decide tudo nas questões que impactam nossas vidas, tipo onde moramos, quantos filhos temos, que amigos vemos, como gastamos o dinheiro, mas eu ainda sou o chefe em relação a qualquer decisão sobre viagens espaciais.

A turnê de jazz em si foi um sucesso retumbante. Lotamos todos os lugares. E eram enormes e lindos: casas de ópera, de concerto. Multidões se reuniam do lado de fora dos hotéis onde eu me hospedava e, depois de me certificar de que o grupo não havia trazido nenhum balde de piche nem sacos de penas, eu recebia todos pessoalmente. Fazíamos vários bises a cada show. Uma vez, em Milão, quando houve uma queda de energia, as luzes se apagaram e nós

tocamos no escuro. Fomos muito aplaudidos. Recebi uma placa na noite seguinte do corpo de bombeiros local como se eu houvesse realizado um ato de bravura. Claro, interpretei o herói no total estilo Bob Hope, e comentei, quando o chefe dos bombeiros me entregou a placa: “Eu me pergunto o que os covardes estão fazendo esta noite”. Ninguém riu, mas tenho certeza de que foi por causa da diferença de idioma.

Ver o céu de Nova York é sempre empolgante, e, ao retornar, voltei a reunir um elenco com a ajuda de Juliet. Dei a esse novo longa o título de *Celebridades* e rodei em preto e branco. Todos os executivos se rasgam quando você diz que vai rodar em preto e branco, mas daí você aponta para *Touro Indomável*, *A lista de Schindler*, *Manhattan*, só para nomear alguns. O público de alguma forma sente que preto e branco significa uma produção mais modesta, mas na verdade é uma decisão artística. O custo é o mesmo. Rodar *Celebridades* foi tranquilo, e me lembro dos últimos dias, quando Melanie Griffith, uma atriz talentosa, tinha de se sentar num cinema com um homem que interpretava seu marido. Ele só se sentava ao lado dela por alguns segundos, não tinha fala alguma e não aparecia em mais nenhum ponto do filme. Nós enchemos o cinema e pegamos um figurante apropriado para interpretar o marido de Melanie, mas, quando chegou a hora de rodar, ela não gostou da escolha. Melanie disse que nunca se casaria com um cara daqueles (eu não contei isso para ele). Expliquei que ela não precisava de fato se casar com ele e passar o resto de sua vida com aquele cara, mas Melanie não queria saber. Achei que era bem fofo e típico dos atores entrarem tanto assim nos personagens. Então o trocamos e demos outro figurante para ela se casar, e eles viveram felizes para sempre. Kenneth Branagh foi um privilégio de se trabalhar, e finalmente pude escalar Joe Mantegna, que eu havia amado na peça de Mamet, *Glengarry Glen Ross*. Judy Davis é claro que foi ótima, e como fizemos vários filmes juntos, eu estava determinado em lhe dar um oi, mas perdi a coragem quando ela não conseguiu se lembrar de quem eu era.

Então, por anos, Sean Penn estava sempre mandando mensagens sobre como gostaria de trabalhar comigo, e toda vez que eu o chamava, ele recusava. Então, um dia mandei um roteiro sobre um virtuoso guitarrista de jazz com uma personalidade complicada e finalmente ele gostou. Samantha Morton interpreta a garotinha muda, por quem Sean se apaixona, e pelo papel Sean conseguiu sua primeira indicação ao Oscar, havia muito esperada. *Poucas e boas* foi o filme que Santo teve de fazer parecer como se tivéssemos filmado por todo o país, só que nunca deixamos Manhattan. Não é que eu não goste de dormir fora de casa

num hotel, desde que os lençóis sejam do algodão mais macio e ao deitarmos minha esposa pressione todo seu conjunto de células contra mim numa posição que Saul Bellow uma vez descreveu brilhantemente como *conchinha*. Desde que Soon-Yi e eu nos tornamos um casal, desde o primeiro dia em que ela veio morar comigo, nunca passamos uma noite separados nesses 25 anos. Nem fizemos muitas refeições em que não compartilhássemos a mesma mesa. Comemos o café da manhã, o almoço e o jantar juntos quase todos os dias. Você pode pensar que há muito teríamos perdido o que dizer, mas como o clima muda todo o tempo, nunca ficamos sem conversa.

Os jantares são quase sempre com as crianças ou amigos em algum restaurante onde Soon-Yi faz os pedidos, ignorando todos os conselhos da Saúde Pública. Eu, por outro lado, por causa da saúde, tomo o cuidado de não comer nada que seja agradável. Então vamos para casa, rezo ao lado da cama implorando a deus para provar que ele está lá me dando algum sinal como dois ou três vencedores no páreo. Soon-Yi fica no banheiro, claro, fazendo suas abluções noturnas, um ritual que envolve um grande jarro com algum olho de tritão. Finalmente as luzes se apagam enquanto eu a abraço e adormeço sorrindo, pensando como coisas diferentes poderiam ter acontecido se eu tivesse nascido seis mil anos antes no Ártico e gostasse de carne de baleia.

Durante minha vida, escrevi piadas para comediantes em clubes noturnos, escrevi para o rádio, escrevi uma apresentação de casa noturna para mim mesmo e a apresentei, escrevi para televisão, toquei em clubes, casas de concertos e na TV, escrevi e dirigi filmes, escrevi e dirigi peças de teatro, estreei uma montagem na Broadway, dirigi uma ópera. Já fiz tudo, de lutar boxe com um canguru na televisão a encenar Puccini. Isso me permitiu jantar na Casa Branca, jogar beisebol com grandes astros no Dodger Stadium, tocar jazz em paradas e no Preservation Hall, em Nova Orleans, viajar por todos os EUA e toda a Europa, conhecer chefes de estado e todo tipo de homens e mulheres de talento, caras espertos, atrizes encantadoras. Publiquei livros. Se eu morresse agora, não poderia reclamar, e nem um monte de gente.

A única outra ocupação que já me interessou foi uma vida de crime, de jogo, apostas e vigarice, e pude interpretar um bandidinho na minha comédia *Trapaceiros*.

O filme me deu a chance de atuar diante de Tracey Ullman, um enorme talento para comédia, o que estou certo de que você sabe sem eu precisar ficar babando sobre ela. Além disso, eu fazia parte de um grupo de bandidos que incluía alguns humanos realmente hilários. Olhe quem estava na minha gangue: Michael Rapaport, um dos meus atores favoritos, além de Jon Lovitz e, claro, Elaine May. Conheço Elaine desde que ela e Mike Nichols vieram para Nova York. Tivemos o mesmo empresário, Jack Rollins. Eu queria escrever para eles antes de me tornar comediante, mas eles não precisavam. Quando fiz meu primeiro filme, *Um assaltante bem trapalhão*, pedi a Elaine que participasse, mas ela me dispensou dizendo: “Não posso, estou com o pescoço imobilizado”. Nossos caminhos se cruzaram várias vezes no decorrer dos anos, e nós dois trabalhamos juntos no teatro, contribuindo com peças de um ato para uma noite de peças curtas com David Mamet e, anos depois, com Ethan Coen. Enfim, ela concordou em participar de *Trapaceiros* e, desde então, nós trabalhamos numa coisa que fiz para a TV. Meu ponto é que ela é uma das poucas pessoas que é autenticamente engraçada.

O que quero dizer é que há muita gente que ganha a vida fazendo comédia, muitas pessoas que são de fato engraçadas. E algumas que são consideradas como gênios não são nem boas. Então há os autenticamente engraçados. Uma questão de gosto, certamente, e nós todos decidimos por nós mesmos. Não tenho interesse em impingir aos outros quem eu acho engraçado. Nem estou interessado em ouvir quem eles consideram gozados. Vamos cada um aproveitar nossos comediantes favoritos sem nos macularmos por conflitos supérfluos. Para deixar registrar neste documento pessoal, deixe-me simplesmente dizer que Groucho Marx, W. C. Fields e Elaine May são indiscutivelmente engraçados, com S. J. Perelman sendo o humano mais engraçado na Terra. Ah, e não se esqueça de Pogo. A tirinha de Walt Kelly foi tocada por um gênio. Há outros, mas deixe-me seguir em frente.

Enfim, o bandido em *Trapaceiros* foi interpretado por Hugh Grant de forma soberba. Ele era um ordinário tão elegante, calculista, atraente, um vilão perfeitamente charmoso. O filme até que foi bem. Minhas histórias de crime pareciam agradar ao público.

Em algum ponto no que Tennessee Williams chamava de “essa marcha sombria”, eu recebi uma ligação de Jeff Katzenberg, que perguntou se eu podia

fazer a voz da formiga principal em *FormiguinhaZ*. Anos antes, eu havia interpretado um esperma e, de alguma forma, quando discutiram quem seria a voz certa para um inseto, meu nome surgiu. Jeffrey me disse que seria o trabalho mais fácil que eu já peguei e divertido a valer. Tudo o que eu teria de fazer era ler num estúdio enquanto me gravavam. Eu sempre gostei do Jeffrey e fiquei feliz em fazer um favor a ele. Como se revelou, não foi fácil e eu não me diverti a valer. Foi difícil e chato, fiquei entediado e, quando terminou, jurei que nunca mais faria nada parecido e nunca mais fiz. Por mais que eu gostasse de Jeffrey, declinei quando ele veio com outra oferta de fazer a voz de outra peste de jardim. Fiquei com medo de ficar marcado nesses papéis.

Como favor a pessoas, eu fiz aparições em papéis minúsculos quando sentiam que eu poderia ajudar. Fiz uma aparição para Stanley Tucci, uma para meu amigo Douglas McGrath e outra para uma total estranha. Uma garota francesa em Paris precisava que eu interpretasse eu mesmo num filme francês, e como era o primeiro filme dela e a aparição toda só levava uma hora, fui até o set quando estava na cidade e fiz como me mandaram. Não gosto de me ver na tela, então nunca vi nenhum desses filmes, e nunca vi inteiro um filme de que participei chamado *Juntando os pedaços*, que eu podia ver que iria ganhar um Oscar de Desperdício Mais Inacreditável de Celuloide de 2000.

Interessante que pude atuar com Sharon Stone nesse filme. Sharon teve um momento minúsculo em *Memórias*, e estaria no filme de John Turturro *Amante a domicílio*, no qual eu interpretaria um papel grande. Estive em três filmes com Sharon Stone, mas ela seria a primeira a te contar que nós nunca tivemos um caso. Sempre a achei uma excelente atriz e uma mulher muito bonita e me perguntava por que, sempre que ela ouvia que eu estaria no filme, ela ia trabalhar com aquela trave de três metros. Gostei de ser dirigido por John Turturro porque ele é um ator maravilhoso, sabe como dirigir atores e me senti em boas mãos. Esse filme eu vi. Tive de ver. Turturro insistiu e se sentou ao meu lado na sala de projeção. Quando as luzes se acenderam, dei a ele palavras merecidas de encorajamento.

Tentar reunir o elenco de *O escorpião de jade* foi bem difícil, e cada ator a que ofereci o protagonista recusou. Fui forçado a interpretá-lo eu mesmo e, conseqüentemente, sou a parte fraca do filme. O resto do elenco foi brilhante. Dan Aykroyd e Helen Hunt entregaram grandes atuações e foram previsivelmente maravilhosos. E Charlize Theron é uma força da natureza, com uma gama de atuação maravilhosa. Mas daí tinha eu. Eu precisava de Jack Nicholson, ou Tom Hanks, que poderia ser outro caminho, mas por mais que

eu tenha me esforçado, não era a pessoa certa para o papel. O filme foi um sucesso modesto, apesar da minha sofrida presença. Mas o que é interessante é que, em diferentes países, um filme é recebido de formas bem diversas, e na Espanha foi um grande sucesso. É fascinante como diferentes culturas respondem ao mesmo material. Um filme pode ir de forma excelente na Argentina, mas não muito bem na Inglaterra. Outro é grande na Alemanha, mas morre na Austrália. Um acerta no Japão, mas morre no Brasil. Foram observações assim que mantiveram meus convites para jantar, no mínimo. Então *Escorpião de jade*, por algum motivo, atçou bem os espanhóis.

Para mim, o filme mais decepcionante foi *Dirigindo no escuro*. Parecia que aquele filme era divertido e não foi bem. A premissa era engraçada, eu a executei bem, minha protagonista, Téa Leoni, era maravilhosa, o elenco de apoio fez um bom trabalho e a ideia era carregada de potencial. Um diretor de cinema fica cego por alguma razão psicossomática e, sem querer perde a chance de dirigir o filme que marcaria seu grande retorno, ele segue falseando, fingindo que pode enxergar. Nas mãos de Chaplin ou Buster Keaton, teria sido uma obra-prima. Mesmo nas minhas, foi divertido — ou é o que eu fico dizendo às pessoas.

Naquele filme, demiti Haskell Wexler. Sempre achei que ele era um cameraman genial, mas eu o achei infantil, irritante, como uma criança mimada, e percebi logo que tínhamos de ter uma discordância talmudista antes e depois de cada tomada. Avancei meses além do cronograma. Fiquei mal por isso, já que eu estava ansioso em trabalhar com um homem tão talentoso, mas a química foi ruim.

Então, após todos esses anos, aconteceu de eu estar escrevendo sobre Louise. *Igual a tudo na vida* foi o título do filme, e Christina Ricci interpretou o obscuro objeto do desejo, e foi bem desejável. Jason Biggs ficou encarregado de uma versão jovem de mim, de forma encantadora, e eu interpretei uma versão exagerada de David Panich, o escritor com quem passei alguns verões no Tamiment. Panich foi aquela influência brilhante para mim. Ele trabalhava lá, e passávamos algum tempo ruminando sobre a vida, o amor, a arte, a morte; dois poetas sensíveis, frágeis demais para *a tempestade e o ímpeto* nessa pesadosa órbita, duas almas perdidas buscando respostas ou uma filosofia que funcionasse e encontrando alguma medida de distração graças à musa Thalia, momentos que tristemente duraram muito pouco para estancar a hemorragia psicológica perpétua. (Estou começando a soar como o jovem Werther.) Mas aqui estávamos, dois enfadonhos perdidos lutando por aquisições, um já tendo

passado algum tempo na camisa de força, o outro provavelmente se encaminhando para uma, mas resgatado por genes mais fortes.

Eu podia ver a vida como trágica ou cômica, dependendo do nível de açúcar no meu sangue, mas sempre a vi como sem sentido. Senti que eu era um trágico trancado no corpo de um comediante de stand-up. Um inglório Milton mudo. Mas apenas se você se refere a Milton Berle.

Continuando, *Igual a tudo na vida* não faturou muito nas bilheterias, então segui para fazer meu próximo filme, *Melinda e Melinda*, esperando examinar uma história e alguns personagens de duas perspectivas, uma cômica e a outra trágica. O filme foi bem, não ótimo, nem péssimo. Enquanto isso, eu estava ficando sem financiamento para meus filmes porque eles não eram muito lucrativos, mas eu ainda exigia controle como se fosse Toscanini. Os estúdios, mesmo aqueles que queriam trabalhar comigo, ficavam desestimulados. Não somos um banco, eles diziam, queremos certos dados. Qual é a história? Quem você enxerga nela? Pelo menos escute nossas ideias. Mas, não, eu nem as considerava. Preferia não fazer o filme. Os caras dos estúdios, os chefões, sabem menos do que nada sobre criação. Isso não é um pecado. Aqueles de nós que querem fazer filmes não sabem quase nada. Não é uma ciência exata, e cada filme é uma nova experiência com problemas únicos. Você usa seu cérebro, usa sua experiência até o nível que signifique algo, usa principalmente o instinto.

Mas pelo menos os artistas são cheios de inseguranças e sabem que não sabem de nada. A maioria dos caras da grana não sabe de nada, não tem instinto, mas com frequência se vê como gente que sabe das coisas, até mais do que o artista. Eles picotam a obra em curso, patinando para agradar de todas as formas necessárias, e o resultado com frequência é dez vezes pior do que se deixassem o artista em paz. Deixe que ele nade ou afunde sozinho. Vez ou outra, por um puro acaso que depois é visto como sabedoria, um executivo faz uma escolha melhor do que o artista, e o projeto tem um sucesso lucrativo. Isso é raro, e com mais frequência os projetos são arruinados pela interferência dos “engravatados”.

Estou falando aqui sobre o cinema comercial em geral. Se o cineasta é um artista, um Bergman, um Fellini, por exemplo, dados de qualquer natureza, salvo a alma do artista, estão fora de questão; até os engravatados sentem isso e se afastam. Desmerecedor como sou, sempre operei como se eu estivesse na classe dos cineastas de arte, e apesar de ser uma comparação falsa, minhas exigências de não ter intervenções externas em meus trabalhos me geraram um

respeito mais adequado para maestros de fato. Mesmo assim, eu insistia: se quiser investir no meu filme, você coloca o dinheiro num saco de papel, dá o fora, e eu apareço com o filme pronto que então você terá o direito de distribuir como preferir. Mas Hollywood estava mudando e meus registros, apesar de sólidos, não acompanhavam a mentalidade crescente dos blockbusters. Então lá estava eu, com o roteiro de *Match Point*, um filme ambientado em Nova York, nos Hamptons e em Palm Beach, e ninguém apareceu com dinheiro dentro de um saco de papel.

Foi então que recebi uma ligação de Londres. Certos malfeitores disseram que iriam dar a base para a minha próxima obra se eu a rodasse em Londres. Diferentemente dos magnatas americanos, eles não disseram ter conhecimento de cinema e não tinham vergonha de serem considerados banqueiros. Sem pestanejar, assinei os papéis e logo Nova York se tornou Londres, os Hamptons viraram os Cotswolds, todos os capôs nos carros se tornaram capotas e o povo não estava mais pedindo Big Macs, mas chá e bolinhos.

Coloquei Kate Winslet no papel principal junto a Jonathan Rhys Meyers. Uma semana antes de rodar, Kate ligou e disse que não poderia mais fazer o papel. Era muito tempo longe dos filhos, o cansaço seria enorme e ela precisava de tempo com a família. Entendi as prioridades dela e torci para que pudéssemos trabalhar juntos de novo, o que conseguimos. De repente estávamos nos revirando para conseguir uma substituição de última hora, e alguém mencionou que uma jovem chamada Scarlett Johansson estava disponível. Eu a havia visto maravilhosa em *Ghost World*, de Terry Zwigoff, e enviei um roteiro a ela. Em menos de 24 horas ela respondeu que topava. Scarlett só tinha dezenove anos quando fez *Match Point*, mas estava tudo lá: uma atriz empolgante, uma estrela natural de cinema, uma inteligência verdadeira, rápida e divertida, e quando você a conhece, precisa lutar contra os feromônios. Não apenas ela era talentosa e linda, mas sexualmente radioativa. Você tinha a impressão de que a cada segundo ela estava prestes a pegar sua mão, sorrir e dizer que se você realmente quisesse fazer aquilo, ela poderia tentar. Eu a escalei para vários filmes em que ela foi incrível e só espero que possa trabalhar com Scarlett novamente antes que eu morra ou a senilidade se estabeleça e eu esteja babando, mas não por ela.

Fazer filmes em Londres é como estudar cinema no melhor sentido. Todo mundo entra na onda e ajuda. O cara que serve a comida vai te puxar uma cadeira e ninguém faz greve. Se você precisa de um figurante por alguns minutos sem entrar em hora extra, não é o fim do mundo; a moça da

maquiagem pode rapidamente trazer alguém para fazer uma ponta sem que essa pessoa precise fazer parte de um sindicato. E o clima. Aquele céu cinza fabuloso, tão perfeito para a fotografia. Não dava para eu estragar *Match Point* nem que eu quisesse. Precisei substituir Kate Winslet no último minuto, e quem eu consegui? Scarlett. Precisava de um tempo chuvoso, consegui. Se precisasse de sol, eu tinha sol. Era como se os deuses do cinema estivessem tentando compensar por tantas vezes que ferraram comigo.

E nunca vou esquecer o dia antes do início das filmagens, quando fui a um estúdio gravar a voz de Jonathan Rhys Meyers para o discurso que abre o longa. Eu o escutei ler com minha assistente Sarah Allentuch e perguntei a ela: “Eu escrevi isso?”. Eu queria dizer que a voz irlandesa de Meyers era tão linda que me fez parecer que eu era um escritor. Como Dylan Thomas ou James Joyce. Em casa, tentei ler meu roteiro com aquele mesmo tom sonoro, mas Soon-Yi e eu concordamos que eu parecia o Hortelino Troca-Letras. Também pude trabalhar com Emily Mortimer, que pegou um papel que, de outra forma, seria bem apagado, mas ela o fez decolar. Foi incrível como, em *Match Point*, cada ator e atriz em cada pequeno papel deu uma verdadeira contribuição. Esse filme foi um prazer para mim. Foi um dos poucos que eu já fiz que superaram minhas ambições.

Tanto que voltei para Londres mais três verões para fazer *Scoop* — *O grande furo*, com Scarlett, e *O sonho de Cassandra*, com Ewan McGregor e Colin Farrell, e foi onde descobri Sally Hawkins. Digo *descobri* porque ela foi incluída num vídeo que promovia uma atriz diferente que estávamos considerando, mas eu só pude pensar: “Quem é essa outra? Ela é ótima”. Trabalhar com o empolgante Hugh Jackman e Scarlett em *Scoop* foi divertido, e ela e eu decidimos fazê-la parecer tola e pouco glamorosa. Quando se é tão bonita quanto ela, você não tem nem um pinga de insegurança ao se apresentar como uma palerma de óculos. Fiz o papel do herói, mas o verdadeiro herói era o jornalista interpretado por Ian McShane. Sempre tive um fraco por jornalistas. Junto com caubóis, músicos de jazz, agentes do FBI, detetives particulares, jogadores e mágicos. Até cogitei a fantasia de ser um cara de jornal, um repórter investigativo que escrevesse sobre crimes cuja busca incansável viesse com a história que acabasse com a corrupção na prefeitura ou salvasse um homem inocente da forca. Era ou isso ou um jornalista esportivo capaz de documentar a poesia atlética assim como meu ídolo, Jimmy Cannon.

Ah, o destino tinha outros planos para mim. Mas uma das melhores lembranças que tenho é da noite em que fui para a Broadway com o jornalista

Leonard Lyons. Ele era um colunista de Nova York que não se apoiava em releases das assessorias de imprensa, mas cobria a vida noturna da cidade ele mesmo, e acumulou centenas de grandes piadas sobre as celebridades da cidade. Ele e sua esposa me receberam para jantar no apartamento deles em Beresford quando eu era um comediante em início de carreira. Seu dia de trabalho começava por volta das dez da noite. Ele deu um beijo na esposa e nós descemos para as ruas de Manhattan. Ele me levou ao Sardi's, à Oak Room do Plaza, ao Toots Shor's e, depois, para o Waldorf e o Lindy's, sempre conversando e ouvindo autores e atores, atrizes e produtores. Tive uma noite com a qual eu só podia sonhar na minha juventude na Avenida J, no Brooklyn. Às vezes, quando estou deitado na cama à noite, sem conseguir dormir e tenho um raro intervalo de visualizar minha morte ao ser esmagado numa prensa de carros de um ferro-velho ou engolido por uma jiboia, penso nostalgicamente naquela noite na cidade com Leonard Lyons.

Uma era que se foi, quando a Broadway abria as cortinas às oito e quarenta da noite. Os primeiros notívagos vestidos em *black tie*, o público cintilante do teatro tomando o Music Box, o Broadhurst, o Longacre e o Booth. As peças começavam numa hora civilizada, para que você pudesse jantar primeiro e talvez ir a um clube social depois do clímax das onze da noite. Essa era a cidade antes de os nova-iorquinos de classe média fugirem e entregarem a Times Square para os turistas. Quando os táxis amarelos tinham banco de passageiro, antes daquela rua de pedestres horrenda e antes da infestação de bicicletas. (Se você ler a história do Pessach com cuidado, na parte sobre as dez pragas, logo após dos gafanhotos, sapos e fervuras, eles mencionam as bicicletas.) Nova York é uma cidade para se caminhar, mas houve um tempo quando, por duzentos dólares, você podia conseguir um terno novo e um excelente assento para um assistir a um show, não apenas o ingresso. Leonard Lyons, por sinal, foi o primeiro e único colunista que teve a audácia de imprimir a piada quando o livro de Philip Roth, *O complexo de Portnoy*, foi comprado para o cinema e todo mundo perguntou, incrédulo, “Como eles vão transformar aquele livro num filme?”, e algum esperto disse: “Com uma câmera na mão”. Era uma época arrogante, mas Leonard Lyons não pôde resistir e eu não o culpo.

Depois de *O sonho de Cassandra*, tive um hiato de Londres antes de voltar para filmar *Você vai conhecer o homem de seus sonhos*, em que tive a chance de trabalhar com Josh Brolin, que eu havia visto em vários filmes, Gemma Jones e Naomi Watts. Naomi é mesmo uma atriz maravilhosa. Nunca a encontrei por acaso nem conversei realmente com ela. Ela apareceu na manhã em que

precisávamos dela para filmar em algum momento próximo ao meio do dia. A primeira coisa que ela teve de fazer era sua cena mais difícil, muito emocional. Ela veio, sem nervosismo, sem medo, uma força de autoconfiança justificada. Trocamos um rápido “olá”, nos cumprimentamos e ela simplesmente arrasou em sua cena difícil de forma rápida e perfeita. Naomi passou por uma escala inteira de emoções intensas. Então foi “corta” e “imprime”. Ela sorriu e saiu para almoçar. Preciso dizer que Naomi não é apenas uma estrela incrível e muito bonita, mas tem os dois dentes superiores da frente mais sexies do show business.

Antes de eu rodar aquele quarto longa em Londres, fiz outros dois filmes. (Eu sei, estou dando um salto. Mas tente me acompanhar.) Passei um verão na Espanha e fiz *Vicky Cristina Barcelona* com Scarlett, Penelope Cruz, Rebecca Hall, Patricia Clarkson, Chris Messina e Kevin Dunn. Isso sem mencionar Javier Bardem, um dos melhores atores do cinema. Que elenco! Se não fosse por um colapso mental em que eu ouvisse vozes me dizendo para conquistar os ingleses em Orleans, eu iria ficar bem. Tirando o fato de ser um belo e complicado talento na atuação, Penelope é uma das humanas mais sexies da face da Terra, e juntá-la com Scarlett elevou ao cubo a valência erótica de cada uma. Merecidamente, Penelope ganhou um Oscar por seu trabalho. Queríamos que a classificação etária fosse dezoito anos, mas só conseguimos catorze porque disseram que o sexo entre as mulheres tinha sido registrado com muito bom gosto. A única vez na vida que fui acusado de bom gosto prejudicou nossa bilheteria.

Minha família e eu passamos um verão incrível em Barcelona. Tive o prazer de comer no Ca L’Isidre tantas vezes quanto foi humanamente possível e só isso já tornou minha experiência um prazer. Rodamos algumas cenas em Oviedo, uma pequena cidade com um clima parecido com o de Londres, uma delícia. Visitei Oviedo pela primeira vez quando fui notificado de que havia sido selecionado para um Prêmio Príncipe das Astúrias, ao qual recusei. Primeiro, porque não tenho interesse em prêmios e, segundo, porque ainda que eu não goste de insultar ninguém que seja bacana o suficiente para querer me dar um prêmio, nunca aceito prêmio algum cuja concessão dependa da minha presença.

Alguns anos depois, quiseram me dar um Golden Globe pelo conjunto de minha obra em vida, mas isso significava que eu teria de aparecer na premiação para recebê-lo. Eu abri mão. Dois dias depois, me disseram que eu não precisaria ir para ser premiado. Então, por mim, tudo bem. Nunca assisto a

nenhuma dessas cerimônias de entrega de prêmios, e se eu não tiver de ir ou assistir e quiserem me premiar mesmo assim, certamente não criarei caso. Diane Keaton pegou o Golden Globe para mim. Emma Stone fez a gentileza de apresentá-la. Nunca vi essa cerimônia, mas, como as duas são impecáveis em vida, estou certo de que foram impecáveis no evento. Então eu originalmente recusei o Prêmio Príncipe das Astúrias. Nunca tinha ouvido falar de Oviedo e não iria para lá e, por favor, me deixe em paz, está passando um jogo. Mas, de repente, recebi uma ligação do nosso distribuidor na Espanha, que estava em pânico. Eu não podia recusar aquilo. Ele me explicou que era o maior prêmio da Espanha, enorme em toda a Europa. O príncipe e a rainha que entregam. É o Nobel deles. Agora eu imagino que houve um erro administrativo. Algum pobre coitado manchado de tinta vai ouvir todas por ter colocado meu nome errado na lista de agraciados.

Mas, não. Ao investigar direito, aquilo não havia sido um erro. Corta para o futuro e estou num smoking sendo homenageado junto a caras que inventaram a internet ou escreveram teorias econômicas e gênios das artes como Daniel Barenboim, esse ícone da música clássica, e Arthur Miller. Sim, vou receber a mesma homenagem que o autor de *A morte de um caixeiro viajante*. Isso tem de ser um erro. Encontre o erro nessa imagem. Minha família conheceu a rainha, também o príncipe da Espanha, que posteriormente viria jantar em nossa casa em Nova York. O que estou fazendo com essa gente? Eu estava fora do meu meio. Havia carros na frente da nossa casa na Rua 92 Leste e o serviço secreto verificou nosso porão, o telhado, o jardim. Afinal, o príncipe que iria acabar se tornando rei da Espanha estava vindo jantar. Mas isso foi depois.

Eu estava em Oviedo, e Arthur Miller propôs que almoçássemos, só nós dois, para que pudéssemos passar algumas horas conversando. De repente, eu estava almoçando com aquele escritor que, junto a Tennessee Williams, compartilhava do tempo exclusivo no meu apartamento do Brooklyn. E, cara, como se a vida não fosse injusta o suficiente, recebi o mesmo prêmio por minhas conquistas artísticas que ele. Um almoço com Arthur Miller era algo que eu só poderia fantasiar quando menino, quando jovem, até uma semana antes daquele dia. Fiz um milhão de perguntas e me lembro vividamente de que ele confirmou para mim que a vida era de fato sem sentido. Conversamos sobre a mortalidade. Comparei com quando você está acostumado a caminhar regularmente numa certa hora toda manhã, digamos às oito, e, num dia em particular, você tem um compromisso às sete que necessita que acorde às seis para ficar pronto e chegar a tempo. Então, não consigo dormir direito porque sei

que tenho de acordar cedo e o alarme vai tocar às seis. Acaba com minha noite de sono, isso se eu conseguir dormir. Então minha vida está acabada, destruída, sabendo que o alarme vai tocar um dia e vou precisar ir, e esse conhecimento acaba com minha paz de espírito e me faz revirar em todos os dias da minha existência, esperando que a hora soe. Expliquei isso para aquele grande dramaturgo, cuja mente desde então vagou para suas carolinas enquanto eu tecia minha metáfora. Lembrei que, anos antes, ele havia pedido que eu dirigisse Vanessa Redgrave na adaptação de sua peça *Amarga Sinfonia de Auschwitz* para a TV. Porém, meu contrato de exclusividade com a UA me proibia. Mas ele gostava do meu trabalho. Tive muita sorte de que basicamente todos que idolatrei pareciam curtir o que eu fazia: Groucho, Perelman, Ingmar, Tennessee Williams, Miller, Kazan, Truffaut, Fellini, García Márquez, Wislawa Szymborska, para citar apenas alguns. A não ser que seja alguma piada, estão todos na minha. Humm. Igual a quando o povo de Oviedo ergueu uma estátua minha na praça da cidade. Nunca perguntaram a minha opinião ou comentaram a respeito comigo, simplesmente colocaram numa praça uma estátua em minha homenagem. Eu tinha a impressão de que era como em *O Corcunda de Notre Dame*, quando eles organizam o casamento de algum idiota e tiram sarro da pobre criatura celebrando-a publicamente. Naquele ano, imagina quem era a criatura?

Se eu pareço cínico, pessimista, misantrópico, eu trabalhei ao lado de um mestre do cinismo, Larry David. No set de *Tudo pode dar certo*, conversamos um pouco sobre stand-up. Quando penso nos anos em que trabalhei em casas noturnas, eu tenho que dizer que os caras engraçados de hoje me deixam muito para trás. A única crítica que tenho é que, hum, muitos são gratuitamente desbocados. Lembre-se, estou dizendo *gratuitamente*. Não me importo com palavrões quando contribuem para a graça da apresentação, mas desde que a linguagem considerada de baixo calão foi liberada nos anos 1960, é embaraçoso ouvir apresentações que são pontuadas com os ditos palavrões. Aparentemente, os comediantes acreditam que esse palavreado passa uma ideia de atualidade ou ousadia, de ultraje ou liberdade, quando na verdade eles poderiam fazer o mesmo material e falar abertamente sem se esforçar tão obviamente para conquistar o que acham que os palavrões conseguem para eles. Com frequência, eles se sentem forçados e pesam a mão. Então há o novo clichê da apresentação. Quando eu era mais novo, o clichê era começar o show com: “Boa noite, senhoras e senhores”. Os comediantes eram basicamente homens e com frequência usavam smoking. Eram caras afiados, alinhados, que faziam

piadas que compravam e podiam terminar com uma música. “É por isso que digo... Quando você sorri...”

O clichê de hoje é que o comediante sai, pega o microfone do suporte para que possa caminhar pelo palco gritando suas frases e, deus nos ajude, ir até uma cadeira ou mesa que tenha sido colocada no centro do palco com uma garrafa d’água, permitindo que o ele beba vez ou outra. De onde sai tanta sede assim? Nunca conheci alguém que morresse de desidratação durante um monólogo. Atores interpretam horas de Shakespeare, sem Hamlet ou Lear se meterem atrás da cortina para um gole de água Poland Spring. Mas, na TV, você encontra um cara engraçado indo e voltando, dizendo: “Sabe o que me incomoda? Você já foi numa dessas merdas de cruzeiros no Caribe? São uma merda mesmo”. Agora ele precisa de água de qualquer jeito ou seus restos ressecados serão encontrados no palco como um esqueleto no deserto. Sem paciência para esperar que ele sacie suas amígdalas sedentas, sempre troco o canal para algo mais cativante, como o canal onde vendem relógios Invicta o dia inteiro.

Tive de fazer um stand-up recentemente, já que fui levado a aparecer no tributo do American Film Institut a Diane Keaton.

“Você vai”, ela me convocou.

“Eu te mando parabéns numa gravação”, implorei.

“Não, truqueiro, você vai. Não apenas isso, você vai me entregar o prêmio.”

“Mas...”, eu gaguejei.

“Desculpe. Tire seu traje de pinguim da naftalina.”

Então eu fui, fiz algumas piadas, tive minhas risadas e pude ver que, se eu fizesse stand-up novamente, não cometeria o mesmo erro de quando comecei, como preparar muitas piadas indignas, correr para acabar logo e enlouquecer enquanto isso. Eu era um lorpa e tanto. Mas como não faço mais stand-up, de que diabos estamos falando?

Depois que alguns dos filmes que fiz no exterior tiveram sucesso, vários países começaram a me chamar e me convidar para fazer filmes que eles financiariam sem fazer perguntas. Não podia ficar mais feliz de trabalhar assim, e minha esposa adorou a chance de viver fora com as crianças e realmente absorver as diferentes culturas. Tudo bem, desde que a cidade anfitriã fosse uma em que pudéssemos viver decentemente pelos três ou quatro meses que duram as filmagens. Londres foi uma delícia. Barcelona, um sonho. Se eu recebesse uma oferta de, digamos, Thiruvananthapuram, eu definitivamente abriria mão. Quando Paris me chamou, prometendo tornar as filmagens lá

fáceis, com total cooperação, você pode imaginar quão rápido eu tirei um contrato do meu bolso traseiro e assinei.

O resultado foi *Meia-noite em Paris*, o que significou por meses uma grande suíte no Bristol e nada além de croissants, trufas e aquelas ruas e telhados. Escrevi o papel para um intelectual oriental, mas, quando veio a chance de trabalhar com Owen Wilson, eu o reescrevi para encaixá-lo. E tive a chance de trabalhar com outra grande atriz, Marion Cottillard. Não acho que ela amou a experiência, mas eu, sim. Ela foi muito carinhosa, claramente nunca valorizando o quão incrível era. Ela foi a única atriz com quem já trabalhei que chorou no set, mas nunca pude entender o porquê. Tudo o que ela fez foi soberbo. Talvez eu não tenha conversado muito com ela, mas isso foi só porque não havia nada a dizer: ela fazia tudo certo. Mas, por algum motivo, ela não ficou satisfeita consigo mesma. Quanto a mim, sou bem legal no set, um doce de pessoa, e, ciente do talento dela, embarquei em sua performance. Enfim, foi um privilégio trabalhar com Marion e eu não poderia pedir nada melhor.

Owen também foi maravilhoso e um prazer de dirigir. Ele se sentava virando uma mistura repulsiva de cor verde que acho que funcionaria para estender a expectativa de vida dele, mas, se é preciso ficar bebendo aquela secreção verde, quem vai querer viver mais? Consegui escalar Adrien Brody para interpretar o jovem Salvador Dalí, que foi um dos pontos altos do filme, assim como o Ernest Hemingway de Corey Stoll. Então, tinha Rachel McAdams, uma atriz que torna cada fala real e parece um luxo de qualquer ângulo, interpretando a noiva não tão legal de Owen. E a cereja do bolo, para mim, foi Léa Seydoux. Nunca tinha ouvido falar dela e, no meio do filme, percebemos que precisávamos de uma contratação rápida para um papel pequeno, mas essencial. Recebi uma fita com várias atrizes para escolher e tive um daqueles momentos “quem é essa?”. Léa era magnética. Claramente uma atriz de primeira grandeza que, no decorrer dos anos, provou isso interpretando uma grande variedade de papéis que a fizeram merecer sua reputação. Nós rapidamente a contratamos e, quando a conheci, não conseguia tirar os olhos dela. Não era só que Léa era linda, ela era excepcionalmente bonita, de uma forma totalmente impressionante. Sua personalidade, que era encantadora, iluminava seu rosto como se Renoir e Raphael tivessem feito uma parceria. Enquanto estávamos rodando tarde da noite, parados ao ar livre por horas no frio congelante, o nariz dela começou a escorrer e, ainda assim, Léa era uma das mulheres mais belas que eu já tinha visto. No decorrer dos anos, segui o trabalho dela e quase a coloquei em outro filme, mas o sotaque francês era forte demais para uma personagem americana.

Talvez, se eu tiver sorte, haverá um papel em algum dos meus próximos filmes para o qual ela seja perfeita, tipo uma dona de casa solitária, faminta por amor, e eu poderei interpretar o personal trainer dela.

Adoro filmar as cidades. O farfalhar e a agitação da vida nas ruas. E, na chuva, elas são tão ariscas! Fui capaz de começar com uma montagem de Paris acompanhando Sidney Bechet, que pegou o espírito francês perfeitamente. Eu ficaria feliz só de fazer montagens de cidades com minhas músicas favoritas de apoio. Trabalhar em Paris. Viver em Paris. Por que não fiquei quando as filmagens de *O que é que há, gatinha* terminaram? Que vida diferente eu poderia ter tido. Não poderia ser um comediante de stand-up. Nunca teria conhecido Soon-Yi ou pagado um grande preço por amar Soon-Yi. Tudo valeu a pena. Ela é linda, sexy, inteligente, divertida, uma esposa perfeita. Se ao menos Soon-Yi se lembrar de me cremar... Enquanto fazia a pré-produção de *Meia-noite em Paris*, fomos convidados para conhecer o presidente Nicolas Sarkozy e sua esposa, Carla Bruni. Tomamos um brunch no Palácio Élysée. Fiquei tão nervoso que esqueci de levar a geringonça de choque para fazer uma pegadinha com Sarkozy quando o cumprimentasse. Então nós todos conversamos por um tempo e, finalmente, como Carla Bruni era um deleite fascinante e eu sabia que ela trabalhava no show business como cantora, tive a audácia de perguntar se ela poderia fazer uma participação num filme. Ela olhou para o marido pedindo um sinal sobre como ele se sentia em se envolver com um plebeu desmazelado, e Sarkozy declarou que não tinha problema algum, então ela concordou.

Pela imprensa você pensaria que uma espaçonave havia pousado. Por toda Europa foi manchete. Quando chegou a hora de filmar, Carla foi totalmente profissional. Ela chegava na hora, atuava — e bem, impressionando todos nós. Ela sabia suas falas, se apresentava lindamente e podia fazer trocas rápidas e adicionar ou cortar frases no calor do momento. Eles todos deviam ser bons de se trabalhar, como Mamãe teria colocado.

Naturalmente, o marido dela, o presidente Sarkozy, foi assistir à nossa filmagem uma noite e você pode imaginar que a equipe francesa estava empolgada e no melhor dos ânimos, temendo que algum maquinista derrubasse algo e fosse guilhotinado. O filme foi um sucesso. Eu tive a ideia vários anos antes, já que toda vez que topava com Swifty Lazar, ele me dizia que Cary Grant estava louco para trabalhar comigo, e eu tinha uma ideia para ele. Nos meus pensamentos originais, um carro estacionava na Nova York contemporânea à meia-noite e Cary Grant dizia: “Entre”. Eu entrava e nós

íamos a uma festa da Nova York dos anos 1920, com gângsteres, vedetes e ícones do teatro. Quando Paris se ofereceu, convidativa, foi um salto fácil na máquina de escrever do Sutton Place para o Place Vendôme.

Owen Wilson e Cary Grant podiam ter formado um ótimo dueto. Numa certa época, eu de fato pedi que Cary Grant fizesse isso, mas é claro que Swifty Lazar estava mentindo sobre Cary querer trabalhar comigo, e quando perguntamos a Cary se podíamos lhe mandar o roteiro, ele falou: “Está brincando? Estou aposentado”. Então, tempos depois, Garson Kanin me avisou que, se Swifty te contava algo, você poderia ter certeza de que era mentira.

Preciso dizer que tive motivos para acreditar que eu conseguiria escalar Cary Grant para algum filme, já que ele era um grande fã meu. Não quero me gabar, mas não posso contar essa história sem lembrar primeiro esse fato. Grant tem de ser um fã, senão a história não faria o menor sentido. Então, antes desse lance do roteiro, Cary Grant, o Cary Grant, foi me ver tocar jazz no Michael’s Pub, em Nova York. Ele estava sozinho e se sentou numa mesa bem próxima ao palco. Levou todos os meus livros. Pediu que eu autografasse. Eu me sentei com ele por uma hora nos intervalos. Ele insistiu em ficar para ouvir nosso segundo set. Naturalmente, conversamos sobre filmes. Ele conhecia bem os meus. Agora, essa é a coisa impressionante. Ele ficou lá por horas, num salão lotado, e não teve uma única pessoa que foi dar um olá, perguntar “Você é o Cary Grant?” ou pedir um autógrafo. No fim da noite, nos despedimos e recebi um pequeno abraço. Alguns anos depois, quando Swifty Lazar me disse que ele estava louco para trabalhar comigo, não podiam me culpar por ter acreditado. Mas ele estava aposentado e, por mais caloroso e lisonjeiro que fosse, também era celebrenemente frugal, e ocorreu a mim que ele pode ter pedido para eu autografar meus livros para que pudesse vender no eBay.

Para Roma com amor é um título ruim. O título original era *Nero*, mas os caras que colocaram grana nesse filme ficaram apopléticos. Imploraram para que eu mudasse o nome ao menos para “Roma”. Afinal, Berlusconi podia ter uma impressão errada. Inicialmente, mantive o título original nos Estados Unidos, mas essa não era uma batalha que valia a pena. Eu podia ter batido o pé e insistido, mas os financiadores italianos eram gente bacana e, se eu pudesse mantê-los fora da lista negra de Berlusconi com uma pequena mudança no título, por que tornar a vida deles miserável?

Então eu estava novamente trabalhando com Penelope Cruz e Judy Davis em Roma. Judy e eu ainda não conversávamos, mas agora tínhamos a desculpa de estar num lugar onde todos falavam italiano. Pude trabalhar com Alec

Baldwin, sempre um privilégio, além de Ellen Page e Greta Gerwig, que dirigiu ela mesma um filme maravilhoso. Tanto Ellen como Greta posteriormente me denunciariam e diriam que tinham se arrependido de trabalhar comigo, e vou chegar nisso, mas adorei trabalhar com as duas e achei que foram formidáveis. Metade do filme foi falado em italiano e eu tive duas grandes emoções. A primeira foi que eu estava dirigindo um filme italiano. Eu, que cresci com De Sica, Fellini, Antonioni, estava dirigindo atores italianos em italiano, que teriam suas falas legendadas. Eu sabia que isso iria diminuir o faturamento da bilheteria, já que muitos americanos não gostam de ver filmes com legenda, mas só metade dele não era falado em inglês. Depois, tive a honra de dirigir o grande Roberto Benigni, de quem não sou capaz de falar bem o suficiente. Ele não falava inglês e eu não falava italiano, então eu não podia arruiná-lo com minhas direções. Se você assistir ao filme, vai ver do que estou falando. Fiquei muito impressionado. Por sinal, não é preciso conhecer a língua para diferenciar uma boa atuação de uma ruim. Está no ar, nos movimentos corporais, nas expressões, no tom da voz. Comprei para Benigni um livro raro como um presente de despedida quando terminamos as filmagens porque ele gosta desses troços. Acho que foi uma edição de *Satíricon*. Não tenho certeza. Estava em italiano.

Tá, então agora vou te revelar um segredo. Um segredo óbvio. Sempre quis ser Tennessee Williams. O outro grande dramaturgo americano da minha juventude, Arthur Miller, era sempre social, muito envolvido em política, ética e escolhas mortas, apesar de *A morte do caixeiro viajante* não ser apenas isso e *Resgate de uma consciência* ter um pouco da poesia de que eu gostava. O *panorama visto da ponte* só foi ótimo quando Liev Schreiber interpretou o protagonista e Scarlett foi o objeto, e já vi quatro produções diferentes dessa peça, incluindo a original. O filme também foi bem consistente, mas tinha Maureen Stapleton e foi dirigido por um cara que adoro, Sidney Lumet.

Mas voltemos a Tennessee Williams. Vamos fazer uma pausa para que eu possa elogiá-lo euforicamente. Cresci idolatrando Tennessee Williams. Abe Burrows me perguntou, quando eu tinha dezoito anos, se havia alguém que eu quisesse encontrar para discutir meu interesse pela escrita. Eu disse que essa pessoa era Tennessee Williams. Abe retrucou que ele não era o tipo de cara com quem se pode facilmente se sentar e conversar. Eu li todas as suas peças, todos os seus livros. Duas das minhas posses mais valiosas quando eu era daquela idade eram belas cópias em capa dura de *One Arm* e *Hard Candy*. Vi suas peças várias vezes. Tenho minhas peças e produções favoritas. Como

tagarelei antes, a adaptação para as telas de *Um bonde chamado desejo* é, para mim, uma perfeição artística. Com exceção da baboseira no fim, confirmando o que D. H. Lawrence chamou de “censor limitado”, é a mais perfeita confluência de roteiro, performance e direção que já vi. Concorro com Richard Schickel, que chama a peça de perfeita. Os personagens são escritos de forma impecável, cada nuance, cada instinto, cada frase dos diálogos é a melhor escolha de todas as disponíveis no universo conhecido. E todas as atuações são sensacionais. Vivien Leigh está incomparável, mais real e vívida do que muita gente de carne e osso que eu conheço. E Marlon Brando foi um poema vivo. Ele foi um ator que veio à cena e mudou a história da atuação. A mágica, a ambientação, Nova Orleans, o French Quarter, as tardes úmidas e chuvosas, a noite do pôquer. Genialidade artística, sem contenções.

Ok, agora cortemos para mim, um fornecedor de risos, de piadas de estacionamento, um cara de segunda classe elevado inexplicavelmente ao posto de cineasta, o produto de trabalho duro, sorte incrível, o lugar certo na hora certa. Vivencio uma boa dose de sucesso. Então o que poderia significar se você quer criar ao lado de Ésquilo, O'Neill, Strindberg, Tennessee Williams? Minha primeira tentativa de fazer um drama foi influenciada por Bergman. Ele é meu ídolo no cinema. Eu queria fazer *O sétimo selo* e *Morangos silvestres*, mas, em vez disso, acabei descambiando para *O dorminhoco*, *Boris Grushenko*, *Noivo neurótico*, *noiva nervosa*. São talvez longas divertidos, mas não são onde eu queria estar. *Interiores*. Ok, boa tentativa. Nenhum desses filmes é comercial, mas eu claramente não estou pronto para o horário nobre. Essa tentativa vã de tentar criar em direta oposição à minha pegada natural acontece seguidamente. *Setembro*, *A outra*. E toda vez que estaciono diante do Turner Classic Movies e *Um bonde chamado desejo* é exibido, digo a mim mesmo: “Ei, eu posso fazer isso”. Daí eu tento, mas não consigo, o que me leva a *Blue Jasmine*. Bela tentativa, mas nenhum louvor. Abençoado com uma atriz ótima, Cate Blanchett, faço meu melhor para criar para ela uma situação que terá poder dramático. A ideia veio da minha esposa e era uma boa ideia, mas se apoiava demais em Tennessee Williams. Isso se veria novamente em *Roda gigante*, meu melhor filme até hoje, mas preciso me livrar da influência sulista.

Enfim, *Blue Jasmine* foi um sucesso e Cate recebeu seu Oscar de melhor atriz. Ah, e Kate Winslet foi tão forte em *Roda gigante*, mas foi prejudicada, levada pela força da segunda onda de terríveis acusações falsas de abuso, às quais estamos chegando. Enquanto isso, basta dizer que não sou Tennessee

Williams, nunca chegaria aos pés dele, e, enquanto estou certo de que você já percebeu isso, só queria enfatizar e garantir que você não está errado.

Um adendo: eu estava, certa noite, pagando a conta no Elaine's quando fui parado por quem? Sim, Tennessee Williams. Ele estava jantando lá com amigos. Tomou alguns drinques e me parou na saída para me dizer que eu era um artista. Olhei ao redor para ver se havia de fato um artista atrás de mim, mas não, ele falava de mim. Eu me perguntei se ele estava me confundindo com alguém. Pinter? Christo? Fiquei vermelho, murmurei alguns obséquios incoerentes e me dirigi para a porta, fazendo reverências como um eunuco chinês. Desprezei o elogio dele como resultado de julepos demais, uma identidade equivocada e a falta de sinceridade rotineira do show business. Corta para anos depois, quando alguém fez um livro sobre Williams e passou meses com ele, fazendo anotações copiosas das conversas. Após a morte de Williams, o escritor foi incrivelmente generoso de me mandar essas notas sobre o que Tennessee Williams disse sobre mim. Fico tímido demais de citá-las e, pelo que sei, o escritor pode ter inventado tudo como uma pegadinha, mas é como querer acreditar que sua esposa é fiel. Prefiro não mergulhar muito fundo nisso. Tenho essas anotações em casa. Eu as li como Moss Hart com suas resenhas de *Once in a Lifetime*, as deixei de lado e nunca mais olhei para elas.

Pelo lado positivo, entre as influências de Bergman e Williams, escrevi muitos papéis femininos, incluindo alguns razoavelmente polpudos. Na verdade, para um cara que teve sua boa cota de fanáticas do #MeToo, meus registros com o sexo oposto não são nada ruins.

Minha assessora de imprensa, Leslee Dart, uma vez apontou para mim que, em cinquenta anos fazendo filmes, trabalhando com centenas de atrizes, eu criei 106 papéis de protagonistas femininas que renderam 62 nomeações para prêmios para as atrizes, e nunca houve nenhuma menção de algo impróprio relacionado a alguma delas. Ou qualquer uma das figurantes. Além disso, como sou independente dos estúdios, empreguei 230 mulheres como chefes de equipe atrás das câmeras, isso sem mencionar editoras e produtoras, e todas receberam exatamente as mesmas remunerações que os homens que trabalharam nos meus filmes.

Por sinal, Leslee Dart, uma assessora de imprensa de primeira linha, lidou com minha publicidade por décadas. Ela não sabia no que estava se metendo quando fechou um contrato comigo, achando que seu trabalho se resumiria a marcar entrevistas e promover meus filmes. Ela não contava que eu iria me apaixonar por uma mulher trinta anos mais jovem, que, por acaso, era filha da

minha namorada. Isso a deixou de cabelo em pé no momento em que a boa notícia atingiu o ventilador. Ela recentemente fez um comentário aos amigos sobre o privilégio de lidar com a minha imagem diante da imprensa e a ligação desse fato com a morte precoce.

Enfim, *Blue Jasmine* veio e foi, e pude trabalhar novamente com Alec Baldwin, Sally Hawkins e a primeira das duas grandes Cates ou Kates. Minha vida estava seguindo em frente, Soon-Yi e eu permanecemos um deleite constante, minhas filhas cresciam e, enquanto eu tentava ajudá-las com o dever de casa, eu as lembrava de que eu só seria capaz de tirar uma nota 98 em álgebra se eu somasse as notas de três provas. Então veio o verão e levei a família Allen para o sul da França e vivenciei pela primeira vez a mágica de Emma Stone.

Colocando de forma simples: Emma tem de tudo. Ela não é apenas linda, ela é linda de uma forma interessante, o que a torna divertida de se olhar, o que a torna uma verdadeira estrela de cinema. Além do mais, ela não apenas sabe interpretar, mas pode trabalhar em todo o espectro. Ela é autenticamente engraçada e uma excelente atriz dramática. É uma das poucas pessoas com que passei muito tempo conversando pelo set porque ela é mais do que encantadora e rimos muito juntos. Ela me ensinou a mandar mensagens de texto, e, depois que as filmagens terminaram, trocamos várias delas. Eu sempre a provocava, ela sempre saía por cima. Quando as pessoas perguntam sobre fazer cinema, tento deixar claro que não é pelo dinheiro, não é pela aclamação, as críticas, os prêmios; tudo isso é bobagem, tudo é descartável. Eu constantemente reitero que é só fazer o filme que importa. Eu fazia minha maior criação na vida e acordava de manhã cedo no sul da França e lá, para me cumprimentar e trabalhar comigo diariamente, havia alguém como Emma Stone. Isso provoca maravilhas no seu metabolismo. E Colin Firth é tão urbano e talentoso, e Eileen Atkins, Simon McBurney e a hilária Jacki Weaver.

Foi outro filme meu que tinha mágica na trama. Uma crítica observadora escreveu um livro há muitos anos sobre o tema recorrente da mágica nos meus filmes. Desde então, a história confirmou o que ela disse. Parece que, para mim, a única esperança para a humanidade está na mágica. Sempre odiei a realidade, mas é o único lugar onde você consegue boas asinhas de frango. Como o sul da França era tão ensolarado e pesado na fotografia, nós rodávamos de manhã cedinho, esperávamos o dia todo, e voltávamos por volta de seis da tarde. O filme levou mais tempo para ficar pronto e custou mais, mas os

investidores não se importaram, desde que eu estivesse artisticamente satisfeito — e se você acredita nisso, tenho essa praça que talvez você queira comprar.

Meu próximo filme era sobre filosofia. *Homem irracional*, que filmei em Rhode Island e não foi muito bem de bilheteria. Não sei o porquê. Me pareceu uma história comercial e interessante de assassinato, e Emma Stone foi um deleite, como sempre, contracenando com o brilhante Joaquin Phoenix. Ele é um cara adorável, com uma personalidade, digamos, incomum. E é muito profissional, muito afável, e tudo o que você precisa fazer é conferir os filmes dele no decorrer dos anos para saber que é um ator incrível. Para o crédito de Emma, nas cenas mais dramáticas, ela se equipara com ele em termos de paixão. Fiquei surpreso com o número pequeno de expectadores que teve. Uma coisa boa no filme é que um rolo tangível de celuloide não é tão facilmente destruído e sempre tem a chance de ser visto por aqueles que perderam, podendo algum dia ser aceito como uma obra-prima negligenciada ou incompreendida. Naturalmente, isso nunca aconteceu comigo. Meus filmes que estrearam e eu senti que foram negligenciados ou incompreendidos permaneceram assim, apesar de um ou outro sucesso ter sido reavaliado e considerado superestimado. Um prazer a mais em fazer *Homem irracional* foi que pude passar um verão em Newport, um lugar tão delicioso quanto se pode imaginar. Minha família viveu numa enorme casa alugada, e Soon-Yi cozinhou vários jantares para o povo que trabalhava no filme, aproveitando a grande cozinha e a boa comida disponível. Implico quando digo que a culinária dela é um crime de ódio, já que há certos pratos que ela consegue administrar. Deixe-me colocar assim: se você gosta de espaguete com uma lata de molho de tomate derramada sobre ele três vezes por dia, ela pode ser sua chef. O tempo estava maravilhoso, já que era verão e eu podia ver o motivo pelo qual todos esses ricos da virada de século escolhiam Newport para estacionar seus iates.

Pensando agora nos dois filmes com Emma e em como nossa frequente troca de mensagens minguou basicamente para zero de contato, me pergunto se foi o caso dos ovos cozidos que a fez esfriar comigo. Nós conversávamos e, de alguma forma, o assunto foi para ovos cozidos moles. Eu lhe disse que gostava dos meus ovos assim: eu enchia uma xícara normal de café até a metade com cereais Rice Krispies. Em seguida, cozinhava dois ovos por três minutos e meio, os tirava da panela e abria, jogando o conteúdo na xícara de cereal. Acrescentava sal e misturava até que formasse uma mistura grossa, mas não grossa demais. Daí eu comia com uma colher de chá enquanto estava quente. Emma não pôde acreditar no que ouvia e achou absurdo que eu pudesse

encarar uma mistura dessas como algo para o consumo humano. O relacionamento entre nós esfriou rapidamente depois disso, e ainda que por educação ela teria concordado de forma relutante a experimentar, meu palpite é que ela nunca experimentou.

As mensagens entre nós uma hora pararam. Anos depois, encontrei um amigo mútuo e perguntei se Emma havia dito algo. A pessoa riu e declarou: “Ah, pobrezinho, não sabe que foi a história dos ovos cozidos? É uma área delicada da vida dela”. Pena. Eu só tenho boas lembranças de Emma.

Num fim de semana no sul da França, Soon-Yi e eu almoçamos com nosso amigo Larry Gagosian. Soon-Yi trabalhou na galeria de Larry, logo depois de terminar o ensino médio. Enfim, estávamos conversando e, por acaso, Larry mencionou que havia falado recentemente com Roman Polanski, que estava planejando rodar um filme em Praga no próximo ano. Larry e Roman são grandes amigos, e eu o conhecia? Sim, mas não o via tinha quarenta anos. Os últimos momentos sociais que tivemos foi quando ele, com Sharon Tate, e eu, com Charlie Joffe e Vic Lownes, fomos às lutas em Londres para ver Muhammad Ali numa disputa com Henry Cooper. Anos depois, Larry me disse então que ele e Roman estavam deixando a França naquele dia, mas que voltariam em breve. Por que não combinávamos de jantar com Roman Polanski quando eles retornassem? Ótimo, concordei, confiante de que, como todos os planos sociais com os quais eu concordava, esse dia nunca viria e, por mais que eu gostasse das pessoas envolvidas, eu invariavelmente iria querer ficar em casa no momento derradeiro. Nós terminamos nossa sobremesa e nos despedimos. Agora corta para três semanas depois. Gagosian voltou à cidade e me ligou. Soon-Yi e eu gostaríamos de ir a um pequeno jantar na casa de Roman? Soon-Yi, ávida como sempre para participar de um evento social, já estava separando seu modelito. Ok, eu imagino, não vejo Roman há décadas, ele é um cineasta maravilhoso, podemos conversar sobre filmes, lembrar da nossa época em Londres nos anos 1930, que mal poderia haver? Só que chega o dia e, na mesma hora, pego uma doença social, mesmo assim respiro fundo. Naturalmente, como diretor, me sinto inferior a Roman e isso não ajuda. Então, fomos de carro até a casa dele em Cap d’Antibes, e preciso admitir que é um arraso. Enorme, linda, majestosa, num terreno de luxo que dá para o Mediterrâneo. Enquanto empregados cercavam nosso carro, Soon-Yi me perguntou: “Quão grande foi a bilheteria de *O bebê de Rosemary*?”. Aquele tipo de luxo não podia ter vindo apenas de uma grande bilheteria, eu assegurei a ela,

ele devia ter investido com astúcia. Soon-Yi me ajudou a passar pela fobia de entrar e, na mesma hora, uma mulher bem bonita veio nos receber.

“Olá”, ela nos cumprimenta, “sou a esposa de Roman.” Eu tinha assistido ao filme em que eles se conheceram, então me lembrava de que ela era muito bonita. “Roman já vai descer”, ela continua. “Champagne?”

Lutando contra a minha insegurança natural, tento compensar e assumo o palco de forma agressiva demais, entrando num fluxo de tagarelice nervosa.

“Conheço o Roman há muito tempo”, digo (eu só precisava de um charuto). “Sério?”, a esposa sexy fala.

“Sim, temos memórias compartilhadas em Londres que eu não trocaria por nada”, eu zuni, como asno que sou.

Nós nos juntamos a alguns outros e eu não tinha certeza se por causa do meu aparelho de audição errático, meu gânglio trêmulo e minha estupidez genética, mas acho que ouvi o nome Roman. Soon-Yi, que nunca o havia encontrado, não sabia como ele era, por isso estendeu a mão e disse: “Como vai?”. A conversa entre o grupo se voltou a outros assuntos, como iates ou aviões particulares. Enquanto isso, minha mulher me dava cotoveladas e me dava sua *sotto voce* de aviso:

“Você está sendo esquisito com Roman Polanski.”

“Esse não é Roman Polanski”, eu a informei de canto de boca, como um agente de corrida de cavalos.

“Sim, é sim.” Ela me deu aquele beliscão secreto típico de maridos e esposas.

“Não venha me dizer isso. Conheço Roman há cinquenta anos.”

“A esposa acabou de apresentá-lo. Você não captou porque está surdo como Beethoven.”

“Esse não é Roman Polanski”, insisti.

“Não me envergonhe”, ela simplesmente declarou.

Enquanto isso, eles o chamam de Roman. Por acaso era Roman Abramovich, o zilionário oligarca russo, o que explicava a residência luxuosa. Jesus, a conta da jardinagem deveria ser bem maior do que a bilheteria de *O bebê de Rosemary*. Quando Gagosian apareceu e nós relatamos a história, ele não conseguiu entender como a gente pôde ter compreendido errado. Expliquei que discutimos sobre Roman Polanski e concordamos de jantar com ele da próxima vez que Larry estivesse na cidade. Então ele veio à cidade, ligou e disse: “Vamos jantar com o Roman?”.

“Como eu poderia saber que você falava de Roman Abramovich?”, retruquei. “Nunca o vi mais gordo.” O que você teria achado, querido leitor? Com certeza você teria achado o mesmo que eu. Podia até ter percebido a confusão antes de mim, já que não tem minha audição defeituosa, mas foi um engano natural. Enfim, a história se espalhou como cólera e me tornei o caipira da sociedade de Cote d’Azur, isso sem mencionar que fui o saco de risadas de todos os meus inimigos no show business, cujos números compõem uma legião. Soon-Yi e eu nunca superamos essa história. Foi a pior coisa que aconteceu comigo? Não. A pior coisa foi ter um problema de estômago ou ter de assistir a todo o *Holandês voador* sem meu Adderall. Enfim, vamos em frente.

Sempre quis fazer um filme que se passasse em Nova York no fim dos anos 1930, e em *Café society* eu tive essa chance. Trabalhei com Kristen Stewart, Jesse Eisenberg e Steve Carell nos papéis principais. Santo reproduziu Manhattan e Hollywood em 1939 e finalmente pude trabalhar com Vittorio Storaro, outro cameraman genial. Tive muita sorte. Fiz com que ficasse bonito, começando com Davy Walsh, depois Gordon Willis, Sven Nykvist, Zhao Fei, Vilmos Zsigmond, Harris Savides, Carlo Di Palma, Javier Aguirresarobe, Remi Adefarasin e Vittorio Storaro. Se você sabe alguma coisa sobre fotografia de cinema, é como se eu tivesse acabado de citar os Yankees de 1927. Gostei de *Café society*, tentei fazer um filme com o formato de um romance. O título original era *Dorfman: o romance*. Por algum motivo, não pudemos usá-lo.

Também troquei o título do meu filme seguinte. Não era originalmente chamado de *Roda gigante*. Foi daí que os problemas recomeçaram. Nas filmagens, eu estava de volta ao território de Tennessee Williams, mas, graças ao elenco e a Vittorio e Santo, fiz um trabalho melhorzinho. Criado não muito longe de Coney Island, eu tinha o suficiente de mim mesmo lá com gângsteres e um moleque desajustado que odiava a escola. Também decidimos usar a cor de uma forma poética, com Vittorio mudando a iluminação no meio das cenas para sublinhar as emoções e o drama estilizado. Ainda assim, apesar de muito trabalho criativo, tive um pezinho — ou a perna inteira — no French Quarter. O filme, e particularmente Kate e Vittorio (apesar de eu achar que foi o elenco todo), enfrentaram uma barra por causa das circunstâncias, a que já vou chegar. Mas, primeiro, você precisa entender que o título original era *O peixe branco de Coney Island*. Para aqueles não familiarizados com o termo local, se refere à onipresença de sexo na noite debaixo do calçadão de tábuas. As camisinhas então eram jogadas no Atlântico, apenas para voltarem à praia com a maré, por isso se referiam a elas como os peixes brancos de Coney Island. A cena que explica essa questão ictiológica foi cortada do filme, e Alisa, a editora, salvou o dia com o título *Roda gigante*.

E agora sou infelizmente forçado neste ponto a voltar ao tedioso assunto das falsas acusações. Não é culpa minha, cara. Quem diria que ela era tão vingativa? Dessa vez, as principais vítimas foram o elenco enormemente talentoso do filme e seu fotógrafo genial. Não incluo eu mesmo, já que tive o prazer de fazer o filme, fui lindamente bem pago, fui lembrado nos tabloides por acusações indecentes e me resignei com o fato de que nenhuma quantidade de provas ou bom senso jamais iria mover a agulha em direção à realidade. A trama agora havia dado uma virada inesperada porque Dylan não tinha mais

sete anos, mas era uma mulher adulta de mais de trinta. Entenda, eu não pude vê-la, falar ou me corresponder com ela por 33 anos. Tudo o que minha filha ouviu sobre mim desde que tinha acabado de completar sete anos havia sido dito por Mia.

Enquanto isso, como Moses descreve com ênfase, Mia tornou sua raiva contra Soon-Yi e eu o centro da vida de todos na casa, nutrindo aquela fúria e constantemente reforçando a ideia para Dylan de que eu havia abusado dela. Sempre torci para que, quando Dylan crescesse, ela, de alguma forma, percebesse como sua mãe a havia usado, tomando total vantagem de sua idade e vulnerabilidade para privá-la de seu pai, sabendo que era a vingança mais certa contra mim. Eu torcia para que Dylan viesse me procurar como seu irmão Moses fez. Achei que com certeza ela se lembraria do quanto eu a havia amado, do quanto tinha me dedicado a ela, do quão agressivamente tinha lutado para visitá-la ou simplesmente falar com ela, e acabaria querendo me ver. Imaginava que ela iria ao menos querer discutir o que aconteceu e colocar tudo em perspectiva. Senti que, mais cedo ou mais tarde, ficaria claro que a história do abuso seria algo que ela ao menos iria querer examinar. Eu torcia para que talvez, com o apoio ou apenas a curiosidade de seu marido, ela pudesse querer ouvir o outro lado e gastar um momento para avaliar se algo daquilo fazia sentido. Pensei em que mal poderia haver se houvesse uma conversa com Dylan, com seu marido presente, ou com seu psiquiatra, se é que ela tem um. Qualquer coisa para revisar a versão que sua mãe martelou em cima dela, contra os resultados contraditórios encontrados em cada investigação. Agora percebo que os analistas de apostas em Vegas considerariam esse encontro uma aposta de uma em um milhão de dólares. Não apenas isso, mas sempre será vendido como: Dylan é livre para fazer o que quiser. Ela é uma mulher adulta. Ela escolheu não ver o pai, já que seria traumático demais para ela.

Mia pode até dizer que encorajou Dylan a me ver, mas pode se imaginar que tipo de encorajamento ou liberdade de escolha foram concedidos a Dylan. Quando Moses, aos trinta anos, disse à sua mãe que queria me procurar, ele teve de ouvir poucas e boas e foi banido da família. “Meu irmão está morto para mim”, declarou Dylan, e dá para se lembrar de Mia correndo pela casa num frenesi com uma tesoura nas mãos enquanto cortava a cabeça de Soon-Yi de todas as fotos de família, que ficaram estranhamente surreais. Felizmente, Moses desafiou o bullying e a insistência de Mia de que, mesmo que eu fosse pai dele e que ele tivesse sentimentos por mim, ele deveria me banir para

sempre. Mia deixou claro que qualquer contato constituiria traição. Sua intransigência fez Moses vivenciar pensamentos invasores de ser mais uma criança adotada suicida. Finalmente, seguindo o conselho de seu terapeuta, ele me ligou para nos reconectarmos. Previsivelmente, na mesma hora ele se tornou uma nulidade aos olhos da mãe, e claro que a lista negra se tornou uma política de família. Assim, “meu irmão está morto para mim”. Isso pode te dar uma ideia da obediência de culto exigida das crianças. Enfim, imagine minha tristeza quando não apenas Dylan não quis me ver, mas, em vez disso, escreveu uma “carta aberta” afirmando que eu a molestei. A “abertura” é importante, já que a estratégia de ir a público não era para resolver nada, mas para manchar minha imagem, o objetivo de sua mãe. Com a emergência da era #MeToo, a carta, então, poderia ser forjada como “posicionamento” e tirar vantagem de um movimento legítimo. O fato de que jogar uma acusação falsa é explorar mulheres genuinamente abusadas e ameaçadas não pareceu importar.

Por muito tempo, Soon-Yi foi pressionada a falar e contar sua história, mas estava ocupada demais criando uma família e não queria se rebaixar a responder a uma mãe que a chamava de retardada, espalhou mentiras de que ela havia sido abusada pelo marido que ela amava e criou a história de que sua mãe biológica era uma prostituta. Soon-Yi finalmente acabou falando, como você vai ver. Adendo: apesar de todo o ultraje simulado de Mia pelo suposto estupro de uma garota menor de idade, ela viajou para Londres para testemunhar a favor de Roman Polanski, que de fato admitiu e foi preso por ter relações sexuais com uma menor. (Uma vítima genuína, a mulher cresceu e hoje perdoa Roman, mas enxerga Mia como realmente é. Quando Mia twittou um pedido de desculpas para ela por ter testemunhado a favor de Polanski, a mulher escreveu: “Eu não precisava das desculpas dela e não queria. Eu me senti usada por alguém que praticava sua própria vingança contra Woody Allen”.) Ronan Farrow sempre incitou as mulheres a falarem publicamente, mas, quando Soon-Yi contou sua história, ele não gostou do que ouviu. Ele aceita que as mulheres falem a verdade desde que seja a versão da verdade de sua mãe.

Enfim, uma aparição de Dylan chorando na TV teve um grande peso na imprensa e no público. Lembre-se, por favor, do que Moses escreveu, como ele descrevia, a forma como Mia o fazia ensaiar para mentir. Lembre-se também de que, quando Judy Hollister, a mulher que trabalhava como governanta na casa de campo, perguntou a Dylan por que ela estava chorando, Dylan disse: “Porque a mamãe quer que eu minta”. Também me parece interessante que ninguém se importou que as investigações detalhadas feitas na época

concluíram, sem deixar dúvidas, que Dylan não havia sido molestada. Por algum motivo, esse fato sempre foi uma verdade inconveniente. Acho fascinante que tanta gente escolha ignorar os fatos e prefira comprar a alegação de abuso, quase com avidez. Por que é tão importante que eu seja visto como um abusador de crianças? Ora, dada a minha vida imaculada e a total falta de lógica da alegação, isso não seria recebido com mais ceticismo?

Uma novidade na história foi um toque criativo, algo que nunca havia aparecido durante todos os meses da investigação em nenhuma das numerosas entrevistas de Dylan. Dylan de repente alegava que era molestada enquanto olhava trenzinhos elétricos dando voltas, como se eu falasse a ela para ficar olhando para o brinquedo como uma espécie de hipnose. Moses escreveu: “Não havia trenzinho elétrico no sótão. De fato não havia como as crianças brincarem lá, mesmo se quiséssemos. Era um espaço apertado e inacabado, com um telhado anguloso triangular, com pregos à mostra e vigas de madeira, maços de isolamento de lã de vidro, cheio de ratoeiras, cocô de rato e naftalina, e tomado de caixotes cheios de roupas para doação e o guarda-roupa antigo da minha mãe. A ideia de que aquele espaço podia ter acomodado um trenzinho elétrico em funcionamento, dando voltas, é ridícula”. Obviamente, essa virada na trama foi acrescentada depois para tentar dar à criação um toque de particularidade, uma esperança de que o detalhe a tornasse mais crível.

Tendo completado sete anos poucas semanas antes, Dylan pode ter sido subornada recebendo uma nova boneca ou o seu Meu Querido Pônei favorito para participar dessa horrenda difamação. Mas, se a história que Mia criou não abusa da credulidade, eu desisto. Digo, a ideia de que eu ofereci a Dylan uma viagem a Paris e um papel no meu filme. Meu deus, há poucas semanas ela tinha seis anos. O que ela sabia ou queria com Paris? Sim, Paris e um papel em um filme eram ideias que podiam ocorrer a Mia como uma persuasão saborosa, mas aquela pobre criança teoricamente explorada certamente não ansiava pela Europa e por seguir uma carreira no cinema.

E não imagine nem por um segundo que, quando Dylan recita sua narrativa de abuso ou como via um trenzinho dar voltas, eu a acuso de estar mentindo deliberadamente. Como vários médicos com quem conversei sobre essa história horrenda, estou convencido de que ela acredita no que foi sugestionado a ela e martelado por tantos anos em sua cabeça. Ela e seu irmão Satchel eram crianças inocentes, e Dylan era particularmente vulnerável. Como um antigo procurador declarou, fazer isso com ela foi o verdadeiro crime. Quando eu disse a esses diversos psiquiatras que Dylan estava casada e com filhos, então era

possível que ela não tivesse sido prejudicada por esse implante em sua mente, todos disseram que certamente havia um peso.

Enquanto isso, a imprensa não apenas estava mais convencida pela aparição de Dylan na TV, mas atores e atrizes que não tinham ideia se eu abusei dela ou não se ergueram para apoiá-la e me denunciar, dizendo que se arrependiam de terem trabalhado nos meus filmes e que nunca mais fariam isso. Alguns até doaram seus cachês para uma causa, em vez de aceitar o dinheiro sujo. Esse não é um gesto heroico como parece, já que só podemos pagar o mínimo do sindicato, e meu palpite é que, se tivéssemos pagado o valor mais comum do cinema, que frequentemente é bem alto, os atores poderiam declarar honradamente que nunca mais trabalhariam comigo, mas possivelmente deixariam de fora a parte sobre doar o salário. O fato de esses atores e atrizes nunca terem olhado os detalhes do caso (eles não poderiam ter chegado às suas conclusões com tanta certeza) não os impediu de falar publicamente com uma convicção ferrenha. Alguns dizem que agora a política é sempre acreditar na mulher. Espero que a maioria rejeite um pensamento tão simplório. Diga isso aos garotos de Scottsboro.

Cidadãos bem-intencionados, tomados de indignação moral, ficaram bem felizes de se posicionarem nobremente sobre um assunto do qual eles não tinham absolutamente conhecimento algum. Até onde esses justiceiros sabem, eu poderia ser uma vítima, assim como Alfred Dreyfus, ou, então, um *serial killer*. Eles não saberiam a diferença. (Até o próprio advogado de Mia declarou publicamente que ela não sabia se o abuso aconteceu ou se Dylan imaginou isso.) Ainda assim, isso não impediu atores e atrizes de correrem para superarem uns aos outros em rompantes de coragem. Meu deus, eles eram contra o abuso de crianças e não tinham medo de dizer, particularmente com essas novas descobertas científicas da física, de que a mulher está sempre certa.

Um ponto interessante de se pensar aqui é que, em meio a tudo isso, o contingente Farrow estava ocupado não ajudando as vítimas do abuso sexual que tinha levado o irmão de Mia ao xilindró, mas fazendo telefonemas e pressionando atores e atrizes a me colocarem na lista negra sob a ameaça de serem publicamente rechaçados. Devo dizer que me impressiona quantos na minha profissão caíram como patinhos. Talvez seja uma convicção pessoal ou talvez medo, ou uma chance de agarrar um momento para sorver do que parece o lado seguro, sem riscos de uma questão politicamente correta. Eu atuei em um filme, *Testa de ferro por acaso*, sobre a era McCarthy e fiquei bem ciente do que Lillian Hellman definiu como “momento dos patifes”, quando tanta gente

assustada ou oportunista se comportou mal. Cito isso só porque vários atores e gente do meio disseram para mim e vários amigos meus em particular quão chocados ficaram pela clara injustiça, a publicidade revoltante que eu estava recebendo e que estavam firmes do meu lado, mas, quando questionados por que não se pronunciaram publicamente, todos admitiram receio de repercussões profissionais. Achei que era irônico, já que esse foi exatamente o motivo que as mulheres deram para não terem se pronunciado durante todos esses anos contra seus vários algozes: que suas carreiras seriam prejudicadas. Para alguns, os detalhes do negócio todo eram vagos e nada interessantes, já que o pessoal do show business tem suas próprias vidas e problemas, mas ouviram que não trabalhar comigo havia se tornado a coisa a se fazer — como se todo mundo de repente ficasse fissurado em couve.

Enquanto isso, a imprensa me juntava com todos os caras que foram acusados, condenados ou admitiram ter cometido crimes sexuais ou de assédio com grandes números de mulheres em inúmeras ocasiões, apesar do fato de as acusações contra mim terem sido repetidamente refutadas. Não apenas meus colegas atores me boicotaram, a Amazon quebrou meu contrato e não quis mais trabalhar comigo. Escolas de cinema pararam de dar cursos sobre meus filmes. Fui cortado de um documentário sobre o Carlyle Hotel. Fui excluído de uma série sobre poesia da PBS. Meu filme que já estava pronto, *Um dia de chuva em Nova York*, não foi distribuído nos Estados Unidos, apesar de felizmente o resto do mundo não ser tão louco. Quando eu recuo, devo dizer que é bem engraçado ver todas essas pessoas correndo feito loucas para ajudar uma pirada a seguir com um plano de vingança. É fascinante e, como digo, não é uma má ideia para uma sátira.

Diferentemente de vários pobres coitados que foram destruídos pela lista negra durante a era McCarthy, eu era menos frágil. Por um motivo: eu não corria risco de passar fome e, como escritor, eu gerava meus próprios projetos. Passando por tudo isso, devo confessar, dado como sou a sonhos românticos os quais eu geralmente estrelo, agora eu era o protagonista da vida real num drama sobre uma pessoa inocente, acusada de forma injusta. O predicamento perverso atraía minhas fantasias de herói do cinema e me vi como uma alma afligida certa a triunfar no último ato. Claro, diferentemente do que acontecia em Hollywood, nenhum Jimmy Stewart ou Henry Fonda emergiram de repente para pegar meu caso e colocá-lo em pratos limpos. Mas, na vida real, alguns se pronunciaram e foram corajosos o suficiente para seguirem seus princípios.

Alec Baldwin foi um dos poucos com coragem de se pronunciar claramente a meu favor. Javier Bardem também foi bem enfático e ficou furioso com o que chamou de um linchamento. Blake Lively me defendeu, arriscando sofrer abuso das mídias sociais. Scarlett Johansson me defendeu em termos nada incertos, mas ela sempre foi corajosa em questões de injustiça. Na TV, Joy Behar apoiou Scarlett e me defendeu com firmeza. Wally Shawn foi alguém que viu o que estava acontecendo logo no início e escreveu sobre o caso com paixão e bravura numa época em que isso era pedir para ouvir. O fato foi que, apesar do medo do massacre nas mídias sociais, houve zero penalidade para quem tomou meu lado. Todas as mulheres da minha vida saíram em minha defesa. Minha primeira esposa, Harlene, Keaton, é claro, Louise, Stacey. É de se pensar que, me conhecendo intimamente e até morando comigo por anos, elas teriam alguma suspeita se eu fosse capaz ou interessado em abusar de uma criança. Devo dizer que fiquei decepcionado pela reação do *New York Times*. Acho que porque eu cresci adorando o jornal, ansioso para lê-lo todo dia no café da manhã e ter orgulho da coragem humana e racional da publicação.

De todo modo, o *Times* ficou bem contra mim, claramente comprando a ideia de que eu havia abusado da minha filha. Uma coisa é quando atores e atrizes tolinhos aparecem alardeando sem pensar que se arrependeram de trabalhar comigo, mas o *Times*, que eu achei que consistia em gente séria do lado certo das questões que me preocupavam, certamente me surpreendeu. E, ainda assim, seguidamente eles publicaram artigos que sugeriam ou supunham que eu havia feito uma coisa feia, sempre escrevendo que eu havia sido acusado de molestar minha filha e às vezes acrescentando que eu negava ou até mesmo que nunca tinha sido julgado. O que eles nunca mencionam, apesar de saberem, é que eu fui amplamente investigado e totalmente liberado das acusações por duas grandes investigações independentes. Então só a acusação permanecia como notícia, como se minha inocência nunca tivesse sido resolvida, quando de fato foi. Digo, o que é isso? Ele nega? Al Capone negava. Assim como os defensores de Nuremberg. Se eu tivesse feito aquilo, eu teria negado também. Como eu disse, eles sabiam que investigações altamente responsáveis tinham determinado que nada aconteceu. O *Times* me deu direito de resposta anos atrás, mas desde então houve inúmeros ataques e, salvo um artigo mais recente a meu favor, assinado por Bret Stephens, eles não tiveram interesse em aceitar nada que me apoiasse. Mas, de volta à pergunta: por que havia tanta gente na imprensa e na minha profissão tão disposta, tão determinada, a me ferir? Eu só posso pensar que, no decorrer dos anos, eu devo

ter incomodado as pessoas mais do que percebi e que elas estavam expressando raiva ou irritação represadas. Do contrário, por que não me dar o benefício da dúvida numa acusação altamente questionável que desafia o bom senso? Não pude descobrir exatamente como acumulei essa má vontade, mas, até aí, um cachorro não enxerga o próprio rabo.

E, antes de eu deixar o assunto dos posicionamentos, uma palavrinha especial sobre Bob Weide. Enquanto Alec Baldwin e Javier Bardem parecem heróis e os interpretam em filmes, Weide parece o míope patriota tcheco num velho longa de guerra, que é levado pelos nazistas e fuzilado enquanto tagarela sobre o eventual triunfo da democracia. Na verdade, ele é produtor e diretor do seriado *Segura a onda*, e eu o conheci quando me entrevistou brevemente para um documentário que ele fazia sobre o Groucho. Nunca o vi ou falei de novo com Weide até anos depois, quando ele filmou um documentário sobre mim para a sessão *American Masters* da PBS. Por algum motivo, Weide viu logo de cara a desonestidade e a feiura que cercavam o meu apuro e se posicionou de forma corajosa, sem ganhar nada com isso, já que seu documentário da PBS já tinha sido exibido com sucesso. Junto ao grande apoio que seu trabalho recebeu, também houve abusos vulgares e até ameaças de morte da parte de imbecis, mas isso é o que mais se vê por aí. Ao fazer o documentário, Weide vasculhou cuidadosamente minha vida e analisou o caso com profundidade. Leu todas as transcrições das audiências e ficou ultrajado com a injustiça.

Ele escreveu sobre a situação, expondo com fatos bem documentados a fraude que estava sendo cometida. Como ele não era Zola, poucos escutaram, e negaram os meios para que respondesse a artigos grosseiros e difamadores. Ele teve que publicar suas respostas apenas em seu próprio blog, mas se manteve firme e persistiu sem ter nada a ganhar além de saber que estava defendendo uma causa justa. Como não éramos próximos ou tínhamos relações sociais, não era como se ele estivesse vindo em auxílio a um camarada. Ainda assim, a satisfação de corrigir uma injustiça o obcecava. Foi um ato de cidadania, de consciência, de simples decência contra o ataque de uma multidão disposta a acreditar numa mentira e ansiosa por isso. Se a verdade algum dia ressoar — e note que nem digo tornar-se conhecida, porque é conhecida há anos —, Weide vai ao menos ter a satisfação pessoal de ter estado do lado certo de um assunto feio, diferentemente de várias pessoas que ele tentou em vão convencer, que sem dúvida vão se esvair em diferentes justificativas criativas. Se por acaso houver um céu, creio que Weide terá uma boa mesa lá — na área de não fumantes.

Ao escrever sobre essa questão toda, tentei documentar o que eu podia para que os fatos não fossem simplesmente a minha versão, mas as palavras registradas de investigadores, as experiências que Moses testemunhou e Soon-Yi viveu que corroboram com o que estou expondo. Citei os depoimentos dos especialistas de Yale e Nova York palavra por palavra, exatamente conforme o juiz de apelação os registrou. Houve incidentes pavorosos atestados por duas mulheres que trabalharam na casa de Mia e testemunharam vários acontecimentos pessoalmente. Elas também corroboraram com Moses. Mas, mesmo sem tudo isso, apelei para o simples bom senso das pessoas. E mesmo assim não tenho ilusões de que nada disso vai mudar suas mentes. Creio que, se hoje Dylan e Mia desmentissem tudo isso e dissessem que a coisa toda foi uma pegadinha, ainda haveria muitos que iriam se prender à ideia de que abusei de Dylan. As pessoas acreditam no que é importante para elas, e cada um tem seu próprio motivo, às vezes até desconhecido para si próprio. Assim, quando escrevo sobre esse caso, que personifica o que Alan Dershowitz chama em seu livro de “culpa por acusação”, é só porque, ao escrever sobre minha vida, isso teve um papel extremamente dramático. Com sorte, isso dará alguma confiança às pessoas decentes que se pronunciaram do lado certo da questão. Elas fizeram a escolha correta.

E como eu absorvi tudo isso? E por que, quando sou atacado, raramente me pronuncio ou aparento estar muito incomodado? Bem, dado o caos maligno de um universo sem propósito, o que é uma falsa acusação de alguém no grande esquema das coisas? Segundo, ser um misantropo tem seu lado positivo — as pessoas nunca podem te decepcionar.

Finalmente, você tem uma perspectiva bem diferente quando vê o que uma pessoa inocente tem que passar, em vez de um homem culpado. Você aproveita os olhares próximos e as investigações, em vez de temê-las, porque não tem nada a esconder. Você está ansioso em fazer o teste do detector de mentiras, em vez de fugir disso. É como se sentar num jogo de pôquer segurando um *royal flush*. Você mal pode esperar até todas as apostas serem dadas e as cartas reveladas. Mas e se eu nunca tiver a chance de mostrar a minha mão? E se eu partir antes de recolher minhas fichas? Bem, como alguém que nunca teve interesse algum num legado, o que posso dizer? Tenho 84 anos; minha vida está quase no fim. Na minha idade, estou jogando minhas últimas fichas. Por não acreditar no além, realmente não consigo ver nenhuma diferença prática se as pessoas se lembrarem de mim como um diretor de cinema, um pedófilo ou se esquecerem. Só peço que minhas cinzas sejam jogadas perto de uma farmácia.

Uma pergunta maluca: tem alguma graça ser falsamente acusado de um crime? De um crime sexual, ainda por cima? Teve um lado engraçado, e foi o caso com Louis C. K. Ele é um cara bem bacana com quem trabalhei brevemente em *Blue Jasmine*. Sempre quis fazer uma comédia com nós dois atuando juntos. Com o roteiro certo, achei que seria engraçado disputarmos na atuação. Ele concordou. Juntos, reviramos nossas mentes em busca de alguma ideia. Passei muito tempo sem sair com nada satisfatório. Ele também tentou, mas não surgiu nada digno de ser trabalhado. Então, alguns anos se passaram e Louis me contatou dizendo que tinha um roteiro que escreveu e queria que eu fizesse. Ele tinha um grande papel para mim. Li o roteiro e fiquei chocado. Não que fosse uma história ruim — era boa —, mas eu interpretaria um diretor de cinema icônico que ou molestou uma criança ou foi acusado de algo parecido, e esse diretor tem uma ligação próxima demais com sua filha.

“Louis, não posso fazer isso”, eu lhe informei.

“Por que não?”

“Porque estou o tempo todo lutando contra essa falsa acusação e as pessoas sempre escrevem coisas e fazem observações, e isso vai cair como uma luva na mão desses toscos.”

“Vai ser bom pra você”, Louis insistiu. No que ele estava pensando? “Vai ajudar na sua imagem.”

Olha, eu gosto muito do Louis e sei que ele achava que estava me ajudando, mas o que ele andava fumando? Desejei-lhe sorte e abri mão do papel. Eu nunca diria: “Não faça isso, vai me fazer mal”, porque o cara passou meses escrevendo aquilo e tinha uma chance de dirigir, e quem sou eu para tentar afundar o projeto de outro cara por causa de desconforto pessoal? Naturalmente, o filme foi visto pela imprensa antes da estreia, minha situação com Dylan era o foco de tudo, e foi usado como um combustível para sujar minha imagem. Então, por ironia do destino, o pobre Louis de repente teve seus próprios problemas relacionados a assédio e seu filme nem entrou em cartaz. Ele foi metralhado e lidou com uma saraivada de dores de cabeça. A mente trava com o que O. Henry poderia ter feito com um desfecho assim, e, se não fosse O. Henry, certamente poderia ser o pessoal do Monty Python.

Apesar de todas as máculas e da publicidade terrível, há de fato algumas benesses em ser um pária por um motivo: você não é muito convidado para se sentar num palco, escrever elogios para um livro, salvar baleias ou fazer um discurso como paraninfo numa formatura — não que um cara cujo conhecimento da Constituição é limitado à 21ª emenda seja uma boa escolha

para inspirar estudantes. Hillary Clinton nem aceitou uma doação minha e de Soon-Yi à sua campanha para presidente, e nós não podemos deixar de nos perguntar se mais 54 mil em seu fundo de campanha a teriam feito levar a Pennsylvania, o Michigan ou o Ohio.

O grande Moss Hart, em sua encantadora autobiografia, *Act One*, escreve sobre a diferença entre um dramaturgo ter problemas no primeiro ato e ter problemas no último. Os problemas no primeiro ato são muito mais fáceis de serem manejados. Problemas de último ato, relacionados à conclusão e ao clímax, são o que separam homens de pré-púberes. E assim, tendo escrito as curiosidades que delinearam minha vida, eu me encontro com problemas no último ato. Meus anos dourados. A barata no inverno.

Como de costume, continuei a trabalhar. Fiz um filme chamado *Um dia de chuva em Nova York*. Sempre quis filmar Manhattan sob a chuva, criar uma história completa que se passa num dia de chuva. Não sei o que acontece comigo e com a chuva. Quando acordo de manhã, abro as persianas e está chovendo, ou está cinza e garoando, ou pelo menos nublado, tenho uma boa sensação. Quando faz sol, me sinto deprimido. E a cidade fica tão bonita na chuva, sob os céus pesados. Não sei o motivo. Foi sugerido que isso se relaciona com meu estado interno. Minha alma é nublada.

Assim, escalei Elle Fanning, Selena Gomez, Timothée Chalamet, Liev Schreiber, Diego Luna, Jude Law e a fabulosa Cherry Jones e rodei esse conto romântico improvável. São apenas dois estudantes que estão terminando a faculdade em Nova York num fim de semana e o romance entre eles.

Naturalmente, como o filme se chama *Um dia de chuva em Nova York*, o sol saiu todos os dias quando precisávamos de céu cinza e chuva, e toda chuva do filme foi fornecida por nossas próprias torres e tanques de água. A coordenação de tudo isso caiu no colo de Helen Robin, que fez todo o filme acontecer, desde montar o orçamento a reunir a equipe, negociar as locações, lidar com os sindicatos, alimentar todo mundo e cuidar de todo o trabalho de pós-produção que precisava ser feito: edição, música, impressões, classificação. Ela até digitou meus roteiros, como tem feito há quarenta anos. É mesmo um trabalho de 24 horas, realizado sete dias por semanas, 365 dias por ano, que consiste em nada além de crises e aborrecimentos, mas, se ela não tivesse aborrecimentos, ela não poderia se preocupar. E se ela não pudesse se preocupar, seu prazer na vida desapareceria. Antes dela, por anos, Bobby Greenhut fez esse mesmo trabalho, que também realizou muito bem, e eu me lembro de que ele sempre era tomado de ansiedade sobre o orçamento e como atrasos no cronograma e as

refilmagens o afetariam. Se não fosse pela ansiedade, ele não faria nenhum tipo de exercício aeróbico.

Todos os três protagonistas de *Um dia de chuva em Nova York* foram excelentes e um prazer de se trabalhar. Timothée depois declarou publicamente que se arrependeu de participar de um filme meu e doaria o dinheiro à caridade, mas ele jurou para minha irmã que havia sido obrigado a declarar isso, já que estava concorrendo a um Oscar por *Me chame pelo seu nome*, e ele e sua agente sentiram que as chances de ganhar seriam maiores caso fizesse uma declaração negativa sobre mim. Enfim, não me arrependi de trabalhar com Timothée e não vou devolver nem um único centavo do que ganhei com esse filme. Selena foi adorável. Ela fez todo o trabalho duro, e arrasou de forma belíssima. Elle é simplesmente um grande talento natural, como Keaton. Quando repórteres a pressionaram, se esforçando para que ela dissesse que se arrependia de trabalhar comigo, ela declarou que não era nem nascida quando a acusação tinha sido feita e que não tinha opinião sobre o assunto. Uma resposta honesta. Mais pessoas deveriam ter dito: não sei de todos os fatos, então me abstenho de julgar. Deus que perdoasse se alguém dissesse: “Essa acusação foi investigada em profundidade e se provou inverídica”, apesar de me dizerem que Joy Behar fez essa observação na TV. Devo mencionar outros que fiquei sabendo que saíram publicamente em minha defesa. Ray Liotta, Catherine Deneuve, Charlotte Rampling, Jude Law, Isabelle Huppert, Pedro Almodóvar, Alan Alda, e estou certo de que há outros cujos nomes desconheço. Pelo menos espero. Mas obrigado a todos, porque foi muito bacana da parte deles se pronunciarem e lhes asseguro que é algo do qual nunca vão ter de se envergonhar.

Quanto aos dias de hoje, a não ser que algum distribuidor americano o lance, *Um dia de chuva em Nova York* não será visto nos Estados Unidos. Felizmente, o resto do mundo permanece são; o longa estreou em tudo quanto é lugar e teve certo sucesso. É engraçado pensar em fazer filmes que são exibidos em todo os países, mas não nos EUA. Encare a coisa dessa forma: se o filme que faço é ruim, o público não pode ser enganado para gastar seu suado dinheirinho numa bomba. Por outro lado, se eles gostariam do filme, vão perder. De toda forma, eles vão sobreviver. Não posso negar que isso mexe com minhas fantasias poéticas de ser um artista cuja obra não é vista em seu próprio país e é forçado, graças à injustiça, a ter seu público no exterior. Henry Miller vem à minha mente. D. H. Lawrence. James Joyce. Eu me vejo entre eles em desafio. É nesse ponto que minha esposa me acorda e diz: “Você está roncando”.

Depois de *Um dia de chuva em Nova York*, embarquei no meu próximo filme e achei difícil montar um elenco. Um atrás do outro, os atores e atrizes se recusaram a trabalhar comigo. Alguns estou certo de que de fato acreditavam que eu era um predador. (Ainda não consigo entender como eles podem estar tão convencidos.) Claramente vários atores acharam que estavam fazendo uma coisa nobre rejeitando ofertas de aparecer no meu filme. O gesto deles poderia ser significativo se eu de fato fosse culpado de algo, mas, como não sou, eles estavam apenas perseguindo um homem inocente e ajudando a confirmar a memória enganosa implantada em Dylan. Sem querer, eles se tornaram capacitadores de Mia. Há, ainda, alguns atores que me asseguraram em particular que tinham investigado o caso com mais cuidado e percebido que estavam pegando pesado comigo. Eles praguejaram contra uma difamação criminal sangrenta, invocando Medeia, a escola McMartin, Sacco e Vanzetti — só faltaram os julgamentos de Moscou. Ainda assim, por mais injusto que fosse meu predicado, eles não podiam trabalhar comigo, já que a reação os levaria à fila do seguro-desemprego. Alguns disseram: “Esperei minha vida toda por esse telefonema e agora não posso aceitar esse trabalho”. Sinto muito por eles, já que sinceramente acreditaram que se arriscavam a entrar na lista negra. Na verdade, como aqueles que se pronunciaram podem confirmar, eles não arriscavam nada. Em *off*, eu esperava mais apoio dos meus pares, nada absurdo, talvez alguns protestos organizados, talvez alguns colegas marchando de braços dados, uma pequena revolta, um ou outro carro queimado. Afinal, fui um membro em boa posição na comunidade criativa e estava certo de que meu fardo iria enfurecer meus irmãos de sindicato e colegas artistas. Uma demonstração cuidadosamente planejada a meu favor com a participação de centenas de indivíduos deixou de se materializar devido a um bom dia de praia. Quando Juliet Taylor mencionou o nome Wally Shawn, um sino tocou. Sempre adorei Wally como ator, eu o acho muito real e engraçado, pungente, e com a quantidade certa de vibração intelectual para o protagonista do filme que eu estava preparando na Espanha.

Mesmo sob circunstâncias ideais, fazer um filme decente é um campo minado infinito. Quando sou apresentado a obstáculos adicionais, os marcos finais são empurrados bem, mas bem para a frente. Além do baixo orçamento costumeiro, houve, como eu descrevi, uma escassez de atores dispostos a se envolverem com uma personalidade tida como tóxica. Felizmente, Wally não estava entre eles. Ainda assim, eu estava filmando na Espanha, e as leis fiscais requeriam que eu usasse uma grande porcentagem de atores da União

Europeia. Ainda que muitos atores espanhóis sejam maravilhosos, poucos falam inglês bem o suficiente para cravar as frases de efeito como os caras na Lindy's. Havia ainda o fato de que eu estava até o pescoço numa disputa judicial com a Amazon, além de a imprensa estar constantemente escrevendo sobre mim como se eu fosse de fato culpado de algo. Para citar o geralmente razoável e preciso *New York Times*, eu era “um monstro”. Em algum lugar, Kafka estava sorrindo. Enfim, com tanto peso na sela, dá para fazer uma corrida justa? Digo, um diretor mal-falado, destratado, que, para início de conversa, não era nenhum Bergman, com tanto contra ele, é capaz de entregar um filme apreciável? De repente, o desafio de fazer o filme ficou mais empolgante. Então, como *Rifkin's Festival*, meu projeto filmado na Espanha, vai terminar? Quem sabe? Mas sei que foi divertido de fazer e ótimo ouvir Wally dizendo minhas frases. A lição aqui, creio eu, é que alguns homens podem prosperar sob pressão. Eu, é claro, não sou um desses, e se o filme acabar bem, será um milagre.

E os filmes da minha “era de ouro” agora irão passar em todo lugar menos na nação na qual sou um honesto e correto cidadão evadindo impostos? Quem sabe? Quem se importa? Eu não, e certamente não o público, que tem vários outros bons filmes com os quais se entreter.

Então o verão veio e se foi com minha banda de jazz excursionando pela Europa e nós tocamos para plateias adoráveis em todo canto. O público foi enorme. Não me pergunte o motivo, porque não tenho a resposta. É música de Nova Orleans, e os anos não me fizeram tocar melhor. E ainda assim milhares de pessoas foram nos escutar noite após noite, e não conseguimos sair do palco. Se alguém tivesse me dito um dia que eu estaria tocando “Muskrat Ramble” diante de oito mil fãs, eu teria duvidado da sanidade dele. Então, segui para Milão onde dirigi uma ópera ou, devo dizer, reencenei a obra de Puccini que havia montado com sucesso na Ópera de Los Angeles. Novamente, se alguém houvesse me dito quando eu jogava beisebol na rua em Flatbush que eu estaria no La Scala agradecendo depois de encenar Puccini, eu o teria colocado no mesmo hospício do cara que me disse que eu tocaria “Muskrat Ramble”. No dia seguinte, segui para San Sebastián, onde passei alguns meses para rodar um filme. Trabalhei naquele pequeno paraíso com Wally, Gina Gershon, Elena Anaya e Louis Garrel até o Dia do Trabalho.^[11] Minhas duas filhas trabalharam no filme, enquanto Soon-Yi ia passear e ver as paisagens todos os dias, por todo lado, em temperaturas com a média de 22 graus o verão todo. Enquanto isso, *Um dia de chuva em Nova York* havia estreado com bastante sucesso por toda a Europa e América do Sul. Logo em seguida foi lançado no Oriente e criou uma

demanda para o filme nos Estados Unidos tão intensa quanto quando o Edsel foi anunciado. Soon-Yi, as crianças e eu voamos de volta para o agradável Bristol Hotel em Paris e perambulamos por aquelas ruas e bulevares como americanos num musical. Na verdade, minhas amadas perambularam pelas ruas. Eu fiquei no hotel fazendo promoção do filme.

Então o que mais posso dizer sobre escrever este livro? Um livro tão essencial para o público leitor quanto a obra-prima de Amanda McKittrick Ros, *Irene Idesleigh*, ou *A maldição da serpente*, de Bram Stoker. Eu me arrependo de ter dedicado tanto espaço às falsas acusações contra mim, mas a situação toda foi um grão para o moinho de um escritor e acrescentou um elemento fascinante de drama a uma vida, do contrário, bem rotineira. Para um cara cujo ponto alto do dia é sua caminhada pelo Upper East Side, um escândalo pavoroso que foi estampado em todos os tabloides certamente traz adrenalina. Concordo com o que Francine du Plessix Gray escreveu quando me entrevistou anos atrás: “Não há grandes histórias de Woody Allen”.

Para mim, as melhores partes ao ler as provas foram minhas aventuras românticas e escrever sobre as mulheres maravilhosas com quem vivi uma paixão. Incluí tudo o que era de interesse sobre minha carreira, que correu muito suave, para produzir histórias efervescentes. Não incluí detalhes técnicos sobre minhas produções porque acho isso um tédio e não sei nada mais sobre luz e fotografia do que quando comecei, já que nunca fui curioso o suficiente para aprender. Hoje, sei que você tem de remover a tampa da lente antes de filmar, mas minha expertise técnica termina aí. Quando dirijo, sei o que quero ou, mais importante, sei o que não quero.

Para estudantes de cinema, não tenho nada de valor a oferecer. Meus hábitos de filmagem são preguiçosos, indisciplinados, a minha técnica é a mesma de um ex-estudante de cinema fracassado que foi expulso da universidade. Quanto à escrita, para aqueles que possam estar interessados, eu me levanto e, depois do café, escrevo à mão em blocos de papel amarelo e os espalho ao redor da cama. Faço isso o dia todo e geralmente por pelo menos parte de todos os dias da semana. Isso não é porque sou *workaholic*, mas porque me impede de encarar o mundo, um dos meus locais menos preferidos. Quando preciso de ideias, recorro à minha gaveta para pescar anotações que acumulei durante o ano. Se nenhuma dessas ideias der frutos depois de pensar bem nelas, então me forço a pensar numa nova história para escrever, mesmo se isso levar semanas. É a pior parte do processo, já que me faz ficar sentado ou andando de um lado para o outro sozinho no meu quarto dia após dia, tentando

focar minha concentração e não me dispersar pensando em sexo e morte. Finalmente, uma inspiração vem, ou mais provavelmente eu me sento com alguma premissa administrável, imaginando que é melhor eu dar forma àquilo, porque o meu amor precisa de um novo par de sapatos.

Gosto de escrever mais do que de filmar porque filmar é difícil, envolve trabalho físico e temperaturas muito quentes ou geladas em horas ingratas e requer milhões de decisões sobre assuntos dos quais sei pouco. De repente, tenho de decidir sobre ângulos de câmera, tempos, roupas de mulher, penteados, mobília, automóveis, música e cores. Isso sem mencionar que o taxímetro sempre está correndo quando a filmagem começa, marcando aproximadamente cem ou cento e cinquenta mil por dia, então, se você atrasa uma semana, você perdeu meio milhão de pratas. Quando a filmagem finalmente termina, o povo com quem você trabalhou dia e noite intensamente por meses instantaneamente se espalha por todas as direções, sentindo-se triste, vazio e jurando um amor eterno e o desejo de trabalhar juntos novamente. Geralmente dou adeus ao elenco trocando apertos de mão, em vez de beijos estalados na bochecha ou pretensiosos beijos estrangeiros nas duas bochechas. Na manhã seguinte, toda a emoção e proximidade evaporaram e as pessoas já falam mal umas das outras.

Gosto de sentar com meu editor e juntar as peças, e principalmente gosto de pegar discos da minha coleção e tocá-los, deixando que a música faça o filme parecer tão melhor do que realmente é. Gosto de fazer filmes, mas, se nunca mais fizesse outro, não me incomodaria. Fico feliz em escrever peças. Se ninguém as produzir, fico feliz em escrever livros. Se ninguém os publicar, fico feliz escrevendo para mim mesmo, confiante de que, se a escrita for boa, algum dia será descoberta e lida, e, se for ruim, melhor que ninguém veja. O que quer que aconteça com minha obra depois que eu partir é totalmente irrelevante para mim. Depois que eu estiver morto, suspeito que muito pouco vai me dar nos nervos, nem mesmo o ruído irritante que os vizinhos fazem com o soprador de folhas. A diversão para mim foi sempre o fazer, e fui bem pago para isso, além de ter trabalhado com homens talentosos e carismáticos e mulheres talentosas e belas. Tive a sorte de ter senso de humor, ou teria acabado em algum emprego bizarro como carpideira ou aberração de circo. Eu me considero basicamente um escritor, e isso é uma bênção, já que um escritor nunca depende de ser contratado para trabalhar, mas gera seu próprio trabalho e escolhe sua própria jornada de trabalho. Às vezes, acho que seria divertido subir no palco e fazer stand-up novamente, mas logo essa vontade passa.

Enquanto isso, sigo com minha vida de classe média. Pratico meus instrumentos de sopro (ou, como minha mãe costumava dizer: “Me dá uma dor de cabeça danada quando esse menino se tranca no quarto para soprar aquele raio de flautinha”). Viro as páginas, sou louco por Soon-Yi e saco notas de vinte para que minhas filhas possam ver filmes que não são tão bons quanto aqueles que eu via por doze centavos. Como eu resumiria minha vida? Sorte. Muitos erros idiotas salvos por sorte. Meu maior arrependimento? Só que recebi milhões para fazer filmes, com controle artístico total, e nunca fiz um grande filme. Se eu pudesse trocar meu talento com o de qualquer pessoa, viva ou morta, quem seria? Sem sombra de dúvida, Bud Powell. Apesar de que Fred Astaire também está lá no topo. Que figura histórica eu mais admiro? Shane, mas ele é fictício. Alguma mulher? Houve tantas que admirei, que vão de Eleanor Roosevelt e Harriet Tubman a Mae West e minha prima Rita. Por fim, incluo Soon-Yi a essa lista. Não porque se eu não fizer isso ela vai acertar meu joelho com o rolo de macarrão, mas porque ela passou por ruas cruéis sozinha, aos cinco anos, buscando uma vida melhor e, apesar dos obstáculos terríveis, conseguiu conquistar algo para si. O que eu mais invejo? Quem escreveu *Um bonde chamado desejo*. A coisa que menos invejo? Saracotear no campo. Se eu pudesse refazer minha vida, eu faria algo diferente? Eu não teria comprado o fatiador milagroso de vegetais que um cara anunciou na TV. E, sério, você não tem mesmo interesse em deixar um legado? Falei sobre isso antes e vou deixar a coisa assim: melhor do que viver nos corações e nas mentes do público é viver no meu apartamento.

Posfácio

Originalmente este livro deveria ser publicado pelo Grupo Editorial Hachette. Desde o início avisamos que, sem dúvida, haveria ataques daqueles que imaginariam o conteúdo e iriam querer suprimi-lo de todas as formas necessárias. Mas o pessoal da Hachette leu o livro, adorou e, apesar de eu ser um pária tóxico e uma ameaça à sociedade, prometeu permanecer firme se o troço acertasse o ventilador. Quando os disparos de fato chegaram, eles refletiram e reavaliaram sua posição, concluindo que talvez a coragem não fosse uma virtude diante do fracasso, e houve muito a dizer sobre covardia. Enfim, eles dispensaram o livro como se fosse um bloco radioativo de xenônio-135. De minha parte, mesmo eu sendo um cagão, entendi o pânico deles e concordei que era um livro medonho. Fiquei menos sentido do que amigos e entes queridos. Esses seguiram como piratas, atacando a editora que dava meia-volta, chamando a Hachette de covarde e falando sobre censura, liberdade de expressão, macarthismo, *Fahrenheit 451*, omitindo apenas a destruição da Biblioteca de Alexandria em 48 a.C. e a queima de livros e as passeatas com tochas da Berlim dos anos 1930. Eu sabia que *A troco de nada* iria aterrisar em algum lugar, porque não se pode manter a verdade contida para sempre. Eu entendia que os faniquitos da Hachette representavam uma ameaça para todos os escritores e, ainda assim, não pude deixar de enxergar toda a coisa de uma perspectiva bem-humorada. Visualizei inúmeros trabalhadores em suas mesas, encorajados e estimulados ou intimidados e manipulados, indo embora achando que estavam fazendo algo nobre, quando de fato estavam fazendo o completo oposto, uma coisa bem horrenda. Achei irônico que eles imaginassem estar se posicionando por uma causa justa, quando na verdade só estavam sendo usados para seguir com uma agenda vingativa particular, totalmente injusta.

Esse definitivamente é um bom material para uma sátira, mas é preciso ter muito mais sarcasmo e sagacidade do que eu para conseguir fazer isso; talvez

Mark Twain, ou melhor, Jonathan Swift, se eles conseguissem encontrar editores.

— Woody

Notas

1. Termo em ídiche que expressa desânimo ou exasperação. A expressão pode ser traduzida como “oh, não!” ou “oh, céus!”. (N. E.) [««]
2. Tin Pan Alley é o nome dado à coleção de editoras musicais e compositores nova-iorquinos que dominaram a música popular dos EUA no fim do século XIX e início do século XX. O nome se refere à Rua 28 Oeste, entre a Quinta e a Sexta Avenida, no Flower District de Manhattan. (N. E.) [««]
3. Wood, em inglês. (N.E.) [««]
4. Pica-pau. (N.E.) [««]
5. No Brasil, o filme recebeu o título *Noivo neurótico, noiva nervosa*. (N. E.) [««]
6. Loja especializada em alimentos kosher localizada na esquina da Broadway com a Rua 80, no Upper West Side de Manhattan. (N. E.) [««]
7. Marca de carne pré-cozida e enlatada muito popular nos EUA. (N. E.) [««]
8. Cuidado com as garotas jovens. (N. T.) [««]
9. Papai no sótão. (N. T.) [««]
10. “Em tradução livre: “E ele vai tocar clarinete *Enquanto me desespero* Com meu / Papai no sótão”. (N. T.) [««]
11. Nos Estados Unidos, o Dia do Trabalho é comemorado na primeira segunda-feira de setembro. (N. E.) [««]

Confira nossos lançamentos,
dicas de leituras e
novidades nas nossas redes:

 @globolivros

 <https://www.facebook.com/globolivros>

 @GloboLivros

Copyright © 2020 Editora Globo S.A. para a presente edição
Copyright © 2020 by Woody Allen

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação *etc.* — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora. Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *Apropos of Nothing*

Editora responsável: Amanda Orlando *Assistente editorial:* Isis Batista *Revisão:* Jaciara Lima e Thamiris Leiroza *Capa e diagramação:* João Motta Jr.
Imagem de capa: Lucky Team Studio/Shutterstock *Produção do e-book:* Ranna Studio 1ª edição, 2020

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A427t

Allen, Woody, 1935—

A autobiografia; tradução Santiago Nazarian. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Globo Livros, 2020.

Tradução de: *Apropos of nothing*

ISBN 978-65-8604-740-0

1. Allen, Woody, 1935-. 2. Diretores e produtores de cinema - Estados Unidos - Biografia. I. Nazarian, Santiago. II. Título.

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Rua Marquês de Pombal, 25 — 20230-240 — Rio de Janeiro — RJ

www.globolivros.com.br